



A BIBLIOFILIA EM PORTUGAL NO INÍCIO DA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

O EXEMPLO DE D. FREI MANUEL DO CENÁCULO
Volume II

Márcia Carolina Ferreira de Oliveira

Tese apresentada à Universidade de Évora
para obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Informação e da Documentação

ORIENTAÇÃO: *Professor Doutor Francisco António Lourenço Vaz*

ÉVORA, NOVEMBRO 2012





A BIBLIOFILIA EM PORTUGAL NO INÍCIO DA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

O EXEMPLO DE D. FREI MANUEL DO CENÁCULO
Volume II

Márcia Carolina Ferreira de Oliveira

Tese apresentada à Universidade de Évora
para obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Informação e da Documentação

ORIENTAÇÃO: *Professor Doutor Francisco António Lourenço Vaz*

ÉVORA, NOVEMBRO 2012



ÍNDICE VOLUME II

	Página
5. Cenáculo o criador de Bibliotecas	1
5.1. D. Frei Manuel do Cenáculo e a ideia de criação de bibliotecas	1
5.2. A Biblioteca do Convento de Jesus	3
5.2.1. A criação da Nova Biblioteca do Convento de Jesus	4
5.2.2. A integração na Academia Real das Ciências de Lisboa	36
5.3. A Real Biblioteca Pública	42
5.3.1. A génese da Biblioteca Pública	46
5.3.2. O donativo de Cenáculo à Real Biblioteca Pública	64
5.4. A Biblioteca Pública de Évora	98
5.4.1. As diligências para a fundação da Biblioteca	99
5.4.2. O devir da instituição após a morte de Cenáculo	107
5.4.3. Os recursos para aquisição de coleções	120
5.5. A Biblioteca Eclesiástica de Beja e outras bibliotecas	129
5.5.1. A Biblioteca Eclesiástica de Beja	129
5.5.2. Outras Bibliotecas	138
CONCLUSÃO	148
FONTES E BIBLIOGRAFIA	163
Fontes manuscritas	163
Fontes Impressas	169
Fontes e recursos <i>online</i>	173
Bibliografia	175
ANEXOS E APÊNDICES	206
Anexo 1	206
Anexo 2	208
Anexo 3	210
Anexo 4	214
Anexo 5	219
Anexo 6	224
Anexo 7	229
Anexo 8	233
Apêndice 1	235
Apêndice 2	236

LISTA DE TABELAS VOLUME II

Tabela 26	Livros que compunham a Biblioteca do Convento de Jesus, em 1977	7
Tabela 27	Datas de edição das obras oferecidas ao Convento	21
Tabela 28	Formato das edições do donativo ao Convento	23
Tabela 29	Quadro de pessoal da Biblioteca de Évora	104
Tabela 30	Horário de funcionamento da Biblioteca de Évora	105
Tabela 31	Corpo de pessoal da Biblioteca de Évora, em 1821	112
Tabela 32	Prémios da lotaria de Reycend	125
Tabela 33	Distribuição do nº de títulos por formatos, do donativo ao Convento de Serra de Ossa	139

LISTA DE GRÁFICOS VOLUME II

Gráfico 26	Distribuição % de volumes, por donativo, na Biblioteca do Convento de Jesus	19
Gráfico 27	Formato das edições do donativo ao Convento de Jesus	23
Gráfico 28	Repartição entre volumes impressos e manuscritos do donativo ao Convento de Jesus	24
Gráfico 29	Percentagem de livros impressos e manuscritos do donativo ao Convento	25
Gráfico 30	Distribuição percentual dos livros do Convento, em 1977	30
Gráfico 31	Datas das edições do donativo à Real Biblioteca	50
Gráfico 32	Donativo pretendido inicialmente para a Real Biblioteca	71
Gráfico 33	Valores dos “donativos” à Real Biblioteca	73
Gráfico 34	Diferença entre o donativo efetuado à Real Biblioteca e a proposta inicial, consoante a “tipologia”	74
Gráfico 35	Distribuição % de títulos por tomos do donativo à real Biblioteca	76
Gráfico 36	Datas das edições do donativo à Real Biblioteca	77
Gráfico 37	Distribuição das edições do donativo à Real Biblioteca por séculos e “género” de livros	79
Gráfico 38	Distribuição das edições do donativo à Real Biblioteca por formato e “género”	81
Gráfico 39	Distribuição da % de títulos por temática, no 1º tomo do donativo à Real Biblioteca	84
Gráfico 40	Distribuição da % de títulos por temática, no 2º tomo do donativo à Real Biblioteca	86
Gráfico 41	Distribuição da % de títulos por temática, no 3º tomo do donativo à Real Biblioteca	88
Gráfico 42	Distribuição por classes do nº de obras e volumes da Biblioteca de Évora em 1815	118
Gráfico 43	Distribuição percentual dos títulos, por temáticas, do donativo ao Convento da Serra de Ossa	143

ABREVIATURAS

AAVV.	Vários autores
A.D.B.	Arquivo Distrital de Braga
A.D.E.	Arquivo Distrital de Évora
A.N.T.T.	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
<i>Apud</i>	Junto de, a partir de
Arm.	Armário
Art.	Artigo
B.A.C.	Biblioteca da Academia das Ciências
B.N.M.	Biblioteca Nacional de Madrid
B.N.P.	Biblioteca Nacional de Portugal
B.P.B.	Biblioteca Publica de Braga
B.P.E.	Biblioteca Pública de Évora
Coord.	Coordenação
Conv.	Convento
Cap.	Capítulo
Cf.	Confrontar, conferir
Cod.	Códice
Cx.	Caixa
Dir.	Direção
Ed.	Edição
<i>Et. al.</i>	E outros
Fl.	Folha, ou fólio
Fr.	Frei
Ms.	Manuscrito
Most.	Mosteiro
Org.	Organizador
s.d.	Sem data (de edição)
s.l.	Sem local (de edição)
s.n.	Sem nome
Sep.	Separata
Port.	Portaria
Vol.	Volume

CAPÍTULO 5.

CENÁCULO O CRIADOR DE BIBLIOTECAS

5.1. D. Frei Manuel do Cenáculo e a ideia de criação de Bibliotecas.

As Bibliotecas assumiram no labor de D. Frei Manuel do Cenáculo uma grande importância. Enquanto bibliófilo e “bibliosofo”¹, trabalhou afincadamente na promoção da leitura e criação de bibliotecas. No esforço continuado em prol da criação destas instituições culturais de relevo, concorreu com ideias e com donativos para a fundação destes estabelecimentos. Esse empenho foi tão efetivo para as bibliotecas de organizações públicas, como para as de particulares, sendo a preocupação com os livros e com as bibliotecas, uma constante ao longo da sua vida². Concorreu diretamente para a criação de pelo menos quatro Bibliotecas, a Biblioteca do Convento de Jesus, a Real Biblioteca Pública, a Biblioteca de Beja e Biblioteca de Évora. Para além disso, contribuiu também para a dotação de algumas Bibliotecas de particulares.

De acordo com uma nota autobiográfica³, terá sido durante a viagem a Roma em 1750, pelo contacto que teve com diversas Bibliotecas famosas, que se começaram a produzir as suas ideias para a criação de Bibliotecas em Portugal. Uma memória manuscrita sobre o plano para a construção da Biblioteca da Real Mesa Censória, que encontramos no numeroso espólio cenaculano, parece confirmar a importância que essas “famosas bibliotecas europeias” desempenham no seu pensamento: “Faz-se indispensável para a Biblioteca huma caza vasta, bem proporcionada, magestosa, capaz de muitos mil volumes, sendo regulada pelas Bibliotecas Publicas da Europa, em algumas das quaes há cem, duzentos, trezentos mil, em mais volumes [...]”⁴.

¹ Cf. José Esteves Pereira, «Ribeiro Santos, Cenáculo e a Criação da Biblioteca Pública», em *Frei Manuel do Cenáculo Construtor de Bibliotecas*, coord. Francisco A. L. Vaz e José A. Calixto. (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006),11-23.

² Vaz, «As bibliotecas e os livros...», 483 a 493.

³ Nota é parcialmente publicada em: Maria Manuela Domingos, «Biblioteca de Bibliotecas. A génese da Biblioteca Pública no Pensamento de Cenáculo», em *Frei Manuel do Cenáculo Construtor de Bibliotecas*, coord. Francisco A. L. Vaz e José A. Calixto. (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006),23-47.

⁴ “Dei este Papel em 4 de Julho p. Raynaldo M.el fazer a Planta: levou o original ficou esta cópia”, B.P.E. - Códice CXXVIII 2-5, f. 312-313.

Como bem salientou Francisco Vaz, Cenáculo tem por ambição criar uma Biblioteca magnificente, quer em termos de fundos disponíveis, quer em termos de instalações capazes de albergar esses fundos. Contudo, as suas preocupações apresentam-se mais amplas. Cenáculo é um dos primeiros a deixar bem claro que as bibliotecas só adquirem sentido a partir do momento em que os seus fundos bibliográficos sejam úteis e de fácil acesso ao público, chegando a insurgir-se contra aqueles que fecham ou aferrolham os livros¹. Sabendo-se, tal como foi referido por Teresa Amado², que o espaço Biblioteca constitui um indicador de como se entende a criação, a organização e a divulgação do saber, esta preocupação com o usufruto público do espaço Biblioteca revela, a par de outras facetas da sua atuação, um homem que encara a divulgação do saber e a formação dos seus contemporâneos como algo crucial. A biblioteca surge, nessa perspetiva, como um espaço onde os livros são disponibilizados a quem os deseja consultar, um local de “criação de saber”, ao qual o público deverá poder aceder com facilidade. Não esquecendo que a ação de Cenáculo neste domínio se desenrolou paralelamente à atividade censória no nosso país, o que claramente colocou limites à circulação e acesso aos livros, a preocupação com a criação de uma Biblioteca disponível ao público revela, de acordo com o defendido por autores como Francisco Vaz, um homem imbuído do “espírito das Luzes” que considera os livros como o suporte à formação e instrução, quer das elites, quer do povo³. A instrução emerge dessa forma como o caminho para atingir a “inteligência, o conhecimento e a clareza de espírito”, de acordo com o sentido clássico das Luzes, ou *Lumières*, se quisermos ser fiéis ao termo francês original, as bibliotecas constituíam-se como mais um meio para o conseguir.

É justamente a apreciação das diligências em torno da criação e dotação de algumas bibliotecas que nos propomos fazer ao longo deste capítulo do nosso trabalho.

¹ Vaz, «As bibliotecas e os livros na obra...» 483 a 493.

² Amado, «Biblioteca e ordens dos saberes...», 23 a 44.

³ Vaz, «As bibliotecas e os livros...», 483-493.

5.2. A Biblioteca do Convento de Jesus

Que destino e por que vicissitudes passou a Biblioteca do Convento de Nossa Senhora de Jesus? Qual foi o seu percurso? É uma análise dos contributos para a sua criação e progresso que se pretende fazer aqui, dando particular ênfase ao auxílio de Frei Manuel do Cenáculo para a sua constituição e dotação.

Nessa perspetiva, começamos por apresentar, de forma mais aprofundada, a criação da nova Biblioteca do Convento de Jesus, obra que se revestiu de capital importância após o terramoto de 1755 que, como sabemos, destruiu total ou parcialmente várias edificações, entre as quais o edifício do Convento de Nossa Senhora de Jesus, da Ordem Terceira de S. Francisco, onde D. Frei Manuel do Cenáculo professou. Convém notar que, quando o prelado assumiu o cargo de Provincial da Ordem Terceira, em 1768, chamou a si a tarefa de recuperar o edifício do Convento de Jesus, obra profunda que implicou a aplicação de vastos recursos. Envolvida na obra geral, incluía-se a construção de uma Biblioteca onde se integrariam os livros da comunidade religiosa que tinham escapado ao terramoto e ainda outros livros que a tornariam mais rica. Iremos analisar o contributo dado na criação do projeto desta Livraria por D. Frei Manuel do Cenáculo, tentando perceber qual o auxílio que deu para a sua constituição.

No conjunto de atividades que o bispo de Beja desenvolveu com o objetivo de apoiar a criação desta biblioteca destacamos, analogamente, o donativo de vários livros, que ficou registado num pequeno catálogo apenso á documentação do prelado. Centraremos parte do nosso estudo na análise dessa relação de livros, tentando perceber a génese da sua doação, procurando apresentar dados sobre os volumes que doou, averiguando formatos, datas de edição, línguas de edição, entre outros aspetos. Paralelamente iremos abordar, de forma sumária, outros auxílios aplicados para a constituição desta Biblioteca. Nesse sentido, examinaremos alguns documentos que demonstram a existência de contributos dados por outras personalidades.

Finalizaremos a análise sobre a biblioteca do Convento de Jesus averiguando aspetos que relevam a direção que esta toma em período posterior, detendo-nos

sobre a sua forma de administração, isto é, tentamos perceber o devir desta instituição e a sua posterior integração em fundos de outra organização.

5.2.1. A criação da Nova Biblioteca do Convento de Jesus

O Contributo de Frei Manuel do Cenáculo

Quando analisarmos o espólio de Frei Manuel do Cenáculo, encontramos uma memória¹ onde são descritas as atividades empreendidas ao longo dos nove anos em que exerceu a administração da Província da Ordem Terceira de S. Francisco. Nesse documento, achamos alusões às obras de que ainda carecia o Convento depois de 1768, altura em que Cenáculo assumiu a administração da Província, mas nada melhor do que apresentar a própria descrição:

“Havia-se reedificado em grande parte das ruínas do terremoto o Convento de N. Snr.^a de Jesus de Lisboa, porem no anno de 1768 ainda carecia das seguintes obras para a sua Constituição essencial: Carecia a Igreja de Frontispicio desde os alicerses [...] E em consequência do Frontispício Carecia de Coro capas de receber a numerosa Comunidade para a celebração dos Divinos Offícios. Estava por acabar o Dormitório principal em abobada pavimento, e Cellas. Estavam por acabar outros dois dormitórios dos principaes em quanto às Cellas. Estavam por acabar a Ante Sacristia. Não havia Casa de Livraria achando-se os Livros a monte fechados em diversas paragens. Não havia Celeiro, nem Copa, nem Dispensa, nem Casa para lenha [...]”²

Como se pode verificar, entre as várias obras que se encontravam por fazer encontra-se a da livraria. Ainda na mesma memória, relata-se que, em 1771, Cenáculo propôs em definitório o início da obra da Livraria:

“Convocou o P.M. e Provincial o Diffinitorio, e propôs que era tempo de principiar a Obra da Livraria, e das mais que mostram as Plantas. Propôs também o Sn.^r Bispo de Beja sendo Provincial desta Província tinha feito ajuste com o Mestre Francisco António para se celebrar a escritura do contracto da dita obra sabendo a necessidade da mesma província. Consentindo em tudo o R. Diffinitorio, determinou que se fizesse a Escritura a qual se fez a 19 de Fevereiro do mesmo anno e que no Livro de Recibo da Província se declarassem com individuação as

¹ B.P.E. - códice CXXVIII 2-5, “*Relação dos factos que na sua simplicidade e verdade manifesta qualificam a boa administração da Província da Ordem Terceira da Penitencia em os nove annos que decorreram desde Março de 1768 até Fevereiro de 1777*”, f. 53 a 63. Cf. Vaz, coord., *Os Livros e as Bibliotecas...*, 297.

² B.P.E. - códice CXXVIII 2-5, f. 53 a 63.

esmolas que o Sr. Bispo de Beja desse para a dita Obra, para que constasse a todo o tempo o beneficio que fazia à Província [...]”¹

Depois da anuência à proposta de início da construção, por parte da assembleia de definidores, fizeram-se as obras da referida Biblioteca. Na memória que temos vindo a referir, encontramos uma exposição acerca da obra empreendida. Nela se espelham as ideias que Cenáculo tem sobre as condições que deve ter uma Biblioteca e o propósito, sempre presente, de que esta deve existir para servir o público.

“Como não havia Livraria fez-se huma grande Caza com destinação de servir ao Publico [...] Tem cento e sincoenta palmos de cumprimento, sesenta de Largo, com trinta e sinco ate ao ponto. He cingida por hum lado de Gabinetes em baixo, e em cima de galaria destinada para Museo, como também a outra Caza que em cima da segunda Ante Livraria abrange toda a largura da Bibliotheca. Debaixo desta se fez hum celeiro muito capaz, e cazas para o despejo da livraria com armazéns para alugar, e compensar com rendimento de cerca o desmancho das Cazas, que nella havia. Não há perigo de fogo pelas excelentes abobadas [...] as sobredictas obras são muito sensíveis. Nellas [...] se gastou a quantia de cento e noventa mil cruzados da qual despeza estavam pagos cento e vinte mil cruzados, a saber: oitenta mil cruzados do rendimento da Provincia: trinta e três que deu o Snr. Bispo de Beja; e sete que deo o Vigario Provincial [...]”²

A mesma preocupação com a utilidade pública da Biblioteca está presente na exigência, colocada por Frei Manuel do Cenáculo, para dar mais uma contribuição monetária para a obra. Na memória, encontramos uma descrição dos custos da obra e donativos que foram feitos. Nela se atesta que o prelado Pacense se comprometera a concorrer, com outro donativo em dinheiro, para custear os 70 mil cruzados que faltavam pagar da despesa total de cento e noventa mil que haviam sido feita na obra: “[...] e ainda para o pagamento dos setenta mil cruzados fica a província aliviada de a metade mais ou menos, à qual se quis obrigar o Sn^r Bispo de Beja [...]” colocando a condição que : “[...] que a livraria haja de servir ao Publico para a ella concorrerem os estudiosos em três dias da semana”.

O reconhecimento do papel de Frei Manuel do Cenáculo enquanto responsável pelo início da obra parece ser “unanimemente” ratificado. Senão, vejamos o seguinte texto, incluído no *“Manual dos Monumentos Verídicos para servirem à Crónica da*

¹ A mesma autorização do definitório para se edificar a livraria encontra-se num manuscrito da B.A.C.- Ms. 353, série vermelha “Manual dos Monumentos Verídicos para servirem à Crónica da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco de Portugal”, Tomo II.

² B.P.E. - códice CXXVIII 2-5 f. 53 a 63.

Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco de Portugal”, que se encontra transcrito no Boletim Bibliográfico da Academia de Ciências: “He verdade que o Sr. Bispo de Beja, não só deu principio, mas poz em summo adiantamento a Sua Caza p^a elles, e p.^a m.^{os} e em.^{os} a que se extendia o seu desejo: esta casa, p.^o a q. o M.^o Jub^o Fr. José de S.ta Roza Teixr.^a concorreo com cem mil reis; está imperfeita, e por acabar e a este efeito não podem Chegar as posses desta Prov.^a e só ce veria completa, se Sua Mag.^e Fidelissima nos fizesse esmola de no ha completar [...]”¹.

O contributo do prelado na fundação desta livraria não se ficou exclusivamente pela conceção do projeto, o qual levou à sua criação no tempo em que administrou a Província. Como vimos anteriormente, Cenáculo concorre também com um importante donativo em dinheiro, com o objetivo de ajudar a custear a obra, ainda que para isso coloque a exigência de ver satisfeita a condição de a ter aberta ao público pelo menos em três dias da semana. No livro de receitas e gastos da Terceira Ordem da Penitência², é referido que em vinte e três de Fevereiro de 1777 se tinham gasto aproximadamente 28 mil réis³. Desse total, mais de 11 mil⁴ haviam sido doados por Cenáculo.

Para além desse valor monetário, Frei Manuel do Cenáculo acode ainda com um significativo donativo em livros, num total de três mil volumes, que já é mencionado em 1777, ainda de acordo com a memória sobre os tempos de administração que temos vindo a citar.

Tendo por base os elementos recolhidos nesse relato, construímos a seguinte tabela, contendo os livros da biblioteca no ano de 1777.

¹Ayres, Cristóvão, *Boletim Bibliográfico da Academia das Sciencias de Lisboa*,s.1, nº1 (1910), [Miscelânea].

² BAC- ms. 353 Manual dos Monumentos verídicos, Frei Vicente Salgado *apud* Bethencourt, *A Biblioteca da Academia Real...*,8.

³ 28. 376\$047 réis é a quantia exata.

⁴ O valor exacto são 11.996\$821.

Tabela 26. Livros que compunham a Biblioteca do Convento, em 1777

Livros da comunidade que escaparam ao terramoto	10000
Livros oferecidos por Cenáculo	3000
Livros do reitor de Oliveira de Azeméis	8000
Livros do P. Mayne	1000
Livros do Vigário Provincial	1000
Oferta do P. Sarmento	2000
Livros prometidos por Cenáculo	4000
Totais	29000

Fonte: B.P.E. - códice CXXVIII 2-5, Vaz - «As bibliotecas e os livros...»,483-493

Como se constata, em 1777, Cenáculo já havia doado cerca de três mil volumes à referida Biblioteca, e comprometera-se a doar ainda cerca de quatro mil volumes. Neste particular, as fontes que consultamos não são totalmente coincidentes. Com efeito, de acordo com um apontamento manuscrito deixado por Vicente Salgado, esse primeiro donativo ter-se-á “limitado” a dois mil volumes. Seja como for, a promessa de doar mais livros parece ter-se cumprido, com a doação de muitos e raros livros, tal como pode constatar-se na seguinte reprodução parcial do documento de Frei Vicente Salgado:

“ A casa da Livraria deste Convento, que desde os primeiros alicerces foi delineado pelo Senhor Bispo de Beja, he hoje huma das Bibliotecas memoráveis da corte [...] Hum ministro geral lhe mandou fazer o tecto e a sua elegante pintura. [...] Tendo o senhor Bispo de Beja demitido de si em oportunidade, os dois mil volumes que tinha de seu uso para a Livraria desta Caza, cheio agora de satisfação, vendo completa huma obra de gloria ao seu claustro e notável posteridade, novamente a brindou com muitos, e raros livros e manuscritos da sua escolhida Bibliotheca”¹.

¹ BAC. Ms. 694, série vermelha, vol. II «Elogios Históricos dos Ex.^{os} e Ver.^{os} Arcebispos e Bispos Professos na Congregação da Terceira Ordem de Portugal».

A análise de cartas que Cenáculo trocou com alguns correspondentes ao longo dos anos também parece autorizar-nos a dizer que o prelado terá cumprido, pelo menos parcialmente, a promessa de doar mais livros a esta Biblioteca.

Se nos detivermos especificamente em doações feitas à Biblioteca do Convento mencionadas nesse epistolário, podemos mencionar, a título de exemplo, a doação de uma valiosa *Bíblia Latina* de Mogúncia, datada de 1462 e impressa em pergaminho em dois volumes por Peter Schöffler e J. Fust¹. Além de diversas cartas onde se evidenciam diligências feitas por Cenáculo para aquisição deste exemplar, detetamos três cartas, datadas de 1807, enviadas a Cenáculo por Frei João de Sousa², Frei Manuel de Pina Cabral³, e Frei Plácido Andrade Barroco⁴, religiosos que professaram no Convento de Jesus, nas quais agradecem a doação dessa Bíblia. Veja-se, a título testemunhal, a carta a enviada por Frei João de Sousa, na qual agradece o donativo:

“ [...] Consola me V. Ex.^a de tal sorte no meio de huma vida mortificada com impertinentes moléstias, pelas suas acções cada vez mais generosas, e liberaes a nosso respeito, que não posso deixar de ir em meu nome, e daquelles a quem não he permittido fazer o mesmo, agradecer a V. Ex.^a o Beneficio que acaba de nos fazer accrescentando á raridade da preciosa Biblia Moguntina, que tanta honra dava já á nossa Bibliotheca, a prerogativa, e o valor de ser hum donativo de V. Ex.^a[...]”⁵.

Referências a essa Bíblia encontram-se também em diversas cartas anteriores que foram enviadas ao bispo por Frei Plácido Andrade Barroco. No entanto, estas menções aludem a diligências de compra e venda do exemplar e não à sua dádiva em particular.

Mas fixemos a nossa atenção na documentação que parece confirmar que D. Frei Manuel do Cenáculo terá cumprido, pelo menos parcialmente, a promessa de doar a esta Biblioteca alguns livros. Assim, Silvestre Ribeiro⁶ afirma que: “Cenáculo enriqueceu a preciosa Livraria do Convento de Jesus de Lisboa – não só com os livros que no seu tempo haviam sido comprados para o Collegio de Coimbra, e com os que

¹ No apêndice 1 deste capítulo encontra-se a reprodução de uma página e capa de um exemplar desta Bíblia.

² B.P.E- Códice CXXVIII /1-4, doc.nº122.

³ B.P.E - Códice CXXVII/ 2-9, f. 194, Cf. nº 3753, Gusmão – *Catálogo...*

⁴ B.P.E – Códice CXXVII/2-14, cf. nº 4592, Gusmão – *Catálogo...*

⁵ B.P.E- Códice CXXVIII 1-4, cf. nº122, Gusmão – *Catálogo...*

⁶ Cf. Ribeiro, «*Apontamentos históricos...*»

elle próprio comprara durante o seu província, mas também com a livraria que tinha, de seu uso, quando se recolheu ao Bispado de Beja; e mais tarde, com um grandioso presente dos muitos Livros e Manuscritos raros, entre os quais um exemplar da Bíblia Mogutina¹. Em abono desta hipótese de doação de obras, há também o catálogo de um donativo do Bispo de Beja, datado de 1795, o qual certifica a doação de mais livros².

Antes de concentrarmos a nossa atenção numa análise mais detalhada deste donativo, procuramos, nas epístolas que Cenáculo trocou com diversos correspondentes, testemunhos acerca da realização desta oferta. Encontramos algumas referências nas cartas enviadas a Frei Plácido Andrade Barroco³.

Cumpramos relvar que o exame desta correspondência permite encontrar menções a vários negócios envolvendo livros. Com efeito, percebe-se que Cenáculo propõe ao Convento a compra de determinadas composições, mas nada melhor do que averiguar a carta que o prelado dirige a Frei Plácido, no dia 3 de Junho de 1795:

“[...] Vou antecipar com esta carta a resolução sobre os Livros[...]. Tenho quem me compre fora do Reino [...] grande parte das minhas raridades. Desde hum anno a esta parte vou dilatando na esperança de que a Congregação abraisse hum dia os olhos. [...] Ora essa Livraria está ornada no material de casa, mas faltissima no que honra as Bibliotecas que são manuscritos e raridades. Isto supposto se a Vossa Merce parece, diga e faça sobre a minha proposição o que melhor entender. Se o Geral se tentar, empregue vintens nesse Rol pois com seo conteudo podem Vossas Mercês dizer que tem junto o que as outras Bibliotecas não tem, e teria eu pena de que ahi não ficasse isto [...]”⁴.

Como vemos, Cenáculo deixa subentendido que tem com quem negociar os livros fora do reino, tentando persuadir os padres do Convento a adquiri-los. Na mesma carta justifica o facto de não os poder doar, mas ainda assim compromete-se a oferecer alguns volumes: “ [...] Não o dou porque são coisas de custo, e comprei com dinheiro da Igreja, mas querendo o Padre Geral, eu do que posso dar, heide brindar a

¹ Ribeiro, «*Apontamentos históricos...*» 416. Para este estudo o autor toma, como principal base de referência, o “*Manual dos Monumentos Verídicos para servirem à Crónica da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco de Portugal*”, que actualmente se pode encontrar na Biblioteca da Academia de Ciências. Cf. B.A.C - Ms. 353, série vermelha.

² B.A.C. Ms. 950, Série Vermelha.

³ B.A.C. Ms. 802, série vermelha. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99. Fez-se a análise das epístolas enviadas pelo bispo de Beja, incidindo particularmente nas cartas que foram enviadas em 1795, ano do catálogo do donativo que referimos anteriormente.

⁴ B.A.C.- Ms. 802, série vermelha, f. 175-176. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

Livraria com hum Presente de cento e vinte volumes, de fora dos vendidos e dou por graça e amizade, os quaes são trigo de prioste, e não os daria eu por setecentos mil reis; mas empregos bem, não será esta a ultima, nem a penúltima dadiva no caso que o Padre Geral annúa ao proposto.”

A tentativa de persuasão prossegue, o bispo dá nota de um ajuste envolvendo uma venda de livros que intenta com Bertrand, comprometendo-se a encerrar esta negociação com o livreiro, caso o geral da Ordem mostrasse interesse em adquirir alguns livros:

”[...]Querendo o Geral não tem lugar o que está principiado a tratar com Bertrand, e dêmos o dito por não dito. Se D. Francisco de Almada não quer, nem respondeo, aplique Vossa Merce o Geral para que com o tal conteudo no rol dos Livros de 400, e *Decor Puellarum* quando não tãobem hirão para fora. Venha logo resposta, porque eu quero hir para Sines desabotoado. Que fazem Vossas Mercês em gastar sinco mil crusados para a Livraria ser Livraria? Eu tenho arrumado ja o que aqui hade ficar: o mais tomará caminho [...] Quando o Geral queira o contrato faça-se a soma, e eu abato seis mil reis de cada cem, alem do que ja vai abatido em algumas vendas do rol. Não vão mal. Este primeiro Presente hade exceder a cento e vinte volumes manuscritos e impressos; e tenho no pensamento segundo Presente do que ahi não há”¹.

Pelo que parece depreender-se da carta enviada ao amigo, Cenáculo está definitivamente resolvido a vender alguns livros. Propõe o negócio ao Convento, insistindo na necessidade de obter uma decisão. No entanto, em missiva de 19 de Junho, o prelado lamenta-se por continuar sem obter resposta à sua proposta, alegando ter recebido de Espanha um compromisso para lhe adquirirem os livros, dos quais certamente se iria desfazer: “ Eu certamente me desfaço das minhas raridades e o devo fazer por todas as razões: tenho dor que vão para fora do Reino, e muito mais da minha congregação, e da minha Igreja, he necessidade que daqui se vão. Na ordem ficavam a meu prazer [...]”². Saliente-se que, já numa missiva anterior, datada de 26 de Maio³ desse mesmo ano, o prelado falava da necessidade imperiosa de se separar de algumas composições. Nessa missiva queixa-se da destruição das suas edições dos

¹ Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

² B.A.C. Ms. 802, série vermelha, f. 110. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

³ B.A.C. Ms. 802, série vermelha, f. 85.Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

*Pandectos*¹, que estavam “traçadíssimos” e lamenta o estado em que se encontrava a sua livraria “de 30 mil cruzados”, a qual “andava de rastos pelo chão por causa das obras da catedral”².

Em carta datada de 30 de Junho, Frei Manuel do Cenáculo volta a manifestar alguma mágoa: “ faz-me pena que o geral não faça um esforço para ficar com a Mogutina, Ximenes, Ferrara e Liturgia da Suecia, estes são os últimos preços e muito hade ganhar Bertrand”³. Cenáculo propõe, nesta altura, a negociação de várias raridades entre as quais a Bíblia Moguntina e a de Ximenes. Já em 3 de Julho, perante a indefinição que se mantém, Frei Manuel do Cenáculo comunica a Frei Plácido noutra missiva:

“[...] Hoje pela manhã entrará ahi Gamito, e leva com carta para Vossa Merce hum baul, e sinco caixas com huma boceta em que vão seis chaves[...].Visto o que me diz separe a Moguntina [...] a de Ximenes [...] a de Ferrara [...] a Liturgia SuecanaEcclesiæ [...] e guarde tudo em si muito bem fechado ate que eu resolva, e tenha mais vagar para escrever [...] Quanto ao resto dos Livros entendase com Bertrand, e quando chegue à conta que proponho que vai rebatida o necessário; largue, e avise do dinheiro. Quanto a esse rol que mando e que Bertrand dis que dará 28.800, estava tonto, ou não sabe. Os seis tomos das *Machines approuvés par l’Academie de Paris* quando se achão dãose de boa vontade des moedas, e eu tiro tres. As Genealogias Manuscritas de Galland Fol. 5 vol. elle não conhece quem seja esse homem, e a raridade da obra etc.”⁴

A carta parece indiciar que há, em simultâneo com as pendências com o Convento, negócios a concretizar-se com outros protagonistas, nomeadamente com o livreiro Bertrand, embora nem sempre as moções do livreiro sejam do agrado do Bispo. Paralelamente, coloca as edições raras da *Bíblia* Moguntina, de Ximenes, entre outras “em espera”, comprometendo-se a enviar depois uma decisão. Será que ainda espera por resoluções do Convento? A carta menciona uma comunicação prévia de Frei Plácido, por isso o Bispo toma a decisão de suspender a decisão no que àquelas

¹ Julgamos tratarem-se dos “Pandectos florentinos”. «Enciclopédia Britânica» <http://www.britannica.com/eb/article-9058239>,21-09-2011. Os Pandectos, do latim *Pandectae*, também chamados de *digest*, são uma coleção de escritos de juristas romanos, reunidos em 50 livros, que foram compilados por ordem do imperador Justiniano, pelo jurista *Tribonian*. Um manuscrito desta compilação foi guardado em Florença e foram realizadas algumas primeiras impressões desse manuscrito. Aventamos a hipótese de Cenáculo se estar a referir a uma dessas impressões do manuscrito original.

² B.A.C. Ms. 802, série vermelha, f. 85. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

³ B.A.C. Ms. 802, série vermelha, f. 117.Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

⁴ B.A.C. Ms. 802, série vermelha, f. 114.Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

obras raras respeita, mas infelizmente, no vasto espólio de missivas recebidas por Frei Manuel do Cenáculo, não conseguimos encontrar qualquer epístola deste período que possa contribuir para esclarecer esta questão¹.

Do exposto, parece-nos poder inferir-se destas epístolas, datadas de Junho e Julho de 1795, que o prelado, saturado com a delonga da deliberação do Padres do Convento e baseado numa suposição de que a demora se prende com dúvidas em aceitar o valor de alguns dos espécimes literários, decide avançar com o negócio dos livros também com outros protagonistas. No entanto, predispõe-se a mudar esta decisão caso exista algum interesse por parte dos responsáveis pelo Convento. Simultaneamente compromete-se a fazer um donativo, não dos livros que pretende negociar, mas de outras espécies que considera terem também muito valor, num primeiro donativo de cento e vinte volumes², e um segundo presente, que está ainda a ponderar³.

Numa missiva do dia 4 de Julho, o prelado Pacense volta a referir o donativo e acrescenta que gostaria que a Livraria do convento se nobilitasse com determinadas peças, mas que a essas não as poderia largar senão compradas, senão vejamos⁴:

[...] Quando meo Irmão chegou de Lisboa me recomendou muito a obra da Livraria, e o Morgado de Assentes [...] Isto me commoveo a lembrar-me della, e concorrer para o seo esplendor porque eu não posso esquecer-me de o ver como coisa minha; [...] Vossa Merce leve ao Padre Geral [...] essa Lista que me parece hum mimo de pessoa amiga, pois são Livros de todas as raridades; e daquelles com que blasonão as primeiras Livrarias da Europa [...] Livros de sortimento achão-se em havendo dinheiro: desses foi necessário a fortuna de eu os achar, e o genio de gastar moedas com as coisas desse merecimento. Estimo ter gastado muitos tostões nelles para agora os dedicar de coração a essa Casa. Vão bem tratados, e grande parte em marroquim. [...] Essa não he ainda a minha ultima demonstração e donativo. Devo accrescentar que eu desejaria muito que essa Biblioteca se nobilitasse com as Peças seguintes [...] mas estes não os posso largar senão comprados, e valem muito bem 800 mil réis.[...]"⁵

¹ Embora existam cartas enviadas por Frei Plácido Barroco ao Bispo, não encontramos alguma que corresponda a limites cronológicos condizentes com esta missiva de Cenáculo.

² Mencionados na carta de 6 de Junho.

³ Carta do dia 4 de Julho, B.A.C. Ms. 802, série vermelha, f. 83. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

⁴ As espécies referidas são a Bíblia Moguntina (que acabará por doar em 1807), Bíblia de Ximenes fólio, Bíblia de Ferrara de 1553 fólio, Liturgia *Suecia Ecclesia* fólio, que considera valerem bem os 800 mil réis.

⁵ B.A.C. Ms. 802, série vermelha, f. 83. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

As diligências prosseguem e as propostas de donativos e de compra também. Numa carta datada do dia 6 de Julho desse ano diz Cenáculo: “[...] Quanto a vendas e retenções aqui, e dadas para ahi, he Plano que tenho digerido, em qualquer situação que se considere. Se comprarem a Moguntina, Ximenes, Ferrara, e Liturgia, hade crescer já o donativo: alias isso vai para Espanha, e muitas outras coisas que eu desejaria ficassem na Ordem: pelo que so espero a resolução dos Padres para escrever para Madrid [...]”¹.

O Bispo de Beja insiste na obtenção de uma resposta, afirmando já ter deliberado o que fazer em qualquer circunstância. Numa carta datada de 17 de Julho² refere-se a negócios de livros, mas nada melhor do que atentar nas suas próprias palavras:

“Dê a Bertrand os livros do Rol nº 3, e veja se lhe saca os oitenta mil réis [...]. Os Padre fazem bem na compra da Moguntina [...] Veja o Papel junto: o presente que accrescento ao rol que foi, he de vulto. Se o confessor quizer fará muito bem em largar vinténs a Ordem tomar dinheiro pois todos os dias recebe mais, menos para compras coisas que então ficará a livraria grã Senhora. Huma pessoa da primeira lerarquia de Espanha quer comprar-me tudo quanto eu queira, dinheiro à vista. Não he Padre Filippe: he da primeira classe, porem seja a Ordem [...] ”

Assim, parece depreender-se da missiva que o negócio com a Ordem avança, bem como a compra dos exemplares raros que há muito vêm sendo discutidos entre os dois interlocutores. Em epístola de 24 de Julho de 1795 volta a dizer: “[...] Tenho feito as minhas disposições para ter huma velhice em algum sosego, e dou-me pressa a desfrutallo quanto he possível neste Officio.[...] Volte o rol accrescentado, e Vossa Merce dirá se vai rico e muito rico? Eu desejo que o que heide vender fique na Ordem, e consta mais desse Papel junto [...] Trate com os Padres a venda e avise-me. Depois disso não hãode ficar mal. Hãode comprar muito barato [...]”³.

Pelo exposto, percebe-se que o negócio com o Convento continua em andamento. Noutra carta, de 31 de Julho⁴, o prelado fala do preço pelo qual largaria essas peças⁵ em favor do Convento, embora não seja perceptível em que moldes se irá

¹ B.A.C. Ms.802, série vermelha, f.16 Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

² B.A.C. Ms.802, série vermelha, f. 387-387.Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

³ B.A.C. Ms. 802, série vermelha, f.21. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

⁴ B.A.C. Ms. 802, série vermelha, f. 75. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

⁵ Fala de um preço de oitocentos reis.

concretizar o negócio, estando ainda à espera, em 31 de Julho, da resolução dos Padres em determinado aspeto.

Em missiva de 7 de Agosto, há indícios que sugerem que o negócio está em fase de concretização, sendo que Cenáculo diz:

“[...] pelos 800 mil reis hade ser o seguinte precisamente: Moguntina, Ximenes, Ferrara, e Lit. Eccl. Suecana, e Quixote [...] Heide acrescentar de graça a excellente caixa de pereiro e marroquim chapeado para ella estar, e com isso raríssima e única Concordancia que se assenta ser do mesmo carácter e anno, e dos Bibliografos só hum falla nella vendo-a: he coisa de preço: hade hir mais a Bibliot. Curieuse de Clemente 4º, nove volumes para mostrar que essa Moguntina tem os caracteres de verdadeira, e ainda coisas que Clemente não vio, como eu tenho cotejado [riscado] Eis aqui porque sendo os 800 mil réis o preço [...] eu para os amigos accrescento Quixote, Concordancia, caixa, e clemente, e não vão mal[...]”¹.

Já em 18 de Setembro, o bispo envia duas mensagens ao seu interlocutor falando na remessa de livros para venda a Bertrand e livros para o Convento: "Espero o que elle [Bertrand] diz ao mais para hirem pelos almocreves do princípio do mês de Outubro: os do fim do mês partem amanhã para entrarem ahi na 3º feira. Leva os tres caixotes: resto do Presente à Livraria [...] Levam mais 2 caixotes [...] para v.m. reservar em si [...] vai mais em hum dos caixotes a concordância Bíblica que faz jogo com a Bíblia de Bomberg para a Livraria do Convento"².

Ao que tudo indica Cenáculo decide avançar com o negócio de venda de alguns livros a Bertrand. Mas, em simultâneo, envia livros de presente à livraria do “seu convento”, o que não nos permite esclarecer nitidamente em que moldes o negócio de venda de livros ao convento se concretizou. A epístola de 7 de Agosto indicia que a Bíblia Moguntina, a de Ximenes e de Ferrara já se encontravam vendidas, ou prestes a ser transacionadas. O envio dos livros era acompanhado por um presente vantajoso, no entender do Bispo. Assim sendo, qual o motivo que levaria à doação da Moguntina ao Convento em 1807, referida em cartas já atrás identificadas? Será que o pagamento destas obras literárias se atrasou, até que Cenáculo decidiu doá-las? Não encontramos documentação capaz de esclarecer cabalmente esta questão. Com efeito, as cartas que temos vindo a mencionar estão marcadas por alguma ambiguidade. Contudo, parece-

¹ B.A.C. Ms. 802, série vermelha, f. 112. Cf.- Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

² B.A.C. Ms. 802, série vermelha, f. 379 e 391. Cf Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,49-99.

nos que se demonstra que Cenáculo realizou de facto donativos à livraria do Convento, tal como o catálogo do donativo de 1975, que referimos previamente, parece corroborar. Importa no entanto ter presente que os donativos na época não tinham o significado que hoje lhe atribuímos, isto é, não eram graciosos e implicavam contrapartidas, de acordo com a mentalidade clientelar¹.

Saliente-se que em nova missiva, datada do dia 16 de Outubro, o prelado volta a falar do envio de livros que prometera ao Convento e pede a devolução de livros que tentou negociar, mas que não foram comprados. Ao que tudo indica a recusa de compra é do livreiro Bertrand, mas permanecem dúvidas a esclarecer relativamente aos livros negociados com os frades do convento. Atente-se na mensagem enviada pelo Bispo de Beja a Frei Plácido:

"[...] mande a lista de livros que eu prometi e não foram, para hirem, e no caixão em que elles forem podem vir os livros da Bíblia de Ximenes que são quatro volumes do que sabe Manuel Gregorio, e são os que eu havia deixado e fazem me cá muita conta: podem tãobem vir os Pandectos Florentinos, os Platão que não quiz Bertrand porque não os conhece [...] Não soffro com paciência que esse governo se não esmere em apromtar tres ou 4 mil cruzados para estas collecções que heide vender despedaçados porque quero dinheiro, e o que hade ca ficar esta alargado e o mais hade ir hindo.[...] Estou aparelhando hum pequeno rol, mas substancial para Bertrand [...]"².

O donativo ao convento é consumado, mas parece depreender-se, através do exame das missivas, que o negócio de venda de alguns exemplares ao convento não se concretizou na íntegra. A negociação não terá incluído todos os objetos e valores que Cenáculo pretendia. Cumpre-nos reconhecer que, neste particular, não nos é possível avançar muito mais, embora saibamos que Cenáculo tentou, nesta altura, vender alguns dos seus livros. Curiosamente, nesta mesma altura envolve-se na realização de donativos, quer ao Convento, quer à Real Biblioteca Pública.

Saliente-se que as cartas indiciam que, em paralelo como o donativo, se teriam vendido alguns livros ao Convento. Frei Manuel do Cenáculo, em missiva datada de 23

¹ Cf. Peter Burke, *Sociologia e História* (Porto: Edições Afrontamento, 1991), 68-70 e António Manuel Hespanha, *Poder e Instituições no Antigo Regime* (Lisboa: Ed. Cosmos, 1992).

² B.A.C. Ms. 802, série vermelha, f. 217. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 49-99.

de Outubro¹, declara ao amigo Frei Plácido, o transtorno motivado pelo facto do Geral não lhe ter levado o dinheiro. Admitimos que se esteja a referir ao capital resultante de uma venda ao Convento, ainda que, de forma explícita, não encontremos quais obras e em que condições se teria efetuado essa venda.

Como já foi supramencionado há várias cartas, no numeroso epistolário de D. Frei Manuel do Cenáculo, que fazem referência ao donativo à livraria do Convento de Nossa Senhora de Jesus e o agradecem. Entre essas, encontram-se as epístolas de Frei António Baptista, em Julho, Agosto e Setembro de 1795, nas quais o religioso agradece a dádiva do Bispo de Beja² e a respetiva remessa de livros. De idêntico teor apresentam-se as missivas de Frei Maurício de Nossa Senhora³, de Frei Manuel de Pina⁴ e de Frei Plácido Barroco⁵.

Escolhemos aleatoriamente, para exemplificar esses agradecimentos, uma dessas cartas, que transcrevemos parcialmente de seguida. Trata-se da epístola de Frei António Baptista, datada de 13 de Julho de 1795:

“ [...] Elle me prezentou o Catalogo do especiozo, e em tudo requissimo presente, que Vossa Excelencia Reverendissima faz a nossa Bibliotheca. Eu não posso conter-me no justo prazer que isso me cauza, e por este modo vou beijar mil vezes as sagradas, e liberalíssimas mãos de Vossa Excelencia Reverendissima em testemunho do me agradecimento, e de toda a Nossa Congregaçam. Eu Excelentíssimo e Reveredíssimo Senhor não tenho expreções com que possa expresar o meo reconhecimento, nem tenho que oferecerlhe, porque a minha vontade, e obdiencia sempre esta prompta para executar os seus mandamentos.”⁶

A par das missivas de agradecimento pela oferta à livraria do Convento, que parecem atestar a realização de um donativo, foi possível identificar algumas obras incluídas nesse donativo, a partir do catálogo contendo a oferta de 1795. Alguns dos escritos aí mencionados encontram-se no espólio da atual Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa⁷. Entre os livros mencionados no referido catálogo, encontra-se

¹ B.A.C., ms. 802, série vermelha, f. 356. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 49-99.

² B.P.E.- Códice CXXVII/1-1, nº 105, nº 106 e nº 107. Cf. Gusmão, *Catálogo ...*

³ B.P.E.- Códice CXXVII/2-12, f.341. Carta de 14-07-1795. Cf. nº 4123 Gusmão, *Catálogo ...*

⁴ B.P.E.- Códice CXXVII /2-9, f.194. Cf. nº 3753 Gusmão, *Catálogo ...*

⁵ B.P.E.- Códice CXXVII/2-14, f.208 Cf. nº 4592 Gusmão, *Catálogo ...*

⁶ B.P.E.- Códice CXXVII/1-1, nº 105.

⁷ Que se tornou a proprietária dos fundos do antigo convento depois da Lei da Extinção dos Conventos, decretada em pleno período Liberal em Portugal.

especificamente um que vem identificado como: “Sucessos de Arzilla por hum curiozo que ali se achou”. Trata-se de uma edição dos *Anais de Arzila*¹, de Bernardo Rodrigues. Há alguns exemplares deste manuscrito, na Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, na Biblioteca Nacional de Lisboa, na Misericórdia do Porto e na Biblioteca Pública Municipal do Porto. O exemplar da Academia de Ciências possui um título que começa com a seguinte expressão - “*Sucessos de Arzila reinado de D. Manuel escritos por um curioso [...]*”², numa das folhas de guarda encontra-se uma nota pouco extensa, a qual passamos a transcrever: “Este manuscrito veio a Livraria entre outros de que lhe fez donativo o Ex.mo e R.mo Snr. Bispo de Beja D. Frei Manoel do Cenáculo Villas-Boas. Convento de N. Senhora de Jesus de Lisboa/6 de Maio de 1797/Frei Gregório Joze Viegas”.

Cumprir notar, pela análise das cartas que atrás fomos referenciando, que o donativo do Bispo de Beja foi realizado em paralelo com a proposta de venda de alguns livros ao convento, sendo que o prelado se comprometeu a aumentar o donativo caso o negócio se concretizasse. Existiram livros propostos, preços estabelecidos, mas temos algumas dúvidas quanto aos livros que de facto se incluíram no negócio. Não obstante essas dúvidas, admitimos que essa venda se realizou, ainda que parcialmente, tanto mais que o Bispo, em carta já mencionada, alude ao transtorno causado pela demora em receber o dinheiro das mãos do Geral do Convento.

A leitura de muitas destas cartas evidencia que Frei Manuel do Cenáculo não se limitou a comprar e armazenar livros para seu proveito. Para além do contributo dado na criação de Bibliotecas, onde disponibilizou livros da sua coleção, dedicou-se também à negociação de livros, por exemplo com Bertrand, como se torna claro na correspondência trocada, entre outros, com Frei Plácido Barroco. Não nos parece estranha esta opção, Cenáculo envolve-se em grandes projetos, alguns dos quais lhe exigem premência de recursos financeiros, como por exemplo a Catedral de Beja. Necessita, em simultâneo de cumprir as obrigações fiscais à Coroa, que lhe foram

¹ Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, [Ed. David Lopes] (Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 2, 1915)

² Encontra-se no número 19, do Gab. 5, estante 11.

exigidas¹, como decorre das cartas trocadas com algumas figuras da administração do erário público. Daí a exigência de realizar, pelo menos em alguns momentos, algum encaixe financeiro². O que nos conduz à questão pendente de esclarecer os fundos necessários para conseguir reunir e transacionar os milhares de livros que adquiriu e com os quais dotou bibliotecas.

Como foi notado por Francisco Vaz, a correspondência permite-nos clarificar que existiu uma grande promiscuidade na utilização dos dinheiros da Igreja para adquirir obras, apontando como exemplos o caso da Bíblia Moguntina e das Políglotas, ou o pagamento dos serviços do livreiro Buytrago com dinheiros da Ordem Terceira e ainda o pagamento dos serviços do agente Nicolau Pagliarini, com dinheiro que viria provavelmente das rendas eclesiásticas³. O mesmo autor, analisando as cartas que o Bispo trocou com Frei Vicente Salgado, encontrou essa mescla entre os assuntos da igreja e de negociação de livros, nas compras que o Bispo ordenou que o amigo lhe fizesse. Assim, muitas vezes enquanto pedia ao amigo que lhe encomendasse determinados livros que via negociados nas Gazetas, e para os quais se comprometia a enviar remessa de pagamento, solicitava em simultâneo objetos para o próprio culto da Igreja, como cálices e hóstias⁴.

O donativo realizado

Vejamos o catálogo contendo do donativo realizado ao Convento⁵. Este inventário é datado de Julho de 1795. Abarca uma primeira lista de livros que está dividida em livros manuscritos e impressos. Contém ainda o que o próprio autor classifica com um *“Acréscimento ao Donativo do Bispo de Beja à Livraria dos seus Padres de N.ª Senhora de Jesus”*, que julgamos ser um acréscimo posterior ao donativo inicial, o qual, por comodidade de apresentação de dados, designaremos por “segundo

¹ A este respeito vejam-se as cartas recebidas de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, B.P.E. códice CXXVII/2-14, f.25-43.

² Como foi sustentado por Francisco Vaz, em termos de bibliofilia Cenáculo não demonstrou avareza, não se limitando a comprar e guardar ciosamente o seu tesouro, fazendo avultadas doações e vendas a livreiros e instituições. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,22.

³ Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,25.

⁴ Cartas enviadas: Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...* Cartas recebidas - B.P.E. - Códice CXXVIII /1-2

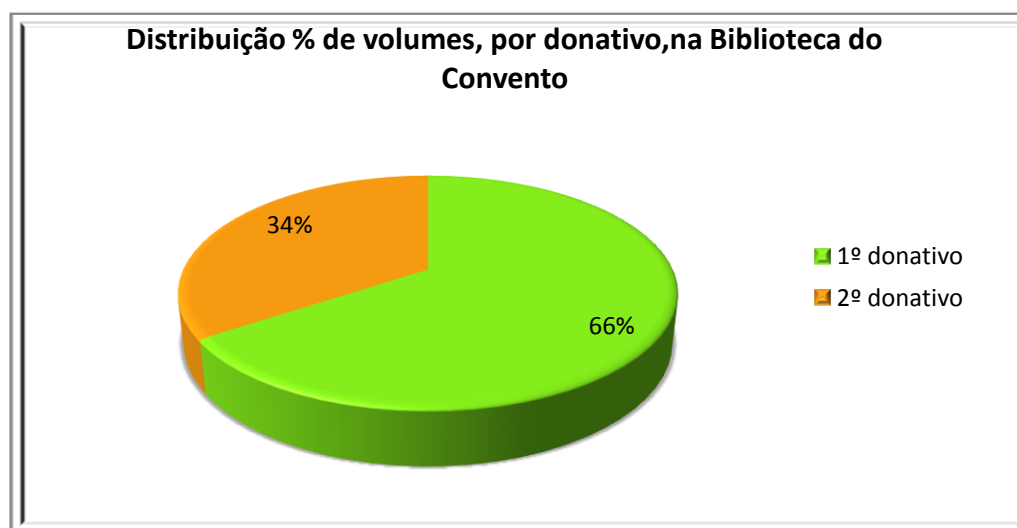
⁵ B.A.C. Ms. 950, Série Vermelha, f.1-5v.

donativo”¹. Este donativo, que decorre, como a correspondência atrás mencionada corrobora, em paralelo com a venda de livros ao convento, envolve a entrega de livros em dois momentos, um de quatro caixotes em Agosto, outro em 8 de Setembro.

A análise do catálogo de 1795 permite contabilizar um total de 167 títulos. Destes 90 títulos correspondem ao primeiro donativo e 77 ao que foi acrescido posteriormente. Estes números reportam-se a edições impressas e a exemplares manuscritos. Estes títulos correspondem a um total de 431 volumes. Salientamos no entanto que não foi possível identificar com rigor o número de volumes de alguns dos títulos. É plausível que este número seja substancialmente maior, mas o catálogo não fornece mais indicações a este respeito.

Em termos gráficos temos a seguinte distribuição de volumes pelos dois momentos do donativo:

Gráfico 26



Fonte: B.A.C., m.s. 950, série vermelha, f.1-5v.

É possível verificar, através da análise do gráfico, que a maior parte do donativo foi feito num primeiro momento, com cerca de 66% dos volumes oferecidos, o acréscimo ao donativo representa apenas 34% do total de volumes.

O donativo ao cenóbio é cumprido, na sequência da promessa de um aumento dessa dívida de acordo com a concretização do negócio de venda de livros. Constata-

¹ Por questões de maior facilidade na apresentação gráfica de alguns dados optámos por chamar-lhe “2º donativo”, embora seja apenas um acréscimo aos livros do mesmo catálogo.

se que existiu acréscimo, embora o grosso do donativo, caso analisemos os dados em termos de títulos disponibilizados, mas sobretudo em número de volumes, se tenha consumado num primeiro momento. Será que o acréscimo ao donativo foi mais modesto porque o negócio de venda ao convento não correu como esperado? Ou será que no aditamento se privilegiou a qualidade dos livros, em detrimento da quantidade? Infelizmente, como já acima declaramos, não conseguimos dados que nos permitam perceber claramente em que moldes se processou a venda de livros ao convento. A negociação compreende várias fases e a delonga impacienta o prelado. O acréscimo ao donativo parece indiciar que de facto se processou a venda, daí o cumprimento da promessa de aditamento ao donativo por parte do bispo. Embora seja possível admitir como plausível que o acréscimo ao donativo incluiu menos livros, porque o negócio de venda não terá sido tão apelativo quanto a vontade de Cenáculo, esta é uma hipótese teórica que não conseguimos confirmar. Na mesma linha, parece-nos difícil sustentar a ideia de que o aditamento ao donativo compreenda espécies mais valiosas e com mais qualidade. Desde logo porque não podemos conhecer o valor atribuído a cada obra na época. Seguidamente, porque a identificação de alguns livros do catálogo, quer do primeiro, quer do segundo momento do donativo parecem não confirmar esta suposição. De facto, algumas das obras têm anotações relativas à valoração da obra feitas pelo autor do catálogo, daí que por vezes encontremos indicações, de “rara”, “raríssima”, “valiosíssima”, “da última raridade”, “muito rara”, entre outras. Estas indicações de valorização da obra encontram-se quer em livros que pertencem ao primeiro momento do donativo, quer em livros do acréscimo a esse donativo.

Uma vez analisados os números de títulos e de volumes, passemos a averiguar a cronologia das edições propostas no donativo. Cumpre reconhecer que não foi possível identificar as datas de edição de todos os livros ofertados, uma vez que essa informação nem sempre se encontra disponível no catálogo.

Dos livros cuja data de edição conhecemos podemos apresentar os dados que apresentamos na tabela seguinte:

Tabela 27. Datas de edição das obras oferecidas ao Convento.

Século de edição	Número de títulos:
XII ou anterior	2
XIII	8
XIV	4
XV	15
XVI	4
Desconhecido	134
Total	167

Fonte: B.A.C., m.s. 950, série vermelha, f.1-5v.

Esclareça-se que os números apresentados na tabela respeitam aos quantitativos de títulos do donativo e não ao número de volumes. Esta opção metodológica pareceu-nos razoável, no sentido em que o nosso propósito visa identificar a cronologia das edições.

A análise das datas de edições conhecidas permite concluir que Cenáculo fez a doação de livros antigos, alguns dos quais valiosos¹. Esta prevalência de livros antigos e valiosos no donativo não pode dissociar-se, em nosso entender, da opinião manifestada por Frei Manuel do Cenáculo nas cartas que enviou ao amigo Frei Plácido Barroco. De facto, numa dessas cartas, datada de 3 de Junho de 1795 e que já atrás transcrevemos diz, a propósito da livraria do Convento: “[...] Ora essa Livraria está ornada no material de casa, mas faltíssima no que honra as Bibliotecas que são manuscritos e raridades. Isto supposto se a Vossa Merece parece, diga e faça sobre a minha proposição o que melhor entender [...]”². Cenáculo acha que a livraria do Convento, apesar de ornada com livros, tem falta no que honra as Bibliotecas, que são, de acordo com a opinião que transmite, manuscritos e raridades, muitos dos quais correspondem a obras de períodos mais antigos. O prelado pretende assim dotar a Biblioteca com obras que contribuíssem para o seu prestígio, obras antigas, muitas das quais de edições raras e difíceis de obter, de modo a tornar a Biblioteca do Convento

¹ Veja-se o caso da Bíblia de Mongúcia.

² B.A.C. - Ms. 802, série vermelha, f.175-176.

motivo de admiração. Por isso, parece-nos natural que inclua no seu donativo obras que correspondam a esses parâmetros.

Cumpramos notar que o Bispo de Beja, quando faz este donativo, tem também em mente a negociação dos livros que pretende vender ao convento. Certamente, o propósito da venda não é incompatível com a motivação de concorrer para o engrandecimento da biblioteca do seu convento. Tendo presente a carta de 4 de Julho de 1795, dirigida a Frei Plácido já mencionada, verificamos que o prelado considera a Biblioteca como “coisa sua”, mas relembremos as palavras do Bispo: “[...] Quando meu Irmão chegou de Lisboa me recomendou muito a obra da Livraria [...] isto me commoveo a lembrarme della, e a concorrer para o seo esplendor porque eu não posso esquecer-me de o ver como coisa minha [...]”¹. Assim, para granjear prestígio para a “sua” Biblioteca é preciso dotá-la com obras raras e valiosas, difíceis de obter, que sejam capazes de causar a admiração dos entendidos e que aureolem a instituição que as detêm.

Como assinalamos, a biblioteca em análise reporta-se a uma instituição “privada”, pertencente a um Convento da Ordem Terceira, mas que insiste em abrir ao público em certos dias da semana. O prestígio da Biblioteca contribui similarmente para o engrandecimento da própria Ordem que a detém, numa tentativa de aumentar ou solidificar a influência, a importância e conseqüentemente o poder da própria congregação religiosa. Pretende-se assim o reconhecimento público da Ordem, o qual será conquistado pela associação ao saber e utilidade, que uma instituição como uma Biblioteca possibilitaria².

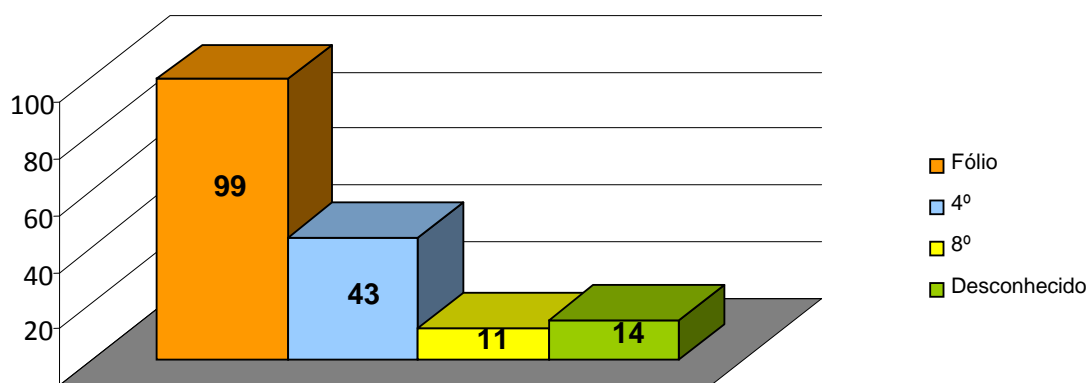
¹ B.A.C. - Ms. 802, série vermelha, f.83.

² A criação de Bibliotecas e a sua dotação era uma forma de contribuir para a felicidade pública que iria advir da instrução e formação que tal instituição possibilitaria. Por isso, a Biblioteca apresenta-se como uma instituição útil, que só faz sentido enquanto mantiver essa sua característica de préstimo público. A exigência feita por Cenáculo, impondo que esta Biblioteca estivesse aberta ao público em determinados dias da semana não surgirá assim fortuitamente. A dotação com “monumentos que a honrem”, muitos dos quais manuscritos ou obras dos primórdios da imprensa corresponde analogamente, a uma perspectiva de engrandecimento da instituição. Monumentos de honra, apreciados do ponto de vista do colecionador, obras que enaltecem e engrandecem a congregação que as custodia.

Focalizando-nos na análise do formato das edições que foram doadas verifica-se, uma vez mais, que não conhecemos o formato de todas as edições que foram oferecidas, porque essa informação nem sempre está contida nos títulos do catálogo.

O gráfico que é exposto de seguida procura fazer-se a apresentação dos dados que foram reunidos e compilados. Não se faz qualquer distinção entre livros manuscritos e livros impressos.

Gráfico 27: Formato das edições do donativo ao Convento



Fonte: B.A.C., m.s. 950, série vermelha, f.1-5v.

Se optarmos por examinar o formato das edições atendendo à divisão entre títulos impressos e manuscritos, obtemos a seguinte distribuição:

Tabela 28. Formato das edições do donativo ao Convento

Formato	Manuscritos	Impressos
Fólio	39	60
4º	36	7
8º	6	5
Desconhecido	7	7
Total	88	79

Fonte: B.A.C., m.s. 950, série vermelha, f.1-5v.

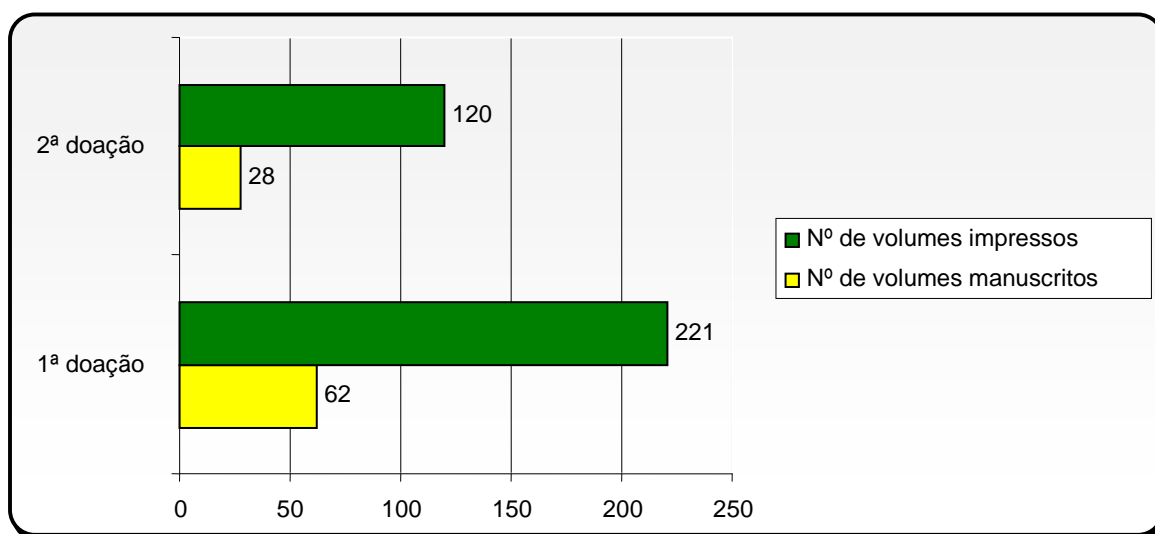
Verifica-se um claro predomínio do formato “fólio” que aparece quer em livros impressos, quer nas composições manuscritas. Esse predomínio poderá relacionar-se com a existência no catálogo de vários livros antigos, que mantinham o grande

formato, mesmo sendo impressos. Aliás, como é sabido, os primeiros impressos tinham o mesmo aspeto dos manuscritos e conseqüentemente, o mesmo tamanho. O aparecimento da imprensa não provocou uma transformação abrupta na forma de apresentação dos livros¹.

Atentemos agora nos dados sobre o “tipo”² de edição, fazendo uma distinção entre o número de volumes impressos e o nº de volumes manuscritos.

Gráfico 28

Repartição entre volumes impressos e manuscritos do donativo ao Convento



Fonte: B.A.C., m.s. 950, série vermelha, f.1-5v.

Verifica-se um predomínio de volumes impressos nas duas fases do donativo, sendo que os manuscritos representam cerca de 21% do conjunto de volumes, enquanto os impressos representam aproximadamente 79%.

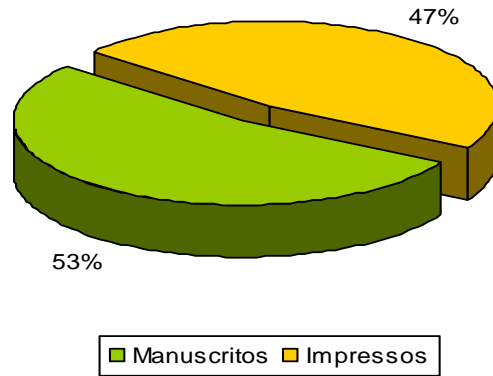
Esta distribuição conhece mutações significativas caso façamos essa análise tendo em conta o número de títulos, e não ao número de volumes, tal como se pode verificar no gráfico seguinte.

¹ Cf. Fevre e Martin, *O Aparecimento ...*,104-103.

² Ao referirmos “tipo” de edição estamos a pretender significar a divisão entre manuscritos e impressos.

Gráfico 29

Percentagem de livros impressos e manuscritos do donativo ao Convento



Fonte: B.A.C., m.s. 950, série vermelha, f.1-5v.

Se observarmos o número de títulos disponibilizados, verificamos que há um maior número de manuscritos, uma preponderância que desaparece se tivermos em conta o número de volumes, sendo possível inferir que há um maior número de volumes impressos. A prevalência de um maior número de livros manuscritos em termos de títulos coincide com os dados recolhidos em diversos países, que demonstram que a leitura e circulação dos textos manuscritos foram constantes ao longo de toda a Época Moderna e que o aparecimento de novas formas de ler não significou uma rutura absoluta com o “velhos modos” de leitura, mas antes uma multiplicação de usos e formas de leitura. Há também, no donativo de Cenáculo, algumas edições anteriores ao aparecimento da imprensa que poderão contribuir para esta preponderância dos manuscritos, em termos de títulos. No que respeita ao número maior de volumes impressos, como é sabido, a imprensa tornou possível a produção de um maior número de livros, o que certamente facilitou a existência de edições com mais volumes. Estará presumivelmente aí uma justificação para a existência desse maior número de volumes impressos. As edições impressas poderiam ter mais volumes, uma vez que estes eram mais facilmente reproduzidos, isto facilitaria também a compra de mais exemplares de determinada obra e provavelmente, aumentaria a possibilidade de as obras serem mais extensas, algo que seria difícil de concretizar com os volumes manuscritos.

Observemos este donativo tendo em conta as línguas das edições e composições nele constantes. Se examinarmos as línguas das edições, verifica-se que há um grande número de obras em Latim, pelo menos quarenta e três. No entanto, não podemos assegurar com toda a certeza qual a língua da edição apenas com base no título que é fornecido, atendendo a que alguns dos títulos podem ser apresentados traduzidos. Para além de obras em Latim identificamos obras em Português, Francês, Grego, Castelhana, Hebraico e Árabe¹.

A existência de um grande número de obras em Latim é relativamente normal para a época, esta foi uma língua privilegiada na comunicação escrita no mundo ocidental, a sua substituição não se fez instantaneamente. O próprio catálogo tem muitos livros antigos, o que potencia a prevalência de obras nesta língua. Contudo, evidencia-se também uma “propagação” de obras noutras línguas, sendo que alguns desses livros são diferentes versões da Bíblia, o que não será de estranhar se atendermos a que se trata de obras para a Biblioteca de um Convento. Não deixa de ser, no entanto, significativa a preocupação que também aqui é revelada por Cenáculo, ao procurar providenciar o contacto com versões da Bíblia em diferentes línguas e muitas vezes nas línguas em que originalmente foram escritos os livros que compõe a Bíblia². Como dissemos noutros capítulos do nosso trabalho, admitimos a possibilidade de este interesse pelas línguas originais se dever a uma procura por parte de Cenáculo de fundamentação do discurso através da análise de fontes originais, tal como o fez quando, nos seus “estudos arqueológicos”, procurou confrontar as “teses” com as “fontes”, com os testemunhos do passado, daí o estudo de lápides³, inscrições em monumentos, entre outros, despontando assim o início da configuração de um “discurso científico moderno”.

¹ Uma vez que não conseguimos discernir, partindo em exclusivo do título, as línguas de edição de muitas obras, optámos por não contabilizar números de títulos em cada língua, uma vez que os dados que obteríamos não representariam de forma exata esta coleção. Assim, e uma vez que valoramos a existência de línguas diferentes como um sinal da diversidade que Cenáculo queria dar à coleção incluída no donativo, optámos por identificar apenas as línguas que encontramos nestes títulos.

² Recorde-se que parte dos livros do Velho Testamento foi escrita em Hebraico e em Aramaico. Escreveram-se também livros do Velho Testamento: os livros da Sabedoria, o 2.º Macabeus e parte do de Daniel, em Grego. Em Grego escreveram-se também os livros que compõe o Novo Testamento, à exceção do evangelho de S. Mateus que se pensa ter sido originalmente escrito em aramaico, mas do qual só se só se conhece a versão grega «Chatholic Encyclopedia», <http://www.newadvent.org/cathen/>.

³ Patrocínio, «O relato de viagem de Pérez...», 12.

Continuando a examinar o catálogo, tomando como base de referência os títulos dos livros, conseguimos identificar três áreas de interesse fundamentais, a Religião, a História da religião¹ e a História em geral².

Sobressai a importância de livros religiosos como as Bíblias, ou livros de orações, livros de salmos, sermões, entre outros. Há também interesse por obras ligadas à História e à História da Religião. Destaca-se igualmente a importância dada à literatura sobre os territórios ultramarinos resultantes da expansão portuguesa, sendo possível identificar algumas obras relacionadas com esta temática, como os *“Anais de Arzila”*, já acima identificados, ou o *“Epilogo de Histórias Orientais”*, de Frei Diogo das Neves, os *“Tumultos do Maranhão”*, de Francisco Teixeira Moraes, a *“Correspondência entre Filipe IV e D. Jozé de Mascarenhas governador de Tânger”*, *“Escobridores da Índia Oriental e capitães-mores até 1635”*, *“História de Angola”* de António Oliveira, *“Epistome da Índia em tempo de D. Sebastião”*, *“Cercos de Diu”* de Lopo Sousa Coutinho, entre outros.

A importância de áreas de interesse ligadas à Religião é, quanto a nós, “normal” se olharmos à natureza da Biblioteca à qual foi atribuído este donativo. Com efeito, trata-se um donativo para uma biblioteca conventual, a procura em dotar a instituição de livros ligados à Religião parece-nos perfeitamente congruente com a sua natureza.

Importa salientar que esta identificação das áreas de interesse não é feita com base em divisões existentes no próprio catálogo. Por isso, não espelha a organização que lhe foi dada pelo seu autor.

Nessa perspetiva de análise, dentro das obras sobre a “Religião”, compreendemos Bíblias, Livros de Salmos e Orações, livros de Teologia, Evangelhos, Partes da Bíblia, Concordâncias Bíblicas, Missais, Velho e Novo Testamento e breviários que se encontram no catálogo. Segue-se a História, quer a História em geral, quer a História da religião. Na “História da Religião” abarcamos as Vidas de Santos, Papas,

¹ Optámos por considerar as obras de História da Religião numa área diferente da História em Geral, não porque não se tratem de obras de história, mas para destacar a importância deste tipo de obras no conjunto do donativo.

² Note-se que o facto de muitos títulos se encontrarem em Latim, língua que não dominamos, nos colocou dificuldades metodológicas concretas para perceber a temática de cada título. Com efeito, devido a essa dificuldade, não conseguimos identificar os títulos de muitos livros. Essa dificuldade foi agravada pelo facto da descrição no título nem sempre ser clara, nem corresponder, nalguns casos, ao título completo da obra, pelo que não conseguimos proceder à quantificação da sua divisão temática da mesma forma que fizemos noutros capítulos.

Padres e Religiosos, Histórias Monásticas, Histórias Eclesiásticas e Histórias de Bispos. Já na categoria “História” consideramos todas outras obras, cujo título remete para a História, como Histórias da Vida de Reis e Príncipes, de Territórios, de Antiguidades, Memoriais, Genealogias e Crônicas.

Apesar de existirem estas três áreas mais representadas, foi possível encontrar obras relacionadas com outras temáticas. São disso exemplo: a obra identificada como “*Teoria das estrelas*” de Staford; as “*Cartas marítimas de todo o mundo*”; os “*Desenganos da Vida*” sem identificação do autor; o “*Livro de Montaria*”¹ também sem autor e “*Zacuti Astronomia*”², da edição de Leiria, bem como alguns *Poemas*.

Já atrás aludimos à antiguidade e valor das obras incluídas no catálogo, mas não possuímos listagens de compras ou de preços que nos permitam calcular o preço real das obras para Frei Manuel do Cenáculo. Admitimos, contudo, que não há-de ter sido fácil, muito menos barato conseguir encontrar e adquirir alguns dos exemplares mencionados. Disso dão nota algumas das notações que encontramos no catálogo, as quais classificam determinadas obras como rara, raríssima, valiosa, edição muito rara, entre outras apreciações. A data das próprias edições demonstra, nalguns casos, a sua antiguidade, o que parece também indiciar que não seria fácil encontrar algumas daquelas composições. Note-se que existem algumas, muito poucas, com a anotação que se trata de um manuscrito com a própria letra do autor, ou composição original, o que nos remete para edições quase únicas.

O exame de algumas das obras propostas e respetiva identificação parece demonstrar que seriam obras caras e difíceis de obter, dada a sua natureza. Apontamos a título de exemplo a “*Bíblia de Bomberg*”, de autoria do impressor Daniel Bomberg, que morreu em 1549 e que é autor desta famosa Bíblia Hebraica³. A dificuldade em encontrar esta obra parece ser indiciada, designadamente na sua ausência em catálogos de livreiros da época, como o catálogo dos livros teológicos que o livreiro *Borel* tinha para venda em 1772⁴, onde esta Bíblia não consta sequer como

¹ Admitimos tratar-se da obra de D. João I. Cf. <http://purl.pt/14553>

² Obra de Abraão Zacuto.

³ «Daniel Bomberg» http://www.servinghistory.com/topics/Daniel_Bomberg, 30 Junho de 2010.

⁴ Borel, Borel et sócios, *Catalogus Librorum Theologicorum* (Lisboa: Oficina patriarcal, 1772)

disponível para venda¹. Um outro exemplo de uma obra valiosa é a *Bíblia de Jenson*, datada de 1479 e impressa em Veneza. Trata-se da quarta edição da Bíblia a ser impressa, depois da Bíblia inicial de Gutenberg². O seu criador foi um livreiro francês, o qual terá imprimido na sua loja, em Veneza, mais de cento e cinquenta trabalhos, entre 1470-1480³. Ainda que estas obras possam ser onerosas, Cenáculo, que quer enriquecer a “sua” Biblioteca, não se inibe de as incluir no donativo que lhe destina. Mesmo que outros interesses estejam subjacentes e tenham motivado esta generosidade, a verdade é que o prelado doou livros raros, tendo enriquecido de facto, esta Biblioteca com o seu donativo.

Nessa perspetiva, como podemos constatar pelos dados que temos vindo a aduzir, Cenáculo contribuiu, e muito, para a constituição desta Nova Biblioteca:

- Esteve na conceção do projeto.
- Contribuiu monetariamente para a construção;
- Doou livros em 1777;
- Comprometeu-se a fazer doações adicionais, o que cumpriu em 1795.

Já aqui apresentamos os dados relativos ao número total de livros que se estima terem existido no convento por volta de 1777. Cerca de vinte e nove mil se contabilizarmos os quatro mil que foram prometidos por Cenáculo, cerca de vinte e cinco mil⁴ se não integramos na contabilização os livros que foram prometidos para uma doação posterior.

Em termos percentuais, verifica-se que Cenáculo, sem considerarmos os volumes que foram prometidos⁵, é responsável por cerca de 12% do total dos livros do

¹ Reconhecemos que esta ausência neste catálogo, que poderá constituir-se como um indício de que poderia ser difícil de obter, é uma mera hipótese teórica. Não a poderemos confirmar por falta de mais suporte documental.

² Livraria do Congresso Americano , «Jenson Bible»
<http://www.myloc.gov/Exhibitions/Bibles/OtherBibles/ExhibitObjects/TheJensonBible.aspx>,30 de Junho de 2010.

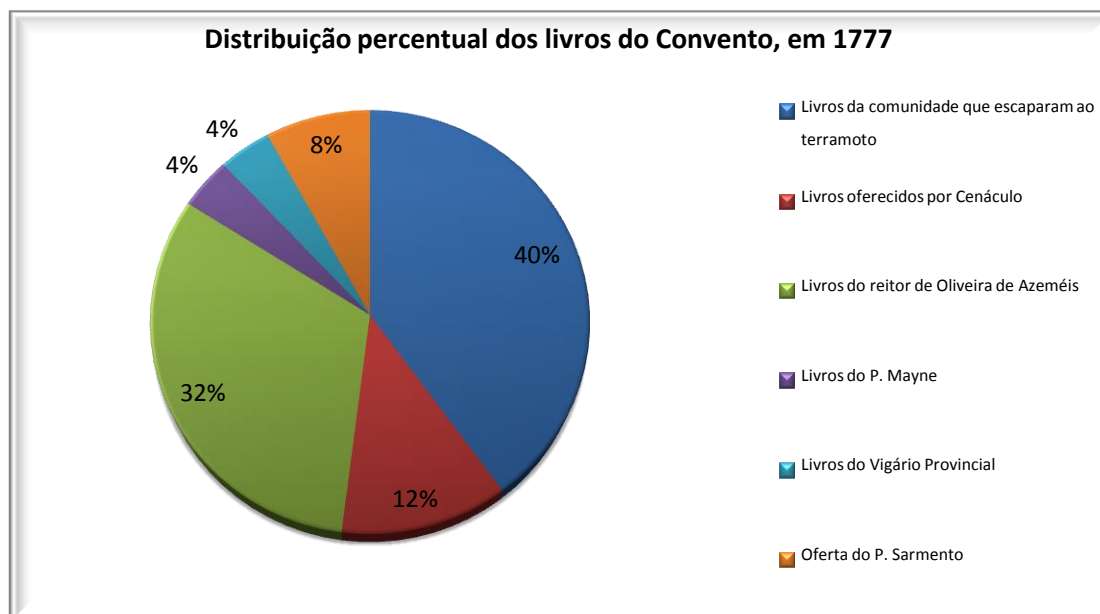
³ No Apêndice 2 deste trabalho, encontra-se uma imagem desta Bíblia.

⁴ Lembramos que a propósito dos livros efetivamente doados por Cenáculo temos documentos com “versões” ligeiramente diferentes, com números que variam entre dois mil ou três mil exemplares, este é portanto um número aproximado, baseado nos registos da época.

⁵ Optámos por não incluir os livros prometidos por Cenáculo e apenas os 3000 que são apontados na memória que referimos.

Convento, conforme se apresenta no gráfico da distribuição percentual dos livros do convento em 1777, de acordo com os provedores desses mesmos livros:

Gráfico 30



Fonte: B.A.C., m.s. 950, série vermelha, f.1-5v.

O contributo de Cenáculo para o total de livros da biblioteca (12%), situa-se como o terceiro maior, a seguir ao fundo previamente existente no Convento (40%) e aos livros do prior de Oliveira de Azeméis (32%)¹.

Números apresentados por Manuela Tavares Ribeiro² apontam para a existência de trinta e dois mil livros nesta Biblioteca em 1834. Adrien Balbi, na sua obra descritiva sobre o Reino de Portugal³, indica o mesmo número de volumes como fazendo parte desta Biblioteca em 1822⁴.

Se considerarmos os números apontados por estes autores, verifica-se que, entre 1777 e 1822/34, terá existido um aumento de cerca de sete mil livros. Pressupondo que Cenáculo cumpriu a promessa de doar mais quatro mil livros à

¹ Livros que vão para o Convento também com algumas diligências de Cenáculo, há nas cartas do prelado algumas missivas que respeitam ao processo de transporte de livros para o Lisboa e as suas vicissitudes. A informação contida nas cartas não é suficientemente esclarecedora quanto à natureza do negócio, não nos foi possível concluir se se trata de compra de parte do espólio, ou outro tipo de disposição que determinou esta transferência.

² Ribeiro, «Livros e leituras no século XIX...», 187 a 227.

³ Balbi, *Essai statistique...* 26.

⁴ Também na tabela “Statistique des Bibliothèques portugaises” se refere o número de 32 mil volumes, Cf. Cardozo Betencourt, «Notices sur les Bibliothèques et Archives du Portugal», *Boletim Bibliográfico da Academia Real das Ciências de Lisboa*, s.1,1, (1910): 8-18.

Biblioteca, teria sido o responsável por aproximadamente 57% do aumento de livros neste período¹.

Em termos globais, no conjunto de livros existentes em 1822/34, que englobam cerca de trinta e dois mil livros, de acordo com as fontes que anteriormente declaramos, o donativo de Cenáculo corresponderia a aproximadamente 20% dessa coleção. Isto se considerarmos como efetivada a promessa de doar mais cerca de quatro mil livros, algo que não poderemos atestar efetivamente, sabemos apenas que doou mais livros².

Se apreciarmos este contributo para a totalidade dos livros da biblioteca da Instituição, em conjunto com as diligências para a criação da nova livraria, que envolveram a conceção do projeto de recuperação do Convento e conseqüentemente de construção das “salas” da Biblioteca e com os contributos monetários, que de acordo com os dados que apresentamos previamente³ não foram despidiendos, ainda que sujeitos a condições prévias, poderemos dizer que o Bispo Cenáculo foi um dos grandes impulsionadores destas Biblioteca.

Ao formar o projeto da Biblioteca, o prelado pretendeu criar um espaço condigno, com boas condições para albergar livros e utilizadores, e até com alguma proteção contra incêndios, recordemos a descrição feita sobre a obra “*não há perigo de fogo pelas excelentes abóbodas*”⁴. Com isto ambicionava criar condições para que os religiosos do Convento se pudessem instruir, mas não se ficava por aí, queria uma Biblioteca que pudesse servir o público, e que a ele estivesse aberta, pelo menos em três dias da semana, sendo esta exigência capital para a concessão do donativo monetário. Ao doar livros, Cenáculo contribuiu para dotar a Biblioteca não só de uma vasta coleção, mas também facultou à livraria espécimes de livros raros e valiosos, ajudando-a a dotar-se de um valioso acervo e por essa via a prestigiar-se.

¹ Quando dizemos neste período referimos o período entre 1777 e 1814, data da morte do prelado.

² Com sabemos os números apontados no catálogo do donativo não apontam para estes valores.

³ B.P.E - códice CXXVIII 2-5, fls. 53 a 63.

⁴ B.P.E - códice CXXVIII 2-5, fls. 53 a 63.

Outros contributos para a constituição da Biblioteca

A criação da Nova Biblioteca do Convento iniciou-se, como se sabe, no tempo em que Cenáculo exerceu as funções de Provincial do Convento. No entanto, quando este deixou o cargo, indo para Beja em 1777, o projeto estava longe de ser concluído.

Prosseguiram então os trabalhos, e com estes os contributos de outras personalidades para a constituição desta Biblioteca que se tornou com o tempo, de acordo com uma descrição do *Jornal de Bellas Letras*, “uma das mais elegantes da capital”, mas nada melhor do que reproduzirmos de forma parcial essa descrição:

“As estantes, em que está colocada a Livraria, formão dois corpos, divididos por uma cimalha [...] Sobre a Cimalha real no prumo de cada pilar das divisões das estantes está collocado hum busto dos sábios mais distintos de todas as nações. Alli a par de Virgilio se vê o nosso Camões; a par de Newton o nosso Nunes [...] sobresaíndo a tudo as primorosas encadernações de hum grande número de livros, e edições raras, acreditão esta livraria huma das mais curiosas, e a mais elegante desta Capital. Fronteiras às cinco janellas se encontrão do lado esquerdo cinco portas com caixilhos de vidro de espelho, huma das quais dá serventia ao gabinete de Pinturas, e outro à sala dos manuscriptos, e a varios gabinetes de estudo, onde sem distração, que motiva a concorrência dos estudiosos, e o rumor das escadas portáteis, se permite às Pessoas de maior respeito alli poderem entregar-se à lição; commodidade que em nenhuma outra Livraria Publica de Lisboa se encontra”¹.

Cumpre salientar que, para além dos donativos em livros, era necessário fazer progredir a obra de recuperação do Convento e por correlação, a da livraria. Tratava-se de um projeto ambicioso e que portanto implicava a aplicação de vastos recursos para poder concretizar-se. Quando, em 1777, Cenáculo deixa a administração da Província, apesar das elevadas expensas já realizadas, a obra no seu conjunto ainda necessitava de percorrer um longo caminho. Havia urgência de descobrir recursos para dar continuidade a tão notável e onerosa obra.

¹ Descrição do *Jornal de Bellas Letras ou Mnémósine Lusitana*, 1816,359-360, apud Bethencourt – *A Biblioteca da Academia Real...*,11.

Num requerimento feito a instâncias do Bibliotecário P. M. Dr. Frei Manuel de Oliveira Ferreira, posterior a 1777, encontramos bem patenteada a preocupação de dar andamento à obra¹ e organizar a livraria:

“He verdade que o Sr. Bispo de Beja, não só deu principio, mas poz em Summo adiantamento a sua Caza. P^a elles, ep.^a m.^{os}, em.^{tos} mais a que se estendia o Seu desejo : esta casa, p.^a o q. o P.M. Jub.^o Fr. José de S.ta Roza Teixr.^a concorreo com cem mil réis, está imperfeita, e por acabar, e a este efeito não podem chegar as posses desta Prov.^a e só ce veria completa se S. Mag.^e Fidelíssima nos fizesse a esmola de no há completar [...]”

Para dar andamento à obra faz-se nova proposta de organização da livraria, que passa pela utilização de uma casa, que fora inicialmente idealizada para aulas, para recolher todos os livros do Convento, separando aí os volumes que se encontravam duplicados, de modo a poderem ser usados pelos mestres. De acordo com os registos de Frei Vicente Salgado², o Definitório terá anuído a este requerimento.

A livraria que foi delineada pelo Bispo de Beja continua a ser, como se pode ver através destas diligências, objeto de preocupação constante, sendo que outras personalidades ligadas à vida do Convento decidem apoiar a sua edificação. São os casos de Frei José Mayne que dispõe um fundo de livros para a Biblioteca e de Frei António Baptista³ que mandou “acabar a expensas da sua esmola a Biblioteca, com pompa, grandeza e magnificência”⁴.

Frei José Mayne, que em 1780 assume o cargo de Provincial da Ordem Terceira faz, em 24 de Maio desse ano, uma representação onde se refere a impossibilidade da congregação “completar a mal intentada” obra da Livraria⁵. O argumento utilizado pelo Padre Mayne para sustentar essa representação era o grande empenho em que a obra tinha deixado a corporação, sendo necessários recursos para lhe dar andamento.

¹ Requerimento encontra-se na coleção de manuscritos da Academia de Ciências de Lisboa, está transcrito no Boletim da Academia de Ciências: «Livraria do Convento de Nossa Senhora de Jesus, documentos para a sua história», *Boletim Bibliográfico da Academia das Ciências*, S.2, 1 (1910): 182-200.

² B.A.C. - Ms. 353 *Manual dos Monumentos verídicos*, Frei Vicente Salgado.

³ Frei António Baptista nasceu em Abrantes, em 25 de Dezembro de 1737. Foi religioso da Ordem Terceira e professor de língua Árabe. Partiu com a Família Real para o Brasil aquando das invasões napoleónicas, morrendo no Rio de Janeiro em 1813. «Dicionário Histórico», <http://www.arqnet.pt/dicionario/abrantesfant.html>, 15 de Dezembro de 2010.

⁴ B.A.C. - Ms. 394, série vermelha, «*Elogios Históricos dos Ex.^{os} e Ver.^{os} Arcebispos e Bispos Professos na Congregação da Terceira Ordem de Portugal*».

⁵ B.A.C. - Ms. 353 Frei Vicente Salgado, «*Manual dos Monumentos verídicos*».

Para isso solicitava licença para poder empregar determinada herança na instituição. É a transcrição parcial dessa referência que se faz imediatamente:

“Aos 24 de máyo de 1780 representou o R.^{mo} P.^e M. Fr Joze Mayne min.^o geral que vista a impossibil.^e de poder a congregação completar a mal intentada obra da nova Livraria p.^r causas do grande empenho q a m.^{ma} obra lhe tinha deixado: E que não sendo justo deixar-se arruinar e perder um edificio ainda que deffeuuozo, de tanto custo: esse pedia licença ao reverendo Difinitorio p.^a empregar a herança q teve de seu irmão e os ordenados dos seus empregos[...] p.^a este modo estabelecer hu fundo que renda quinhentos athe seis centos mil reis cada anno p.^a que com o dito rendim.^{to} se continue a obra da livraria, e depois de completa ficar aplicado o m.mo rendim.^{to} p.^a livros, e instrum.^{tos} phisicos da m.mo livraria, e tão bem em coisas raras de Historia natural p.^a melhor aperfeiçoar o nosso muzeu [...] Todo o reverendo Diffinitorio Geral louvou o ardente zello do r.^o P. M. Ministro Geral [...] e aprovou a pia resolução de querer aplicar a sua herança[...] ealem disto suplicou o m.^{mo} definitório ao ditto R.^o que conviesse que se apresentace a El-Rey Nosso Snr. E Protector nosso p.^a q se dignace munir esta gr.^e obra com hu Alvará Regio debaixo da condicção de ser a m.^{ma} livraria publica hu a dois dias cada semana [...]”¹

O Padre Mayne manifestava desta forma algum criticismo face à obra da livraria, a qual qualificava de “mal intentada”, pelas grandes exigências financeiras que impunha ao convento. Não obstante essa crítica, mantém as diligências no sentido de levar este projeto avante.

Obtida a anuência por parte do Definitório, foi elaborado um requerimento à Rainha, procurando autorização para as transformações pretendidas. É parte desse requerimento que se transcreve de seguida:

“ Diz Fr. Joze Mayne [...] que procurando ele Sup.^e que os seus desejos do serviço de V. Mag.^{de} podessem verificar-se de hum modo permanente, destina o estabelecimento de huma Escola Publica com huma cadeira de Historia Natural Theologica [...] Para o que tem disposto o plano incuzo aplicado às rendas nele declaradas e nomeado administrador, em primeiro logar a Real Academia das Sciencias; pois havendo nelas huma faculdade de Sciencias Naturaes, e sendo o seu objecto o promover as Sciencias, he naturalmente a Administradora de um Estabelecimento que tem o mesmo fim, na consideração também que sendo o governo da Congregação triannual; parece moralmente impossivel que todos os Padres gerais. Tenhão a necessária efficacia, e propenção para perpetuar huma Sciencia, cujo ensino não está em uso dentro dos claustros. [...] para poder permanecer para o futuro, he necessário que V. Mag.^e se digne aprovalo e

¹ B.A.C. - Ms. 353.

confimalo. Por tanto em atenção a utilidade que resultará ao serviço de V. mag.^e,¹

O plano de doação é depois explicado concretamente, transcrevemos parcialmente esse plano, com o intuito de demonstrar a forma como este religioso se propõe financiar a obra da livraria:

“Frei Joze Mayne [...] instituo e fundo huma Escolla publica, em que se ensine a Historia natural com a sua applicação Thiológica pela forma seguinte[...] para o seu fundo, e subsistência fica aplicado o Muzeu e Gabinete, que tenho dos referidos productos de Historia natural, Artefactos, Pinturas, dezenhos, Livros pertencentes ao dito Muzeo, todas as Medalhas que estão juntas, e os mais trastes, de que está ornado, como também as propriedades de Cazas, que se Edificarão, e se achão situadas no Terreno da Cerca dos Padres Terceiros; e juntamente dous padrões de juro Real e algum mais dinheiro para augmentar o fundo deste estabelecimento, e renda annual [...] Destes rendimentos, e do que importar a liquida cobrança de cada anno se dará a metade para augmento da Livraria do meu Convento de N. snr.^a de Jezus de Lisboa, de cuja metade se darão cada anno, quarenta mil réis ao P.e Bibliothecario Mor, e mais vinte mil reis cada anno ao P. Biblihecario menor em quanto areferida Livraria for publica, ao menos três dias na semana [...]”².

Em aviso régio datado de 24 de Dezembro de 1792, o plano de Fr. José Mayne obtém a desejada aprovação: “Sua Magestade foi Servida aprovar as Disposições, que Frei José Mayne, da Terceira Ordem, fez presente à mesma Senhora, sobre administração, e destino do Gabinete, que com muito cuidado e trabalho tinha junto e ordenado no Convento de Jesus. E porquanto entre as Disposições se acha a de confiar a administração à Academia Real das Sciencias, o manda Sua Magestade assim o participar a V.Ex. para poder nesta conformidade proceder [...]”³.

Como é possível inferir do exposto, também José Mayne deu um importante contributo monetário para a prossecução do objetivo de constituição desta Biblioteca, além de ter também dado um auxílio em livros em 1777.

¹ B.A.C. Ms. 791, série azul, José de Jesus Mayne [Requerimento a S.M. concernente à doação do gabinete de Historia Natural, Pintura e Artefactos, assim como de bens para instituir uma escola publica e desenvolver a Livraria do convento de N.S. de Jesus]

² B.A.C. Ms. 791

³ Documento do Arquivo da Secretaria Académica, *apud* Ayres, «Arquivos e Bibliotecas Portuguesas...»,367-375.

No que respeita aos anos seguintes encontram-se, entre os manuscritos provenientes do Convento¹, alguns escritos pertencentes a contas do cenóbio, os quais aludem aos rendimentos de algumas das suas casas, mas também a disposições relativas ao empréstimo de livros, ou do bibliotecário, que indiciam que os trabalhos de constituição da Biblioteca continuavam a bom ritmo. Foi quase no final da centúria que a Biblioteca finalmente franqueou as suas portas ao público², materializando assim os cuidados e desvelos que muitos religiosos da congregação lhe dedicaram, nomeadamente Frei Manuel do Cenáculo e Frei José Mayne, os quais, como foi possível apurar, devotaram a este estabelecimento muito do seu empenho.

5.2.2. A integração na Academia Real de Ciências de Lisboa

A Biblioteca do Convento de Jesus terá começado a funcionar por volta do ano de 1796³, encontrando-se aberta ao público, tal como fora idealizado pelo Bispo de Beja e também por Frei José Mayne.

Instituído o regime liberal em Portugal, novas diretivas de organização do Estado surgem. Entre essas, a norma que determinava a extinção em Portugal e seus domínios de “todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer casas de religiosos de todas as ordens regulares, fosse qual fosse a sua denominação, instituto ou regra: ficando incorporados nos próprios da Fazenda nacional todos os seus bens”⁴. Em portaria de 15 de Agosto de 1834 foi ordenado que os Prefeitos das Províncias procedessem à venda de todos os bens móveis dos Conventos extintos, tendo-se mandado, antes dessa portaria, inventariar os bens dos respetivos conventos pela seguinte forma: “ 1º Vasos Sagrados e paramentos; 2º Objectos preciosos não sagrados; 3º Objectos de refeitório, cozinha, entre outros; 4º Livraria e manuscritos; 5º prédios urbanos”⁵.

Na sequência dessas ordens, o encarregado da Biblioteca Pública propôs que fosse criado um Depósito Geral, numa parte do Convento de S. Francisco de Xabregas,

¹ Esses manuscritos encontram-se na série azul e na série vermelha dos fundos da Academia de Ciências de Lisboa.

² Em 1800. Cf. Bethencourt, *A Biblioteca da Academia Real...*,20.

³ Vaz «As bibliotecas e os livros ...», 483 a 493.

⁴ Decreto de 30 de Maio de 1834, *apud* Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*,VIII (Lisboa, editorial Verbo, 2003),200-205.

⁵ As determinações desta legislação estão compiladas em: Ayres, *Boletim Bibliográfico...*,s1, 1,483-488.

onde se recolheriam e classificariam os livros dos antigos conventos. A proposta terá sido parcialmente aceite. Em portaria, datada de 21 de Outubro desse ano, foi ordenado ao “bibliotecário-mor” da Biblioteca Pública de Lisboa que, quando não sofresse prejuízo do serviço ordinário, mandasse servir na Comissão do Depósito Geral de Livrarias e mais objetos das Ordens Regulares os dois Conservadores da Biblioteca, e os mais empregados que pudesse comodamente dispensar. Paralelamente notificam-se os governadores civis, à exceção dos de Lisboa e Porto, para informarem quais eram nas capitais dos seus distritos, os edifícios mais apropriados para a constituição de uma Biblioteca Pública¹. Em 1837, por portaria de 10 de Abril, declara-se que a Comissão Administrativa do Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos teria por atribuição reunir e guardar em depósitos seguros e centrais as Livrarias, os Cartórios, as Pinturas e quaisquer outras preciosidades científicas ou literárias provenientes dos conventos suprimidos. Logo em 1841, procede-se à extinção desta Comissão Administrativa das Livrarias. O Decreto que estabelece essa dissolução é datado de 12 de Novembro, e institui as seguintes disposições:

“1º O depósito das Livrarias dos extintos Conventos [...] he incorporado na Bibliotheca Nacional de Lisboa. 2º Todos os livros papéis e mais objectos, que existem no depósito das Livrarias serão entregues por inventário, com os respectivos catálogos, à Bibliotheca Nacional [...] 3º Desde o 1º de Janeiro de 1842 em diante cessará o auxílio pecuniário que estava aplicado para despesas do depósito das Livrarias [...] 4º Logo que o Depósito das Livrarias dos extintos conventos passar á Bibliotheca Nacional de Lisboa ficará exonerada a Comissão Administrativa do mesmo depósito [...].5º O Bibliotecário-mór da Bibliotheca Nacional de Lisboa ficará encarregado das atribuições, que [...] competião á comissão administrativa do deposito das Livrarias [...]”²

Conforme pode ser inferido a partir desta legislação, a Biblioteca Nacional tomou posse do depósito das livrarias dos extintos conventos. Em finais de 1841 terá sido realizado um inventário que apontava para a existência de um total de 176.699 volumes, distribuídos por vários idiomas. Incluiria ainda vários livros litúrgicos, livros grandes de coro, brochuras e folhetos³. Cumpre notar que, entre os anos de 1842 e

¹ Ayres, *Boletim Bibliográfico...*,s1, 1,483-488.

² Ayres, *Boletim Bibliográfico...*,s1, 1,512-513.

³ Ayres, *Boletim Bibliográfico...*,s1, 1,486-488.

1843 formaram-se diversas bibliotecas, em várias repartições do Estado, que terão incorporado livros deste depósito, tais como a livraria do Arsenal da Marinha, a das Câmaras Legislativas, entre várias outras¹.

Importa então perceber, dada a ordem de incorporação dos livros dos conventos extintos no Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos e posteriormente na Biblioteca Nacional, o que propiciou que a Biblioteca do antigo Convento de Jesus não gozasse do mesmo destino.

Como já foi relatado, quando Frei José Mayne decidiu contribuir para a constituição da biblioteca deste convento, esboçou um plano no qual determinava que a administração da Escola Pública que queria instituir seria entregue à Academia Real das Ciências, aplicando parte dos rendimentos no aumento da livraria. Esse plano obteve aprovação régia e concretizou-se, tendo-se a Academia constituindo administradora do fundo do P. Mayne. Quando, após o ano de 1834 se instala o Regime Liberal no país e se determina a extinção das Ordens Religiosas, a Academia Real das Ciências faz uma representação à Rainha, pedindo-lhe a guarda e uso dos estabelecimentos do Convento de Jesus². Como justificação para o pedido alega o facto de ser a administradora do fundo criado por Frei José Mayne.

Em face do exposto, a Rainha delibera aceitar esse pedido, conforme pode verificar-se na transcrição parcial da portaria que apresentamos de seguida:

“ Sendo presente a S.M. a Rainha, em representação da Academia Real das Sciencias de Lisboa, que o Padre Mestre Fr. Jose Mayne[...] applicara em sua vida algumas propriedades e dinheiro provenientes de seus ordenados para o acrescentamento, e manutenção da Livraria do Convento de Jesus [...] nomeando a Academia Real das Sciencias para administradora e directora dos referidos estabelecimentos e suas rendas[...] Pedindo que houvesse S.M. por bem, à vista do exposto, mandar-lhe entregar a guarda, usos e administração dos ditos estabelecimentos, e a bibliotheca d’aqule extincto convento, por ser em parte já a elles pertencente, e porque, unindo-se á da Academia se formará de ambas uma só, publica e patente a todos os estudiosos com manifesta utilidade das sciencias, e da instrução geral dos portugueses: Há S.M. por bem deferir á supplica da Academia [...]”

¹ Para um estudo pormenorizado acerca desta incorporação Cf. Barata, *Os livros e o Liberalismo...*

² Portaria Régia de 23 de Outubro de 1834, apud Ayres, *Boletim Bibliográfico...s.2, 2, 702-703.*

Como se depreende, a Academia Real das Ciências de Lisboa¹, que já havia formado uma Biblioteca própria a dois de Maio de 1781, junta aos seus fundos os provenientes do antigo Convento de Jesus, com o beneplácito da Soberana.

É na atual Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa que podemos encontrar o fundo proveniente do Convento de Jesus. Este fundo é constituído por um núcleo de manuscritos, que se encontra inventariado no catálogo da Série Vermelha dos Manuscritos da Biblioteca da Academia, composto por novecentos e oitenta volumes manuscritos da biblioteca dos frades da Ordem Terceira de S. Francisco. Inclui ainda alguns documentos do cartório do Convento e também outros, sumariados no catálogo da Série Azul dos Manuscritos da mesma Academia. Do mesmo fundo, faz ainda parte o que a própria instituição designa atualmente por “Fundo Conventual”, que integra os volumes impressos provenientes do Convento de Jesus, no qual se incluem cerca de trinta mil volumes². Podemos assim dizer que, pelo menos em parte, as aspirações de utilidade pública reveladas por Frei Manuel do Cenáculo aquando da criação da Biblioteca do Convento de Jesus se concretizaram. Fizeram-no logo aquando a sua abertura, quando os padres do Convento franquearam as suas portas aos estudiosos, permitindo-lhe o uso das suas coleções. Continuaram essa vocação após o desaparecimento do prelado, estando à disposição do público fundos provenientes desse Convento.

Como foi possível verificar ao longo deste ponto do nosso trabalho, D. Frei Manuel do Cenáculo deu um grande auxílio na constituição desta biblioteca conventual, quer através da conceção do grandioso projeto para a sua construção, como também através de donativos monetários e em livros para a enriquecer. Se as

¹ Esclareça-se, antes de avançar, que a Academia das Ciências conheceu um complexo processo de estabelecimento em termos de localização física. Estabeleceu-se, aquando da sua abertura em 1780, no Palácio das Necessidades, passando para um Palácio, do século XVII, que fora moradia do embaixador da Grã-Bretanha, situado na rua do Poço dos Negros em Lisboa, no ano de 1792. Em 1797 desloca-se para o Palácio do Monteiro-Mor do Reino, sito na calçada de Coimbra e em 1800 passa para o Palácio do Duque de Palmela. Em 1823 estabelece-se no Colégio dos Monges Beneditinos, antigo Convento da Estrelinha. Já em 1832 desloca-se para o Palácio do conde de Lumiares começando, em 1833, a processar a mudança para o Mosteiro de S. Vicente de Fora. Essa mudança é suspensa para se instalar em definitivo no antigo Convento de Jesus, onde ainda se encontra nos dias hoje. Cf. Arquivo da Academia, *Livros dos Conselhos, 1780-1782*, assembleia de 2 de Maio de 1791, *apud* Ayres, Boletim Bibliográfico, s,1,1, IXX-XXI [advertência].

²«Academia das Ciências», http://academiadascienciasdelisboa.freehostia.com/joomla/index.php?option=com_content&task=view&id=50&Itemid=74, 02-04-2008.

fontes existentes nos apontam para contributos monetários nada despidiendos, o que dizer então do contributo em livros? Além de ter dado vários volumes, e por essa via ser responsável por um significativo aumento do número de livros da instituição, Cenáculo doou também algumas edições raras e extremamente valiosas, e por essa via enriqueceu ainda mais a biblioteca. Mas, de que serviu este enriquecimento, que ideal subjaz a esses donativos? Cenáculo revela uma forte preocupação em enriquecer a biblioteca do convento, disponibilizar livros enquanto “veículo de saber” aos religiosos do convento, mas não só. Preocupa-se analogamente que essa coleção, vasta e valiosa, seja disponibilizada aos estudiosos que a esta queiram concorrer. Chega mesmo a exigir, para concretizar um dos donativos monetários, que a biblioteca seja disponibilizada ao público¹ pelo menos três vezes por semana. Por isso se empenhou, como vimos atrás, em criar uma instituição que pudesse oferecer boas condições em termos de “espaço físico” e acervo disponibilizado, numa perspetiva de utilidade do espaço, que não se valorava exclusivamente enquanto depósito de livros, mas antes enquanto “espaço de saber”. Os livros funcionam como veículo para atingir esse conhecimento, e nessa perspetiva deveriam ser disponibilizados na Biblioteca. Julgamos estar perante mais uma faceta, entre outras, que contribui para a caracterização deste prelado enquanto homem do Iluminismo, na medida em que colocou o saber e as diligências para lhe aceder, no centro das suas preocupações.

A pesquisa empreendida a propósito da Biblioteca do Convento permitiu verificar a existência de numerosos livros em grandes formatos, facto que nos parece relativamente consentâneo com o que se conhece sobre história do livro e da edição e sobre multiplicidade de usos dados aos livros na época, o que implicava que alguns formatos fossem mais populares para determinadas utilizações. Constatou-se similarmemente a existência, no donativo realizado, de edições de livros antigos e

¹ Estamos a utilizar a expressão seguindo a menção que é feita em documentos originais, onde se exige a abertura ao público como condição: “que a livraria haja de servir ao Publico para a ella concorrerem os estudiosos em três dias da semana”, B.P.E. Códice CXXVIII 2-5. O público corresponderia assim a um conjunto de estudiosos, estando associado a uma esfera pública e literária. Esfera pública enquanto lugar de uma discussão que potencialmente implica toda a gente, embora, no século XVIII, a exigência implicasse apenas a minoria educada ou “ilustrada”. Sobre a evolução do conceito de espaço público e o conceito de esfera pública veja-se, entre outras possíveis, a obra de Jürgen Habermas, *The Structural Transformation of the Public Sphere* (Cambridge: MIT Press, 1989) e também a análise crítica à evolução da noção do espaço público em Habermas de Filipe Carreira da Silva, *Espaço Público em Habermas* (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002).

valiosos, onde sobressaem edições da Bíblia em Hebraico, Grego, entre outras. Versões na língua original em que foram organizados os livros que compõe a Bíblia, numa procura de sustentação “na fonte”, tal como acontecia com o estudo de inscrições em sepulturas e na procura de “objetos arqueológicos”. Este é um interesse que se repete aqui, sendo que foi também identificado quando avaliámos outras facetas da relação que o prelado manteve com os livros.

Para além de Cenáculo, outras personalidades ligadas à vida do Convento trabalharam na prossecução do objetivo de constituir uma grandiosa biblioteca. O exame de alguns documentos após a ida de Cenáculo para Beja, em finais da década de 70, deixa antever alguma crítica implícita à grandiosidade do projeto inicialmente previsto por Cenáculo, o qual colocava grandes dificuldades de concretização. Ainda assim, personalidades como Frei José Mayne trabalharam igualmente de forma árdua para dar andamento a esta biblioteca. Foi possível verificar que este religioso concorre similarmente com donativos diversos, desde a oferta em livros, até ao contributo monetário, para o qual elaborou um plano de doação, que submeteu à aprovação régia, o qual implicava a administração e um fundo monetário por parte da Real Academia das Ciências de Lisboa. Aliás, é porventura esta decisão por parte do P. Mayne que determinará o percurso da Biblioteca aquando da extinção das Ordens religiosas em 1834. Com efeito, pensamos que o facto de Frei José Mayne ter instituído a Academia das Ciências como administradora do fundo que destinou para a constituição de uma escola pública e para o aumento da livraria do convento, terá desempenhado um papel primordial na decisão da Rainha em aceitar a incorporação da Biblioteca do antigo Convento na Academia de Ciências. Nessa perspetiva, a influência das diligências levadas a cabo por José Mayne terá determinado, pelo menos em parte, o devir desta biblioteca, o seu percurso entre o Convento e a Academia.

Podemos dizer, tendo em conta que parte da coleção conventual se encontra disponibilizada nas instalações da Biblioteca da Academia das Ciências, que a pretensão de utilidade pública que Cenáculo e o Padre Mayne ambicionaram para a biblioteca do Convento, ainda hoje se cumpre, com a possibilidade, mediante o cumprimento dos regulamentos da instituição, de acesso público aos fundos desta Biblioteca.

5.3. A Real Biblioteca Pública

A decisão de abordar a temática da criação da Real Biblioteca Pública, atual Biblioteca Nacional, no contexto dos trabalhos que temos vindo a desenvolver, não tem a intenção de fazer uma História acerca deste estabelecimento, mas apenas contribuir para conhecer qual a importância e contributo dado por Frei Manuel do Cenáculo para o seu desenvolvimento. Pareceu-nos importante, antes de avançarmos, fazer este esclarecimento prévio, uma vez que consideramos que a temática da criação da Biblioteca Nacional¹ e seu desenvolvimento está longe de estar esgotada². Ainda que o objetivo fundamental não seja o de “historiar” a Biblioteca, acaba por ser inevitável fazer uma incursão na temática da génese e crescimento desta organização, sempre com o propósito de encontrar o contributo dado por Frei Manuel do Cenáculo.

Cumprir notar, tal como foi sublinhado por Manuela Domingos, que para fazer a História da Biblioteca Pública deveremos recorrer a diversos tipos de fontes, as quais deverão ser confrontadas, de modo a obtermos uma melhor visão da trajetória desta instituição. Paraphrasing a mesma autora, “pelo que sabemos das fontes trabalhadas, inventariadas, ou apenas indicadas, relativamente à Biblioteca Nacional, podemos afirmar “que um mundo ignoto” aguarda quem tiver a missão ou desejo de tentar historiar a vida desta Instituição bisseccular [...] Começando pelo levantamento e inventariação das grandes linhas e das pequenas realidades da vida da BN [...]”³. Saliente-se que há diversos contributos desta autora, dedicados a estudar a trajetória deste estabelecimento ao longo dos tempos. Entre esses, destacamos dois trabalhos pela forma como procuram apresentar, de uma forma condensada, as diversas fontes a que pode recorrer quem pretende trabalhar sobre a História da Biblioteca Nacional⁴. Através destes estudos é possível perceber, claramente, a pluralidade de

¹ Optaremos por uma questão de comodidade de redação do texto por chamar Biblioteca Nacional à instituição, ainda que a designação da Biblioteca tenha conhecido modificações ao longo dos tempos.

² Os contributos que daremos focalizam-se essencialmente na tentativa perceber a importância que Frei Manuel do Cenáculo teve para a génese deste projecto. Similarmente faremos a abordagem ao donativo que realizou a este estabelecimento. Note-se porém que o devir desta instituição abarca muito mais contributos, os quais, por razões que se prendem com a centralidade da actuação de Frei Manuel do Cenáculo no nosso trabalho, não traremos aqui.

³ Domingos, *Subsídios para...*, 13-20.

⁴ Cf. Domingos, *Subsídios para ...* e Domingos, *Materiais para a História...* Nestes trabalhos a autora faz um esforço de explicitar e disponibilizar diversas fontes e materiais existentes para construir um melhor conhecimento acerca deste estabelecimento.

documentação que subsiste e o enorme manancial a explorar em termos documentais, por quem se dedique a fazer uma História sobre a Biblioteca Nacional.

Como é sabido, Frei Manuel do Cenáculo teve um papel muito importante na criação desta e de outras Bibliotecas¹. Nesse sentido, propusemo-nos a conhecer um pouco melhor, recorrendo à análise de diversas fontes, aspetos desse contributo para esta Biblioteca. Analisamos donativos e missivas que trocou, procuramos descortinar diligências que empreendeu, de modo a entender melhor a forma como Cenáculo encarou o espaço Biblioteca e sua representação².

A Biblioteca enquanto instituição representativa e símbolo do saber moderno, que transformou livros e a própria livraria em objeto de culto, foi-se elaborando em função de uma lógica de pensamento, de determinada sensibilidade face às novas realidades culturais e ao reconhecimento da necessidade de eficiência do saber³. O mesmo terá sucedido com D. Frei Manuel do Cenáculo, os contributos que deu para a génese ou dotação de algumas bibliotecas, nomeadamente a Biblioteca Nacional, traduzem a sua própria sensibilidade face às realidades culturais e essa premência face à formação e ao saber⁴.

Ao analisarmos o papel de Frei Manuel do Cenáculo na génese desta Instituição e o donativo que fez em termos de fundos para a Biblioteca, pretendemos conhecer, um pouco melhor, os objetivos que nortearam o seu trabalho, o propósito que tinha subjacente quando efetuou estas diligências. Saliente-se que, quando apreciarmos o donativo que Frei Manuel do Cenáculo realizou a esta Biblioteca, apresentaremos alguns dados quantitativos sobre esta oferta, procurando encontrar elementos sobre as edições e quais as áreas “temáticas” privilegiadas nos livros que foram doados, seguindo a divisão temática já presente no próprio donativo. Estamos conscientes, tal como demos nota noutros momentos deste trabalho, que a escolha de determinadas edições e temáticas, para além de poderem refletir o gosto pessoal deste

¹ Cf. Vaz, «As bibliotecas e os livros...»,483-498. Cf. Calixto, Vaz,coord.,*Frei Manuel do Cenáculo...*

² Subscrevendo Maria Teresa Amado, a biblioteca, tal como a linguagem, não pode ser entendida com um veículo exclusivo de transmissão e armazenagem de memórias e informação. É também um meio e suporte material de criação de novas áreas de saber, sendo que também as condiciona. Cf. Amado, «Biblioteca e ordens ...»,23-43.

³ Amado, «Biblioteca e ordens ...»,23-43.

⁴ Cf. Eco, *A Biblioteca...*,15-23.

coleccionador, serão analogamente fruto da importância das relações culturais e sociais que este estabeleceu¹.

Cumprir notar que a cultura erudita, por várias razões, “foi-se alimentando da multiplicidade de relações políticas, eclesiásticas e económicas que algumas vezes a desvalorizaram e outras a estimularam”². Se admitirmos esse entrosamento entre os diferentes tipos de relações sociais, parece-nos legítimo pensar que, quando olhamos para o fenómeno da história do livro e da leitura em Portugal no século XVIII, teremos necessariamente de ter presentes as mudanças que se operaram no campo cultural. Novos usos e ações são conotadas com mutações provenientes de “um tipo de esclarecimento que as Luzes do século XVIII, de alguma forma fizeram aportar a Portugal”³. Como bem defendeu Nuno Gonçalves Monteiro, é possível perceber que, em meados do século XVIII, alguns atores políticos próximos da monarquia partilhavam, embora sem estarem concertados entre si, uma certa consciência de um desfasamento que achavam existir entre Portugal e o resto da Europa Ocidental⁴. As diligências em trono da fundação de bibliotecas públicas integram-se nessa perspetiva de tentar ultrapassar o atraso identificado, que seria vencido através de diversas reformas entendidas como necessárias.

Ao longo do século das Luzes disseminaram-se na sociedade europeia novos valores, embora a forma como estes se difundiram nas diferentes sociedades e regiões da Europa conheça matizes bastante diferenciadas, consoante a espaço em análise, parece ser relativamente consensual que coube ao livro um importante papel na divulgação de novos valores e saberes. Avaliar a forma com a palavra impressa afetou o comportamento da humanidade, não é uma tarefa simples, revelando-se um objetivo que implica incorporar diferentes áreas de pesquisa em História do livro, num

¹ Cf. Fernandes, «Uma Biblioteca Ibérica...»,123-142. Na mesma linha de pensamento parece seguir também Diogo Ramada Curto, colocando a ênfase nas consequências que essas relações suscitam em termos de pensamento defendido, considerando que muitas das sociabilidades intelectuais peninsulares terão permitido a criação de bases para uma reação crítica frente à atração exercida pela França na primeira metade do século XVIII. Curto, «A História do ...»,34-38.

² Fernandes, «Uma Biblioteca Ibérica...»,123-142.

³ Vicente, «Panfletos anti-napoleónicos...» 104-106.

⁴ Cf. Nuno Gonçalo Monteiro, «O tempo de Pombal», em *História de Portugal*, coord. Rui Ramos (Lisboa: Esfera dos Livros, 2009),257-373.

entrosamento que Robert Darton definiu como a “História social e cultural da comunicação por intermédio da imprensa”¹.

Como se sabe, o livro obtém um papel de divulgação do novo saber, de novas polémicas, constituindo-se como um esteio que permitiu ao espírito científico cimentar-se e avançar de paradigma em paradigma, na regeneração do conhecimento humano². Assim, vários são os colecionadores que ao longo do século XII e XVIII tomam consciência da importância do papel do livro. Monarcas, homens de ciência, cultores de livros, magistrados, prelados, entre muitos outros, que por razões diversas, atuam no sentido de enriquecer bibliotecas³. São estes homens que, ainda no decurso do século XVII, enriquecem os fundos das primeiras bibliotecas nacionais em Itália, Inglaterra e França, fazem-no enquanto mecenas que procuram prestar um serviço à comunidade. É nesta centúria que surge nestes países a conceção da Biblioteca Pública moderna, aberta gratuitamente, a horas regulares, para o bem público, que são obras promovidas, não por instituições públicas, mas sim por patronos particulares, grandes bibliófilos que quiseram engrandecer o seu nome⁴. Exemplos desses protetores de Bibliotecas são Thomas Bodley, em *Oxford*; ou o Cardeal Mazarino, fundador da *Mazarina* de Paris e ainda o Cardeal Frederico Borromini fundador da *Ambrosiana* de Milão⁵. Cumpre salientar, na mesma linha, o papel que Cenáculo ao convencer Diogo Barbosa Machado a doar a sua livraria ao D. José I, para suprir a destruição da livraria privada do Rei no terramoto. A livraria Real foi para o Rio de Janeiro, em 1807 e constituiria o fundo primitivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro⁶.

Em Portugal parece-nos possível enquadrar o donativo à Real Biblioteca Pública, feito por D. Frei Manuel do Cenáculo em final do século XVIII, neste tipo de ação de um bibliófilo que, além do engrandecimento do seu nome, procura também ser útil à sua comunidade doando ao novo estabelecimento, criado por Alvará da Rainha, uma coleção de livros que os testemunhos da época classificam como extremamente valiosa.

¹ Robert Darnton, *Gens de Lettres, Gens du Livre* (Paris : Editions Odile Jacob, 1992), 189-191.

² Cardoso, *Ler na Livraria...*,17-23.

³ Cardoso, *Ler na Livraria...*,19.

⁴ Oliveira, *A paixão da História...*,11.

⁵ Francisco Aguilar Piñal, *La Biblioteca de Jovelano 1778* (Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ Instituto Miguel Cervantes, 1984),10-12.

⁶ Vaz, «A ideia de Biblioteca Pública...»,169-184.

Se é verdade que o pensamento e a sua expressão escrita encontram nos livros um inestimável veículo de comunicação e transmissão de cultura e mudança de mentalidades¹, uma biblioteca é também, como foi dito por Domingos de Pinho Brandão², um elemento importantíssimo para conhecimento do movimento intelectual da época, pela tradição que representa, pelas correntes de pensamento que manifesta, pelo paixão e cultura que supõe nas pessoas ou instituições que a formam, conservam ou aumentam.

5.3.1. A génese da Biblioteca Publica

Conceção e desenvolvimento do projeto até 1777

Parafraseando Raúl Proença, o primeiro ato fundador da futura Biblioteca Nacional é aquele que cria por carta de Lei de cinco de Abril de 1768, a Real Mesa Censória³. Esta declaração poderá parecer algo surpreendente, sobretudo se considerarmos o hiato de quase três décadas que separa a ereção deste tribunal do Estado e a abertura da Real Biblioteca Pública, não será todavia arrebatada. Com efeito, é também das ações decorrentes da gestão deste tribunal que reúne as atribuições de exame e censura de livros que antes se encontravam dispersas, que encontramos o despontar de movimentos que haveriam de proporcionar o aparecimento posterior de uma Biblioteca. Frei Manuel do Cenáculo, que desempenhou cargos de relevo neste órgão desempenharia, por essa via, um importante papel na fundação deste organismo público.

O bispo de Beja foi, como se sabe, um prestigiado colaborador e executante da obra pombalina nos campos do ensino e da cultura. O epistolário cenaculano alude, por diversas vezes, a essa atividade exercida pelo prelado. Ilustra-o exemplarmente um testemunho “indireto”⁴, presente numa carta enviada por Frei Rafael Rodriguez Mohedano a Fernando Velasco. Nesta missiva, datada de 13 de Julho de 1773 e escrita durante uma visita a Lisboa, Frei Rafael faz um relato acerca do que viu e de quem o

¹ Martinez Martin, *Lectura y lectores...*, 4-6.

² Cf. Oliveira, *A paixão da História...*,10.

³ Raúl Proença, «Antecedentes e origens da Biblioteca Nacional de Lisboa», *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, s.2,7, (11), (1922), 154.

⁴ Chamamos-lhe testemunho indirecto na medida em que se trata de correspondência trocada por outros dois “actores” que não Cenáculo, em que se classifica a sua ação.

recebeu em Portugal. Sobre Cenáculo, que não o recebeu imediatamente por se encontrar ao serviço na Mesa Censória, testemunha:

“Sabe V. S. las grandes prendas que adornan à este Sr. tiene primera estimación del Rey, que le ha confiado la instrucción del Príncipe Heredero; la confianza del Ministro y el amor de todo el Pueblo. Influye en todas las determinaciones Literarias y políticas. Ahora se le debe la invención de un arbitrio para fondos de dotación de cátedras de Latinidad, Rethorica, lengua Griega y Filosofia en todas las ciudades del Reyno e Ultramarinas.”¹

Note-se o reconhecimento da grande influência do prelado Pacense nas políticas culturais que se empreendem no nosso país. A mesma epístola testemunha, analogamente, a reconstrução de Lisboa, assim como algumas medidas que se estão a empreender. Nada melhor do que atentarmos nas próprias palavras de Frei Rafael Rodriguez Mohedano:

“Esa ciudad de Lisboa se va reedificando con mejores edificios y en mejor situación que antes. Las calles nuevas son hermosas. Se promueven mucho las fábricas, hay una de vestidos de seda, otra de losa fina, una de todo género de armas y fundición de cañones; también arsenal para la fábrica de navíos. Todas estas en Lisboa y otras por todo el Reyno como la de Christales cerca de Leyria, la qual he visto. Todas estas son ó nuevamente establecidas ó fomentadas y adelantadas por la actividad e inteligencia del marqués de Pombal. **Ahora de se va a construir un soberbio edificio para Bibliotheca Real y Museo.** ² En todo el Reyno domina ya un mismo espíritu en fruto de Letras. Por la vigilancia de la Mesa censoria abundan los buenos libros; se escasean y desacreditan los malos: por el examen que hace a las theses [...] no resuenan ya questiones escolásticas. Se honra a los sabios [...] dentro de poco tiempo se verá florecer aquí la buena literatura en todos los ramos [...]”³

Este retrato seria reforçado em nova missiva ao mesmo interlocutor, datada de 3 de Novembro de 1773, quando Frei Rafael exprime a consideração que, em Lisboa, a Reforma das Letras se fazia com passos acelerados e sólidos, devido a homens como Frei Manuel do Cenáculo e o Marquês⁴. Além da relevância atribuída ao bispo de Beja

¹ B.N.M. - Ms. 2227, fl.67-72

² Sublinhado nosso.

³ B.N.M. - Ms. 2227, fl.67-72

⁴ B.N.M. - Ms. 2227, fl.73-74.

em termos de mudanças culturais, sobressaem também, destas epístolas, as referências a um projeto para criar um edifício para uma Biblioteca Real e Museu.

Note-se que, tal como foi sublinhado por Manuela Domingos, em meados de Setecentos a Biblioteca Real, instalada no Palácio da Ribeira, não tinha capacidade para albergar as diversas remessas de livros que a ela chegavam, tendo o Rei D. João V encarregado um grupo de personalidades da Real Academia de História de elaborar os catálogos desta biblioteca, organizando-os por matérias, segundo as suas especialidades, trabalho que entretanto se perdeu¹. Com o terramoto e prejuízos inerentes, surgiu um esforço de recuperação de Lisboa, encetado e incarnado em figuras como Sebastião José de Carvalho e Melo, que haveria de conduzir a transformações económicas, sociais e culturais. Estas mudanças refletir-se-iam quer nos edifícios, quer nas instituições sociais e culturais, como a Universidade e Bibliotecas. Entre essas destacamos a Biblioteca Real, a qual foi pensada com objetivos, planos e meios bem definidos, numa lógica de reconstrução da cidade após a catástrofe. Não espanta então que já em 1773, em relatos de visitantes estrangeiros, se faça menção a este desejo de criar um novo edifício capaz de albergar essa Biblioteca.

Frei Manuel do Cenáculo, enquanto Deputado e depois Presidente da Mesa Censória, assume um lugar de destaque nas mudanças que se vão empreendendo. Com se sabe, a Mesa assume as competências de exame de livros, verificando-se que, a partir de 1772, passa também a coordenar as reformas dos Estudos Secundários e do Colégio dos Nobres, “ chamando a si a missão civilizadora de instituir uma Biblioteca Pública à altura das maiores da Europa que, sem exceção, abrisse as suas portas para instrução dos curiosos e dos mais eruditos” e servisse também de apoio ao trabalho dos censores². Foi Cenáculo quem imaginou e logrou conseguir meios para estas tarefas. Para o conseguir cria um novo imposto “subsídio literário” que, taxando as bebidas alcoólicas, procura conquistar recursos para financiar as Escolas Menores que se pretendem erigir no país³. Com esta iniciativa do “subsídio literário” Cenáculo pretende ir mais longe, almejando outras aplicações para os excedentes do imposto:

¹ Domingos, «A Primeira Biblioteca Pública...», 59-60.

² Domingos, «Para a História...», 137-138.

³ A administração destes valores esteve até 1788 entregue a uma “Junta do Subsídio Literário” que funcionou em paralelo com o erário público. Cf. Domingos, «Para a História...», 137-138.

“Do que restar do pagamento dos ordenados, se devem fazer as dignas applicações que a Meza poem na Real Prezença de V. Mage.; e que farão huma virtuozza, e necessária emulação a todas as Corporações Litterarias do Estado; sendo esta virtude a que sustenta o vigor da Literatura, e tanto mais quanto mais combinada for em multiplicados exercícios, profissões e corporações. Primeira applicação: a compra sucessiva, e inextinguível de livros para a Bibliotheca Publica dirigida pela Meza. De sorte que a riqueza do Erário de V. Mag.; nesta repartição chegue a formar não somente huma das primeiras Bibliothecas da Europa, mas também seja decorada de preciosos Manuscritos, e dos Livros mais raros e escolhidos. Segunda applicação: a composição de hum Muzeu de Raridades, para o que dão hoje exemplos, e estímulos de sciencia e de paixão as Nações cultas, mas que brevemente hajão de receber os mesmos, e mais significantes exemplos desta Capital”¹

Sobressai a vontade de formar uma Biblioteca e Museu que sejam exemplares, tanto pelas peças e volumes de raridade e valor que albergarem, como por se constituírem como meios de divulgação da paixão pelo saber, concorrendo assim para engrandecer o nome de Portugal na Europa. Cenáculo imagina assim a “biblioteca ideal”, cogitando os meios financeiros para conseguir os seus intentos. Concebe uma biblioteca que quer que seja mais que um mero depósito de livros, nomeadamente os resultantes da recolha das livrarias dos jesuítas após a sua expulsão. Pretende dotar essa biblioteca de livros proporcionados, através da “compra sucessiva, e inextinguível de livros”, que a tornarão exemplar na Europa.

A propósito desta pretensão de dotação de fundos encontramos dois testemunhos, contendo obras com as quais se pretendia prover a Biblioteca da Mesa Censória, documentos de que iremos dar nota seguidamente.

O primeiro é um índice com as obras principais que tratam da História Literária, feito por ordem do Marquês de Pombal, datado de Julho de 1768, intitulado no original “ *Indice das Obras principaes que tratão da História Letteraria isto he das Bibliothecas, Jornaes, Collecções, e outros livros em que se da noticia do autores, e das suas obras desde o século XV, até agora feito de ordem do Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Conde de Oeyras Ministro e Secretario de Estado del Rey N.S.*

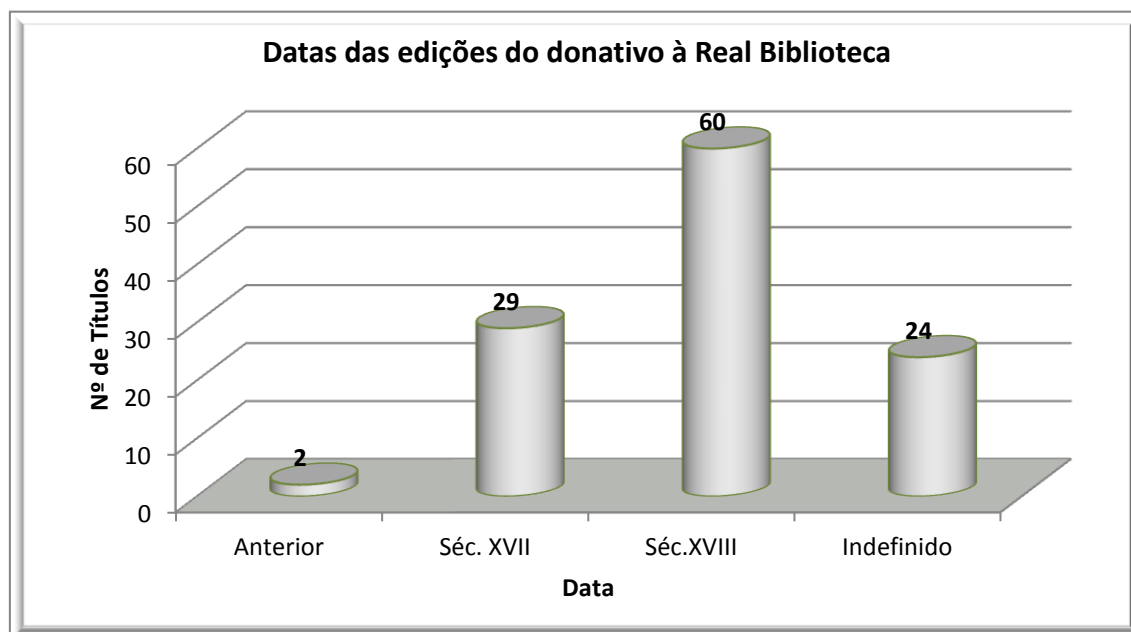
¹ A.N.T.T. - Ministério do Reino, L. 362, f. 113v. -114, *apud* Domingos, «A caminho da Real...»,139-141.

*para se formar com Ellas huma Bibliotheca para uso da Real meza Censória*¹. É constituído por obras que, tal como se depreende pelo título ostentado pelo documento, iriam ser integradas na Biblioteca da Mesa Censória. Em termos de quantidades, o índice é composto por 115 títulos de livros, num total de 1803 volumes. Não é possível saber, a partir dos documentos a que tivemos acesso sobre este assunto, a quantia que teria de ser despendida na sua aquisição, nem temos a garantia que a compra se efetuou realmente.

Mesmo admitindo que a compra não se chegou a efetivar, parece-nos que a análise desta relação de livros servirá para perceber com que tipo de obras se pretendeu dotar a biblioteca naquele momento, ainda que esta seja apenas uma fonte muito parcelar, que está longe de nos fornecer uma visão total desta realidade. Concentrando a nossa atenção na análise deste rol, constata-se que, quando olhamos para as datas de edição, há uma predominância de obras recentes.

A divisão das edições por datas pode constatar-se no gráfico seguinte:

Gráfico 31



Fonte: B.P.E. Códice CXXVIII/2-17, nº1

A análise do gráfico permite inferir que há um claro predomínio de obras modernas, ou seja obras daquele século, seguidas pelas obras do século XVII, as quais surgem em menor número. A presença de obras “mais antigas” é pouco significativa.

¹ B.P.E. - Códice CXXVIII 2-17, nº1.

Cumpramos reconhecer que há também algumas obras para as quais não encontramos qualquer referência à data de edição e que incluímos no conjunto “indefinido”.

No que concerne às temáticas das obras trata-se de um conjunto de livros que o próprio autor do índice designa por obras de História Literária, por esse motivo esta é uma fonte que apenas nos permite conhecer de forma muito limitada e parcelar algumas obras com as quais se pretendia formar a nova Biblioteca.

O outro documento é um rol de livros, datado de Dezembro de 1773, com o título “*Rol dos Livros que se remetteram à Biblioteca da real Meza Censória da Ordem do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Marquez de Pombal, com aprovação do Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Bispo de Beja, Presidente*”¹. O próprio autor do documento identifica este rol como sendo a continuação das obras periódicas, o que nos faz admitir a hipótese de se tratar da continuidade de outras encomendas. Constitui-se por um conjunto de cento e vinte e quatro títulos, com respetivos preços, perfazendo um custo total de 1:299\$000 réis, de acordo com a soma presente na fonte. É possível saber os custos de cada uma das publicações, destacamos, em termos de onerosidade da aquisição, a compra de uma Bíblia Poliglota - “*Biblia Polyglotta Parisiensis edita a le Jay. 10.10 fol, Paris 1645*”², que custou 56 mil réis; a obra “*Sammarthani Gallia Christiana. 12. Vol.. fol. Paris*”³, com um custo de 50 mil; um “*Recueil de Voyages. 12º 76 vol. Av. fig.*”, por 36 mil réis; a edição “*Meursii Joan/ Opera omnia. Fol. 12. Florentiae 1741*”⁴, por 72 mil réis; a obra “*Museum Floretinum exhib. Gemmas, Statuas, et antiqua numismata cum Notis Gorii. 6 vol. Fol. Max. Cum fig.*”, que em conjunto com “*Ritratti de Pittori della Galleria Medici, 4 vol*” representam um custo de 120 mil réis; a obra “*Piranesi/ Gio: Bttã./ Raccolta di tutte sue Opere di antichità, e di architettura in 12. 10 fol. Ch. Max. em*

¹ B.P.E. - Códice CXXXVIII/2-17, nº 2

² Edição publicada por *Guy Michel le Jay* - a grande Bíblia Poliglota Parisiense, em 7 línguas - Hebraica; Samaritana; Caldaica; Grega, Siríaca, Latina e Árabe que conteria a primeira edição do Pentateuco Samaritano pelo oratoniano *Jean Morin*. Cf. *William Johnstone, The Bible and the Enlightenment. A case study: Alexander Geddes 1737-1802* (Londres: T & T Clark International, 2004), 82.

³ A “*Gallia Christiana*” é um catálogo documentado com notícias sobre todas as dioceses e abadias de França, desde tempos antigos. A edição seria da responsabilidade dos irmãos de *Sainte-Marthe*, cujos trabalhos conheceram diversas edições e ampliações. Informação recolhida na «*The original Catholic Encyclopedia*», http://oce.catholic.com/index.php?title=Gallia_Christiana, 19 de Maio de 2010.

⁴ Obra de Jan de Meurs - “*Opera Omnia in plures tomos distributa quorum quaedam in hac editione primum parent Ioannes Lamius Historiae Ecclesiasticae in Atheneo Florentino Professor recensebat, et scholiis illustrabat.*”, de 12 volumes (11 vol. e index). «*Via Libri*» http://www.vialibri.net/item_pg/1242852-1741-meursius-joannes-meurs-jan-opera-omnia-plures-tomos-distributa-quorum.htm, 12 de Setembro de 2010.

Cartone” com um custo de 144 mil réis e ainda a obra “ *Martiniere Dictionaire Universel Geographique. Fol. Amit. 10 vol*”¹, com um custo de 32 mil réis, entre várias outras.

Se apreciarmos as obras que compõe este rol, nomeadamente os exemplos das mais onerosas que aqui apresentamos, parece evidenciar-se uma multiplicidade de áreas de interesse estando presentes obras de um cariz religioso como a Bíblia, mas também obras sobre Arte, Geografia, entre outras. A estas juntam-se vários títulos de periódicos das mais distintas áreas - Jornais de Medicina, Económicos, Enciclopédicos, Literários, Anais, Efemérides, entre vários exemplos. Parece confirmar-se assim uma procura de exemplares bem escolhidos e de valor, os quais se adquirem com esforço financeiro, se considerarmos os valores apresentados para alguns deles. Nessa perspetiva, admitimos que a Biblioteca idealizada por Cenáculo, aquando da especificação das aplicações do Subsídio Literário encontrou, pelo menos parcialmente, expressão real e efetiva em ações de dotação de fundos. As obras valiosas, os periódicos “multidisciplinares”, a diversidade de áreas e interesses faz-nos acolher a ideia que se procurou dotar uma Biblioteca que fosse capaz de “abrir as suas portas para instrução dos curiosos e dos mais eruditos” e que, em simultâneo, servisse de apoio ao trabalho dos censores, os quais teriam acesso a informação atualizada sobre obras e polémicas que iam surgindo, através dos jornais e obras a que teriam acesso nesta biblioteca.

As diligências em busca de livros para compor a Biblioteca da Mesa Censória são também testemunhadas nas cartas enviadas e recebidas por Frei Manuel do Cenáculo. Assim, numa carta datada de 8 de Julho de 1771², enviada pelo Marquês de Pombal, encontramos a comunicação pela qual se participa que, por ordem de sua Majestade, fora determinado que todos os livros de Teologia e Escritura, que se achavam na Livraria do Colégio dos Nobres, fossem transferidos para a Biblioteca da Real Mesa Censória. Anexo a esta carta encontra-se o aviso de execução da ordem de entrega a

¹ Admitimos tratar-se de: *Le Dictionnaire géographique historique et critique* de Antoine-Augustin Bruzen de La Martinière (la Haye et Amsterdam, 1726, 10 vol. in-fol.). O nono volume desta obra pode ser consultado em: <http://books.google.pt/books>, 12 de Setembro de 2010.

² B.P.E. - Códice CXVII/ 2-11, f.96

Caetano Pecci¹, mandando que este entregasse aos Bispo de Beja todos os livros de Teologia e Escritura. Noutra carta do mesmo Marquês de Pombal² encontramos mais um aviso, desta feita informando que todos os livros que viessem da Casa da Índia deveriam ser entregues aos contínuos da Real Mesa Censória. Não conseguimos perceber claramente através deste aviso qual a intenção desta recolha, mas admitimos a hipótese de se tratar de livros que poderiam vir a engrossar os fundos da Biblioteca da Instituição.

Julgamos que é possível inferir, através da diversa documentação que temos vindo a apresentar, que se trabalhava afincadamente da criação e composição de uma Biblioteca da Mesa Censória que correspondesse às expectativas e exigências do tempo. Procuram-se os meios financeiros, a dotação de fundos, sendo que os diferentes testemunhos parecem confirmar o papel central desempenhado por Frei Manuel Cenáculo na consecução deste desígnio. Em 4 de Julho de 1773 o Bispo de Beja envia o seu projeto da Biblioteca a Raynaldo Manuel, para que fosse feita a planta do edifício. Nesse programa reflete-se claramente qual a Biblioteca ideal que Cenáculo procura realizar, e para a qual foram empreendidas várias diligências³. O plano expõe, de forma detalhada, quais os gabinetes que deveriam formar esta biblioteca e o que neles deve existir ao pormenor, conforme se pode constatar na seguinte transcrição parcial:

[...] Alguns gabinetes para nelles poderem trabalhar não só os Ministros da Real Meza Censória, mas taobem os outros Ministros [...]Os particulares devem estudar na Caza Publica debaixo dos olhos dos Bibliothecarios, e dos guardas. Hade haver [...] gabinetes: para os Amamcenses, e copistas, occupados em transcrever copias de M.S.; que vierem emprestados [...] e as que se pedirem dos nossos Exemplares: para escreverem aos Correspondentes, [...] ; como tãobem pra o Serviço da Bibliotheca, na formação dos catálogos, róis de Contas, e mais [...] Huma caza, onde o Bibliothecario Maior tenha o seo bofete [...]Huma Caza

¹ Caetano Pecci foi Reitor do Colégio dos Nobres de acordo com informações recolhidas em: Rómulo de Carvalho, «O recurso a pessoal estrangeiro no tempo de Pombal», *Revista de História das Ideias*, 4, t.I. (1982):114-115.

² B.P.E. - Códice CXVII/ 2-11, f.97

³ “Faz-se indispensavel para a Bibliotheca huma caza vasta, bem proporcionada, magestoza, capaz de muitos mil volumes, sendo regulada pelas Bibliothecas Publicas da Europa, em algumas das quaes há cem, duzentos, trezentos mil, e mais volumes, e Caza, que seja disposta para huma aquisição, que ainda sendo ora frequente, ora Lenta, comtudo hade ser perpetua, e ilimitada. No mesmo pavimento da Bibliotheca devem haver Seguintes cazas: [...]” Cf. B.P.E. - Códice CXXVIII/ 2-5, f.322-323, publicado em Vaz, coord, *Os livros e as bibliotecas...*,296.

[...]para [...] preparar a arrumação próxima dos livros que hãode passar para as estantes[...] Huma Caza digna, onde esteja variedade de Globos, Mappas, Cartas Geográficas, Roteiros, e Curiozidades relativas á geografia[...]Outras duas cazas para Monetário, Dissenhos, Estampas de diversos assumptos: e Pinturas, principalmente de sugeitos Mestres, o que he ornato essencial de huma Bibliotheca [...] Será prudente cautela fazer mais duas, ou quatro Cazas, a que o tempo dará destinação, e para que nellas se acomodem os Livros particulares, e m.s.; e os outros ornamentos da Bibliotheca, que forem accrescendo, depois de estarem cheias as outras Cazas, e Museos.[...]

Tornam-se claros os planos que o prelado tem para uma grandiosa Biblioteca, com todas as comodidades e capacidades para servir utilizadores com distintas necessidades. Pensa um projeto magnífico, onde inclui casa e gabinetes para a concretização de serviços muito distintos, abarcando até a cópia de manuscritos que viessem emprestados e de exemplares da Biblioteca que fossem pedidos por outras instituições. O objetivo declarado é o de albergar coleções distintas, não só os livros, como também o monetário, os produtos naturais, as estampas, os desenhos, entre muitas outras¹.

A análise deste projeto mostra que Cenáculo idealiza uma Biblioteca com um fundo atual, que tenha as condições necessárias para recolher “livros ineptos” que passariam para outras casas, na inteligência que tudo quanto fosse publicado deveria constar de uma Biblioteca². Isso não obstava a que se fizessem trocas ou vendas de livros, sobre isso encontramos outro testemunho, num diário da Mesa Censória, onde Cenáculo relata que no dia 21 de Dezembro falara com o Marquês, propondo-lhe que seria bom que a Instituição vendesse os livros dobrados que para lá tinham ido do colégio dos Jesuítas³, sugerindo que com a receita daí proveniente se pudessem comprar outros que a Mesa não tinha⁴.

Frei Manuel do Cenáculo almeja criar uma instituição onde há uma preocupação de compra constante de livros, os quais devem ser procurados de forma perpétua,

¹Cenáculo é o modelo do anticómano erudito, Cf. Brigola, «Coleccionismo e Anticomania ...», 249-263.

² B.P.E. - Códice CXXVIII/ 2-5, f.322-323. Cf. Vaz, coord, *Os livros e as bibliotecas...*,296.

³ A decisão de recolher na Mesa livros dos colégios dos Jesuítas regista-se em Junho de 1773, Cf. Domingos, «Para a História...»,140. Há alguma documentação na B.P.E. concernente a encargos com a transferência dos livros dos jesuítas a partir do Colégio do Espírito Santo. A este propósito veja-se Fundo do Colégio do Espírito Santo – Livro 3, 4 e 5.

⁴ B.P.E. - códice CXXVIII/ 1-16., f. 2G.

ainda que admita que essa compra conheça períodos de maior ou menor intensidade¹. A Biblioteca deverá ser capaz de corresponder a todas as necessidades de utilização do seu tempo, mas o projeto que o prelado idealiza quer precaver até utilizações futuras, daí a precisão de incluir no projeto a construção de mais duas ou quatro casas, que possam vir a ser utilizadas no futuro.

Não só de recursos financeiros e materiais se cuidou, também os recursos humanos foram alvos de diligências ao longo do tempo. De acordo com o apurado por Manuela Domingos², um dos deputados da Mesa Censória terá tido a função de Bibliotecário-mor, sendo que a primeira nomeação para a Biblioteca surge por Decreto de 2 de Janeiro de 1773, e consta do seguinte: “Attendendo à boa informação que tive das letras e aplicação de Thomaz Jozé de Aquino: Hei por bem nomeallo Sub-Bibliotecario da Livraria da Real Meza Censoria”³. Depois do sub-bibliotecário são nomeados para a sua guarda e limpeza um Fiel e um Moço⁴, os quais constituiriam o pessoal completo da Biblioteca até à extinção da Mesa. Note-se que em 1775, Nicolau Pagliarini apresenta um requerimento pelo qual pretende obter o cargo de Inspetor da Biblioteca, depois da morte do Beneficiado Caetano José que gozava do emprego. Pretendia acumular esta posição com a de Bibliotecário do Paço⁵, mas não encontramos qualquer testemunho que indique que esta sua pretensão foi atendida.

Mesmo que a evolução futura do projeto não corresponda na totalidade aos magníficos planos de Cenáculo há, nos documentos que temos vindo a expor ao longo do nosso trabalho, vários indícios que demonstram que esta é uma Biblioteca para a qual o Bispo de Beja trabalhou afincadamente, na qual procurou por em prática muitos dos seus desígnios, agindo para suprir de forma efetiva necessidades de dotação em termos de recursos e fundos necessários. Volvidos dois anos da apresentação do projeto atrás mencionado, pensado grandiosamente por Cenáculo, encontram-se referências à Biblioteca desta Instituição, num decreto do Rei D. José I bastante elogioso para com a atuação da Mesa Censória⁶. Nesse reconhece-se a necessidade de aumentar a Biblioteca, que contaria com mais de sessenta mil

¹ Sobre algumas das compras realizadas veja-se o que escreveu Domingos, «Para a História...», 142-144.

² Domingos, «Para a História...», 143.

³ A.N.T.T.- Ministério do reino, L. 362, f. 362, *apud* Domingos, «Para a História...», 143.

⁴ A.N.T.T. - Ministério do reino, L. 362, f. 123, *apud* Domingos, «Para a História...», 143.

⁵ B.P.E. - Códice CXXVIII /2-16, f. 41.

⁶ Decreto do rei D. José de 2 de Outubro de 1775.

volumes, cumprindo o desígnio de a tornar pública em benefício de todos os que nela se quisessem instruir¹. Aprova-se também a sugestão de financiar a aquisição de obras através do Subsídio Literário, tal com havia sido aconselhado por Cenáculo e a concessão de um novo espaço físico para toda a Instituição. Nada melhor que atentarmos no próprio documento:

“ Havendo mostrado a experiência a utilidade que se tem seguido [...] do estabelecimento da real Meza Censoria, nos úteis progressos, com que tem adiantado os encargos da sua Instituição [...] aumentando a sua Bibliotheca a numero de sessenta mil volumes, com que se acha; pertendendo acrescentala ao ponto de se fazer publica [...] E por que o referido Tribunal se acha muito necessitado das acomodações necessárias para todo o seu expediente [...] e principalmente as grandez cazas são precisas para acomodação da referida Bebliotheca Publica [...] Hey por bem, e me praz fazer-lhe mercê da posse, e uso de toda a parte que lhe for necessária para a sua accomodação no grande edificio do lado occidental da Real Praça do Commercio, assim do que já se acha occupado, como do que ainda está por acabar, a qual parte lhe será destinada pelo Mappa, que se mandará tirar pelo Architecto Geral das Obras Publicas com todas as referidas acomodaçoens.[...]”².

Decide-se então a concessão de um novo espaço à Mesa Censória, dando-se instruções precisas a esse respeito ao Arquitecto Geral das Obras Públicas. Estabelece-se um plano minucioso para a continuação da obra do edificio do lado occidental da Real Praça do Comércio, assim como os meios de dotação financeira do projeto. Não conseguimos alcançar fontes que nos forneçam indicações muito pormenorizadas acerca do andamento da obra, mas algumas das que pudemos consultar atestam que a obra estava a decorrer. Constitui-se como um bom exemplo disso uma folha de ordenados da Mesa Censória³ onde, entre os encargos com o diverso pessoal necessário para o funcionamento da Mesa, se indica a quantia despendida para pagamento ao “Mestre das Obras”, que teria auferido de um pagamento de seiscentos mil réis.

Também Manuela Domingos dá nota da dificuldade em saber, com exatidão, quando se processou a mudança para o edificio definitivo e se de facto as sucessivas instalações provisórias foram abandonadas. Analisando os balanços da receita e

¹ Domingos, «A Primeira Biblioteca...»,66-67.

² A.N.T.T. - Ministério do Reino, Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros, L. 362, f. 181-184. Cf. Domingos, «A caminho da Real Biblioteca...»,153-156.

³ B.P.E. - Códice CXVIII/2-20, nº49.

despesa da Junta do Subsídio Literário, a autora concluiu que existiu um cumprimento das instruções dadas pelo Marquês de Pombal no que respeita à forma de pagamento das despesas da obra nas diferentes rubricas, sendo que a obra é dada por concluída em Novembro de 1784, ficando orçada num total de 33.560\$247 réis¹.

Note-se porém que, em 1777, após a morte do Rei D. José e consequente afastamento de Pombal, o prelado se recolheu à sua diocese, onde inicia uma forte ação pastoral, pondo em curso iniciativas no campo do ensino, empenhando-se em criar, também em Beja, uma Biblioteca e Museu dignos. A análise da diversa documentação do espólio de Frei Manuel do Cenáculo, que encontramos na Biblioteca Pública de Évora, nomeadamente memórias e correspondência trocada com diversas personalidades dos mais diferentes quadrantes, parecem evidenciar que Cenáculo esteve longe de considerar este afastamento para a sua diocese como um exílio forçado, ou um obstáculo ao desenvolvimento das suas ideias no campo do ensino e contribuição para a criação do saber. Há no entanto, em cartas de alguns correspondentes, menções a eventuais problemas ou rumores surgidos após o seu afastamento.

Nesta altura verifica-se uma recomposição das elites e uma reorganização em relação aos cargos de relevo e proximidade à Coroa, sendo que a roda de interdependências do prelado se manifesta pesarosa com as mudanças. É disso exemplo Joaquim José da Costa e Sá, que numa missiva dirigida ao bispo em 30 de Janeiro de 1778², se queixa que os “os tempos estão tristes e escabrosos”. Outra carta, desta feita de autoria de Manuel Joaquim da Silva, *Arcebispo de Adrianopoli*, datada de 18 de Novembro de 1777³, sugere também o despontar de algumas “intrigas de corte”, que parecem confirmar que estão a decorrer as manobras de reposicionamento de elites e grupos de influência. Nesta carta começa por declarar o seu contentamento por, de acordo com o que pudera ler na última carta de Frei Manuel do Cenáculo, este lhe manifestar que vivia com superioridade sobre todas as revoluções mundanas. Afirma também que considerava que “depois dos que deviam beijar a terra que Cenáculo pisasse” praticarem tais incivildades, não se admirava que estranhos

¹ Domingos, «Para a História...»,150.

² B.P.E.- Códice CXXVIII/ 1-1, f. 58-59.

³ B.P.E.- Códice CXXVIII/2-5, nº22.

obrassem da maneira que Cenáculo lhe significara, nem dos Capuchos poderia esperar outra coisa. Assevera também já ter falado com o Núncio acerca das “desfeitas com que pretendiam inquietar Cenáculo” e que este as abominava. Também na mesma linha surgem as numerosas mensagens dirigidas ao prelado por Alexandre Ferreira de Faria Manuel que, caído em desgraça após o afastamento do Bispo, enfrenta uma acusação de desvio de livros da Mesa Censória, que acabará por resultar em prisão.

Focalizando-nos nessas missivas, verifica-se que o Secretário da Mesa conta, pormenorizadamente, aquilo que classifica como “manobras” para criar descrédito em relação a si próprio e ao Bispo Cenáculo. Numa dessas cartas, datada de 8 de Julho de 1777, ainda antes dos acontecimentos que irão conduzi-lo à prisão, descreve pormenorizadamente algumas questões que surgem em Lisboa, declarando que se fala na extinção da Mesa e que teria aparecido na corte um papel com o nome e caracterização individual de todos os Deputados. Afiança também que o Conde de Atalaia, filho do marquês de Marialva, lhe dissera que “não há-de entrar no Paço homem mais honrado que o Bispo de Beja”¹. Mais tarde, já depois de preso e acusado de desvio de livros escreve ao prelado, rogando-lhe auxílio para a sua triste situação e relatando os interrogatórios a que fora sujeito, mas nada melhor do que atentar na própria missiva²:

“ [...] Fui remetido ao Limoeiro [...] e foi o Juiz de Crime do Limoeiro, fazer-me perguntas [...] Porque se me queriam prender? Respondi que achandosse prezos trez homens, e sendo voz geral que era por me comprarem livros da Meza, este era o motivo que davam também para a minha prizão. E v.me vendeo com efeito alguns livros da Meza? [...].Inquiriu com que ordem vendia eu os taes livros: respondi; que eu não tivera nenhuma ordem expressa para a dita venda; mas que havendo na Meza hum Avizo para elles se venderem, e estando eu encarregado de os apartar procedi á Sua venda sempre com animo de os pagar à Meza, mas que passados tempos era constante que eu os vendia, pois eu sempre desde o principio o dissera a todos; [...] Se sabia eu que V. Excia tivesse levado Livros da Meza? Respondi que sim, e muitos que eu mesmo os mandava a V^a Ex.cia e que também o Bibliothecario fazia o mesmo; porem que V.^a Ex.cia quando fora para Beja os mandou restituir à Meza em trez Carradas e alguns Mariolas carregados delles.[...]”

¹ B.P.E. - Códice CXXVIII/1-10,nº38.

² B.P.E. - Códice CXXVIII 1-10, nº69.

A carta, aqui parcialmente transcrita¹, torna evidente a desgraça em que caiu este correspondente do Bispo de Beja e parece indicar que há manobras que procuram também descredibilizar e inculpar o prelado nesta acusação. Não conhecemos, não obstante os esforços realizados tendo em vista esclarecer esta questão, o desenrolar deste processo por outras fontes que não os testemunhos pessoais do exprobrado através das cartas que escreveu ao Bispo. Tendo isso em consideração, não podemos asseverar se este é um testemunho totalmente fiel aos factos, ou se tudo que é relatado não foi de certa forma “empolado” pelo desespero face à acusação. Com efeito, pode simplesmente tratar-se de uma tentativa de envolver o prelado de forma mais inflamada na sua defesa, indiciando que se trata de uma “cabala” com a qual se procura atingir também Frei Manuel Cenáculo.

Não há, em outros documentos para além destas cartas², indícios que nos levem a crer que o prelado de Beja alguma vez tenha enfrentado oficialmente uma acusação de desvio de livros, ou mesmo que essa questão tenha surgido. Alexandre Ferreira por sua vez acabou preso, tendo ainda escrito sucessivas cartas a Frei Manuel do Cenáculo implorando-lhe por auxílio, para si e para a sua família. Embora não possamos avançar mais neste assunto, por falta de maior documentação de suporte, parece-nos evidente que após o afastamento de Cenáculo para Beja, muitas movimentações existiram na Corte tendo em vista a recomposição de lugares de destaque. Não nos parece despiciendo considerar que nesta “dança de cadeiras” também o Bispo de Beja, considerado um dos “homens de mão” do Marquês de Pombal, fosse visado e alvo de investidas de descredibilização. Ainda assim, apesar do afastamento para Beja e consequente “perda de importância” na gestão de alguns assuntos, nomeadamente o da Biblioteca que aqui temos vindo a tratar, não nos parece, pela análise das cartas que foi trocando com inúmeros correspondentes, que tenha de alguma forma “caído em desgraça” ou deixado de ser uma figura a quem muitos consultavam em diversas situações. Apesar desta perda de protagonismo do Bispo de Beja na gestão dos

¹ Encontra-se no anexo 5 deste trabalho a transcrição completa desta carta.

² Estas cartas, que se encontram na B.P.E.- Códice CXXVIII 1-10, aludem a partir da sua prisão, à “desgraça” em que vive. Em muitas dessas missivas solicita esmola e auxílio a Cenáculo, tendo conseguido que o bispo lhe envie algum dinheiro. Disso é exemplo a carta de 09-08-1779, na qual Alexandre Ferreira agradece as 12 moedas que lhe foram enviadas pelo bispo, Códice CXXVIII 1-10, f.92. Existem outras cartas, enviadas por este correspondente antes de ser preso, que abordam questões várias inclusive alusões a negociações em torno de livros e respectivos pagamentos.

destinos da Biblioteca, já na década de 90 encontraremos novamente os seus préstimos tendo em vista a constituição da “repensada” Biblioteca Pública da Corte, mas sobre isso debruçar-nos-emos mais em momento posterior do nosso trabalho.

O devir da instituição após 1777

Como se sabe, em 1777, altura em que Frei Manuel do Cenáculo se retira para a sua diocese, há uma mudança no governo político do país, sendo que os primeiros tempos do reinado de D. Maria I foram marcados por uma efetiva distensão em termos de despachos e encartes de títulos, que corriam em paralelo com um balanço crítico ao governo pombalino¹. Como seria de esperar, surgem novas iniciativas e algumas mudanças em Instituições públicas, entre as quais a Real Mesa Censória².

Em Julho de 1787, o Tribunal designado por Real Mesa Censória passa a denominar-se Real Mesa Geral sobre o Exame e Censura de Livros, uma mudança que, como referimos em momento anterior deste trabalho, vai para além de uma mera alteração de nomenclatura, voltando a conferir à Igreja o direito de se pronunciar em matéria de censura de livros³. Aproximadamente dois anos antes, em finais de 1784, ou princípio de 1785, a Biblioteca da Mesa terá passado para a ala Ocidental do Terreiro do Paço⁴. Sobre este período de funcionamento da Biblioteca desta Instituição não alcançamos muitas informações. Sabemos que na década de 90, mais precisamente em dezassete de Dezembro de 1794, a Real Mesa Geral sobre o Exame e Censura de Livros foi extinta e os seus diversos serviços foram desmembrados por várias instituições⁵. Sobre o devir da biblioteca são tomadas algumas iniciativas. António Ribeiro dos Santos é nomeado para velar por esta livraria e a 5 de Janeiro de 1795, pronuncia-se através de um relatório acerca do estado em que esta se encontra. Nada melhor do que divisarmos as palavras do próprio bibliotecário a este propósito: “[...] Estado da Biblioteca [...] Terá ella segundo pude orçar em massa cinquenta mil volumes para cima entre elles há livros excelentes, e de alto custo, e muitas collecções

¹ Nuno Gonçalo Monteiro, «A queda de Pombal, o reformismo e a conjuntura de guerra (1777-1807)», em *História de Portugal* (Lisboa: Esfera dos livros, 2009), 427.

² Depois de Frei Manuel do Cenáculo se retirar para Beja, logo em 1779 encontramos o *Arcebispo da Lacedemonia* a exercer na plenitude as funções de Presidente da Mesa. Cf. Martins, «A censura literária ...», 59.

³ Cf. Martins, «A censura literária ...», 59.

⁴ Proença, «Antecedentes e origens...», 157.

⁵ Proença, «Antecedentes e origens...», 157.

de varias obras de estimação, e valor principalmente de Historia Literaria de Chronicas Portuguezas, e de traduções de Classicos gregos, e Latinos o que já é hum grande fundo para servir ao estabelecimento da Real Bibliotheca Publica nesta Corte. He porém tão lamentável o estado em que se acha a Bibliotheca [...]”¹.

Apesar do elogio a alguns dos livros presentes na biblioteca, Ribeiro dos Santos considera que esta se encontra num estado lamentável e enumera as razões que sustentam a sua opinião:

“1º [...] os livros que occupão as estantes estão collocados não methodicamente segundo as diversas Classes das Artes, e Sciencias mas sim promiscuamente e sem algum systema, e ordem que os separe, e classefique [...]2º Ao outros livros que se achão fora das estantes que são pelo commum que vieram das livrarias dos Jesuitas [...] estão todos torpemente arrojados em diversos, e informes montões já pelos cantos [...]3º Entre os mesmos livros que estão em mais resguardo se achão alguns de muita estimação, e valor necessitados de novas encadernações [...]4º Os mesmos livros que estão collocados nas estantes, nem forão numerados com as necessárias demarcações, que assignalasse as estantes, a caza e o lugar competente a cada hum [...]5º Sobre todas estas dezordens accresseo outra digna por certo de se notar, porque nem se fez inventario, ou assento formal dos livros, que entrarão na caza, e de seus preços apparecendo apenas hum rol avulso de algumas obras que se comprarão a Bertrand e Companhia, nem se formou Catalogo geral de toda a Bibliotheca [...]

Ribeiro dos Santos traça um panorama desolador acerca da organização da Biblioteca. Reconhecendo o valor das edições e a quantidade de livros disponíveis, manifesta a preocupação pelo estado em que se encontram alguns livros, pela dificuldade em reconhecer os critérios de colocação das edições nas estantes e pela falta de um catálogo organizado, entre muitos outros. Perante isto propõe, no mesmo documento, algumas providências para tentar sanar os problemas que identificou.

Nessa perspectiva, sugere que se mandem inventariar os livros e formar catálogo, colocar as obras nas estantes de acordo com a classificação e na ordem devida e se façam mais estantes para os livros que não couberem nas existentes. Entende também ser pertinente mandar formar catálogos para o uso público, os quais permitam adições que incluam novos provimentos. Considera analogamente imprescindível nomear dois oficiais, os quais deveriam trabalhar na escrita do inventário e catálogos, assim como

¹ Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional - Livro 642, p.2-8, *apud* Domingos, «A caminho da Real...»,157-160.

formar um Regimento que regule a instituição. Por último, não obstante o reconhecimento anterior de que há obras de valor, aventa a necessidade de proceder a compras de mais exemplares de qualidade, uma vez que considera que a Biblioteca “está ainda muito desprovida de livros raros, e de Codigos Manuscriptos [...] que são os que formão a preciozidade das grandes Livrarias”¹. Como podemos verificar a partir do relato feito por este Bibliotecário-Mor, são precisas medidas profundas, diligências que permitam o acesso aos fundos desta Biblioteca e uma melhoria do seu espólio.

Em Alvará datado de trinta de Julho de 1795 já se fala na intenção de formar uma “nova”² Biblioteca Pública, mandando entregar os livros que fossem reprovados à “Real Bibliotheca Publica da Corte que ora Sou servida erigir na Corte”³. Finalmente, em Alvará dado no Palácio de Queluz, a 29 de Fevereiro de 1796, é dada a ordem para se erigir a livraria⁴.

Neste documento a Rainha confirma a urgência de promover os progressos da Literatura, declarando que a criação de uma Biblioteca Pública seria vantajosa para promover esse fim. Tendo isso em vista faz as seguintes determinações:

“ [...] *Primeiro*: Ordeno que na Minha Corte, e Cidade de Lisboa se erija, e estabeleça logo huma Pública, e bem provida Livraria, que se denominará *A Real Bibliotheca Pública da Corte*[...] *Segundo*: Ordeno que a numerosa collecção de Livros de que se compunha a Livraria, que estava debaixo da inspecção da extincta Real Meza da Comissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros, sirva de primeiro fundo e provimento da Real Bibliotheca Publica[...] que para o contínuo augmento, e progresso della haja de ser applicada do Cofre do Subsidio Literario huma porção de rendas [...] *Terceiro*: Ordeno [...] que a referida Real Bibliotheca Publica da Corte [...] nunca poderá ser ou em todo, ou em parte desmembrada [...] *Quarto*: Ordeno, que para que a dita Real Bibliotheca vá sempre em hum continuo augmento, e digna reputação, e haja nella hum cuidado nunca interrompido [...] *Quinto*: [...] ordeno que em quanto para elle se não erige hum próprio, e competente edificio [...], sirvão para elle interinamente as mesmas casas, que servião em tempo da Sobredita extincta Real Meza da Comissão, e em que actualmente se acha a Livraria [...] *Sexto*: [...] Hei por bem crear para o governo, administração e serviço da mesma Bibliotheca os Lugares, e empregos seguintes [...] *Setimo*: [...] sou servida ordenar que todos os que houverem de ser

¹ Domingos, «A caminho da Real...»,157-160.

² Ao referimos “nova biblioteca” estamos a designar já a instituição que aproveitará os fundos da Biblioteca da Mesa Censória e que será mandada erigir pela Rainha.

³ Cf. Domingos, «A caminho da Real...»,145.

⁴ Este alvará pode ser consultado na Biblioteca Nacional Digital, http://purl.pt/303/2/bad-6195-v_PDF/bad-6195-v_PDF_24-C-R0075/bad-6195-v_0000_capa-7_t24-C-R0075.pdf 26 de Maio de 2010.

providos nos referidos lugares, sejam propostos pelo sobredito Bibliothecario maior ao Ministro [...] *Oitavo*: [...] sou servida que enquanto se não se formaliza o Regimento, se observem quellas regras, que ao Bibliothecario maior [...] parecerem ser as mais necessárias, e convenientes [...] *Nono*: E porque na prática das mesmas regras se poderão encontrar circunstancias, que necessitem da Minha Real, e immediata Providencia [...] recorrerá a Mim [...], para eu lhes dar as providencias justas [...]"

Através deste Alvará a Rainha decide que se crie uma nova Instituição, estabelecendo que os fundos da extinta Mesa da Censura de Livros serviriam para a sua dotação. Determina a incumbência desta ser aumentada, deliberando acerca dos instrumentos financeiros disponíveis para o acréscimo desse fundo. Assenta que a Biblioteca não poderia ser desmembrada e que deveriam edificar-se novas instalações. Estabelece-se analogamente que a instituição teria de ser alvo de todo o cuidado para ser melhorada continuamente e finalmente, determina as pendências administrativas necessárias ao seu funcionamento, como o número de funcionários e regimentos de funcionamento.

Este Alvará assume-se, desta forma, como uma “certidão de nascimento” da Real Biblioteca Pública da Corte. Subscrevendo as palavras de Raúl Proença, constitui-se como um documento notável, o qual encara a Biblioteca como instrumento do progresso dos povos, verificando-se que a denominação atribuída a esta instituição, aquando da sua criação, se manteria até 1836¹. Note-se que, alguns pressupostos que agora se estabelecem para esta nova Livraria não andam muito longe do plano apresentado por Frei Manuel do Cenáculo, em pleno consulado pombalino, no qual idealizou o que pretendia para a Biblioteca da Mesa Censória, que deveria estar disponível ao Público.

O Bispo de Beja esteve, como foi possível constatar, envolvido na génese da Biblioteca da Mesa Censória, cujo acervo viria a integrar o primeiro fundo de dotação desta “nova” Instituição. Não se fica por aí, há-de ainda intervir no itinerário seguido por este organismo público, através de donativos de fundos, mas sobre isso debruçar-nos-emos já de seguida.

¹ Proença, «Antecedentes e origens...», 159.

5.3.2.O Donativo de Cenáculo à Real Biblioteca Pública

A preparação do donativo

Quando se toma a decisão de erigir a Real Biblioteca Pública da Corte, António Ribeiro dos Santos é, como já atrás se disse, encarregue da sua direção. Este erudito, na qualidade de Bibliotecário-mor, escreve a Frei Manuel do Cenáculo no dia 27 de Setembro de 1796, a propósito da Livraria¹. Nessa missiva, informa o bispo de Beja sobre a pretensão de disponibilizar ao público as coleções que Cenáculo tinha reunido anteriormente². Reproduzimos parcialmente essa carta, com o objetivo de conhecermos, de viva voz, a descrição do bibliotecário:

“A Real Bibliotheca, [...] tem de franquear com brevidade ao Publico as preciosas Collecções de Livros, com que v. Ex.^a a preparou, e enriqueceo nos ditozos dias do seo Governo Literario: e achando-me eu encarregado por alta Mercê de S. Mag.^e de a reger [...] julguei ser meo officio [...] participar a V. Ex.^a esta noticia, como aquelle que mais folgará com ella, porque qual outro distincto zelador da Patria, estimará do que mais, V. Ex.^a a execução deste illustre estabelecimento, tão útil à Nação, e que foi tanto em outro tempo dos ardentes dezejões, e cuidados de V. Ex.^a[...]Digne-se V. Ex.^a ainda de longe, e do meio de seus Cuidados apostólicos, de abençoar esta obra, e encaminhar nossos trabalhos Bibliograficos pela Prudencia das suas Maximas, e Conselhos para que ella vá em crescimento, e se augmente para bem da Pátria [...]

Nesta missiva é reconhecido o esforço de Frei Manuel do Cenáculo na constituição da Biblioteca da Mesa, bem como o empenho em disponibiliza-la ao Público. Por esse motivo, o Bibliotecário considera seu dever informar o prelado que a coleção, que o bispo reunira anteriormente, iria ser disponibilizada ao público com a brevidade possível. Paralelamente, solicita o conselho e direção de D. Frei Manuel do Cenáculo sobre os trabalhos a empreender, de modo a conseguir o crescimento da livraria.

António Ribeiros dos Santos recebe uma missiva com a resposta do Bispo de Beja à sua comunicação, em 14 de Outubro³. Nessa carta, depois do louvor aos méritos e

¹ B.N.P.- Códice 4708, f.1 e seguintes. Cf. Dias, *Inéditos...*,49-72.

² Julgamos que está a referir-se aos tempos em que Cenáculo exerceu a Presidência da Mesa Censória e às suas diligências de formação da sua Biblioteca.

³ B.P.E. - Códice CXXXVIII/2-10, f. 109, 113-114 e 116-118. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,189-191.

sabedoria de António Ribeiro dos Santos para o cargo que ocupa, o prelado coloca-se à sua disposição para o servir como puder. No documento não se encontram alusões explícitas a qualquer donativo para a Biblioteca. Contudo, em 17 de Outubro de 1796, o bispo escreve novamente a Ribeiro dos Santos:

“Permitirá Vossa Senhoria que eu me repita na sua amável Presença [...] Desejava eu entre os regozijos de ver promovida a Real Biblioteca [...] concorrer muito de graça com algum sortimento. Como este meo Publico tanto me não permite fazer pelas urgências continuadas a que devo acudir, so resolvo huma pequena galantaria para penhor dos meos desejos; e comtudo me resolvo a dizer a Vossa Senhoria que nesta minha e já muito destroçada Livraria tenho coisas que me persuado não haver ainda nessa Real Biblioteca [...] e eu largarei a quem pode pagallas, e dar-me com que eu console miseráveis, e fazer benefícios de outro género a esta Igreja. Nella deixarei o que servirá em coisas que tenho entre mãos, e o que for competente e opportuno em matéria de Letras, pois que desde o Algarve; e por todo este dilatadíssimo Território não há onde faltar sede ordinária. Para o sublime quando se carecer de raro lume enviem à Capital do estado onde acharão os Sacrarios [...] rogando precisamente a determinação de Vossa Senhoria se porventura quer tomar os catalogos a si e resolver, os quaes remeterei [...]”¹

Note-se que, nesta missiva, o Bispo compromete-se a fazer aquilo a que chama “uma pequena galanteria” à Biblioteca, que no entanto fica muito aquém daquilo que gostaria de lhe oferecer. Declara também que tem alguns livros, os quais pretende vender por dificuldades a que tem de acudir na sua diocese, que poderiam ser úteis à Instituição dirigida por Ribeiro dos Santos.

Cumpre relembrar que a tentativa de negociar alguns dos livros que o bispo possui se encontra bem retratada nas cartas dirigidas a Frei Plácido Barroco que, como se sabe, cuida de muitos destes assuntos em Lisboa, envolvendo-se, em nome do prelado, numa tentativa de transacionar obras com o Convento de Jesus. Parece depreender-se, pelo que se indicia na carta a Ribeiro dos Santos, que a vontade de negociar alguns livros existe, correspondendo a uma necessidade premente de obter fundos para acudir a outras despesas, de tal forma que o bispo resolve informar o bibliotecário da sua intenção de venda.

Na sequência desta carta de Frei Manuel do Cenáculo, Ribeiro dos Santos escreve novamente ao prelado a vinte e cinco de Outubro, agradecendo o donativo que este

¹ B.P.E. - Códice CXXVIII 2-10, f.120.

pretende fazer à Biblioteca¹. Depois das expressões e cumprimentos habituais diz ao Bispo:

“ [...] O Donativo, com que a Liberalidade, e grandeza de V.^ª Ex.^ª nos quer preñar por mostra de seos formozos extremos virá com grande luzimento ennobrecer a Bibliotheca, e penhorar ainda mais o nosso reconhecimento, e gratidão. Sendo a primeira dadiva, que ella tem de receber, e vindo da Sagrada mão de V.^ª Ex.^ª ficará para sempre viculada com seos bens dotaes [...] as doutisimas obras com que V. Ex.^ª esclareceo sobremaneira a Religião, e o Estado [...] há muitos anos me accenderão n’alma ardentíssimos desejos de ler ao menos os cathalogs da Bibliotheca de V. Ex.^ª [...] Ora se V. Ex.^ª se digna por hum effeito do seo generozo Patriotismo não so acudir aos meos votos com o prompto offerecimento de seos cathalogs, mas ainda de facilitar a bem do Publico a trasladação de huma parte dos seos livros, e raridades para a Real Bibliotheca fico em alvoroço, banhado de intranhavel consolação [...]Tenha pois V.^ª Ex.^ª a bondade de me remeter os Catalogos, que eu prometto solicitar, e promover quanto em mim estiver a concluzão deste Negocio [...]”

Para além do agradecimento do donativo, António Ribeiro dos Santos mostra-se disposto a analisar os catálogos dos livros do Bispo Beja e tentar concluir negócio. Na resposta a esta carta, datada de 28 de Outubro², Frei Manuel do Cenáculo lamenta-se pelos inúmeros afazeres e confusão em que se encontra a sua Casa, que não lhe permitiram escrever o catálogo completo. Por esse motivo, anuncia que através desta missiva apenas enviava uma pequena parte do seu catálogo, comprometendo-se a enviar novos inventários em correios posteriores.

Em epístola datada de 5 de Dezembro de 1796³, Ribeiro dos Santos tece magníficos elogios ao catálogo de livros destinado à Biblioteca Pública, enviado por Cenáculo. Afirmando-se maravilhado com a riqueza da coleção do bispo de Beja, reconhece que detém aquisições literárias que não têm preço, e afirma:

“ por certo que com taes acqizições poderá hum dia a Bibliotheca Lisbonense apostar primazia com as mais afamadas da Europa. Comtemplando todos estes thezoiros, e os lanços de primor, e honra com que V. Ex.^ª se tem havido, confesso que fico absorto, sem saber, qual mais admire, se a incansável diligencia [...] com que V. Ex.^ª ajuntou tão preciosas Collecções, se a generozidade, e grandeza d’alma, com que cortando pella afeição natural com que as ama, se dignou de as querer depositar na Bibliotheca de Lisboa a bem da Litteratura nacional [...]”.

¹ B.N.P. - Códice 4708, f.22, Cf. Dias - *Inéditos de ...*, 49-72.

² B.A.C. - Códice 261, série vermelha, f. 13-14.

³ B.N.P. - Códice 4708, f.24. Cf. Dias - *Inéditos de ...*, 49-72.

Ficamos sem perceber claramente se está a falar do catálogo do donativo, ou de catálogos de obras que o Bispo propõe vender. Certo é que este é alvo dos mais distintos elogios, considerando-se que estas coleções são fruto do labor e sabedoria de um grande colecionador. As cartas seguintes não contribuem para esclarecer cabalmente esta questão mas, em carta de 9 de Dezembro de 1796¹, Frei Manuel do Cenáculo dá nota do envio de dez caixotes de livros.

Em carta datada de 20 de Janeiro de 1797, Ribeiro dos Santos responde ao Bispo de Beja²:

“[...] tenho recebido com muita satisfação, e prazer as remessas de Livros, com que V. Ex.^a tão grandiozamente nos enriquece, que cada vez me espantão mais, e maravilhão [...] em doirada hora poz V. Ex.^a seus formozoa pensamentos na Bibliotheca de Lisboa para a prender com joyas de tanto custo, e accrescentar com taes preciozidades o seo esplendor, e luzimento [...] Tenho participado ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Marquez Mordomo Mór as remessas dos Livros de V. Ex.^a, e os primores, e gentilezas, com que V. Ex.^a os tem mandado, o qual não cessa de fazer elogios bem devidos [...] Elle fez tudo presente a S. Alteza, que deo a Bibliotheca por bem fadada com acquizições tão preciozas, e a Pessoa de V. Ex.^a pela que mais honra fazia às Letras [...]”.

O tom elogioso das cartas e a estima pelas peças apresentadas no catálogo é evidente, mas nem sempre é totalmente esclarecedor quanto à natureza destas conversações acerca dos livros. Em carta data de 26 de Março de 1797³, Frei Manuel do Cenáculo dá nota do donativo para a biblioteca, que enviou por intermédio do Filólogo Sr. Sá⁴. Na resposta, Ribeiro dos Santos confirma o recebimento dos “preciosíssimos donativos” do Bispo de Beja⁵, que lhe foi feita pelo professor Sá e tece, mais uma vez grandes elogios.

A carta de António Ribeiro dos Santos dirigida ao prelado Pacense, datada de 05 de Abril de 1797⁶, ilustra exemplarmente a admiração do bibliotecário perante a sua grande doação de livros à Biblioteca de Lisboa:

¹ B.N.P. - Códice 8549, f.181-182. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 189-191.

² B.N.P. - Códice 4708, f.26, Cf. Dias - *Inéditos de ...*, 49-72.

³ B.A.C.- Códice 261v, fl.25 e 26.

⁴ Julgamos estar a referir-se a Joaquim José da Costa e Sá.

⁵ B.N.P. - Códice 4708, f.28, Cf. Dias - *Inéditos de ...*, 49-72.

⁶ Transcrita em: Gusmão, *Catálogo...*, 212-213.

“Que expressões de reconhecimento, e gratidão serão iguais à grandeza dos benefícios, com que Vossa excelência acaba de enobrecer a Real Bibliotheca de Lisboa? Despojar-se de tantas preciosidades quem era o maior avaliador, e amator de todas ellas para as dedicar unicamente ao bem do Publico, he feito muito gentil, e digno dos mais altos elogios: mas doallas com tantos primores de generosidade e nobreza, quantos brillão no sublime, e magnânimo diploma de Vossa excelência sobreexcede todos os gabos, e louvores que uma voz eloquente e agradecida podia remontar até às estrellas. Não há exemplo entre nos de tamanha beneficiencia [...] Vossa Excelência é o primeiro que abre este caminho para a utilidade, e ornamento da Nação [...].”

Note-se que, não obstante a dúvidas quanto às intenções com que os catálogos foram apresentados inicialmente, naquele momento se fez uma doação efetiva de uma coleção, a qual é reputada como “preciosíssima”. Com efeito, se primitivamente há uma aparente tentativa, por parte do Bispo de Beja, de negociar alguns livros, o que por si só motivou a admiração e reconhecimento por parte do bibliotecário, nesta fase já se ultrapassou isso. Frei Manuel do Cenáculo doou as coleções, ato que é merecedor de excelsos elogios por parte de António Ribeiro dos Santos.

A admiração por essa generosidade é também patenteada por Joaquim José da Costa e Sá, que em carta enviada em 25 de Maio¹ comenta:

" aqui ficárão todos *hiantibus oribus*, quando vírão os preciosísimos thesouros vindos de Beja; tudo para os circunstantes foi de summo assombro. O mesmo Sr. António Ribeiro o viu aturdido já com o Monetário, já com os Livros, e sobre tudo as riquissimas e singulares Biblias: que direi do Novo Testamento impresso por Bascreville? O mimo para o dito Sr. Foi singularissimo: o grande Painel, as caras dos velhos, e as aptitudes e colorido das mais Figuras, bellissima cousa! A incomparável anfora; [...].”

Cumpre assinalar a grande reputação da coleção, refletida no relato de Joaquim José da Costa e Sá. De acordo com esta carta, o próprio Ministro de Estado tinha determinado ir, juntamente com outras figuras, à Biblioteca Publica ver e conhecer o que Frei Manuel do Cenáculo enviara².

¹ B.P.E. - Códice CXXVIII/ 1-1, f.181-182.

² A carta dá ainda nota da futura visita de Luís Pinto, que iria de propósito uma tarde, para ver os "Mapas de Portugal" que Cenáculo enviara.

Em face da constatação da realização de um donativo bastante apreciado, importa esclarecer o que terá motivado esta mudança de atitude¹, que levou D. Frei Manuel do Cenáculo a oferecer estes livros. Terá sido a consciência do dever cívico e da utilidade pública de tais preciosidades? A concretização de outros negócios de venda de livros, que potenciaram ou facilitaram o encaixe financeiro que lhe faltava? A perspectiva de futuros benefícios que daqui poderiam advir?²

Sobressai da análise do epistolário cenaculano, nomeadamente as cartas trocadas com Ribeiro dos Santos a propósito da Real Biblioteca Pública, o reconhecimento do papel de D. Frei Manuel do Cenáculo para a constituição desta biblioteca, em vários momentos³. Se admitirmos, tal como foi sublinhado por Krzystof Pomian⁴, que somos “relógios viventes”, cujos “estados somáticos” variam com determinada periodicidade, tendo em conta fatores de ordem endógena, mas também fatores de ordem exógena que se prendem com a forma como vivemos e percecionamos os acontecimentos, então teremos de admitir que o nosso passado está sempre presente, mas também o futuro é objeto de desvelos permanentes, intervindo constantemente no presente e sendo objeto de cuidados, projetos e antecipações. Assim também deverá ter acontecido com Frei Manuel do Cenáculo, a sua experiência enquanto bibliófilo, as bibliotecas grandiosas que viu aquando a sua viagem a Roma, devem ter contribuído para a sua ideia de criação de bibliotecas e para a sua vontade de contribuir para a edificação da Real Biblioteca Pública. Porém, também o futuro deverá ter sido ponderado na sua decisão de doar livros. Nessa perspectiva, seguindo a velha máxima de que “as atividades de hoje só amanhã darão frutos”, o bispo de Beja teria decidido fazer esta oferta, considerando os futuros benefícios que daí poderiam advir. Dentro dessa linha de pensamento, não teríamos apenas um fator determinante a justificar a decisão do prelado em fazer este donativo.

¹ Dizemos mudança de atitude porque, aparentemente, Cenáculo acabou por doar alguns livros que inicialmente tentou negociar com a Biblioteca.

² A perspectiva de recebimento dos ordenados deve ter tido muito peso.

³ Desde logo pelo empenho no desenvolvimento da Biblioteca da Mesa Censória, cujo fundo iria servir de base à nova Instituição criada em tempo de D. Maria I. Depois, na forma com o Bibliotecário se dispõe a comunicar e consultar o Bispo de Beja, procurando aconselhamento e apoio na tarefa que tem em mãos dentro da Instituição para o qual fora nomeado. Por último, pelo donativo que fará a esta Livraria que é merecedor de amplos elogios. É similarmente valorado o papel de Cenáculo enquanto figura que se dedicou a reunir uma excelente coleção de livros, considerada obra particular de um espírito culto e trabalhador e zeloso como o do prelado.

⁴ Krzystof Pomian, *El orden del tiempo, Série Sindérsis* (Júcar: Ediciones Júcar España, 1990), 15.

Teria sido a percepção e conjugação de aspetos do seu passado, com as perspetivas do futuro e sua “antecipação”, que terá levado Frei Manuel Cenáculo a conceder este donativo à Biblioteca.

O donativo realizado

O donativo realizado pelo Bispo de Beja à Real Biblioteca Pública encontra-se documentado num catálogo, de três tomos, custodiado atualmente pela Biblioteca Nacional de Portugal. O primeiro tomo diz respeito aos “*Livros impressos de História, Bellas Letras, Filosofia, Medicina, Matemática, Ofícios e Artes, e Sciencias Civis e Politicas*”¹. O segundo tomo contém os “*Livros impressos de Sciencias Eclesiásticas de Polygrafia e Miscellanea*”². O último tomo inclui os manuscritos da doação do Bispo de Beja no ano de 1797, com o título “*Catalogo Methodico dos Livros que o Excelentíssimo e reverendíssimo D. Frei Manoel do Cenáculo Villas Boas doou à Real Biblioteca Pública da Corte no ano de 1797, que contém os manuscritos*”³. Além destes tomos, há também um documento, não disponível *online*, que contém os livros que Frei Manuel do Cenáculo pretendia doar à real Biblioteca Pública, intitulado: “*Copia do Catalogo de Livros que o Ex. ^{mo} e Rev. ^{mo} Bispo de Beja pretende remetter para a Real Bibliotheca Publica da corte*”⁴. Este é um documento não datado no original, mas colocamos a hipótese de tratar-se de um primeiro catálogo que incluiria livros que Cenáculo pretendia doar e que, por circunstâncias diversas acabou por ser alterado e resultar no donativo identificado no catálogo em três tomos que atrás mencionámos. Recorde-se que, na carta de Frei Manuel do Cenáculo a António Ribeiro dos Santos, datada de 28 de Outubro de 1796⁵, o prelado assume que a falta de tempo não lhe permitiria enviar mais catálogos e que, naquele momento, enviava só o catálogo que conseguira elaborar. Admitimos que este elenco, que não se encontra datado, possa corresponder a esse primeiro catálogo enviado, onde se identificam os livros que Cenáculo pretendia doar.

¹ B.N.P.- Códice nº 11522, disponível na «Biblioteca Nacional Digital», <http://purl.pt/6382>.

² B.N.P - Códice nº 11563, disponível na «Biblioteca Nacional Digital», <http://purl.pt/6383>.

³ B.N.P - Códice nº 11525, na «Biblioteca Nacional Digital», <http://purl.pt/5944>.

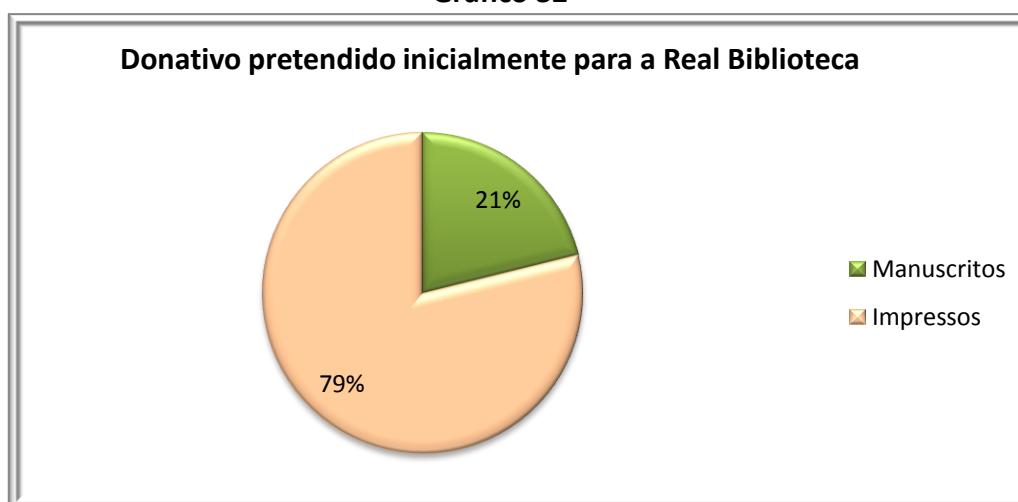
⁴ B.N.P - Códice nº 11524.

⁵ B.N.P, - Códice 4708, f.24. Cf. Dias - *Inéditos de ...*,49-72.

Concentrando a nossa atenção nesse catálogo, constata-se que este documento contém livros que Cenáculo pretendia doar. Abarca um total de 539 títulos de livros, num total de 1554 volumes¹.

A distribuição do número de títulos entre produções manuscritas e impressas encontra-se exposta no gráfico seguinte:

Gráfico 32



Fonte: B.N.P - Códice nº 11524.

Como é possível inferir a partir da análise do gráfico, a grande fatia dos títulos de livros que se pretendiam doar correspondem a edições impressas, que representam cerca de 79% do total do donativo.

Além de livros, esta listagem incluía também a uma lista de raridades, nas quais se incluíam: “uma espada “Túrdulo-Fenícia”, “priapos” mal feitos e portanto de maior antiguidade, se não he que na Espanha as Artes foram de vagar mal feitos, ídolos Gregos, Egipcíacos e outros, lanternas sepulcrais de cobre e barro, anéis romanos e outros, gravados Camofeus antigos de meia-idade e da reformação das Artes e outras coisas singulares, ricas e de suma valia”². O monetário está também presente, identificando-se medalhas de ouro, no total de oitenta, entre imperiais, godas, árabes e “disparadas”³, bem como medalhas de prata entre mil e duzentas a mil e quatrocentas e finalmente medalhas de cobre, num total mais de mil e quinhentas.

¹ É possível que o número seja ligeiramente superior, uma vez que não há uma identificação concreta do número de volumes para todos os títulos.

² B.N.P. - Códice nº 11524.

³ Forma como aparece referido no documento original.

Centralizando a nossa atenção no donativo efetuado por Cenáculo em 1797, verifica-se que, junto ao catálogo, é possível encontrar uma carta dirigida ao Príncipe, pela qual o prelado faz a doação dos livros à Real Biblioteca Pública. Julgamos que vale a pena observar as próprias palavras do bispo a propósito desta oferta:

“Ao Príncipe Nosso Senhor Rogo eu Bispo de Beja humildemente seja servido Aceitar a Livre Doação que faço á Real Bibliotheca Publica de Lisboa [...] dos Livros, em que me pareceo haver dignidade, raridade, e de alguma proporção; os quaes separei daquelles, que para os estudos próprios desta diocese nella se devem conservar [...] Assim como também comprehendo na mesma Doação [...] o Monetário demais de três mil medalhas [...] e outras raridades dignas do Museo Real [...] E quando o mesmo Senhor, de Índole beneficentíssima se Digne Approvar, e Aceitar esta demonstração das minhas inclinações ao Credito Nacional, e Queira favorecerme, eu Pediria a Sua Alteza Real em consideração do que tenho dispendido com a minha Igreja no espaço de vinte e sette annos, me fizesse a outra Graça, a Exemplo do Prezidente, e Deputado da Real Meza da Comissão extincta, e Mandasse dar-me os cahidos, e continuar na forma, que parecer justa ao Mesmo senhor, os meos ordenados, e pois que nella fui Prezidente desde o anno de mil sette centos, e settenta até mil settecentos settenta, e sette com as fadigas, que não desmerecem contemplação, e creando por nova forma as Escollas [fl. 4] Menores com muito esplendor; e ao mesmo tempo fui Prezidente do Subsidio Litterario, cuja Colheita, e Arrecadação creei com muita vantagem da Fazenda Real, e Meios para esta se não gravar”¹.

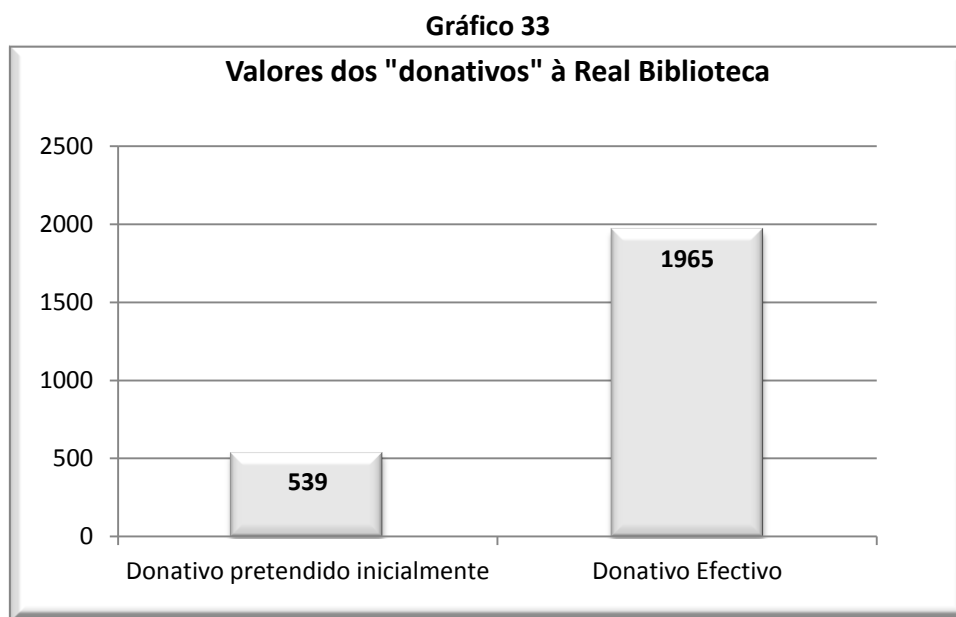
Frei Manuel do Cenáculo faz, como se pode verificar nesta epístola, uma doação dos livros e monetário à Biblioteca, considerando que o zelo do Perfeito a quem está entregue a direção deste organismo justifica a custódia destas coleções. Alude também à necessidade de contribuir para aumentar o fundo da Instituição, reconhecendo a sua utilidade e contributo para o prestígio nacional. Perpassa ainda, do mesmo documento, uma vontade em ser recompensado com os ordenados do tempo em que foi Presidente da Mesa Censória².

Este catálogo do donativo em três tomos inclui livros de diferentes tipologias. Integra um total de 1965 títulos e 2722 volumes. Se compararmos estes números, com os do donativo que se pretendia fazer inicialmente, do qual já anteriormente demos

¹ Documento disponível em: <http://purl.pt/6382>.

² Este assunto será desenvolvido com mais detalhe posteriormente.

nota¹, há um grande aumento em relação ao número de livros aí incluídos. Em termos de representação gráfica temos os seguintes dados:



Fontes: B.N.P. - Códice nº 11524; B.N.P.- Códice nº 11522; B.N.P. - Códice nº 11563 B.N.P. - Códice nº 11525.

Destacamos que os números apresentados dizem respeito ao número de títulos identificados em cada um dos donativos². Como é possível inferir, a partir da análise dos dados, existiu um significativo aumento de uma lista para outra, isto é, entre aquilo que pretendeu doar inicialmente e aquilo que se doou efetivamente.

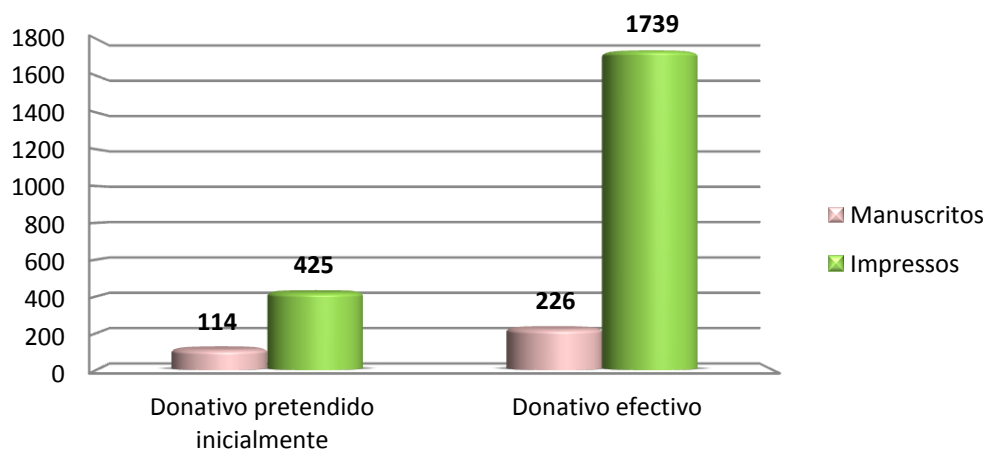
Comparando, mais uma vez, as diferenças entre o donativo que se pretendeu fazer inicialmente e o que foi efetivamente realizado, analisamos essa transformação tendo em conta a “tipologia” dos livros - manuscritos ou impressos³. O gráfico seguinte reflete os resultados obtidos:

¹ B.N.P. - Códice nº 11524.

² Por comodidade de apresentação gráfica dos dados chamamos-lhe donativo, embora um corresponda ao donativo efetivamente realizado e outro aos catálogos dos livros que pretendia doar.

³ Procuramos avaliar onde existiram mais alterações e em qual destes segmentos se produziu maior acréscimo.

Gráfico 34
Diferença entre o donativo efectuado à Real Biblioteca e a proposta inicial, consoante a "tipologia"



Fontes: B.N.P - Códice nº 11524; B.N.P.- Códice nº 11522; B.N.P - Códice nº 11563 B.N.P - Códice nº 11525.

Tal como pode ser deduzido a partir do exame do gráfico, existiu um aumento quer nos manuscritos, que nos impressos, embora a diferença e o crescimento mais significativo se encontre na quantidade de livros impressos que foram incluídos no donativo realizado em 1797. O que teria motivado esta diferença entre os livros que inicialmente queria doar e os que doou efetivamente?

Cumprе reconhecer que não o sabemos concretamente, uma vez que as fontes disponíveis não possuem dados que nos permitam aprofundar o assunto. Admitimos contudo, a hipótese de Frei Manuel do Cenáculo, ciente da importância da instituição, ter decidido alargar o donativo, incluindo nele, para além dos manuscritos e impressos que previa inicialmente, muitas outras composições, entre as quais alguns impressos raros. A Biblioteca aparecia deste modo como a “casa ideal” para albergar algumas preciosidades, como o meio que permitiria torna-las úteis ao país, contribuindo para o seu prestígio. Nessa perspectiva, a coleção era valorada de duas formas, pela utilidade de alguns destes escritos para a instrução dos “utentes” da biblioteca, e pelo ornato das peças raras que integrava. Paralelamente, a expectativa de um benefício futuro, que aliás está presente na carta de doação quando se referem os ordenados, terá também influído na decisão do bispo de Beja em aumentar o número de livros a incluir no donativo. O ato de generosidade e de despojamento teria, dessa forma, um retorno

pessoal importante, para além da perspectiva de utilidade ao país e da magnanimidade do doador.

Se em termos de motivações para este acréscimo ao donativo temos de admitir várias hipóteses, no que respeita aquilo que terá proporcionado os meios para nesta mudança as dúvidas não são menores. Com efeito, sabemos que Frei Manuel do Cenáculo revelou, nesta década, disposição para vender livros da sua coleção, algo que efetivamente realizou, por exemplo com o Convento de Jesus e que parece ter intentado fazer com a Real Biblioteca Pública. Saliente-se que Cenáculo insiste, como se verifica em algumas das missivas que trocou com alguns correspondentes a que já atrás aludimos, nas carências a que tem de acudir na sua diocese e que implicam a premência de obter fundos. O que teria então possibilitado que esta doação à Real Biblioteca Pública se concretizasse nestes moldes? O encaixe financeiro proporcionado por outras vendas, as quais lhe terão permitido o desafogo para fazer face a essas necessidades? A perspectiva de ficar para sempre ligado à elevação da Instituição, aliada a uma vontade mais prosaica de repostar de forma grandiosa ao donativo feito pelos Padres Teatinos¹, pretendendo com isso obter benefícios em termos de preponderância pública? Seria o reconhecimento público² um móbil em si mesmo? Ou seria uma forma de contornar as necessidades de encaixe financeiro, procurando dar agora para obter depois, contribuindo assim para, no futuro, suprir as necessidades que tinha?

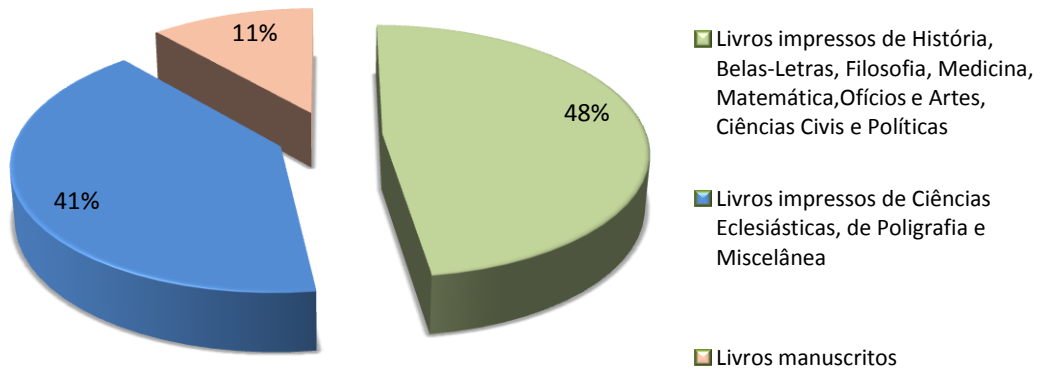
Focalizando a nossa atenção no donativo que foi efetivamente realizado sabe-se, como atrás já foi dito, que este incluiu um total de 1965 títulos. Quando procuramos estudar a distribuição do número títulos pelos respetivos tomos, encontramos a disposição que procuramos identificar através do gráfico seguinte:

¹ A propósito desta doação dos Teatinos Cf. Domingos, *Subsídios para...*,93-97.

² O exemplo dado por Bayer ao doar a sua biblioteca, que tratamos em capítulo anterior, também poderá ter exercido, em nosso entender, alguma influência.

Gráfico 35

Distribuição da % de títulos por tomos do donativo à Real Biblioteca



Fonte: B.N.P.- Códice nº 11522; B.N.P - Códice nº 11563 B.N.P - Códice nº 11525.

Verificamos que a grande maioria da doação corresponde a obras impressas, com ligeiro predomínio para os livros de História, Belas-letas, Filosofia, Medicina, Matemática, Ofícios, Artes, Ciências Cívicas e Políticas¹. Este predomínio das obras impressas não nos surpreende. Estamos em finais do século XVIII, passadas mais de três centúrias da “invenção a imprensa”, a atividade editorial encontra-se em plena atividade e multiplicam-se os livros impressos, sendo que o mercado livreiro conhece uma expansão e alteração de hábitos de leitura. Vive-se em plena “revolução da leitura”, parafraseando a expressão com que muitos autores classificam as mudanças que sentidas no mundo do livro. O livro impresso seria aquele que era capaz de responder, em termos “logísticos”, às necessidades distintas dos públicos e uso do livro. Somente através do impresso e sua expansão foi possível obter a quantidade necessária para satisfazer o mercado, sendo que as próprias exigências desse mercado se foram alterando devido à introdução do livro impresso². Seguindo essa linha de pensamento, não consideramos surpreendente, dada a época que estamos a trabalhar, este predomínio claro dos impressos na coleção, sem que isso significasse

¹ Esta é a designação com que são classificados no catálogo. Uma primeira versão destes dados foi por nós apresentada em Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 319.

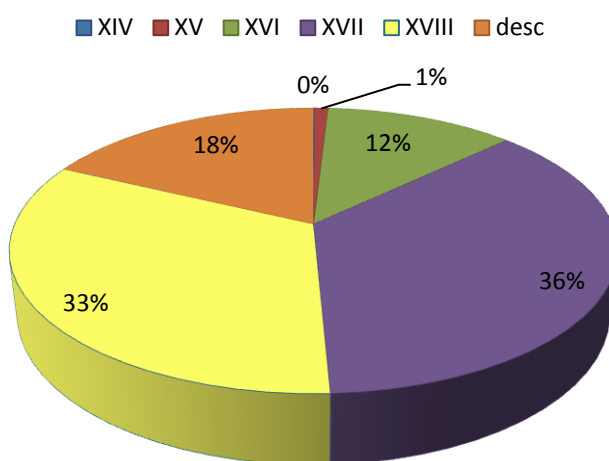
² Cf. Wittmann, «Hubo una revolución...»

um abandono total dos manuscritos, os quais, como se constata, também fizeram parte do donativo¹.

No que concerne à cronologia das edições, procuramos avaliar as datas de edição dos títulos contidos no donativo. Ressalvamos no entanto, que não é possível, para todos os títulos, obter dados que permitam a datação dos livros uma vez que essa informação nem sempre se encontra presente.

No gráfico seguinte espelha o universo que conseguimos reconstituir.

Gráfico 36
Datas das edições do donativo à Real Biblioteca



Fonte: B.N.P.- Códice nº 11522; B.N.P - Códice nº 11563 B.N.P - Códice nº 11525.

Do exame do gráfico é possível inferir que há um claro predomínio de obras mais recentes², dos séculos XVII e XVIII, embora estejam também presentes edições mais antigas. Salientamos ainda que do século XIV apenas encontramos uma obra, pelo que em termos percentuais não obteve representatividade gráfica.

Esta configuração cronológica das obras do donativo não nos parece dissonante com os propósitos da oferta e com a própria ideia de Biblioteca que Cenáculo evidencia. A Biblioteca emerge como a casa de “tesouros bibliográficos”, albergará, por essa via, espécies bibliográficas distintas que contribuem para construir o seu próprio

¹ Muitas vezes manuscritos raros e de elevado valor, assim como alguns dos impressos.

² Salientamos também que os dados do catálogo geralmente não fornecem mais indicações sobre a data da edição, não sendo possível obter a informação sobre se trata, ou não, uma 1ª edição. Assim, os dados obtidos são tendências com base na edição presente nos livros do catálogo.

crédito, assim como o do país culto que sabe reconhecer a utilidade dos livros e a valia das raridades que possui. As presenças dos livros mais antigos, a par de outros contemporâneos, ilustram-no exemplarmente. Com efeito, os livros antigos, embora em termos percentuais menos representados, teriam um valor nada despiciendo, sobretudo se consideramos a dificuldade de obter alguns espécimes mais antigos¹, e seriam provavelmente objeto de admiração e prestígio para biblioteca. Os comentários elogiosos de Ribeiro dos Santos acerca da preciosidade de alguns espécimes recebidos parecem confirmar estes elementos. Mesmo admitindo que a própria retórica das relações epistolares possa contribuir para amplificar mais o valor de algumas composições, é possível perceber, examinando parte dessas cartas, que algumas das espécies incluídas no donativo são realmente antigas, raras e valiosas. Só que a Biblioteca não era apenas uma depósito para entesourar, para abrigar livros raros. Na perspectiva de Frei Manuel do Cenáculo era, ou deveria ser também, uma instituição útil ao crédito² da nação, pela forma como contribuiria para a cultivar e instruir. Assim, eram fundamentais livros modernos, bem escolhidos e selecionados que deveriam ser colocados à disposição dos estudiosos que a eles quisessem aceder³. Não chegava uma Biblioteca de obras raras para admirar, era preciso uma biblioteca útil, capaz de responder às diferentes necessidades dos que a ela deveriam, ou poderiam aceder. Era por isso preciso dotar a Biblioteca com obras modernas, onde se incluíam as últimas novidades, nas quais se conheceriam os avanços mais recentes e que contribuiriam para enobrecer, cultivar e dignificar quem se dedicasse a estudá-las. Não será por acaso que Cenáculo dedicou, similarmente, muito do seu tempo a pensar formas de melhorar os estudos em Portugal, entendendo os estudos como a outra forma de contribuir para esse objetivo de utilidade e crédito para a nação⁴.

¹ Admitimos que muitos destes espécimes mais antigos rareavam e seriam objecto de desejo por parte de vários colecionadores nacionais e estrangeiros, a que se associava o elevado valor económico de muitas destas edições, o que seguramente terá colocado entraves à sua aquisição e obtenção no mercado.

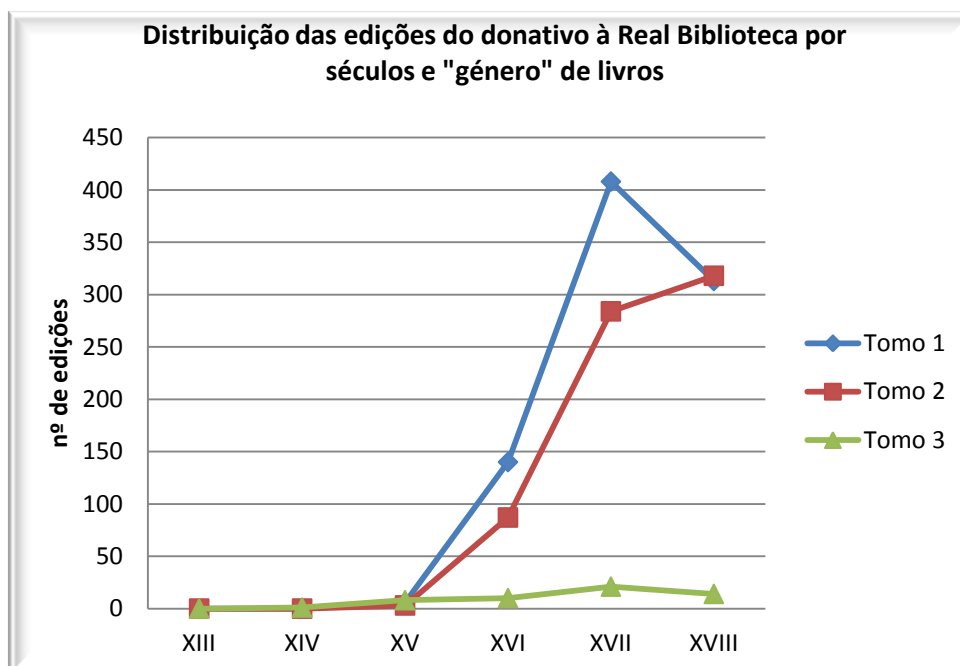
² Utilizamos a expressão querendo designar o prestígio da nação.

³ A propósito do acesso aos livros veja-se o que foi dito noutra capítulo sobre o papel de Cenáculo enquanto censor.

⁴ Sobre o seu papel enquanto reformador dos estudos ver, entre outros: Marcadé *D. Frei Manuel do Cenáculo...* e também Caeiro, «Frei Manuel do Cenáculo. Aspectos...»

Ainda no que respeita à cronologia das composições, analisamos a distribuição das datas das edições¹ tendo em conta os “géneros”² dos livros. O gráfico seguinte procura refletir os dados que conseguimos obter:

Gráfico 37



Fonte: B.N.P.- Códice nº 11522; B.N.P - Códice nº 11563; B.N.P - Códice nº 11525.

Antes de avançarmos para a explanação dos dados obtidos, achamos pertinente esclarecer a própria organização desses dados. Assim, neste gráfico, por facilidade de apresentação da imagem, identificamos por tomo I os livros do donativo e que incluem todos os impressos de “*História, Bellas Letras, Filosofia, Medicina, Matemática, Ofícios e Artes, e Sciencias Civis e Politicas*”. Por tomo II referimo-nos aos “*livros impressos de Sciencias Eclesiásticas de Polygrafia e Miscellanea*”. O último tomo, que identificamos como tomo III, inclui os “*Livros Manuscritos*” da doação do Bispo de Beja. Em todos estes dados estamos a trabalhar tendo por base o número de títulos identificados e não o de volumes.

Quando observamos esta distribuição da cronologia das obras, parece sobressair uma maior presença de obras mais recentes nos livros impressos. Certamente, esta

¹ Nem sempre conseguimos obter as datas de todas as edições.

² Com esta expressão pretendemos significar a divisão, já existente no catálogo, entre livros impressos de determinada temática e manuscritos.

será uma situação para a qual muito terá contribuído a progressiva implementação do impresso, que vai aumentando a sua representatividade à medida que o tempo avança. Julgamos que estes dados se poderão relacionar também com a necessidade, que atrás identificamos, de dotar a biblioteca de obras modernas, capazes de responder ao objetivo de utilidade da instituição. Assim, as obras mais antigas, manuscritos e impressos raros, também úteis para crédito da instituição, são em menor número. As obras mais modernas encontram-se em maior número, são também disponibilizadas no suporte impresso, mais comum na época. Haveria assim mais edições modernas, disponibilizadas em formato impresso, não só porque os livros neste formato são mais comuns, mas também pelas próprias necessidades de dotação da biblioteca.

Para além da cronologia das edições, fizemos também a análise do formato¹ das edições presentes no donativo, fazendo a sua distribuição de acordo com o tomo a que dizem respeito².

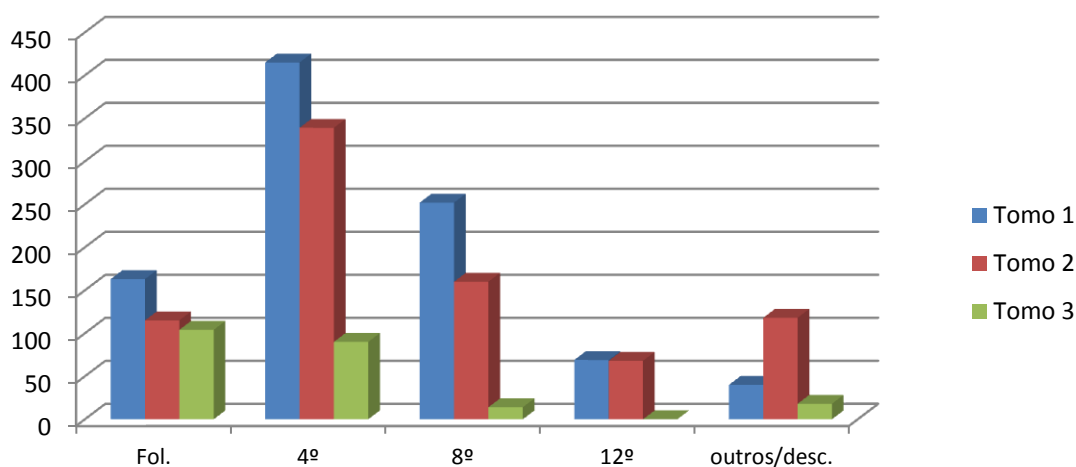
Antes de avançarmos para a apresentação gráfica dos resultados obtidos achamos pertinente esclarecer ainda que fizemos a distribuição gráfica tendo por base os formatos mais comuns e mais utilizados, há um número muito reduzido de outros formatos, maiores do que o *in 12º*, que contabilizamos em conjunto. O gráfico seguinte procura expor os dados que conseguimos obter:

¹ Uma vez mais, não foi possível, tal como aconteceu para as datas, identificar claramente o formato da edição para todas as obras, uma vez que essa informação nem sempre é disponibilizada no catálogo.

² Por comodidade de apresentação gráfica dos dados, voltamos a identificar os diferentes tomos do donativo por tomo I, II e III, seguindo a mesma organização do gráfico anterior.

Gráfico 38

Distribuição das edições do donativo à Real Biblioteca por formato e "género"



Fonte: B.N.P.- Códice nº 11522; B.N.P - Códice nº 11563 B.N.P - Códice nº 11525.

Como é possível verificar através da análise do gráfico, globalmente há um predomínio de formatos maiores, como o *in-folio* e o *in-4º*, conjuntamente com o formato *in-8º*, mais pequeno. No que respeita aos manuscritos predominam os fólhos e os *in-4º*., isto é os formatos maiores.

Cumprir notar que o que o formato é alterado de acordo com o número de vezes que a folha de papel é dobrada, o *in-folio* corresponde a uma folha de papel dobrada uma vez, enquanto o *in-4º* corresponde a uma folha dobrada duas vezes¹. Admitimos, por isso, que a predominância destes formatos nos manuscritos seria expectável, uma vez que maiores dobragens surgem possivelmente das exigências impostas pela mecanização da imprensa. Saliente-se ainda que, nos primórdios da imprensa, a tendência foi imitar o formato mais comum dos manuscritos, sendo que ao longo dos tempos com o aperfeiçoamento das técnicas esta situação se foi alterando². Os papéis para "escrever" quer se tratasse de impressões, ou escrita à mão, eram produzidos numa multiplicidade de qualidades, pesos e tamanhos. Os tamanhos do papel estiveram sujeitos a mudanças graduais, mas normalmente não se encontravam muito mais do que doze grupos principais de tamanhos, embora não possam considerar-se

¹ Neil Harris, *Paper and watermarks as bibliographical evidence. Text for course at the Ecole de l'Institut d'histoire du livre Lyon* [policopiado] (Lyon: École de l'Institut d'histoire du livre, 2009), [s.n.]

² Febvre e Martin, *O aparecimento...*,118-122.

em termos absolutos uma vez que estão sujeitos a ligeiras variações¹. Tendo em conta essa dimensão, a folha era depois dobrada, o que implicava alterações inevitáveis no seu tamanho e na própria estrutura do livro. De acordo com as dobragens feitas, assim variava o formato. Se a folha fosse feita de acordo com o *ratio* de Pitágoras, isto é, 1:√2 entre os seus lados, o *Fólio*, o *Quarto* e o *Oitavo* e os formatos baseados em dobragens em “oitos” mantinham as mesmas proporções. Os formatos baseados nas dobragens em “seis” ou “doze”, como o *in-12º*, *in-18º*, *in-24º*, *in-36º*, produziam um retângulo alto e estreito². A predominância dos formatos maiores no donativo, como o formato em *Fólio*, mas sobretudo o formato em *Quarto*, talvez se possa relacionar, pelo menos parcialmente, com essa proporcionalidade existente nas dobragens em “oitos”, o que eventualmente poderia facilitar o trabalho dos impressores, ou mesmo corresponder de forma mais eficaz às exigências do público. Contudo, acentuamos que os conhecimentos nesta matéria não nos permitem avançar muito para além do que a mera hipótese que aventamos.

Subscrevendo Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, graças à imprensa e à multiplicação dos textos, o livro deixa de ser visto como objeto precioso que se consulta numa biblioteca, passa também a desejar-se andar com ele, para o consultar ou ler em qualquer momento, daí o êxito crescente dos “formatos portáteis”, mais pequenos. Estes formatos contrastam com as pesadas edições de textos científicos, destinados a ser consultados nas bibliotecas, que correspondem aos formatos maiores³. No caso da doação que temos vindo a apreciar, trata-se de um conjunto de obras para a Biblioteca a questão da necessidade de portabilidade de formatos mais pequenos não se coloca com tanta premência, talvez advenha daí o predomínio dos formatos maiores que conseguimos identificar.

Feito o exame da distribuição, cronologia e formato das edições do donativo, passaremos de seguida a analisar os dados relativos às temáticas das edições dessa doação.

Como atrás mencionámos, os livros do donativo encontram-se divididos em três tomos, cada tomo contendo determinada tipologia de livros, de acordo com a

¹ Neil Harris, *Paper and watermarks as bibliographical evidence* [texto policopiado] (Lyon: École de l'Institut d'histoire du livre, 2009), 66-69.

² Harris, *Paper and watermarks as bibliographical*, 66-69.

³ Febvre e Martin, *O aparecimento...*, 118-122.

classificação estabelecida pelo seu autor. Dentro de cada um dos tomos é feita a subdivisão temática das matérias dos livros. Optámos por seguir essa divisão nos dados que iremos expor de seguida, de modo a expressar da forma o mais fiel possível a “categorização” feita naquela época.

Centrando-nos no tomo primeiro, que diz respeito aos “*livros de História, Belas - Letras, Filosofia, Medicina, Matemática, Ofícios e Artes, e Ciências Cívicas e Políticas*”, constata-se que, dentro deste, temos 194 subdivisões, com a distribuição que se apresenta na tabela que consta no anexo 6 deste trabalho.

Como é possível verificar através da análise dessa tabela, há uma grande ramificação dentro de cada área temática, sendo que nalguns casos é difícil estabelecer em qual das “grandes temáticas”¹ incluir determinado tipo de obras, uma vez que para além do título inicial, o catálogo nem sempre identifica de forma totalmente clara em qual tipologia, em qual “grande temática” inclui cada uma destas subdivisões. A título ilustrativo salientamos a dificuldade em definir em qual das grandes temáticas, enunciadas no título deste tomo, incluir as subdivisões “*Física*” e “*Química*”.

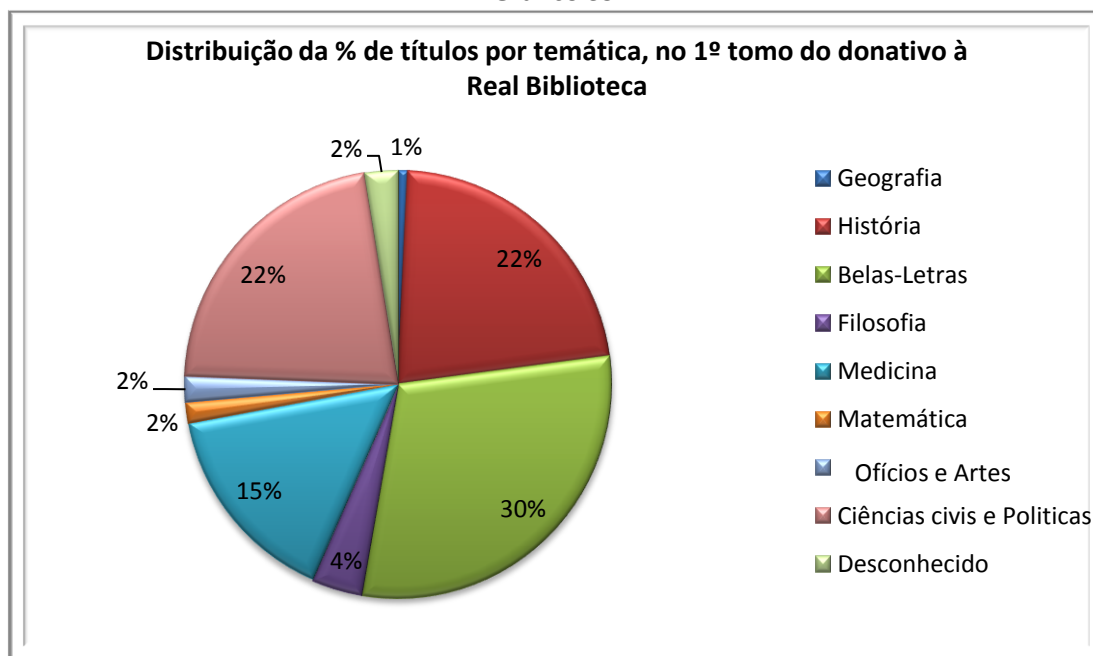
Para além de elencar todas as divisões presentes no catálogo, procuramos perceber qual a representatividade de cada área dentro deste tomo do donativo. Assim, em termos da distribuição por grandes áreas temáticas conseguimos obter alguns valores. Note-se porém que, como atrás mencionámos, nem sempre é possível reconhecer claramente a que temática pertence cada subdivisão². Fruto dessa dificuldade, os valores obtidos serão sempre valores a aproximados, uma vez que temos de admitir a possibilidade de ter incluído, nalgumas das temáticas, subdivisões que poderiam corresponder a outras, de acordo com o critério de quem elaborou o catálogo.

¹ Com esta expressão queremos significar as temáticas enunciadas no título do tomo.

² Procuramos atenuar esse obstáculo criando uma coluna “desconhecido” onde incluímos as subdivisões temáticas que não conseguíamos identificar de forma evidente com as categorias do título. Aí incluímos a Física em Geral, as Diversas Partes de Física e a Química. Note-se que na designação das categorias seguimos a classificação do próprio catálogo, ainda que optássemos por representar graficamente a divisão Geografia, que está claramente identificada no catálogo, mas não no título.

O gráfico seguinte procura espelhar os dados que conseguimos obter no que concerne à representatividade das diferentes temáticas, dentro deste primeiro tomo do donativo:

Gráfico 39



Fonte: B.N.P.- Códice nº 11522; B.N.P - Códice nº 11563 B.N.P - Códice nº 11525.

Como é possível verificar, a área mais representada são as Belas-Letras, seguidas da História e das Ciências Cívicas e Políticas com representatividade similar e a Medicina, a qual representa aproximadamente metade do conjunto mais representado (Belas-Letras).

Sobressai acima de tudo a diversidade da coleção, que se divide em porções relativamente proporcionais nas quatro áreas mais representadas. Destaca-se ainda a importância dada a obras ligadas à Medicina e sobretudo a grande multiplicidade de interesses dentro de cada uma das áreas temáticas, o que proporciona títulos dedicados a múltiplos assuntos, dentro da mesma categoria temática, tal como se pode inferir da tabela anexa. Nessa linha, na História temos livros História Antiga e Moderna, Dicionários Históricos, livros História Sagrada, de História da Igreja Romana, de História da Igreja de França, de História da Igreja Oriental, bem como de História Monástica. Há também livros sobre Antiguidades, livros de História Universal e os próprios escritos de História Civil apresentam-se numa perspetiva verdadeiramente global. Com efeito,

dentro da História civil temos um predomínio, que nos parece natural, de obras relativas à História Europeia, tais como História Grega, História de Itália, de França, de Espanha, de Portugal, Anglicana, da Bélgica, da Polónia, da Lapónia, entre diversos outros. No entanto, não só a História Europeia se encontra representada. Há obras de História Asiática, Africana e ainda livros que o próprio autor do catálogo designa por “História Fingida ou Novelas”.

Nas Belas-letras temos obras de Filologia, gramáticas, dicionários e tratados das línguas mais diversas, quer de línguas antigas e já desaparecidas, como das línguas em uso¹. A “universalidade” e diversidade de interesses destacam-se uma vez mais, encontrando-se obras de língua Hebraica, Latina, Castelhana, Portuguesa, Francesa, Italiana, Inglesa, Asiáticas, Caldaica, Siríaca, Samaritana, Árabe, Pérsica, Línguas Orientais, língua Chinesa, Egípcia, Etiópica e também obras de Filologia Arcana e Cabalística e Hieroglífica. Para além destas, há também obras ligadas à Arte Poética, Orações em várias línguas, poetas de várias nações antigos e modernos, obras de poesia de vários “estilos”, tais como a épica, a cómica, a bucólica, a lírica, a satírica e a elegíaca.

Encontram-se similarmente livros de áreas diversas da Matemática, da Arquitetura, de Música, da Física e da Química. O Direito está também bem representado e diversificado, com a inclusão de Tratados de Direito Público e Particular, com origens muito distintas, tais como o Direito Romano, o Germânico, o de França, o de Portugal entre outros. O mesmo acontece com a Economia e Tratados de Economia Política, respeitantes aos mais distintos Estados.

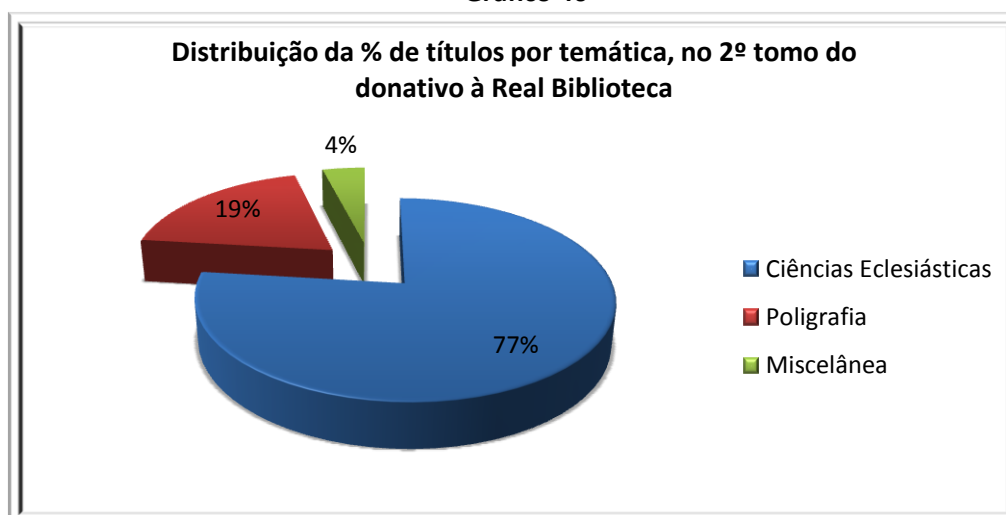
Como se pode depreender através da análise da tabela atrás mencionada, a representatividade de cada um dos assuntos é bastante variável. Ainda assim, parece espelhar uma vontade de dotar a Biblioteca de um fundo diversificado, capaz de responder aos mais diferentes interesses e usos. Parece confirmar-se, desta forma, a perspetiva da utilidade que se espera advir do usufruto dos fundos desta coleção.

¹ Os números relativos a cada sub-categoria encontram-se na tabela do anexo 6 deste trabalho.

O tomo segundo deste donativo inclui “*Livros impressos de Ciências Eclesiásticas, de Poligrafia e Miscelânea.*” A sua subdivisão e respetiva distribuição por temática estão refletidas na tabela que se encontra em anexo¹ deste trabalho.

Da sua análise destaca-se, uma vez mais, a enorme subdivisão das grandes temáticas definidas no catálogo, sendo que os livros sobre Ciências Eclesiásticas² ocupam a grande fatia, tal como se depreende da seguinte apresentação gráfica:

Gráfico 40



Fonte: B.N.P.- Códice nº 11522; B.N.P - Códice nº 11563 B.N.P - Códice nº 11525.

A diversidade e universalidade de interesses estão também muito bem representadas neste tomo. Encontramos Bíblias em línguas originais, Versões Bíblicas, Paráfrases Bíblicas e Concordâncias Bíblicas. Acham-se analogamente escritos de Filologia Sagrada, História e Antiguidades Bíblicas, de Teologia Dogmática, Catequética, Moral, Litúrgica, Mística e Parenética. Há similarmente escritos sobre diversas controvérsias, assim como Atas e Decretos a respeito de Bulas e Concílios. Similarmente há várias Teses e Conclusões Teológicas e Canónicas, Epístolas e obras de Jurisprudência vária.

Sobressai o interesse revelado por vários tipos de textos, desde Bíblias Políglotas, a versões nas línguas originais, bem como versões em Turco, Grego, Línguas Antigas

¹ Anexo 7. Os números relativos a cada subtema estão discriminados na tabela.

² Realce-se que tratamos os livros de Poligrafia enquanto as colecções de obras sobre muitos ramos do saber, científicas ou literárias, excepto as colecções que respeitavam a assuntos eclesiásticos, que foram tratados como livros de Ciências Eclesiásticas. Por sua vez, na Miscelânea foram apenas os compreendidos os livros assim identificados e os Epistolares.

Orientais, Latinas, versões da Vulgata, versões em línguas vulgares como o Castelhana, o Italiano, o Francês, o Alemão e o Grego. Encontram-se igualmente títulos respeitantes a Controvérsias e Teologia Polémica Heterodoxa, assim como Controvérsias contra os Judeus e contra os Heterodoxos. Há Pastorais, Coleções a favor e contra os milagres, Controvérsias de Regulares, obras sobre Doutrina Jesuítica, entre muitas outras. Para além das obras de “cariz eclesiástico”, encontramos ainda autores de erudição vária: Gregos, Árabes, Latinos Antigos, Latinos Modernos, Portugueses, Castelhanos, Italianos, Franceses e Ingleses.

Ainda que exista uma clara preponderância dos livros ligados às Ciências Eclesiásticas, verifica-se, também aqui, uma grande diversidade de interesses, línguas e origens dos livros, salientamos apenas a título de exemplo dessa diversidade uma edição da Bíblia de Lutero: “*Martini Luteri, em Allemão, Hallo, 1755, in 8^o*”¹.

No terceiro tomo do catálogo deste donativo temos a compilação dos manuscritos que foram doados. Este tomo não contém uma repartição em “grandes temáticas”, tal como aconteceu com os que incluíam os impressos. Encontramos, ainda assim, uma panóplia muito diferenciada de subdivisões temáticas. Na tabela² que colocamos em anexo deste trabalho apresentamos os dados que conseguimos compilar.

Focalizando a nossa atenção neste catálogo com os manuscritos, procuramos perceber quais as temáticas predominantes. Para isso, uma vez que não se encontrou no catálogo nenhuma divisão em “grandes temáticas”, seguiu-se a divisão pelas temáticas que foram utilizadas nos impressos³. O gráfico seguinte procura ilustrar a representatividade de cada categoria temática.

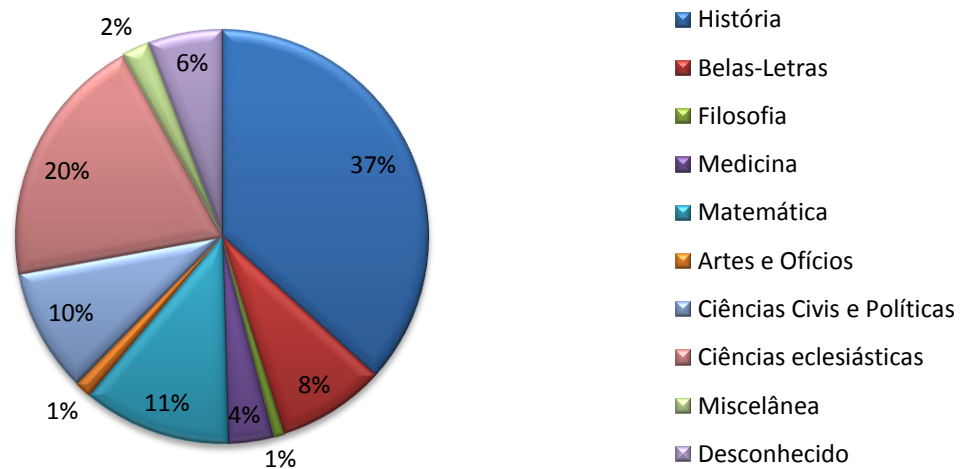
¹ Tomo II deste catálogo, folha 21.

² Anexo 8.

³ Uma vez mais tornou-se difícil reconhecer com clareza a que temática pertencia cada subdivisão do catálogo. É o caso de categorias como as “Artes e Ofícios”, ou de subdivisões como a “Física”, a qual foi incluída na categoria “desconhecido”. Saliente-se que no gráfico não se apresentam as categorias sem representatividade numérica neste tomo, ainda que considerássemos, para efeitos de cálculo, as mesmas categorias, pré-definidas no catálogo, para os impressos.

Gráfico 41

Distribuição da % de títulos por temática, no 3º tomo do donativo à Real Biblioteca



Fonte: B.N.P.- Códice nº 11522; B.N.P - Códice nº 11563 B.N.P - Códice nº 11525.

Nos manuscritos predominam os livros de História, seguidos a alguma distância pelos livros de Ciências Eclesiásticas. Matemática e Ciências Cívicas e Políticas são os que se seguem, já a larga distância dos primeiros. Notabiliza-se uma vez mais a diversidade de assuntos e temáticas, assim como a perspectiva global com que se apresentam obras de diferentes zonas geográficas e línguas.

Ao olharmos globalmente este donativo, julgamos que se evidencia uma necessidade de dotar a Biblioteca de livros capazes de corresponder aos mais diferentes interesses. Procura-se, desta forma, corresponder às preocupações enunciadas no plano criado por Cenáculo para a criação e dotação de uma biblioteca, que deveria ser útil ao prestígio da nação, sendo capaz de contribuir para a sua “elevação cultural”. Nessa perspectiva, a Biblioteca não seria apenas uma casa onde se recolham coleções valiosas, ainda que essas fossem importantes e estivessem certamente presentes no donativo. Era analogamente, uma instituição que deveria disponibilizar, a quem a ela acedia, livros variados de diferentes temáticas, sendo, por essa via, capaz de contribuir para a instrução, formação e interesses dos diferentes utilizadores. Com se sabe, o livro impresso permitiu multiplicar títulos e géneros à disposição, mas os livros manuscritos continuaram a circular e a ser objeto de

coleção¹. Este donativo parece confirmar esta ideia, temos objetos de coleção, livros mais antigos, manuscritos e mesmo alguns impressos bastante valiosos de períodos correspondentes aos primórdios da imprensa, mas também livros mais recentes, modernos, que correspondem às exigências e expectativas de utilização diferentes dos colecionadores de livros, multiplicando-se os títulos e géneros à disposição.

Cumprе realçar que Frei Manuel do Cenáculo foi um “anticómano erudito”, cuja formação intelectual e prática pedagógica o habilitava a cultivar, com igual empenho, os dois polos da curiosidade antiquária e arqueológica. Um, o polo nacional, que buscava a memória antiga do Reino de Portugal documentada nos vestígios dos povos “antepassados”. Outro, o polo clássico, inserido numa atitude das elites europeias em relação ao passado que partilhava ao nível do continente uma tendência classizante². Quando olhamos os livros que doou à Biblioteca Pública e que fariam parte de uma coleção “particular” que reuniu ao longo da sua vida, parece evidenciar-se justamente esse polo de colecionador. Nesse sentido, procura reunir, por exemplo, livros de História que lhe permitam buscar a memória antiga do Reino, ou livros de hebraico que lhe permitiriam interpretar a Bíblia num sentido histórico, procurando fundamentar a identidade do país através da Bíblia, numa feição orientalizante que marcou o debate histórico do século XVIII peninsular³. Só que, pelo que parece depreender-se do donativo realizado, não chegam esse tipo de livros, ou a utilidade que ele neles encontra. Tem outro tipo de obras na sua coleção, as quais que doa à Biblioteca. Trata-se de obras que, julgamos, não são orientadas unicamente por essa perspetiva de colecionador, mas que corresponderiam a outras necessidades e expectativas de uso, e disso são exemplo os livros de Matemática, de Artes e Ofícios, entre muitos outros que foram incluídos nesta doação.

No conjunto global do donativo, abrangendo manuscritos e impressos predominam títulos com livros de Ciências Civas e Políticas, seguidos pela História e pelas Belas-Letras. Já a alguma distância encontramos os livros de Ciências Eclesiásticas e Medicina, estando as outras áreas menos representadas em termos de

¹ Chartier, *As utilizações do objecto impresso...*,10-14.

² Brigola, «Coleccionismo e anticomania...»,249-250.

³ Manuel Patrocínio, «O tema do orientalismo no espólio Cenaculano - Perspectivas Críticas», (*Workshop Bibliotecas e Leitura Pública nos séculos XVIII-XX. Évora. CEHFC - Universidade de Évora. 31 de Maio 1 de Junho,2007*),6.

número total de títulos. Cumpre-nos realçar que esta divisão em de categorias se baseia nas que foram feitas à época no catálogo. Nesse particular, seguimos as orientações apontadas por vários autores que defendem que, na hora de interpretar uma Biblioteca da Idade Moderna, é preciso evitar o prejuízo epistemológico derivado da aplicação das nossas categorias e classificações, devendo por isso recorrer às classificações da época¹. Considerando que a organização deste catálogo e respetiva “categorização” dos livros corresponde a uma orientação da época, refletindo as necessidades de ordenação do tempo, parece-nos que este catálogo, com todas as suas divisões e subdivisões, espelha uma grande diversidade e universalidade de interesses.

Note-se que o “índice” de leitura de uma sociedade não pode medir-se apenas pelo número de possuidores de livros e suas coleções. Deverá considerar-se também a possibilidade de aceder aos livros por parte de quem o desejava fazer². Com efeito, o estudo do consumo individual no campo do conhecimento e sua documentação não chega. É preciso perceber, analogamente, o acesso às Bibliotecas públicas ou semi-públicas, que marca fortes diferenças entre quem pode aceder a estas instituições, e quem se encontra longe delas³. Nessa perspetiva, ao apreciarmos os trabalhos de dotação desta biblioteca, parece-nos que se estava a tentar constituir uma Biblioteca “central”, que pudesse responder às necessidades de utilizadores diferenciados, ainda que, como se sabe, nem todos pudessem aceder a todos os livros.

Note-se que o fundo da Biblioteca contou com muitos outros milhares de livros, organizados e comprados de acordo com determinados critérios. Se foi ou não capaz de responder totalmente às necessidades de diferentes públicos, é algo que não poderemos saber com indefectibilidade. Provavelmente não, nem tanto pela pobreza ou riqueza do fundo, mas muito mais pelo carácter ilimitado das necessidades de uso e interpretação de um livro, e isso será tão válido ontem, como hoje. Subscrevendo o defendido por Alberto Manguel, consideramos que a História da Leitura felizmente não tem fim. Após o capítulo final de uma obra, há que deixar uma série de folhas em branco, para que o leitor possa adicionar outras ideias sobre a leitura, num livro que

¹ Cf. Castelao, *Libros y lectura...*,149.

² Rey Castelao, *Libros y lectura...*,145-149.

³ Burke, *A Social History...*,177.

“não está acabado”, nem poder estar¹. Seguindo essa linha de pensamento, dada a “incompletude” de uso dos livros, também uma biblioteca não será capaz de disponibilizar tudo quanto a precisão de um leitor estipula. Isso não inviabiliza, em nosso entender, que os projetos que levam à sua criação, dotação e desenvolvimento almejem sempre responder a determinadas perspectivas e ideais de organização do saber.

Cumpramos realçar que reconhecemos a impossibilidade material de identificar cada um dos registos de livros presentes no catálogo, descortinando o nome do seu autor, cronologia da obra, nacionalidade, edição e língua, uma vez que a própria identificação da obra no catálogo não nos fornece indicações suficientes para ir mais além. Por isso, selecionámos, de forma aleatória, algumas obras, fazendo a sua identificação. Com isso procuramos ilustrar, com alguns exemplos, a diversidade de interesses e origens desta coleção².

No que concerne à diversidade de origens apontamos por exemplo, a obra presente no 1º tomo do donativo: « *L’enfant Jacques - Histoire du Concile de Pise, & de ce qui s’est passé de plus memorable jusqu’ au Concile de Constance. Amesterdam : Chez Pierre Humbert :1724* ». Trata-se de uma obra de um autor protestante, Jacques L’ Énfant, que viveu entre 1661-1728³. Pelo que pudemos apreciar, as funções clericais de Cenáculo, a sua forte ação pastoral e defensora da religião que professava, não o impedia de aceder e conhecer autores “contrários”, fosse qual fosse a finalidade do seu estudo. Neste caso o assunto de estudo prendia-se com a História da Igreja, mas os interesses não se limitam isso. No mesmo tomo encontramos - *Histoire de la Medicine Nouvelle edition, revue, corrigee e augmentee par l’auteur. Haye : Chez Isaac Vander Kloot, 1729*”. Aqui o assunto é já a História da Medicina. Trata-se da obra de Daniel Le Clerc, natural de Genebra, filho de um médico, terá aprendido com o pai os primeiros rudimentos da área, tendo depois estudado em Paris, Montpellier, Valencia, tendo regressado a Genebra e alcançado grande sucesso devido aos seus trabalhos de pesquisa médica⁴.

¹ Manguel, *Uma História da Leitura...*, 1-10.

² Veja-se também, sobre este catálogo de livros Domingos, «Casa dos Livros de Beja...».

³ «Jacques L’ Énfant», <http://www.biblio.com>, 11 de Junho de 2010.

⁴ « Daniel Le Clerc», <http://www.biu-toulouse.fr/sicd/services/sla/origines.HTM> , 11 de Junho de 2010.

A propósito de variedade de interesses e raridade das edições temos ainda, no mesmo tomo I, o exemplo da obra identificada no catálogo como: *“Zacuto, fólho de R. Schemuel. R. Abraham- Spher Juchasin ou livro das linhagens. Cracóvia 340/de Christo 1580/ in 4º vol* ¹. É uma obra de Rabbi Abraham Bem Samuel Zacuto que viveu entre 1452-1515, foi um astrónomo que ensinou na Universidade de Salamanca, tendo vivido no Convento de Cristo em Tomar. A sua obra maior terá sido o “livro das linhagens”, ou *Seper Yuhassim*, considerada a primeira crónica que engloba a História da humanidade desde uma perspectiva Judaica, integrando os registos dos cronógrafos Judeus². O próprio catálogo faz referências à raridade da obra que classifica: *“Edição rara, e mais augmentada, que a anterior de Constatinopola, com o cap. 18 do Tratado IV do livro Jesod Olam = Fundamento do Mundo do R. Isac Israel, com as novas do R. MoYses Isarles, e com o livro Seder Olam Sucha ou Zotha - Chronica menor do Mundo”*³.

Já no tomo segundo do donativo encontramos diversas Bíblias e versões da Bíblia, quer políglotas, quer em Latim, Grego, Hebraico, Indiano, entre muitas outras. Infelizmente, para a maioria das edições não logramos alcançar mais dados de identificação, para além daqueles que estão presentes no catálogo. Ainda assim, entre os que conseguimos identificar, destacamos, a título de exemplo, a edição de uma Bíblia Latina, ainda hoje presente na Biblioteca Nacional: *Biblia picturis illustrata: breves in eadem annotationes, ex doctiss. interpretationibus, & hebraeorum commentariis*, publicada em Paris, na Oficina Petri Regnault, em 1540⁴. A Poliglota - *“Biblia Sacra, Hebraicé; Gracé, latine. Latina interpretatio duplex est, altera vetus, alcora nova; cum annotationibus Francisci vacabli”*⁵, proveniente da Oficina Sanctradeana, datada de 1586. Em língua Indiana temos: *The New Testament = of our lord and savior J.C. translated into the Indian Language. Cambridge: printed by Samuel Green and Marmaduke Johnson*, datada de 1641⁶. Também aqui a diversidade de interesses toma lugar, evidenciando-se desta feita, nas línguas das edições, nas versões das Bíblias, na cronologia da edição, entre outras.

¹ Fólho 32 verso.

² «Fundação Zacuto» <http://www.zacuto.org/>, 14 de Junho de 2010.

³ Fólho 32 verso.

⁴ Fólho 16, tomo II.

⁵ Fólho 5 e 5 v, tomo II.

⁶ Fólho 21.

No que ao catálogo dos manuscritos diz respeito, temos desde obras referentes à História ultramarina portuguesa, como por exemplo várias *Décadas de Couto*¹, até obras de Filologia, com por exemplo a Obra de Filologia Latina: “ *Le methode des Princes, ou les regles plus generales pour apprendre en tres peu dês temps la langue latine*”, em pergaminho². Passando ainda por obras de Filosofia dos árabes, como por exemplo - “ *Proposita Philosophorum Arabum*”³, manuscrito da primeira metade do século XVIII, que pode ser consultado na Biblioteca Nacional Digital⁴, ou ainda obras de astronomia com a de Martinho de Melo - *Tratado de Astronomia*⁵, entre várias outras. Sobressai, também aqui, a diversidade e universalidade de interesses que temos vindo a mencionar.

Como se sabe, Cenáculo é um colecionador erudito que encontra nos livros, moedas, pinturas, produtos naturais e achados “arqueológicos” sobejos motivos de interesse. A paixão por colecionar sempre caracterizou a sua existência⁶ e a sua avidez em encontrar e reunir livros das mais diferentes espécies não pode, em nosso entender, dissociar-se dessa sua feição de colecionista. Ainda assim, a sua vontade em criar bibliotecas e dotá-las com fundos diversificados, não tem em conta apenas esse seu interesse de colecionador. A função de muitos livros que inclui no donativo seria também a de contribuir para o desenvolvimento dos estudos, daqueles que a eles conseguissem aceder. Que perspectiva norteia então o pensamento do prelado quando contribui tão ativamente na constituição e dotação desta e doutras Bibliotecas?

Parece-nos que estamos perante mais uma faceta do “espírito das luzes”, que marcou a atuação de D. Frei Manuel do Cenáculo. Com efeito, salienta-se a forma como o prelado pretende constituir uma Biblioteca útil ao prestígio da nação e instrução do seu público⁷. A sua perceção do que deveria ser uma Biblioteca, de como deveria dotá-la, de como deveria organizar-se parece denotar essa feição iluminista da época. Realça uma vontade de poder instruir, proporcionar acesso ao saber nas suas múltiplas variáveis e interesses, evidenciando um certo “deslumbramento” perante

¹ Tomo III, fólho 13.

² Fólho 22, tomo III.

³ Folio 26, tomo III.

⁴ Biblioteca Nacional Digital, <http://purl.pt/14442/2/>, 14 de Junho de 2010.

⁵ Fólho 30 verso, tomo III.

⁶ Machado, *Um colecionador...*20.

⁷ Relembramos a definição de público da época, a que já aludimos quando tratamos a Biblioteca do Convento de Jesus, que compreendia uma minoria de educados e ilustrados.

esse saber: “conhecer bem é ser virtuoso, como ser virtuoso é ser feliz”, cultura é assim sinónimo de felicidade humana¹. O acesso a esta Biblioteca era uma forma de os homens poderem atingir essa felicidade. Esta era uma porta de entrada para um mundo de instrução e formação, proporcionado pelos livros “bem selecionados e escolhidos”.

Em finais do século XVIII a ideologia das Luzes pretendia que o livro fosse capaz de reformar a sociedade, concebendo-o ao mesmo tempo como um signo de poder. Estamos perante uma sociedade que, cada vez mais, se expressava através do escrito, organizada pelo poder de modificar as causas e reformar as estruturas a partir de modelos escriturários - científicos, económicos e políticos, adaptados em textos combinados - administrativos, ilustrados e urbanos². Frei Manuel do Cenáculo está bem consciente desse poder dos livros e as bibliotecas representam, nessa perspetiva, um instrumento crucial para a prossecução dos objetivos de reforma cultural da sociedade.

Os resultados do donativo

Os resultados práticos decorrentes da dotação da Biblioteca permitiram que a Instituição se enriquecesse com uma coleção reputada, pelo próprio bibliotecário encarregue da sua direção, como muitíssimo valiosa. Isto terá tido efeitos concretos nos utilizadores que a ela acederam³. No entanto, para além desses efeitos que apenas poderemos “adivinhar”, a dotação desta Biblioteca teve também efeitos práticos do ponto de vista do doador - Frei Manuel do Cenáculo. Desde logo, um resultado imediato, a reputação e engrandecimento pessoal. O crédito social resultante da sua atitude magnânime de doar livros da sua coleção, de forma generosa, à Biblioteca.

Saliente-se porém que, como já pudemos vislumbrar na carta de doação ao Príncipe que atrás reproduzimos, existiam também outros benefícios que o Bispo de Beja ansiava e que corporizou nessa carta. Nada melhor do que recordar as próprias palavras de Cenáculo:

¹ Caeiro, *Dispersos ...*,367-368.

² Rey Castelao, *Libros y lectura...*,726.

³ Cumpre reconhecer que e não poderemos recuperar esses efeitos neste estudo, uma vez que implicava um estudo mais aprofundado, apenas sobre a Instituição Biblioteca Nacional, implicando o acesso a estatísticas sobre utilizadores, tipologia, frequência e objectivos de utilização subjacentes a essa frequência.

“[...] eu pediria a S. Alteza Real em consideração do que tenho dispendido com a minha Igreja no espaço de vinte e sette anos, me fizesse a outra graça, a exemplo do prezindete, e Deputado da real Meza da Comissão extinta, e Mandasse dar-me os cahidos, e continuar na forma, que parecer justa ao mesmo Senhor, os meos ordenados, e pois que nella fui Presidente [...] e ao mesmo tempo fui Presidente de Subsídio Literário, cuja colheita e arrecadação creei com muita vantagem da Fazenda Real [...]”¹.

As missivas trocadas com António Ribeiro dos Santos dão nota das diligências feitas, tendo em vista conseguir este objetivo de receber os ordenados. Nas muitas epístolas onde aborda a receção das remessas de livros e monetário, que se espalham por alguns meses, o Bibliotecário compromete-se a dedicar-se ao assunto e conseguir para Cenáculo o despacho que lhe confirmasse o benefício.

Em carta datada de 15 de Junho de 1797 diz-lhe que não descansará enquanto não vir contemplados os magnânicos serviços de Cenáculo, mas nada melhor do que divisarmos as suas próprias palavras:

“Sou ainda devedor a V. Ex. [...] na última conferência que tive com o Ex.^{mo} Marquez Mordomo Mor sobre os Negocios da Bibliotheca, fallando com energia das vivas impressões que excitou no ânimo de S. Alteza a grandioza doação [...] me certificou que o mesmo Senhor lhe ordenara houvesse em seo Real nome de participar a V. Ex.^a a grata acceitação que fazia de tão magnificas Collecções, declarando-lhe, que esta acção de tão distincto, e generoso Patriotismo ficava altamente gravada na sua Real lembrança para galardoar a V. Ex.^a com mercê; correspondentes à utilidade, e grandeza do Donativo; e que mandaria dar as providências necessárias para satisfazer a requezição que V.^a Ex.^a lhe fazia, quanto fosse possível no estado actual das coizas [...] isto he o que agora participo a V.^a Ex.^a protestando por minha honra, e credito, que não cessarei de redobrar os meus officios, em quanto não vir contemplados, e satisfeitos os magnânicos serviços qu, V. Ex.^a tem feito a Bibliotheca [...]”².

Como se pode inferir da análise do documento, o donativo feito pelo Bispo de Beja foi muito apreciado e considerado merecedor de uma compensação por “tão grande serviço à Pátria”. Por decisão Real tinha-se determinado fazer a Cenáculo mercê do que ele havia pedido na carta de doação que enviou a Príncipe. Em carta

¹ Documento disponível em Biblioteca Nacional Digital, <http://purl.pt/6382>, 21-02-2008.

² B.P.E.- Códice CXXVII 2-3, nº 367.

datada de 16 de Julho¹ do mesmo ano, Ribeiro dos Santos volta a mostrar-se agradecido e apreciador de tantos tesouros, com os quais o prelado enriquecera a Biblioteca. No entanto, um mês depois o despacho dos benefícios de Cenáculo não tinha sido consumado e o bibliotecário compromete-se a continuar a investir para que isso seja feito o mais rapidamente possível.

As diligências do envio de livros e donativos prolongam-se no tempo, assim como o empenho para obter o despacho de atribuição dos benefícios. Só em carta remetida anos depois, datada de 11 Janeiro de 1802, é enviada ao Bispo, por António Ribeiro dos Santos, comunicação afirmando que finalmente tinha sido feito o despacho atribuindo-lhe a mercê solicitada. Anexo a essa missiva, está uma expedição, na qual é feito o pedido para que se lhe faça mercê pelos serviços à Biblioteca. Eis parte da transcrição do documento e suas determinações:

“[...] O Ex.mo e R.mo D. Frei Manuel o Cenáculo Bispo de Beja doou em Março de 1797 à Real Bibliotheca de Lisboa huma grande Collecção[...] Foi tudo presente a S.A.R. que houve por bem de aceitar benignamente a offerta e doação deste illustre Prelado [...] pediu o Ex.mo Bispo a S.A.R. lhe fizesse a Graça [...] de lhe mandar dar os cahidos, e continuar seus Ordenados na forma que ao mesmo Sr. Parecesse justo[...]A este requerimento foi Sua Alteza servido annuir[...] Sollicitei algumas vezes este Despacho[...]Ora porem, que a Paz, e a Abundância, restituídas a estes Reynos pelos cuidados e fadigas de V.Ex.^a e pelas sabias, e Paternaes Provdencias de Sua Alteza [...] não deixará o mesmo Sr. de desempenhar a sua Real Palavra.[...] O bibliothecário Mayor[...]”².

Ao que parece, volvidos alguns anos desde a determinação de atribuir a Cenáculo os ordenados pedidos, Ribeiro dos Santos continuava empenhado em diligenciar pelo seu cumprimento, o que acabaria por acontecer só em Janeiro de 1802. Também Joaquim José da Costa e Sá se envolveu nestes trabalhos, numa carta datada de 13 de Fevereiro desse mesmo ano³ dá nota que, pelos trabalhos de D. Rodrigo de Sousa Coutinho Presidente do Real Erário, Cenáculo veria retribuídos os seus trabalhos de dotação da Biblioteca, recebendo o prémio devido. Na mesma missiva, afirma-se que o dito governante gostaria de ver Frei Manuel do Cenáculo elevado à condição de Arcebispo de Évora.

¹ B.P.E. - Códice 4708, f.34. Cf. Dias, *Inéditos de António...*,61.

² B.P.E.- Códice CXXVII 2-3, N^o 373.

³ B.P.E.- Códice CXVIII 1-1, f. 226-227.

Certo é que o prelado alcançou, de facto, a posição de Arcebispo de Évora. Em carta datada de 6 de Março de 1802¹, António Ribeiro dos Santos congratula-se com o despacho de nomeação do prelado para a posição. Também Joaquim José da Costa e Sá, a 17 de Março², escreve a Cenáculo, tratando-o como “Arcebispo eleito de Évora”. Os documentos que conseguimos alcançar não nos permitem afirmar categoricamente que a atribuição desta posição seja mais um prémio direto a Frei Manuel do Cenáculo pelos serviços em prol da Biblioteca, mas admitimos a hipótese que, pelo menos em parte, a decisão poderia ter sido influenciada pelo prestígio que tal doação granjeou ao bispo.

Isto leva-nos novamente à questão dos resultados do donativo, o prestígio e engrandecimento que Cenáculo obteve permitir-lhe-ia obter benefícios pessoais desta atitude de doar livros à Biblioteca.

Cenáculo, como qualquer homem daquele e qualquer outro tempo, também se terá movido de acordo com a sua própria teia de conveniências, numa característica da mentalidade clientelar de uma época em que os donativos são feitos a pensar em contrapartidas financeiras ou de cargos. A doação que fez, além de lhe granjear ainda mais prestígio, numa época já distante daquela em que pode contar com a proteção de Marquês de Pombal, permitiu-lhe colher benefícios. Temos o Bispo, ou melhor o novo Arcebispo de Évora, novamente envolto no círculo do poder, granjeando respeito, admiração e favor régio. Saliente-se que Cenáculo enfrentou, ao longo deste tempo, desafios constantes em termos financeiros, tendo necessidade de realizar dinheiro com urgência³. Nessa perspetiva, ainda que o pagamento dos ordenados devesse ter pesado na decisão do prelado doar esta coleção, a verdade é que teve de fazer face a obrigações financeiras ainda antes de os receber.

Não obstante essas obrigações financeiras, Cenáculo não se deu aqui por satisfeito. Entrado em Évora, assumindo as suas funções arcebispais, continuou a sua obra em prol da criação de Instituições culturais públicas, como é o caso da Biblioteca

¹ B.N.P. - códice 4713, f.103.

² B.P.E.- códice CXXVIII 1-1, f.230-231.

³Essa urgência foi ainda mais acentuada porque, não obstante a demora na observância da “obrigação” do pagamento da mercê solicitada por Frei Manuel do Cenáculo, continuaram a ser-lhe feitas exigências de cumprimento das suas obrigações financeiras à Coroa. É o caso do pagamento da colecta eclesiástica, ordenada em carta de Rodrigo de Sousa Coutinho de 25 de Agosto de 1801. B.P.E.- códice CXXVII 2-14, f.36. Recorde-se que este pagamento é cumprido em Janeiro de 1802, cf.- B.P.E.- códice CXXVII 2-14, f.40. Por esta altura ainda se empreendiam diligências para a remuneração devida ao prelado Pacense.

Museu de Évora. E mesmo que o prestígio pessoal que pudesse granjear nunca pudesse ser demais, a verdade é que nesta altura Cenáculo caminhava já para a provecta idade de oitenta anos. Acabaria por viver até aos noventa, mas estaria bem consciente que os benefícios pessoais e lucros que pudesse colher não seriam usufruídos indefinidamente. Isso não o fez esmorecer, os seus últimos anos de vida foram passados a erigir e dotar uma nova Biblioteca que deixou para usufruto das gerações vindouras. Trata-se por isso, em nosso entender, de uma obra notável de “um homem do seu tempo” que se preocupou e conheceu verdadeiramente o poder dos livros.

5.4. A Biblioteca de Évora

D. Frei Manuel do Cenáculo, depois de ter assumido o cargo de Arcebispo de Évora no início da nova centúria, continuou a diligenciar no sentido da criação de bibliotecas, desta feita na metrópole onde assume funções.

Subscrevendo Francisco Vaz, consideramos que as ideias que nortearam o prelado para a fundação desta Biblioteca continuaram a ser a da utilidade da instrução do clero e dos restantes diocesanos, assim como a necessidade de uma biblioteca para alcançar esse fim¹. Em face disso, procuraremos no vasto espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo informações relativas às diligências empreendidas para a fundação desta biblioteca e a forma como o prelado fundamenta a sua criação. Cumpre notar que, ao contrário do que sucedeu para as instituições que tratamos anteriormente, não possuímos, para o caso desta biblioteca, qualquer catálogo com donativos realizados por D. Frei Manuel do Cenáculo à instituição. Temos contudo alguns documentos que dão nota das diligências empreendidas para a sua ereção e os regulamentos com que é dotada, os quais fazem menção à quantidade e valor dos livros com que se fundou a Biblioteca Pública de Évora. É sobre esses documentos que nos iremos debruçar de seguida.

¹ Vaz, «As Bibliotecas e os livros ...», 492.

5.4.1. As diligências para a fundação da Biblioteca

Frei Manuel do Cenáculo, quando projetou esta biblioteca decidiu construir um edifício que pudesse albergar uma coleção, quer de livros, quer de outros objetos, que valorava em termos monetários em mais de trezentos mil cruzados, os quais pretendia deixar “em perpétua doação” à sua Igreja Metropolitana de Évora. Surgia assim a ideia de criação de uma “biblioteca-museu”, onde se incluíam quer livros, que outros objetos, como moedas e pinturas.

Em face disso procuramos encontrar, no numeroso espólio Cenaculano, documentos que pudessem testemunhar a forma como D. Frei Manuel do Cenáculo pretendia colocar o seu plano em andamento. Entre esses manuscritos existe uma cópia de uma representação feita ao príncipe nesta matéria¹.

Se nos concentrarmos nessa representação verifica-se que o arcebispo, ao dirigir-se ao Príncipe justificando a necessidade de criação da biblioteca, identifica o número de volumes que pretendia colocar na instituição:

“Senhor. Diz o Arcebispo de Évora que desejo de cumprir huma parte importante das suas obrigações pelo que respeita à Doutrina e Instrução do Clero, e Fiéis não só da sua diocese, mas tão bem de toda a sua vasta Provincia, tem construído huma Bibliotheca Publica que consta por hora de duas grandes Cazas nas quaes vais collocando bons quarenta mil volumes, aquisições suas, á excepção de dois mil tomos que achou neste Palacio de sua Metropole de Evora deixados pelo seu Antecessor D. Joaquim Xavier Botelho: como tão bem vai recolhendo em gabinetes e armários separados huma notável porção de livros raros, pinturas, e raridades naturaes, e artificiaes. [...]”²

Como pode inferir-se através deste excerto, o núcleo com que o prelado forma a biblioteca é de cerca de quarenta mil volumes, os quais pertenceram à sua coleção pessoal, com exceção de cerca de dois mil tomos, que pertenceram ao Arcebispo anterior.

¹ Esta cópia encontra-se na B.P.E. Fundo Cunha Rivara: Catálogo de Manuscritos II – Núcleo Fundo Rivara 6- Estremoz – Évora “Cópia da representação de Cenáculo sobre a Fundação da Biblioteca de Évora e aprovação, etc.” Armário X nº 1,47, cod. 1 S.A.

² Idem, f.357

No seguimento da representação D. Frei Manuel do Cenáculo propõe a forma de financiar o estabelecimento, aludindo similarmente à visita do Príncipe à instituição em 1806¹:

“Esta Bibliotheca *que* foi felicitada com a Prezença de *Vossa Alteza Real* e que de sua natureza he *muíto* útil á Igreja e ao Estado, vira a ser inútil e facilmente se arruinará não havendo algum rendimento, *para* a sua conservação e acrescentamento e *para* os ordenados dos officiaes, e servos della: por isso pertende o Sup.^r que a *Santa Sé apostolica* aucctorize e confirme a aplicação de trez mil cruzados anno, tirados dois das rendas da Mitra, e quatro centos mil *reis* das de Fabrica, como há quase he três séculos fizeram seos Reaes Antecessores os *Senhores* Cardeal D. Affonso, e Cardeal Rey D. Henrique; os quaes rendimintos se achão distrahidos, de que apenas se acham memorias [...]”²

Depois de determinar quais os rendimentos que serviriam de suporte à manutenção da Biblioteca, D. Frei Manuel do Cenáculo explica onde estes deveriam ser aplicados. Solicita a aprovação do Príncipe para o prosseguimento do seu plano, defendendo que o rendimento obtido através das rendas das Mitra e da Fábrica da Igreja seriam utilizados no pagamento de ordenados, na compra de livros e na realização das reparações necessárias ao edifício, conforme se pode verificar na seguinte reprodução parcial: “E estes novamente destinados serão aplicados *para* ordenado do Bibliothecario Maior, do Carturario, e dos Bibliothecarios menores, e officiaes da Bibliotheca, alem da porção *que* se aplicará *para* compra de Livros, e Concertos, [...] Para *que* esta Graça seja Legitimamente impertrada, e conseguida com a maior facilidade implora o sup.^r o Régio Beneplacito e Aprovação de *Vossa Alteza Real* [...]”³.

¹ Uma anotação no diário dá nota da visita em 1806: “Na 4ª feira fui mostrar-lhe a Livraria e depois a Princesa, que gostaram e festejaram, e pelas 10 horas foi o Príncipe; e depois a Princesa a Igreja de S. Francisco, e dali continuaram a jornada por Montemor até Vendas Novas”. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 604.

² Catálogo de Manuscritos II – Núcleo Fundo Rivara 6- Estremoz – Évora “Cópia da representação de Cenáculo sobre a Fundação da Biblioteca de Évora e aprovação, etc.” Armário X nº 1,47, cod. 1 S.A, f.357, 357v.

³ Catálogo de Manuscritos II – Núcleo Fundo Rivara 6- Estremoz – Évora “Cópia da representação de Cenáculo sobre a Fundação da Biblioteca de Évora e aprovação, etc.” Armário X nº 1,47, cod. 1 S.A, f. 357v . e 358.

Os propósitos defendidos pelo arcebispo Cenáculo para a fundação da biblioteca estão patentes nos Estatutos, datados 1811¹. Nesse documento são apontadas as razões que levaram D. Frei Manuel do Cenáculo a decidir fundar esta biblioteca, mas nada melhor do que atentar no próprio escrito:

“ Fazemos saber que attendendo Nos a que huma parte, talvez mais principal, do Nosso Officio Pastoral, he fazer que não so o Clero seja instruído nas Letras Sagradas, e Humanas, tanto quanto estas concorrem para perfeita sciencia daquellas, se não também o resto dos Fieis, pois que somos persuadidos, que a sciencia das verdades, e obrigações he o melhor arbítrio, que o homem pode tomar para conter-se nos limites dos seos deveres, como homem, como Christão, e como Cidadão: E estando Nós igualmente certos em que para se conseguir a sabedoria nada mais he tão útil, e de maior necessidade do que huma Bibliotheca Publica, à qual concorrão os que dezejam instruirse para confirmarem as espécies adquiridas no seo particular, conferillas, e adinatallas com a lição de diferentes Escriutores, e conseguir outras descobertas em livros raros, Manuscriptos, e de maior numero de volumes, os quaes não podem ser possuídos pelos particulares, [...]”²

A justificação para a necessidade de criação desta Biblioteca prende-se, como bem salientou Francisco Vaz³, com a utilidade que tal estabelecimento traria para a instrução, quer do clero, quer dos próprios fiéis. Cumpre realçar que a sustentação teórica para a criação desta biblioteca parece confirmar, de certa forma, algumas das características que tínhamos apontado para os catálogos dos donativos às bibliotecas do Convento de Jesus e Real Biblioteca Pública. Com efeito, neste documento defende-se a existência de uma diversidade de temas e autores, conjuntamente com a presença de impressos e manuscritos, assim como de obras raras na coleção. Estas características foram encontradas, como se sabe, nos donativos que realizou para as Bibliotecas que abordamos anteriormente.

A leitura destes documentos permite constatar que o Arcebispo de Évora decidiu criar uma “biblioteca-museu”, que incluía livros diversos e uma preciosa coleção de monetário, pinturas e raridades naturais e artificiais⁴. Ciente das dificuldades de

¹ B.P.E.- Códice - C /2-18. Sobre a questão dos estatutos Cf.Vaz, *D. Manuel do Cenáculo, Instruções pastorais...*

² B.P.E. – Códice - C /2-18, f.1.

³ Vaz, «As bibliotecas e os livros...»,483-498.

⁴ Note-se que o Museu Regional de Évora teve como fundador, no que respeita à pintura, Frei Manuel do Cenáculo. Foi este quem organizou e inaugurou um núcleo de pintura, que foi integrado na livraria

manutenção de um espaço deste tipo, D. Frei Manuel do Cenáculo pensa um esquema que possibilite a dotação da biblioteca com fundos monetários que lhe permitam fazer as reparações necessárias, comprar livros que possam ser precisos e aguentar o corpo de funcionários essenciais para a manter em funcionamento. Apresenta esse esquema ao Soberano, obtendo do Príncipe a licença para impetrar na Santa Sé a confirmação para a aplicação desse rendimento. A testemunha-lo encontram-se dois documentos, uma carta e um despacho, enviados pelo Ministro de Estado António de Araújo de Azevedo¹. Reproduzimos parcialmente o despacho onde essa licença é concedida: “O Principe Regente Nosso Senhor Há por bem conceder Licença ao Arcebispo de Evora sup.^r para impetrar da Santa Sé Appostolica as Letras Apostolicas de confirmação para poder aplicar três mil cruzados cada anno, tirados dois das rendas do Arcebispado e quatro centos mil reis da fabrica, para os úteis fins que declara. Palacio de Mafra. [...]”².

No livro de Atas e Memórias da biblioteca Pública Évora³, encontram-se também referências que confirmam estas diligências junto ao Soberano e à Santa Sé, embora neste documento se faça um registo mais pormenorizado das diligências empreendidas. Este registo informa que, no que concerne aos rendimentos necessários para a manutenção da Biblioteca, inicialmente se pretendia uma Bula de três mil cruzados. No entanto, em face dos roubos perpetrados aquando da tomada de Évora pelo exército francês, que fizeram com que a Igreja eborense ficasse com falta de “ornamentos e alfaias” para o culto divino, foi decidido moderar a intenção inaugural. Com efeito, naquele momento, pretendia-se aplicar “apenas” trezentos mil réis dos rendimentos da Mitra e dos da Fábrica duzentos mil⁴.

O requerimento feito ao Núncio Apostólico nesta matéria dá nota dessa moderação nos rendimentos a aplicar na Biblioteca, conforme se pode verificar na seguinte reprodução parcial:

eclesiástica. Desse núcleo de pintura fazia parte a coleção particular do Arcebispo. Cf. Machado, *Um colecionador...*,34.

¹ Catálogo de Manuscritos II – Núcleo Fundo Rivara 6- Estremoz – Évora “Cópia da representação de Cenáculo sobre a Fundação da Biblioteca de Évora e aprovação,etc.” Armário X nº 1,47, cod. 1 S.A, f.357, 357v.

² Catálogo de Manuscritos II – Núcleo Fundo Rivara 6...,f.358.

³ B.P.E. – [Manuscrito sem quota], “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eborense Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas”.

⁴ Em face disso pedia-se autorização ao Soberano para conseguir a Bula Apostólica com esta alteração.Cf. B.P.E. – [Manuscrito sem quota] ..., f.3

“ [...] O Arcebispo Metropolitano de Évora [...] tem construído huma Bibliotheca Publica [...] em que tem collocados bons cincoenta mil volumes, [...]com grossa despeza sua. Mas receozo que não tenha a direcção que deseja, se não houver algum rendimento destinado para Ordenados dos Officiaes, que sirvão, e ajudem á conservação desta obra tão necessária para a educação do Clero, e dos Fieis, e para o [...], pertende o supplicante desmembrar, e applicar da Mitra trezentos mil reis, e da Fabrica duzentos mil reis,; e estes novamente destinados serão applicados para ordenado do Bibliothecario maior, do Cartorario, e dos Bibliothecarios menores, e Officiaes da Bibliotheca, alem da porção, que se applicará para compra de livros, e concertos [...]e como na actual triste conjuntura dos tempos o supplicante não pode recorrer ao S.S. ^{mo} Padre para lhe conceder esta Graça, e Vossa Excelência se acha munido pelo mesmo S.S. ^{mo} Padre dos Poderes[...] seja servido fazer-lhe a referida Graça[...]”¹

Na sequência deste pedido ao Núncio, é concedida a Bula de confirmação, pela qual o arcebispo de Évora é autorizado a empregar tais quantias na biblioteca².

Para além de documentos dando nota das diligências de criação e “dotação orçamental” da biblioteca, há igualmente informações relativas ao regulamento de funcionamento com que esta instituição é dotada. Nos Estatutos que já acima citamos, esclarece-se que, depois de feitas as diligências de fundação do estabelecimento junto das autoridades competentes, se estabelecia a Biblioteca em casas que foram construídas para o efeito junto à residência arcebispal. Analogamente determina-se, num segundo artigo desse documento, qual o pessoal que iria trabalhar na casa:

“Creamos para o serviço deste Estabelecimento os Officiaes seguintes. Hum Perfeito. Hum Vice-Perfeito. Dois Bibliothecarios, por ora Hum Cartorario. Hum continuo. Serão Providos por portaria Nossa, ou dos Nossos Sucessores, ou do Cabido em Sé Vaga, devendo ser sempre o Perfeito o Bispo Coadjunto, ou quem servir os seos cargos. Os Bibliothecarios serão sempre Pessoas de Literatura, devendo ter preferênciam os que forem graduados na Universidade, ou Mestres na sua Religião. Os mais serão os que se julgarem mais hábeis.”³

Como se constata, prevê-se um corpo de pessoal constituído por seis pessoas. É determinado que os bibliotecários deveriam ser pessoas de literatura, estabelecendo-se até as condições de preferência para admissão ao ofício.

¹ B.P.E. – [Manuscrito sem quota] ..., f 4, 4v.

² O documento do Núncio que dá essa autorização encontra-se também copiado no Livro de Actas e Memórias da Biblioteca. Trata-se de um escrito em Latim, que se encontra nos fólhos 4v. e 5.

³ B.P.E. – Códice - C /2-18, f.2 v.

Nos artigos terceiro, quarto, quinto e sexto do mesmo documento decidem-se os nomeados para os cargos. Fixa-se assim o que, com algum anacronismo, poderemos chamar o “conteúdo funcional” de cada um dos nomeados, uma vez que se estabelece quais deverão ser as funções de cada um e como as deverão desempenhar, conjuntamente com o ordenado que iriam receber.

No quadro seguinte registamos os cargos, os providos nas funções e os valores dos ordenados que iriam auferir.

Tabela 29. Quadro do pessoal da Biblioteca de Évora

Nome do provido	Cargo	Ordenado
António Joze de Oliveira, Bispo Coadjutor	Prefeito	100 mil réis
Frei Joze Constâncio da Cruz, Padre Jubilado	Vice-Prefeito	80 mil + 30 mil réis
Fr. Joze da Conceição, Doutor em Teologia	1º Bibliotecário	80 mil réis
Antonio Estêvão de Lima, secretário de Cenáculo	2º Bibliotecário	80 mil réis
Joze Lopes de Mira, Secretário do Santo Ofício	Cartorário	60 mil réis
Joze Castro Coelho	Contínuo	50 mil réis
Total	6	480 mil réis

Fonte: B.P.E. Códice - C /2-18, f.3 -4.v.

Como pode verificar-se, os ordenados do pessoal absorvem grande parte da renda prevista de 500 mil réis. Contudo a existência de três bibliotecários, incluindo nesse número o vice-prefeito, o qual pelo “conteúdo funcional” deverá também desempenhar funções de bibliotecário é vista como uma situação provisória, decorrente do início da atividade da instituição e da necessidade de estabelecer catálogo da livraria e suas peças. Prevê-se a extinção de um destes cargos assim que este vague e o catálogo esteja concluído, sendo que o valor do ordenado daquele que vagar primeiro servirá para aumentar em dois mil réis o ordenado dos que restam, ficando o “restante ordenado” para o fundo da casa¹.

¹ B.P.E. – Códice - C /2-18, f.4.

Embora se faça a determinação exata das funções de cada um, no artigo sétimo deste documento admite-se a necessidade de fazer ajustes. Esses serão realizados de acordo com as necessidades que forem colocadas ao longo do tempo, mas nada melhor do que vermos as exatas palavras daquilo que foi determinado:

“Tudo quanto respeita ao numero e ordenados de Officiaes he sujeito às alterações que a experiência e a mudança dos tempos ensinarem. Todo o resto dos quinhentos mil reis se conservará no Cofre com a sua devida Escripuração para servir as despezas extraordinárias de algum concerto do Edificio; aceio [sic] delle e dos Livros; compra de alguns, de papel, de penas, de tinta e de algumas outras coisas, que o tempo hira ensinando serem necessárias.”¹

Depois de estabelecido o quadro de pessoal, suas funções e ordenados, passa a explanar-se na mesma provisão a forma de funcionamento da biblioteca, regulando-se desde logo as suas condições de abertura. É determinado que esta instituição deve estar aberta aos que aos que esta quiserem concorrer. O horário a cumprir conhece variações consoante a época do ano, conforme se resume na tabela seguinte:

Tabela 30. Horário de funcionamento da Biblioteca de Évora

	Verão	Inverno
Manhã	Terça-feira 8:00 às 11:00	Terça-feira 9:00 às 12:00
	Sábado	Sábado
Tarde	Segunda-feira 16:00 às 19:00	Segunda-feira 14:00 às 16:00
	Quinta-feira	Quinta-feira

Fonte: B.P.E. Códice - C /2-18, f. 4.v. e 5.

Não se encontra, no referido documento, qualquer justificação pela opção de abertura em horários diferenciados no Verão ou Inverno. Admitimos a hipótese de tal decisão se dever às condições meteorológicas próprias de cada estação, que favoreciam a circulação de pessoas em horas distintas, sendo que no Verão se faria mais cedo pela manhã, ou no final da tarde de modo a evitar horários de calor mais

¹ B.P.E. – [Manuscrito sem quota] ..., f f.4v.

intenso, verificando-se o contrário no Inverno¹. Se acolhermos a hipótese desse horário ter em conta a facilidade ou comodidade de circulação dos utentes em determinados horários, parece-nos que isso reforça a preocupação com o público e a centralidade que este tem na ideia de biblioteca do prelado. Aliás, essa mesma preocupação com o público e a sua comodidade parece perpassar na recomendação onde se aconselha que todos os oficiais da biblioteca devem acolher bem o público. Ilustram-no exemplarmente as palavras inscritas na provisão que temos vindo a mencionar: “Deverá ser do carácter de todos os Officiaes o agrado e bom acolhimento, e franqueza para todos os que buscão as Sciencias, e e ajudallos fazendo-lhes fácil e amável a frequêcia”².

As diligências iniciais para a criação da biblioteca e os regulamentos que se procuram instituir, patenteiam a centralidade de um espaço como a biblioteca-museu no pensamento de Frei Manuel do Cenáculo. De facto, a regulamentação do seu funcionamento, os recursos materiais e humanos e as regras de funcionamento são pensadas e estipuladas ao pormenor, procurando tornar a biblioteca num espaço acessível e acolhedor para os que nela se quisessem instruir e com regras de funcionamento claras.

Cumprе realçar que a análise deste documento permite constatar que se pretendia fazer um catálogo da sua coleção, sendo que para a sua elaboração foram destinados membros do corpo de funcionários. Contudo, fosse devido às circunstâncias do tempo, com as vicissitudes decorrentes das invasões napoleónicas a Évora, fosse devido a dificuldades surgidas na própria organização do estabelecimento, a verdade é que quando D. Frei Manuel do Cenáculo morre, no ano de 1814, continuava a não existir um catálogo completo onde se descrevessem todas as existências da Instituição. Analogamente, grande parte dos livros continuava por ordenar. De acordo com os dados recolhidos por Francisco Vaz³, em 1813 o Museu começou a ser ordenado pelo Bacharel Francisco da Paula Veles, tendo-se iniciado

¹ Cumprе reconhecer que não possuímos dados que nos permitam ir mais além nesta hipótese. Não podemos por isso afirmar, de forma categórica, que seria este o critério que levou à decisão de abertura neste horário.

² B.P.E. – [Manuscrito sem quota] ..., f f.4v e 5.

³ Vaz, «As bibliotecas e os livros...»,493.

também os trabalhos para fazer o catálogo da livraria, mas a morte do prelado acabaria por conduzir à suspensão destes trabalhos¹.

Como vemos, Frei Manuel do Cenáculo empreendeu apuradas diligências no sentido de dotar a biblioteca de uma coleção rica não só em livros, mas também de outras peças, procurando instituir uma biblioteca-museu bem organizada e dotada. Quando morreu, em 1814, a biblioteca encontrava-se ainda numa fase embrionária, sendo fundamental completar diligências tão fundamentais como os de catalogar todas as existências das suas coleções, nomeadamente os livros.

5.4.2. O devir da instituição após a morte de Cenáculo

O livro de Atas e Memórias da Biblioteca de Évora dá-nos algumas indicações sobre o estado em que se encontrava a livraria imediatamente antes, e logo após a morte do arcebispo D. Frei Manuel do Cenáculo. Os dados que lá se encontram inscritos confirmam que, em 1813, se começou a ordenar o Museu, senão vejamos: “No dia 6 de Agosto de 1813 o R. Francisco de Paula Velez, Ex. Conego de S. João Evangelista, e Bacharel, desta Sé, começou a ordenar o Museo, e o completou a 14 de Outubro do mesmo anno. Nelle se guarda em huma caixinha de prata o calculo, que foi achado no fel de V. Ex.^a sobre o qual ditto Bacharel fez huma breve Dissertação, que se conserva junto delle”². De acordo com estas indicações, o trabalho de ordenação do museu ficou concluído ainda nesse ano. É possível encontrar, nos trabalhos de José Alberto Gomes Machado, um estudo acerca a relação das pinturas deixadas à Instituição por Frei Manuel do Cenáculo, encontrando-se identificadas as pinturas existentes³. Encontra-se também um relatório acerca deste museu, com identificação de algumas das suas peças, datado da segunda metade do século XIX⁴, que embora não seja um catálogo das peças deixadas por Cenáculo, certamente deverá conter algumas dessas peças. Quanto à livraria, o mesmo livro de Atas e Memórias refere: “No dia 30 de Agosto de 1813 começou Fr. Joze Constancio Lopez da Cruz o Catalogo

¹ Vaz, «As bibliotecas e os livros...»,493.

² B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eborensis Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas”, f.6 e 6v.

³ Machado, *Um colecionador português*, 34.

⁴ Augusto Filipe Simões, *Relatório a cerca da renovação do Museu Cenáculo dirigido ao Ex.mo Senhor Visconde da Esperança, Presidente da Câmara Municipal de Évora*(Évora: typographia da folha do sul, 1869)

desta livraria. Foi eleito para seu companheiro Fr. Jozé da Estrella Marques, da Provincia dos Algarves, intentando-se muito tempo antes voluntariamente despedido, e auzentado os outros Bibliothecarios nomeados nos Estatutos”¹. Pelo que parece evidenciar-se, a realização deste catálogo começou em Agosto de 1813. Os trabalhos foram iniciados por Frei José Constâncio Lopes da Cruz, que, como expusemos na tabela que apresentamos anteriormente, havia sido nomeado vice-prefeito e por Frei José Estrella Marques, em face da ausência dos outros bibliotecários nomeados nos estatutos. Contudo, a morte do arcebispo em Janeiro de 1814 levou à suspensão destes trabalhos, conforme se reflecte no mesmo livro de actas e memórias: “Por morte de S. Ex.^a a 26 de Janeiro de 1814, ficou de todo parado este exercício até 9 de Julho do mesmo anno”².

Com a morte do Arcebispo D. Frei Manuel do Cenáculo, em 1814, inicia-se um período conturbado na história desta biblioteca. Logo em Fevereiro de 1814, encontramos a cópia da conta dada à regência pelo juiz encarregue de inventariar os bens da Mitra³ que havia vagado por morte de D. Frei Manuel do Cenáculo⁴. Nesta, é traçado um panorama pouco animador quanto ao estado de desorganização em que ainda se encontrava a livraria⁵.

De acordo com este relato considera-se que a livraria, não obstante as riquezas que possuía e o elevado número de volumes apontado, encontrava-se colocada sem qualquer ordem, não existindo qualquer catálogo ou inventário. Ainda assim, apesar dessa desorganização, indica-se que a coleção inclui diversos manuscritos, livros antigos impressos, pergaminhos e ainda obras proibidas. Em face destas dificuldades, o autor deste relato reconhece a necessidade de inventariar estas riquezas, tarefa que

¹ B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eborensis Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas”, f.6 e 6v.

² B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eborensis Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas”, f.6v.

³ Este documento é uma cópia da representação que foi enviada à regência, pelo que não contém a assinatura e conseqüente identificação do juiz deste inventário. Contudo, em documento posterior, dirigido ao arcebispo eleito para suceder a Cenáculo, este juiz do inventário identifica-se como tal, assinando Joze Antonio de Leão. B.P.E. – Códice C/2-18, f.13,13v.

⁴ B.P.E.- Códice C/ 2-18,f7-10v.

⁵ Sobre este relato Cf. Vaz, «A Fundação da Biblioteca Pública de Évora...», em *Frei Manuel do Cenáculo Construtor de Bibliotecas*, coord. Francisco A. L. Vaz e José. A. Calixto (Casal de Cambra: Caleidoscópio,2006),57-91.

pretendia realizar, mas não pode levar adiante por dificuldades que entretanto surgiram.

Esses embaraços prendem-se com dúvidas que entretanto surgiram relativas a natureza dos bens desta biblioteca, que foram colocados pelo Bispo eleito e que são assim relatadas:

[...] mas huma duvida suscitada pelo Bispo eleito [...] e mais cónegos, que assistem ao Inventario, e que pretendem que estes Bens sejam de diferente natureza dos outros já inventariados, me fez suspender e entrar na averiguação da natureza desta nova applicação, e eis a que o que [sic] achei em Vista dos Documentos originaes que me apresentou o Bispo elleito [...] O Ex.^{mo} Arcebispo [...] colligio tanta copia de raridades requereo ao Nuncio App.^{co} no Rio de Janeiro a graça de tirar das rendas da sua Mitra [...] para o estabelecimento e duração da Livraria Gabinetes de raridades e Cartorio da Mitra o que se lhe concedeo por breve expedido em 12 de Dezembro de 1810.[...] Em consequência destas premissões ordenou o Ex.^{mo} Metropolitana huma Provizão de 21 de Setembro de 1811 que da a forma do Estabelecimento e contem os Estatutos da Bibliotheca, e Muzeo, e declarando que esta collecção terá o valor de trezentos mil cruzados. Faz della Doação à Igreja Metropolitana [...]¹

Tal com se pode inferir, o autor do relato à Coroa admite que não pode continuar a inventariar os bens, nomeadamente os da biblioteca, por dúvidas que entretanto surgiram. Estas dúvidas diziam respeito à natureza dos bens e a quem pertenciam conduzindo, por consequência, a indecisões sobre aqueles a quem competia fazer esta inventariação. Emite a sua opinião na matéria, mas pede instruções ao Rei sobre como deverá agir neste ponto da inventariação e também na administração de outros bens, entre os quais cerca de duzentos jogos de catecismos de Montepelier, pedindo autorização para os vender².

Em resposta a todas estas questões obtém da coroa a seguinte resolução interina:

“Levei a Prezença do príncipe Regente Nosso Senhor as duvidas [...] sobre o Inventario e o ditto Senhor foi servido rezolvellas interinamente na forma seguinte: Que vista a grandeza, e confusão da Livraria, e Gabinete de Historia Natural, Medalhas, e outras raridades, sem terem Cathalogo, nem ordem alguma allivia a

¹ B.P.E.- Códice C/ 2-18,f7-10v.

² B.P.E.- Códice C/ 2-18,f7-10v f.10v.

Vm.^{ce} do trabalho de inventariar todo o referido que ainda esta no ditto Espolio, pello muito tempo que esta dilligencia hade ocupar a Vm.^{ce} com prejuízo do espediente, e mais encargos do seo Officio: havendo por bem encarregar o Bispo elleito Vigario capitular, que tem as chaves, de fazer os Chatalogos competentes com toda a individuação, e clareza, à excepção das Pinturas, em que não se dá a mesma difficuldade: Que nas vendas so hade entrar o que tiver corrupção, fazendo-se as mesmas com as dividas sollenidades: Que as despezas das magníficas Exéquias, que o Cabido se propõem a fazer, sejam pagas, por ora, pella venda da Fabrica, que Vm.^{ce} diz ser tão considerável, para não embaraçar o prompto pagamento dos credores, nem detriorar a Bibliotheca, e raridades: E que á Administração ordenada toca arrendar a Quinta ou mandalla fabricar, como milhor convier aos reparos de que necessita, e á sua conservação [...]¹

Tal com se depreende, a situação dos bens da biblioteca não é, neste momento, muito clara, tendo sido resolvido que seria ao Bispo eleito que iria competir inventariar os livros. No Livro de Atas e Memorias da Biblioteca que temos vindo a citar transcreve-se uma carta, datada de 12 de Março, pela qual se encarrega o Bispo eleito de formar o catálogo da biblioteca e seus bens, com excepção das pinturas².

Em face das dúvidas entretanto levantadas pelo Juiz do Inventário, que se prendiam com a licença conseguida por D. Frei Manuel do Cenáculo para aplicar determinadas rendas da Mitra em favor da biblioteca e da sua validade devido à falta do *Regio Exequatur*, o Bispo Eleito – Antonio Joze de Oliveira que fora encarregado de fazer o catálogo da biblioteca, dirige-se ao Soberano. Numa representação datada de 10 de Janeiro de 1815 roga-lhe a protecção para o estabelecimento, pedindo-lhe para conceder o *Regio Exequatur* à licença anteriormente obtida pelo Arcebispo Cenáculo junto da Sé Apostólica, de modo a poder aplicar neste estabelecimento os quinhentos mil réis para conservação da Biblioteca³. Não encontramos, entre os diversos documentos que consultamos acerca desta biblioteca, a resposta direta a este pedido.

Entre 1816 e 1818 é D. Frei Joaquim de Santa Clara⁴ que ocupa o lugar de Arcebispo, mas não se encontram referências a quaisquer diligências empreendidas

¹ B.P.E.- Códice C/ 2-18,f.7-10v f.11, 11v.

² B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eborensis Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas”, f.5v, 6.

³ B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas ...”, f. 6, 6 v.

⁴ A cronologia dos Arcebispos de Évora encontra-se na página *online* da Arquidiocese de Évora, <http://www.diocese-evora.pt/site/index.php?module=ContentExpress&func=display&ceid=3>, 06 de Janeiro de 2011.

por este religioso em relação à biblioteca. Isso mesmo parece emanar do que se encontra inscrito no livro de Atas e Memórias: “Este Senhor ou pelo pouco que viveo, ou por sua avançada idade, nenhum beneficio lhe fez, quando tanto se esperava delle por sua grande reputação: Ella so recebe depois da sua morte 52 Livros, que tem na primeira folha para seu sinal - Do uso do Ex.^{mo} R.^{mo} Senhor D. Fre. Joaquim de Santa Clara”¹. No mesmo sentido vão os dados apontados por Silvestre Ribeiro, que afirma que D. Frei Joaquim de Santa Clara “nada fez no que respeita à biblioteca”².

Sucedeu-lhe D. Frei Patrício da Silva, que exerceu o cargo de Arcebispo de Évora entre 1820-1826. Com data de Janeiro de 1821, encontramos diligências em favor da organização da Biblioteca empreendidas por este Arcebispo. Nestas reconhece-se esta biblioteca como a “jóia mais rica” que D. Frei Manuel do Cenáculo poderia ter deixado à sua Igreja³. Isto leva-nos a considerar que, não obstante as dúvidas das quais anteriormente demos nota, que respeitam à competência de realização do catálogo da livraria e administração das rendas necessárias ao seu funcionamento, era a Igreja Eborense quem se encontrava, naquele momento, a gerir tal instituição. Dava-se assim seguimento, pelo menos parcialmente, à vontade expressa por D. Frei Manuel do Cenáculo de deixar este estabelecimento à sua Igreja.

Através dessas diligências, o novo arcebispo de Évora determinava a forma de funcionamento da biblioteca, decidindo-se a reduzir o número de funcionários, senão vejamos:

“ [...] tendo a experiência de poucos annos suficientemente mostrado não haver necessidade de mais para o seo serviço ordinário do que Bibliothecarios, e hum Fiel, ou Continuo [...] pela prezente determinamos, que não haja mais que hum Bibliothecario Mor, hum segundo Bibliothecario para coadjuvar em tudo o primeiro, e ter também a seo cargo o Novo Cartorio, e hum Fiel.[...]”⁴

Reorganiza-se assim o corpo de pessoal, sendo que no mesmo documento se procede à nomeação das pessoas para cada cargo, estabelecendo-se o respetivo

¹ B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas ...”, f. 6v.

² Ribeiro, «Apontamentos Históricos...», 444.

³ B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas ...”, f.7.

⁴ B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eborense Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas”, f.7, 7v.

“conteúdo funcional”. Na tabela seguinte procuramos mostrar quais os cargos, seus ordenados e nomes dos providos.

Tabela 31. Corpo de pessoal da Biblioteca de Évora, em 1821

Nome do provido	Cargo	Ordenado
Frei Joze Constâncio da Cruz, religioso da 3ª Ordem de S. Francisco	Bibliotecário-mor	100 mil réis
Ainda não escolhido ¹	Segundo Bibliotecário	Não determinado
Joze Castro ²	Fiel e Contínuo	50 mil réis
Total	3³	150 mil réis⁴

Fonte: B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eborensis Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas”, f.7, 7v.

Como vemos, há uma redução do corpo de pessoal para metade, assim como das despesas previstas para os ordenados, ainda que neste caso não possamos apresentar dados mais completos, uma vez que não são disponibilizadas as quantias previstas para o ordenado do Segundo Bibliotecário.

No mesmo documento determina-se de onde deverão sair os rendimentos para proceder, não só ao pagamento dos ordenados que agora se estabelecem, mas também aos ordenados em divida de momentos anteriores, mas nada melhor do que verificarmos o que é assente no próprio documento:

“[...] pago hum, e outro em quartéis pela fazenda da Nossa Mitra, donde devem sahir todo os Ordenados das Pessoas empregadas em Nosso serviço, e bem assim todas as Despezas, que foi necessário fazerem-se para a boa ordem, conservação, e augmento desta Nossa Bibliotheca, hum dos objectos mais dignos das vistas e cuidados pastoraes, pela sua importância, utilidade Nossa, e Publica. [...] E pelo que respeita ao que se está devendo aos mesmos dous Empregados, dos annos antecedentes, depois de Liquidada a divida, o mesmo M.R.Conego Vedor Iha irá satisfazendo em quartéis até a sua extinção segundo o seu antecedente

¹ De acordo com anotação do documento, ainda não tinha escolhido “pessoa hábil” para o emprego.

² Nomeado “pela muita fidelidade, zelo, e inteligência, com que ate ao presente tem servido o dito Emprego, esperando delle que continuará a servi-lo com igual zelo, e satisfação”, de acordo com o documento.

³ Estabelecem-se três cargos, embora, naquele momento, um deles não se encontrasse provido.

⁴ Salientamos que esta despesa não incluiu o ordenado do segundo bibliotecário que naquele momento não se encontrava provido, sendo que consequentemente também não se encontrava estabelecido o seu ordenado.

vencimento, assim como outra qualquer pessoa, que tiver servido na mesma Bibliotheca, e a quem ainda se estiver devendo.[...]”¹

Neste momento, parece que as questões de organização da biblioteca estão finalmente assentes. Há propostas de redução do corpo de funcionários, são estabelecidos os ordenados e os rendimentos que os irão suportar, apresenta-se analogamente a solução para o pagamento dos ordenados que se encontravam em atraso. Contudo, ainda não é nesta ocasião que a biblioteca instituída por Cenáculo entra em funcionamento pleno, sem polémicas ou confusões.

Datada de vinte e três de Setembro de 1823, regista-se a notícia do sequestro desta livraria, por conta de uma dívida respeitante à décima eclesiástica de Beja, em tempo de D. Frei Manuel do Cenáculo. Inicia-se então uma disputa judicial que é retratada na documentação que temos vindo a referir, nomeadamente no Livro de Atas e Memórias da Biblioteca, onde se encontram transcrições não só das notícias do sequestro da livraria, mas também do acórdão do Tribunal da Relação, que acabaria por anular a decisão do corregedor da comarca de Beja².

A leitura dessa documentação permitiu-nos perceber que, por conta de uma dívida da Décima Eclesiástica, foram inicialmente sequestrados os bens e benefícios dos cobradores dessa taxa - António Joze de Oliveira, depois Bispo de Eucarpia, Silvestre dos Santos Chaves, e Joaquim Anastácio Mendes Velho, os quais impugnaram judicialmente, tendo vencido, o embargo dos seus bens. Na sequência desses acontecimentos foram sequestrados, por decisão do Juiz da comarca de Beja, os Museu e Biblioteca de Évora, de modo a responder a essa dívida³.

O então arcebispo de Évora, D. Frei Patrício da Silva, iniciou por sua vez uma demanda, procurando impugnar essa decisão, a qual venceu. Com efeito, o acórdão do Tribunal da Relação, cuja transcrição integral se faz no livro de Atas e Memórias que temos vindo a citar, decide: “Foi menos bem julgado pelo corregedor da Comarca de Beja na Sentença, folhas vinte Sinco, a qual revogão. Trata-se de arrecadar o que da Décima Eclesiástica devia o falecido Reverendo Bispo de Beja antes de promovido ao

¹ B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eboreense Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas”, f.7, 7v.

² B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eboreense Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas”, f. 7v.,8 e 8v.

³ Veja-se Vaz, «A Fundação da Biblioteca Pública de Évora...»,57-91 e Vaz, *D. Manuel do Cenáculo, Instruções pastorais ...*

Arcebispado de Évora, D. Frei do Cenáculo Villas Boas [...]”¹.O fundamento utilizado por parte do arcebispo de Évora para apelar contra o embargo desses bens baseou-se nos seguintes argumentos:

- O ano de 1803, do qual se fazia a cobrança da dívida, não se encontrava de facto em dívida, algo que veio a ser reconhecido pelo Fiscal e Juiz;
- Existiam em Beja, capital da comarca do juiz que tinha empreendido esta deliberação, bens deixados pelo falecido D. Frei Manuel do Cenáculo, nomeadamente, dez mil livros, o Palácio e Móveis, pelos quais se poderia responder à dívida, não sendo os bens de Évora obrigados a tais dívidas;
- D. Frei Manuel do Cenáculo havia feito doação de livros e raridades ao Museu e Biblioteca de Évora, os quais havia deixado à sua Igreja, não sendo possível separar o que já pertencia a Évora², daquilo que tinha vindo de Beja aquando da mudança de Cenáculo para o arcebispado;
- Não competia dilacerar um estabelecimento em Évora, para responder por dívidas contraídas no bispado de Beja, com bens que já lhe pertenciam antes da contração de tal dívida, sendo possível fazer a cobrança dessa dívida recorrendo a bens livres e desembargados que se encontravam em Beja, deixados por D. Frei Manuel do Cenáculo.

A esta decisão datada de 26 de Novembro de 1824, seguiu-se o mandado de entrega e levantamento do sequestro dos bens de Évora³, em Dezembro do mesmo ano.

Como se verifica, após a morte de D. Frei Manuel do Cenáculo a instituição passou por diversas vicissitudes. O panorama traçado logo após a morte do prelado, pelo Juiz do inventário dos seus bens, dá conta da desorganização em que ainda se

¹ B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eborensis Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas”, f. 7v.,8 e 8v.

² Relembramos que não se conhece o catálogo completo dos livros desta Biblioteca, embora se tivesse deliberado fazer este catálogo, os trabalhos para a sua conclusão conheceram interrupções e vicissitudes de que já acima demos nota.

³ B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eborensis Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas”, f. 7v.,8 e 8v.

encontrava, não estando ainda feito o catálogo dos seus livros. Os problemas subsequentes, com a mudança de Arcebispo, o sequestro de bens e consequente demanda judicial não facilitaram a realização de um catálogo detalhado que nos permitisse conhecer a coleção que foi doada por D. Frei Manuel do Cenáculo.

O livro de Atas e Memórias dá nota da nomeação de um novo bibliotecário - Joaquim Machado, em 1827, o qual ocupou o lugar deixado vago pela morte de Frei Joze Constâncio Lopes da Cruz. Informa também acerca dos trabalhos empreendidos para fazer o catálogo nominal de todas as obras que havia na livraria, as quais foram inscritas em tiras de papel, indicando a Estante e caixa onde a obra estaria colocada, mas não as ordenado por classes¹. Pelo que parece depreender-se da leitura destas memórias, a extensão da coleção e o problema da escassez de pessoal não facilitaram a tarefa de constituir este catálogo metódico.

Um relatório posterior do bibliotecário Joaquim Heliodoro de Cunha Rivara, já em meados da centúria, em resposta a questões do Ministério do Reino sobre a biblioteca de Évora², indica que a biblioteca possuía um catálogo completo de livros impressos, segundo a ordem de nomes dos autores, mas que se trabalhava na realização de um catálogo por ordem de matérias³. Cumpre realçar que também no livro de Atas e Memórias se transcreve um relatório do mesmo bibliotecário, escrito em data anterior⁴. Neste, Cunha Rivara faz menção às pendências da elaboração do catálogo, indicando que esse é um documento onde tinham trabalhado todos os antecessores do atual bibliotecário, sendo ainda necessário aperfeiçoá-lo, algo que o dito bibliotecário se encontrava a executar, empreendendo um catálogo dos manuscritos⁵. Como podemos constatar, os trabalhos de elaboração do catálogo das obras desta biblioteca estenderam-se muito para lá da morte do Arcebispo Cenáculo. Entretanto, aos livros por ele deixados e aos já previamente existentes de posse de D.

¹ B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eborensis Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas”, fl.9

² Estas questões encontram-se transcritas no anexo 3 da seguinte tese de mestrado: Pedro Manuel Caturras da Silva Cerico, «Cunha Rivara, um bibliotecário romântico» (Tese de Mestrado, Évora: Universidade de Évora, 2007), 158-159. O original encontra-se em B.P.E. – Arm. V-VI, nº12; 4º, nº 4 (X)

³ B.P.E. – Arm. V-VI, nº12; 4º, nº 4 (X), f.160-162. Cf. Anexo 4 de: Cerico, «Cunha Rivara, um bibliotecário romântico...»

⁴ Em 1845, enquanto o primeiro que mencionámos data de 1849.

⁵ Os catálogos resultantes desse trabalho podem ser consultados em B.P.E., <http://www.evora.net/bpe/Catalogos/Catalogos.htm>, 10 de Janeiro de 2011.

Joaquim Xavier Botelho de Lima, antecessor de Cenáculo, foram-se juntando outras doações, que acresceram aos fundos da biblioteca.

A junção dos livros dos depósitos dos extintos conventos do distrito de Évora¹, a aquisição de outros exemplares e a prática de venda livros empreendida por alguns bibliotecários, como por exemplo Cunha Rivara, que decorrem em momentos nos quais o catálogo ainda se encontra em execução², tornam muito difícil a tarefa de conhecer com exatidão quais os livros que Frei Manuel do Cenáculo deixou à instituição. As diferentes fontes que consultamos apontam para uma coleção contendo grande número de volumes, em valores que oscilam entre os quarenta mil livros, apontados na representação ao Príncipe solicitando autorização para intentar obter uma bula de aplicação de rendimentos junto da Santa Sé, e os cinquenta mil volumes que aparecem mencionados em fontes como por exemplo a representação do juiz do inventário por ocasião da morte de Frei Manuel do Cenáculo. A estes acrescem ainda as coleções de monetário, pinturas e outras peças, sendo que o montante apontado, nas fontes que já acima transcrevemos, em termos de valor monetário ascende aos trezentos mil cruzados.

São sem dúvida enormes quantitativos, para uma coleção que foi apresentada ao longo da diversa documentação que fomos mencionando e da qual transcrevemos parte, como valiosa, de enorme grandeza e contendo grande diversidade no conteúdo. Uma coleção que encerrava peças museológicas diversas e escritos de diferentes tipos, incluindo vários manuscritos, mas também livros antigos impressos, pergaminhos, obras proibidas, entre outras. Tendo estes relatos como válidos, pensamos que o legado deixado em Évora foi reunido com preocupações e critérios semelhantes aos encontrados nos catálogos de donativos das bibliotecas que analisamos anteriormente. Isto é, com variedade na coleção, dada a natureza diversificada dos diferentes fundos que a compõe e a preocupação em reunir fundos valiosos.

Como se sabe, não se conhece um catálogo específico contendo as obras que faziam parte da coleção cenaculana e que foram deixadas à Biblioteca de Évora. Há

¹ Mencionado no relatório de Cunha Rivara transcrito nos livros de actas e memórias acima citado, f.15v.

² Sobre as vicissitudes da elaboração dos catálogos em tempos de Cunha Rivara Cf. Cerico, «Cunha Rivara, um bibliotecário romântico...», 91-103.

contudo, datado de 1850, um relatório estatístico do bibliotecário Cunha Rivara que dá nota do número de obras e volumes que existiam, aquela data, na biblioteca pública.

A fonte aponta para a existência, naquele momento, de 9.840 obras, num total de 26 mil volumes¹. Reconhecendo que entre o período em que foi reunida e legada a coleção de D. Frei Manuel do Cenáculo e os meados do século XIX, quando é elaborado este relatório, tiveram lugar transformações que se refletiram necessariamente na coleção e seu conteúdo, julgamos que, pelo menos parcialmente, os dados apontados nesse relatório poderão refletir algumas características da coleção de livros deixados por Frei Manuel do Cenáculo. Com efeito, mesmo considerando que alguns livros poderão ter desaparecido² e se teriam acrescentado outras obras ao núcleo inicial, será lícito considerar que a coleção de livros naquele momento incluiria muitos dos que haviam sido deixados por Cenáculo. Assim sendo, a estatística mencionada poderá espelhar, ainda que de forma necessariamente parcial, a coleção deixada pelo arcebispo Cenáculo, tanto mais que no próprio relatório o bibliotecário reconhece que os livros das coleções dos conventos não estão ainda incluídos na estatística.

Focalizando-nos no relatório elaborado por este bibliotecário, constata-se que neste se faz uma estatística em relação aos números da coleção, fazendo a diferenciação entre os números de obras e volumes da coleção e também entre as obras que se encontram encadernadas e em brochura. O tratamento dos dados estatísticos apresentados neste relatório de Cunha Rivara foi realizado por Pedro Cerico, na tese de mestrado que temos vindo a citar³. Nesse trabalho aponta-se para uma prevalência de obras e volumes de Ciências Cívicas e Eclesiásticas, seguidas pelas de Ciências Históricas e Literárias e Ciências Cívicas e Políticas.

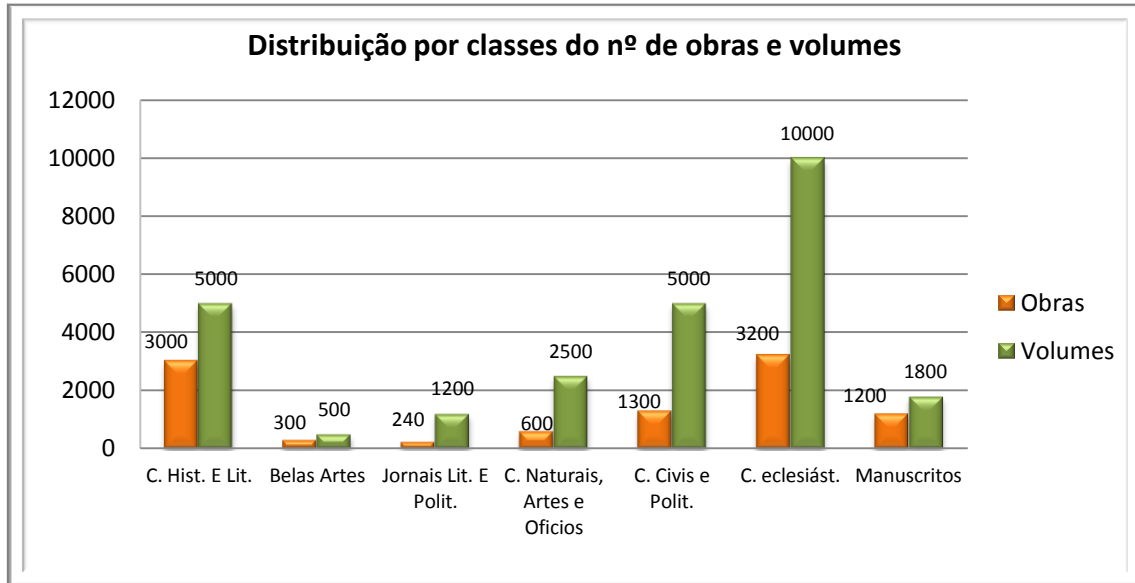
No gráfico seguinte procuramos expressar de forma mais pormenorizada os dados constantes desse relatório.

¹ O original do referido relatório encontra-se na B.P.E. – Arm. V-VI, nº12, 4º, nº4 (f) e (g), Cf. anexo 2 da tese: Cerico, «Cunha Rivara, um bibliotecário romântico...»

² Podem ter sido vendidos ou trocados.

³ Cerico, «Cunha Rivara, um bibliotecário romântico...», 108-113.

Gráfico 42



Fontes: B.P.E. Arm.º V-VI, nº12, 4º, nº4 (f) e (g) e Cerico, «Cunha Rivara, um bibliotecário romântico...», 108.

Como se pode confirmar através destes dados, há um claro predomínio dos livros de Ciências Eclesiásticas, sobretudo em termos de volumes, sendo também evidente que em termos do número de obras a diferença em relação a outras categorias não é tão significativa. Seguem-se os livros de Ciências Históricas e Literatura e de Ciências Civis e Políticas, verificando-se, uma vez mais, que é no número de volumes que se encontram as diferenças mais significativas entre categorias.

Para além destas diferenças entre os números de obras e volumes, que evidencia, tal como notou Pedro Cerico, que a biblioteca possuía em todas as classes muito mais volumes que obras, constata-se também que o “número de volumes encadernados ultrapassa largamente o número dos que se encontram apenas em brochura”¹.

Cumprе realçar que não é possível estabelecer uma comparação plena destes dados, com os que trabalhamos para os catálogos dos donativos que encontramos para as bibliotecas do Convento de Jesus e Real Biblioteca Pública. Desde logo porque, como atrás dissemos, embora nos pareça possível admitir que os dados possam refletir parcialmente características da coleção deixada por D. Frei Manuel do Cenáculo, não se reportam exclusivamente a esses livros. Depois, porque a própria divisão por

¹ Cerico, «Cunha Rivara, um bibliotecário romântico...», 108.

temáticas pode não corresponder, para os diferentes casos, a critérios idênticos.¹ Ainda assim, apesar de não podemos fazer comparações exaustivas em relação aos números de obras por tipologia ou classes, evidenciam-se, em termos gerais, algumas características comuns, como a diversidade temática, uma aparente primazia de áreas como as Ciências Históricas e as Ciências Eclesiásticas e também a pluralidade da coleção, incluindo quer manuscritos, quer impressos, nos quais se abarcam, como atrás dissemos edições raras, livros proibidos, entre outras.

Acerca da maior ou menor modernidade da coleção não nos podemos pronunciar de forma assertiva. Contudo, tendo em conta as afirmações do Bibliotecário Cunha Rivara no relatório de 1845, no qual, ao identificar as necessidades daquela casa, manifesta a necessidade imperiosa da biblioteca se dotar com obras modernas, parece que havia alguma falta de obras hodiernas. O excerto seguinte ilustra-o exemplarmente: “Encher a lacuna, que há de Livros desde a fundação da Caza até hoje. Uma Livraria assim falta, como esta, de obras modernas deixa de ser frequentada, e fica um Estabelecimento inútil. Parece-me que se deve quanto antes destinar no Orçamento uma quota annual para esta Caza[...]”².

O panorama traçado pelo bibliotecário em relação à modernidade da coleção não é por isso animador, afirmando-se que esta falta de obras vem já desde a fundação da biblioteca. Há contudo que considerar que esta “avaliação” acerca da falta de modernidade se inclui num relatório onde o bibliotecário procura obter fundos para a manutenção e dotação da biblioteca, sendo por isso fundamental justificar a dotação orçamental que se pretendia. Além disso, entre a morte de Cenáculo, altura em que a coleção de livros se encontrava há algum tempo reunida, e a elaboração deste relatório tinham já decorrido três décadas, o que certamente ia tornando cada vez mais premente a inclusão de obras mais atuais.

Ainda que não seja possível conhecer a coleção de livros deixada à biblioteca por D. Frei Manuel do Cenáculo, pode afirmar-se que esta envolvia grandes quantidades de livros, alguns dos quais edições raras. Isto recoloca a questão dos recursos

¹ Cumpre notar que no que concerne aos catálogos de donativos que tratamos inicialmente, nomeadamente o da Real Biblioteca Pública, optámos por seguir a divisão temática constante no próprio documento, para o caso deste relatório de Cunha Rivara desconhecemos quais os critérios que levaram à divisão temática.

² B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eborensis Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas”, f. 16v, 17.

económicos que permitiram adquirir esta e outras coleções. Subscrevendo Francisco Vaz, “não restam dúvidas que Cenáculo gastou rios de dinheiro com a aquisição de muitos exemplares e que se empenhou para esse fim”. Cenáculo encontra-se muitas vezes endividado, sobretudo por causa das esmolas, dos gastos com a instrução, com a criação de escolas e seminário em Beja, mas também por causa das muitas compras que faz para a sua coleção de livros¹.

Cumprir lembrar que a correspondência do prelado alude ao não pagamento da Dizima Eclesiástica em finais da década de 90 do século XVIII². Por sua vez, os documentos que têm vindo a ser apresentados, neste ponto do nosso trabalho, referem um sequestro dos bens da livraria de Évora, por conta do não cumprimento da obrigação desse pagamento. De acordo com o que foi defendido por Francisco Vaz, o incumprimento do pagamento da Dizima Eclesiástica pode ter sido um dos expedientes utilizados pelo prelado para conseguir os recursos económicos necessários para a aquisição dos exemplares das suas coleções. Assim sendo, parafraseando o mesmo autor “para Frei Manuel os fins justificavam os meios, para socorrer os pobres e instruir o clero tudo seria possível, inclusive fugir ao fisco”³.

5.4.3. Os recursos para aquisição de coleções

Procuramos, na diversa documentação que analisamos acerca de D. Frei Manuel do Cenáculo, dados que pudessem fornecer mais indicações acerca dos recursos financeiros aos quais Cenáculo terá “deitado mão” para conseguir tais coleções. Além das indicações relativas ao pagamento de ordenados e aos expedientes da Dizima Eclesiástica atrás referidos, encontramos também na sua correspondência, referências sobre bens que lhe foram deixados, enquanto bispo de Beja, pelo Sargento-Mor Romão da Costa Carrilho Freire, os quais deveriam ser aplicados em obras pias⁴. A forma com esses bens seriam aplicados é descrita num documento que se encontra junto da correspondência enviada por D. Frei Manuel do Cenáculo.

¹ Vaz, «*As bibliotecas e os livros...*»,496.

² Pagamento que entretanto foi cumprido.

³ Vaz, «*As bibliotecas e os livros...*»,496.

⁴ A carta é dirigida por Cenáculo a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, e faz referência a esta herança, o original encontra-se na B.P.E. – Cod. CXXVIII 2-10, f. 320. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,240.

Nesse documento o prelado, na qualidade de Bispo de Beja, mas já eleito Arcebispo de Évora, refere a herança deixada pelo Sargento-Mor e discorre acerca da repartição dos seus bens, que será feita pela Colegiada da Igreja Catedral de Beja, pelos pobres e biblioteca do bispado¹. Note-se que o rendimento desse legado pio é avaliado em oitocentos mil réis cada ano, receita essa que «*poderá avultar segundo o preço dos anos*». Através deste documento, D. Frei Manuel do Cenáculo enumera a distribuição e aplicação desses rendimentos. Determina que seriam educadas, no Recolhimento de Nossa Senhora do Carmo, seis meninas órfãs, quatro da Comarca de Beja e duas da de Campo de Ourique. Para cada uma delas iria a mesma quantia, isto é, 60 mil réis por ano, sendo que quando estas chegassem à idade núbil 60 mil réis seriam para o dote. Para o vestuário destas meninas destinavam-se 70 mil réis por ano. A estas aplicações acresciam 30 mil réis para esmola dos pobres; 30 mil para esmola ao hospital da cidade; 100 mil réis para uma Mestra que ensinasse no recolhimento a ler, escrever e costura. Aplicavam-se ainda 40 mil réis por ano ao bibliotecário do Bispado e 30 mil réis ao seu ajudante. Quarenta mil réis por ano seriam utilizados na compra de livros para a livraria, 40 mil para o cartório da Catedral e 60 mil réis destinavam-se à colegiada pela administração do referido fundo².

Como se verifica, Frei Manuel do Cenáculo deitou mão a diferentes recursos para alimentar a sua paixão por livros e bibliotecas³. Não possuímos referências a quaisquer outros legados que possam ter sido utilizados para aplicações em livros, mas como se comprova, pelo menos para este caso, também a administração da herança envolveu investimentos na biblioteca.

Além destas informações, que fornecem algumas pistas acerca da forma como terá comprado alguns livros e das estratégias a que recorreu para conseguir recursos financeiros, encontramos, nalguma da correspondência que o Bispo de Beja trocou, menções a lotarias de livros. Estas eram classificadas como “apetecíveis”, o que nos

¹ Apesar dos documentos que tratam acerca da disposição da herança datarem apenas do início de Oitocentos, o Sargento-mor teria morrido, de acordo com anotação no próprio diário do Bispo, em 1783: “Faleceu meu Amigo o Sargento-Mor Romao da Costa Carrilho [...] o qual deixou a minha Igreja e Bispado por sua herdeira. E eu administrarei para tudo se empregar em obras pias da minha disposicao.” B.P.E. – Cod. CXXIX/1-18, Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,588.

² O original do documento encontra-se na B.P.E. – Cod. Cod. CXXVIII 2-10, f. 280. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,299.

³ Tal como foi notado por Francisco Vaz, os legados pios foram canalizados para pagar despesas da biblioteca de Beja e para a sua actualização bibliográfica. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,25.

levou a realizar algumas pesquisas sobre o assunto, de modo a entender o que seriam estas lotarias e porque eram assim classificadas.

As menções a lotarias surgem nalgumas das cartas trocadas com Frei Vicente Salgado. A primeira alusão a esta questão aparece numa carta dirigida por Frei Vicente Salgado ao prelado, datada de 1 de Fevereiro de 1782. Nesta missiva o religioso, depois de prestar várias informações a Frei Manuel do Cenáculo, afirma a propósito da lotaria: “tomara eu ter dinheiro para comer, mas ela faz apetite, postas as condições para a troca de livros”¹. Não obstante os esforços que desenvolvemos nesse sentido, não conseguimos obter nas outras missivas enviadas por este religioso, ou nas missivas que lhe foram enviadas pelo prelado Pacense, qualquer esclarecimento adicional acerca desta lotaria em 1782.

Um ano depois, em epístola de Agosto de 1783, Frei Manuel do Cenáculo, dirigindo-se a Frei Vicente indaga-o sobre o custo da lotaria, mas nada melhor do que verificarmos as suas próprias palavras: “saiba quanto he a Loteria de Reycend para mandar dinheiro, pois estou resolutu em seis sortes que são três peças”². No mês seguinte, D. Frei Manuel do Cenáculo, em missiva datada de 4 de Setembro novamente enviada a Frei Vicente, volta a mencionar a lotaria. Afirma que não sabia ainda quando partiria o portador daquela carta mas, quando este fosse para Lisboa, levaria a Frei Vicente o dinheiro da lotaria³. Na missiva seguinte, datada do dia 12 de Setembro, dá a Frei Vicente a seguinte indicação: “Lance Vossa Merce seis sortes na Loteria de Reycend que a 3.200 são quatro moedas: peça-as a Viana e logo vão. Não vá lá o meo nome”⁴. Como se constata, estas menções a lotarias parecem aludir a uma troca de livros, fazendo referências ao livreiro Reycend como seu organizador. Pelo que parece depreender-se da análise das cartas que acima identificamos, Cenáculo terá adquirido três peças desta lotaria.

Há ainda, datadas de 1786 e 1787, cartas dirigidas pela Mesa da Misericórdia a D. Frei Manuel do Cenáculo. Na primeira, datada do dia 20 de Dezembro de 1786, a Mesa envia a notícia acerca da impressão das listas da Lotaria, nos seguintes termos: “Ainda agora podemos concluir da Officina a impressão das listas por ter-mos o gosto de as

¹ B.P.E – Cod. CXXVIII 1-2, Nº 71

² B.A.C. – Ms. 193, série vermelha, f.7. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,41.

³ B.A.C. – Ms. 193, série vermelha, f.15, 15v., Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,143

⁴ B.A.C. – Ms. 193, série vermelha, f.16. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*,143.

remetermos a V. Ex.^a e sem perda de hum instante o fazemos, para que V. Ex.^a Tenha individual noticia dos N.^{os} a quem a sorte melhor favoreceu nesta Loteria. E a possa espalhar pelas pessoas para que convoquem em beneficios dos pobres, para a extração dos Bilhetes dela"¹. No ano seguinte, em Maio de 1787, a mesma Mesa dirige-se a Frei Manuel do Cenáculo a propósito da lotaria, informando que tinha havido grande afluência na compra de bilhetes e que por isso acharam por bem “não mortificar” Cenáculo com a remessa de bilhetes².

Pensamos que as diferentes menções das cartas não correspondem à mesma lotaria. Enquanto as menções feitas nas cartas dirigidas pela Mesa em 1786 e 1787 parecem corresponder à Lotaria Nacional, cuja concessão tinha sido feita à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, pela Rainha D. Maria I³, as menções a lotarias nas cartas trocadas entre Frei Vicente Salgado e o prelado parecem respeitar a um outro tipo de lotaria, que envolvia livros como prémio.

No que respeita à Lotaria Nacional e tendo em conta que os objetivos fundamentais do nosso trabalho, que se centram na importância dos livros e das bibliotecas na vida de D. Frei Manuel do Cenáculo, optámos por não aprofundar o assunto, remetendo para o estudo de Pedro Alexandre Cardoso Neves, que traça um panorama acerca da história do jogo da lotaria desde 1783 até 1983. Nessa obra descrevem-se com algum pormenor a organização formal, preço e número de bilhetes vendidos, forma como se distribuíam para venda, bem como os prémios monetários correspondentes. De acordo com este estudo, a venda de bilhetes desta lotaria processou-se através da sua distribuição por várias entidades diferentes, que por sua vez os redistribuíam. Nesse grupo de pessoas encarregues de fazer a redistribuição incluíam-se nove religiosos, sete nobres, quarenta indivíduos sem qualquer título nobiliárquico ou eclesiástico, e quinze instituições⁴. Tendo em conta as cartas que conhecemos de 1786 e 1787, dirigidas a Cenáculo, parece-nos que os contactos se poderão ter realizado por causa dessa redistribuição dos bilhetes, não havendo

¹ B.P.E. – Cód. CXXVIII/1-12, nº 73.

² B.P.E. – Cód. CXXVIII/1-12, nº 75.

³ Pedro Alexandre Cardoso Neves, *Lotaria Nacional, subsídios para a sua História 1783-1983* (Lisboa: Ed. Da Lotaria Nacional, 1983), 21.

⁴ Neves, *Lotaria Nacional ...*, 25.

qualquer menção a uma participação neste jogo de fortuna ou azar, por parte de D. Frei Manuel do Cenáculo.

Já no caso das menções à lotaria nas cartas trocadas entre o prelado e Frei Vicente Salgado a situação é diferente. Como foi possível constatar, Frei Manuel do Cenáculo participou na lotaria e adquiriu bilhetes. Ao que tudo indica o prémio, visto como apetecível, era organizado por um livreiro e perpassa a ideia que o prémio deste “sorteio” seria ser pago em livros. Tendo isso em consideração procuramos outros documentos ou bibliografia que pudesse fornecer indicações para esclarecer melhor este assunto, e perceber em que consistia esta lotaria.

Na documentação de D. Frei Manuel do Cenáculo, nomeadamente nas cartas que trocou, ou memórias e registos pessoais não encontramos mais indicações acerca desta lotaria. Num estudo de Fernando Guedes encontramos algumas informações, a partir do exame de três documentos sobre livreiros e livrarias que se guardam nos Arquivo da Torre do Tombo, acerca destas lotarias¹. De acordo com esse estudo há, entre esses documentos, um manuscrito não datado, onde se pede licença ao rei para que os “suplicantes”, que no caso eram os livreiros João Baptista Reycend e Joseph Colomb, pudessem realizar “particular mente em sua caza, humas sorte, ou seja espécie de leilão de alguns livros Francezes e Latinos”. Outro dos manuscritos diz respeito à forma como essas “sortes” seriam sorteadas, qual o preço dos bilhetes e o valor dos prémios. O último documento apresentava o catálogo dos livros a incluir nesse sorteio². A presença destes documentos parece indiciar que, de facto, a lotaria que Cenáculo refere nas suas cartas poderia ser um sorteio de livros, para o qual o livreiro Reycend tinha até solicitado autorização.

Note-se, tal como foi indicado por Fernando Guedes, que não se encontram, entre os papéis da Mesa Censória ou qualquer outra entidade, indicações acerca deste sorteio para o qual é pedida autorização, não sendo possível apurar se este se terá realizado ou não. Contudo, um documento datado de 1783 anunciava que o livreiro João Baptista Reycend iria realizar as suas segundas e terceira lotaria, ou rifas de livros, o que pressupunha a existência de um primeiro concurso em momento anterior.

¹ Fernando Guedes, «Lotarias ou Rifas de livros no século XVIII», *Revista da Biblioteca Nacional*, s.2,3 (1). (1988): 49-64.

² Guedes, «Lotarias ou Rifas...», 49.

Tendo em consideração estas indicações, e a coincidência de datas que aponta para 1783, admitimos a hipótese de a lotaria referida pelas cartas trocadas entre o bispo de Beja e Frei Vicente Salgado, na qual o bispo de Beja participa, comprando bilhetes para “seis sortes”, ser este sorteio organizado pelo livreiro Reycend. Tanto mais que na documentação trabalhada por Fernando Guedes se refere que em 1783 se iria realizar o segundo e terceiro sorteio, pressupondo-se, como atrás se disse, a existência de um anterior. Note-se que a primeira carta de Frei Vicente Salgado, datada de 1782, fala acerca da lotaria e das suas condições de troca de livros, o que poderá reportar-se a esse primeiro sorteio.

No que respeita aos preços, as indicações dos documentos apresentados por Fernando Guedes e os referidos nas cartas que atrás tratamos também coincidem. Com efeito, de acordo com o estudo do autor que temos vindo a citar, nas segunda e terceira rifas o preço dos bilhetes era de 3.200 réis¹. As cartas enviadas por D. Frei Manuel do Cenáculo mencionam o mesmo valor.

Tendo em conta esta coincidência de datas e preços mencionados, a hipótese de se tratar da mesma lotaria parece-nos bastante plausível. Assim sendo, partindo do pressuposto que se trata do mesmo sorteio, importa apontar mais alguns dados sobre esta lotaria. De acordo com o estudo que temos vindo a citar, esta lotaria sugeria, no caso do segundo e terceiro sorteio², prémios bastante tentadores, propondo livros com determinado valor monetário, consoante o prémio a que dizia respeito.

Na tabela seguinte procuramos demonstrar esses valores para os prémios “mais altos”:

Tabela 32. Prémios da lotaria de Reycend

	1ª Lotaria	2ª Lotaria
1º Prémio	150 mil réis	300 mil réis
2º Prémio	100 mil réis	200 mil réis
3º Prémio	80 mil réis	150 mil réis

Fonte: Guedes, «Lotarias ou Rifas...»,51

No que concerne às possibilidades de ganhar algum prémio havia, de acordo com o estudo de Fernando Guedes, muitas possibilidades disso acontecer. De facto, calcula-

¹ Guedes, «Lotarias ou Rifas...»,51.

² Não conseguimos perceber, através da documentação a que tivemos acesso, se Cenáculo terá participado na 2ª ou 3ª Lotaria, uma vez que os dois sorteios se realizaram em 1783.

se que existiria uma probabilidade de ganhar um prémio de um para sete, na segunda lotaria e de um para seis, na terceira. Tendo em conta a opção de Cenáculo em lançar seis sortes na lotaria, julgamos poder dizer que o prelado “apostou forte”, o que poderá indiciar que, de alguma forma, achava os livros contidos nos diferentes prémios como “tentadores”. A reforçar a atração do prémio estaria também o facto de ser possível trocar os livros contidos nos lotes dos prémios. Com efeito, o folheto de anúncio preconizava: “não agradando os livros dos Lotes, ou Premios, se offerecem os mesmos Mercadores a trocallos por outros á satisfação, e escolha de Pessoas, que os quiszerem trocar, sem abatimento algum do preço dos Lotes, ou Premios”¹.

Parafraseando Fernando Guedes, o primeiro prémio da segunda lotaria deveria ter sido, “naquele recuado ano de 1783, extremamente aliciante”, uma vez que incluía, como prémio proposto, a *Encyclopedie complete, in fol. 35 vol. Edition sous Paris 1751, avec Planches*, que valia a quantia de 150 mil réis. O segundo prémio, que valia 100 mil réis era a *Histoire Universelle, par une Sociéte de Gens de Lettres, in 4º, 42 vol. Edition d’Holande*. O terceiro prémio, no valor de 80 mil réis, era constituído por uma coleção de Bíblias e de comentários à Sagrada Escritura. O quarto prémio, no valor de 70 mil réis, consistia nos *Annales Ecclesiastici de Baroni, fol. 31 vol.* Já o quinto prémio era composto por dois Atlas, um dos quais no formato *in-folio maxime* e um Dicionário Geográfico, valendo este lote 60 mil réis. O sexto prémio reunia um conjunto de clássicos portugueses: *As décadas*, de Barros e Couto, a *Vida de D. João de Castro*, de Jacinto Freire de Andrade, obras de Faria de Sousa – *Ásia portuguesa, África Portuguesa e Europa Portuguesa*, os *Comentários das Rimas*, *Os Lusíadas* de Camões e ainda o *Epítome de las Historias Portuguesas*. Destacamos ainda a presença da *Histoire Naturelle*, de Buffon, que em conjunto com um *Recueil d’Antiquités* compunha o décimo prémio, sendo que o décimo primeiro prémio incluía um conjunto de pequenos volumes em formato 12º, contendo peças de Voltaire, Racine, Molière, Crebillon e outros, em paralelo com um *Abregé de l’Encyclopedie*, em dois tomos².

A terceira lotaria de prémios, que se sorteou também no mesmo ano de 1783, inclui um primeiro prémio composto por duzentos e vinte volumes. Continha “Huma Collecção de Historiadores mais famigerados das Nações, Em Grego, em Latim, em

¹ Guedes, «Lotarias ou Rifas...»,51.

² Guedes, «Lotarias ou Rifas...»,55.

Francez, em Italiano, em Hespanhol, em Portuguez & c.”, onde se encontravam obras de Flávio Josefo, Heródoto, Xenofonte, Estrabão, Tito Lívio, Tácito e Suetónio. Incluía analogamente Histórias de França, Inglaterra, Irlanda, Espanha, Itália, Veneza, Nápoles, Florença, Génova, Malta, Alemanha, Hungria, Países Baixos, Dinamarca, Polónia, Suécia, Rússia, Constantinopla, Império Otomano, China, Índia, México, América e quatro histórias de Portugal, conjuntamente com o *Portugal Restaurado* do Conde da Ericeira. O segundo prémio propunha “huma excellentissima escolha de Biblias em Hebraico, Grego, Latim, Francez, Portuguez, Italiano e Hespanhol, à qual se ajuntão os seus mais célebres Expositores, ou Comentadores”, num total de cento e quatro volumes que valiam 200 mil réis. O terceiro prémio era composto por uma seleção de clássicos latinos, entre os quais Terêncio, Plauto, Propécio, Virgílio, Horácio, Fedro, entre muitos outros. O quarto prémio incluía uma coleção de dicionários em hebraico, grego, latim, holandês, francês, inglês e italiano ao que se juntava um *Lexicon Pentaglotton Hebraicum, Chaldaico, Syriacum, Talmundum, Rabbinicum & Arabicum*, num *in folio* publicado em Londres, 1635. O quinto prémio era composto por uma coleção de historiadores portugueses, tais como D. Luís de Menezes, Duarte Nunes de Leão, D. Manuel de Menezes, Duarte Galvão, Damião de Góis, Faria e Sousa, D. Francisco Manuel de Melo, João de Barros, Diogo Couto, Jacinto Freire de Andrade, Fernão Mendes Pinto, Gaspar Estação, entre outros, aos quais se juntava a *Dedução Cronologica* e as *Memorias das Providencias que se derão no Terramoto do anno de 1755*, tudo avaliado em 100 mil réis. O sexto prémio era formado por duzentos volumes dos “poetas franceses mais célebres”, tais como: Boileau, La Fontaine, Corneille, Molière, Racine, Voltaire, Marivaux, Diderot, Rousseau e Rabelais, entre outros. O sétimo prémio era composto por Histórias eclesiásticas em latim. Destacamos ainda uma edição de *Lausanne* da *Encyclopedie, complete avec les planches*, mas em formato *in 8º*, que constituía o décimo prémio¹.

Como atrás mencionámos, admitimos como bastante provável que Cenáculo tenha participado numa destas lotarias, comprando “seis sortes”, mas não sabemos ao certo para qual das duas lotarias que se realizaram em 1783 o fez. Quando analisamos os prémios propostos para as duas lotarias verificamos que há obras com potencial interesse nas duas. Com efeito, ambas contêm livros que são referenciados por D. Frei

¹ Guedes, «Lotarias ou Rifas...»,56.

Manuel do Cenáculo noutros contextos, conforme podemos verificar por exemplo, nas obras que cita ao longo dos seus escritos. Destacamos ainda, tal como refere Fernando Guedes, que entre os vários livros propostos há alguns incunábulo, tais como o *Comentário de Landini*, datado de 1497¹. Mesmo admitindo a possibilidade de proceder a trocas nos lotes de livros propostos, pensamos que o rol de livros que compõe os distintos prémios, quer da segunda, quer da terceira lotaria, sugere títulos e edições bastante apetecíveis aos olhos de colecionadores, nomeadamente aos de Frei Manuel do Cenáculo. Subscrevendo as palavras de Fernando Guedes, os livros propostos por Reycend nas duas lotarias, quando examinados no seu conjunto, “aproximam-se mais de um figurino oficial dos anos terminais do consulado pombalino e iniciais do novo reinado, do que se assemelham ao retrato que nos deixa o exame dos catálogos privados”². O alvo destas lotarias de livros não seria, na opinião deste autor, o “cliente médio” da loja, mas uma “uma faixa determinada, [...] de gente relativamente nova, já educada nos novos estabelecimentos criados ou remodelados por Pombal, influenciados claramente pelas Luzes”³.

Cenáculo, embora não correspondendo totalmente ao retrato traçado por Fernando Guedes, também não entra, em nosso entender, em contradição com este perfil. Afinal, não faz parte do grupo de “gente nova que foi educada pelos estabelecimentos criados ou remodelados por Pombal”, mas ajudou a remodelar esses estabelecimentos e por consequência a moldar esse novos gostos e interesses. Não nos espanta por isso que as obras que se encontravam nestes prémios pudessem “aguçar-lhe o apetite”, fazendo-o tentar a sua sorte e participar numa destas lotarias.

Não sabemos se D. Frei Manuel do Cenáculo terá sido contemplado com algum destes prémios. A correspondência que continua a trocar com o seu amigo Frei Vicente não faz qualquer outra referência a este assunto, nem nos parece muito plausível que, mesmo admitindo a possibilidade que pudesse ter ganho alguns destes prémios, o prelado fizesse questão em alardear o assunto. Fica contudo a certeza que em matéria de adquirir livros, o bispo de Beja socorreu-se realmente de vários estratagemas, não desdenhando mesmo da hipótese que a compra de uma destas lotarias, com a

¹ Guedes, «Lotarias ou Rifas...»,60.

² Guedes, «Lotarias ou Rifas...»,63.

³ Guedes, «Lotarias ou Rifas...»,63.

consequente componente de “sorte ou azar” lhe proporcionava. Com efeito, ao não pagamento da Dizima em determinados momentos, ao recurso a empréstimos a juros, à aplicação de legados pios, podemos acrescentar ainda a participação nesta lotaria. Não deixa de ser significativo, em nosso entender, que Frei Manuel do Cenáculo, no afã de aditar a sua coleção, estivesse disposto a correr este risco. É mesmo caso para dizer, parafraseando uma expressão de Francisco Vaz que já acima citamos, que para Frei Manuel do Cenáculo os fins justificavam os meios, para socorrer os pobres e instruir o clero tudo seria possível, inclusive fugir ao fisco, ou mesmo, como vimos atrás, tentar que a sorte “desse uma ajuda” na prossecução dos seus objetivos.

5.5. A Biblioteca Eclesiástica de Beja e outras bibliotecas

5.5.1. A Biblioteca Eclesiástica de Beja

Ao referirmos o zelo demonstrado por D. Frei Manuel do Cenáculo no que concerne à criação ou dotação de bibliotecas, nomeadamente as que tratamos anteriormente, mencionámos a existência de diligências tendo em vista a criação e dotação da Biblioteca de Beja, na época em que foi pastor daquela diocese. A sua ação pastoral foi marcada por preocupações com a instrução das suas populações, sendo que a criação desta instituição assumirá, também aqui, um papel de relevo. Note-se porém, que as diversas fontes que consultamos não são pródigas em informes acerca desta biblioteca, nem sobre os cuidados empreendidos para a sua formação. Com efeito, são feitas algumas alusões nas cartas trocadas entre Frei Manuel do Cenáculo e diversos correspondentes, nas quais se mencionam diligências que respeitam a este estabelecimento, mas não encontramos testemunhos concretos e específicos acerca de catálogos, regulamentos, ou fundos com que é dotada.

Como temos sublinhado por diversas vezes ao longo deste capítulo, Frei Manuel do Cenáculo revelou uma grande preocupação com a instrução dos fiéis e do clero. As preocupações com a formação do clero não se ficaram no plano teórico, sendo patente que procurou pôr em prática muitos destes pensamentos junto do clero que, em diferentes circunstâncias, teve sob a sua jurisdição. Isso mesmo aconteceu quando ocupou, em definitivo, o cargo de bispo de Beja, revelando logo nos primeiros anos do

seu bispado, como bem notou Francisco Vaz, forte preocupação com a instrução do clero sob a sua responsabilidade. Nessa perspectiva, deu instruções precisas sobre o funcionamento de uma biblioteca, cuja frequência considerava imprescindível para futuros eclesiásticos¹.

A forma como o Bispo pretendeu regular o funcionamento da biblioteca de Beja não se encontra registada em qualquer documento individualizado, onde se trate exclusivamente este assunto. Encontra-se traduzida num documento, datado de 1777, onde Frei Manuel do Cenáculo tece considerações acerca do funcionamento dos estudos clericais de Beja². Nesse documento, determina-se que os estudantes teriam disponíveis os livros necessários para os seus estudos, numa biblioteca que o bispo de Beja tinha já formado, sendo a sua frequência restrita a dois dias da semana, à segunda-feira e à quinta-feira de manhã. A biblioteca surge, nesse sentido, como um instrumento de apoio aos estudos eclesiásticos daquele bispado. Deveria por isso apresentar-se sempre de forma limpa, sendo capaz de receber os que a ela concorriam com dignidade. Os livros da sua coleção deviam ser disponibilizados por mão de um bibliotecário ou seu ajudante, que teria, a auxiliá-lo nas suas tarefas, alguns estudantes³.

O documento elaborado pelo bispo de Beja a propósito dos estudos prevê ainda a tipologia dos livros que deverão constituir o núcleo da biblioteca. Estabelece-se que, nesta instituição, deveriam estar “os livros escolhidos contendo as melhores espécies e proporcionadas aos estudantes”. Os livros de “Doutrinas mais sublimes” e os que contivessem doutrinas erróneas e prejudiciais pediam, de acordo com o que foi afirmado por Frei Manuel do Cenáculo, “ciência mais madura” uma vez que “não são para a mocidade”. Surge aqui, uma vez mais, a ideia das diferentes categorias de leitores. Isto é, o acesso aos livros teria de se subordinar à capacidade e maturidade que os leitores pudessem demonstrar, de modo a terem acesso a determinado tipo de doutrinas.

¹ O pequeno regulamento que apresentou para a biblioteca do seminário de Beja espelha, no essencial, o seu pensamento neste domínio. Cf. Vaz, «As Bibliotecas e os livros...»,489.

² B.P.E. – Códice CXXVIII/2-4, f.2-3. Cf. Vaz, coord, *Os livros e as bibliotecas...*,297.

³ Esses estudantes deveriam ser distribuídos semanalmente para prestarem esse auxílio, de acordo com as horas que tivessem disponíveis. B.P.E. – Códice CXXVIII/2-4, f.2-3. Cf. Vaz, coord, *Os livros e as bibliotecas...*,297.

Convém notar, subscrevendo Francisco Vaz, que o Bispo de Beja determinou que se formasse um catálogo com os livros existentes na biblioteca e a impossibilidade de realizar empréstimos domiciliários. Paralelamente deliberou que o bibliotecário impedisse os ordinandos de gastarem “demasiado tempo na leitura de livros curiosos; ainda que na outra parte sejam úteis, mas que o podem distrair da obrigação principal”¹. Estas exigências evidenciam a existência de algumas restrições ao acesso aos livros neste estabelecimento. Isso não significa que a biblioteca estivesse unicamente composta por obras a que os estudantes pudessem aceder. Com efeito, embora haja limites de acesso assentes e se defina que há livros que não são próprios para a mocidade, não temos indicações que na biblioteca existissem exclusivamente livros aptos a serem utilizados pelos jovens estudantes. Aliás, a necessidade de impor regras e limites de acesso a determinadas obras, que serão disponibilizadas exclusivamente pelo bibliotecário, parece indicar que há uma preocupação em limitar o acesso dos estudantes mais jovens a outro tipo de livros que poderiam existir na biblioteca.

A corroborar a ideia de que a biblioteca pode incluir vários tipos de livros e não só os apropriados aos estudantes mais jovens, temos também uma licença para ler livros proibidos nesse estabelecimento, datada de 22 de Março de 1777². Dessa licença, concedida pela Rainha D. Maria I, consta o seguinte:

“ [...] faço saber que por parte do Procurador da Mitra do Bispado de Beja me foi representado: Que para maior instrução, e inteligência do Clero daquelle Bispado precisava de licença para poder ler Livros prohibidos na Livraria Publica do dito Bispado, os quaes não podia ter sem faculdade Minha [...] Sou servida conceder licença para que na sobredita Bibliotheca possa haver Livros prohibidos; e delles uzarem as pessoas que tiverem Licença de as ler [...] porem os livros para que se lhe concede licença estarão em Estante fechada com chave e rede de arame de sorte que não possam ser vistos [...]

Independentemente das dúvidas acerca das composições escritas que poderiam compor a acervo desta instituição, certo é que, como pode deduzir-se pela data destes

¹ Vaz, «As Bibliotecas e os livros...» 489.

² B.P.E. – Cód. CXXX/2-19, N.º3.

documentos, assim que chegou a Beja, D. Frei Manuel do dedicou-se imediatamente a trabalhar em prol da organização da biblioteca¹.

Em 1779, em carta dirigida ao seu amigo Frei Plácido de Andrade Barroco, o prelado Pacense refere que já tinha conseguido aumentar a biblioteca pública. O excerto que a seguir se reproduz ilustra-o exemplarmente:

“ Augmentei incrivelmente a bibliotheca Publica para servir melhor, e fiz a hum sugeito que aqui assiste na cidade; e provado, guarda da Bibliotheca. Felix Caetano trabalha com delegencia na História da Cidade.[...] Há dois mezes para cá tenho feito descubertas, que vem para caza, de moedas raras, e lapides, e vasos sepulcraes”².

Nesta carta, além de informar o companheiro da Ordem Terceira acerca do aumento de fundos que tinha realizado, e que ele próprio classifica como “incrível”, alude a outros assuntos em que se tinha empenhado, como a realização da História da Cidade, de autoria de Félix Caetano³ e a busca de testemunhos antigos, resultantes de escavações e prospeções arqueológicas, tais como moedas raras, lápides e vasos sepulcrais, os quais estaria a reunir na sua Casa Episcopal. Esta busca por documentos antigos, através de escavações e a procura de decifrar lápides e inscrições, encontra-se documentada no espólio da Biblioteca Pública de Évora, num códice contendo cartas enviadas por Frei José de S. Lourenço do Vale ao prelado, o qual tem apenas documentação muito diversa. São documentos onde se reúnem cópias de inscrições, moedas, peças arqueológicas, tábuas interpretativas, cópias de lápides, entre várias outras⁴, ao que tudo indica resultado do labor de pesquisa deste religioso. Pensamos que o envio desta documentação era uma forma de “atualizar” Frei Manuel do Cenáculo sobre estas matérias, mantendo-o a par do que se ia descobrindo numa área na qual o bispo revelava bastante interesse. Certamente alguns desses esboços e

¹ Em rigor, já antes de entrar em Beja em Abril de 1777, se efectuaram diligências tendo em vista esta biblioteca, como se infere pela licença concedida logo em Março desse mesmo ano para a leitura de livros proibidos. Seguidamente, em Junho desse ano, exara também determinações acerca dos estudos eclesiásticos e regula as condições de funcionamento da dita biblioteca.

² B.A.C., Códice 802, série vermelha, 19 de Novembro de 1779, f.27-27v. Vaz, coord, *Os livros e as bibliotecas...*, 335.

³ Sobre a relação de mecenato entre Frei Manuel do Cenáculo e Felix Caetano Cf. Marta Cristina Páscoa, «D. Frei Manuel do Cenáculo e Felix Caetano da Silva, Relações de Mecenato na Escrita da História de Beja», *Separata da Revista Portuguesa de Poligrafia*, nº11-12 (2003).

⁴ B.P.E. – Códice CXXVIII/2-13.

gravuras de achados constituíram-se como imagens representativas de peças que poderiam integrar o Museu de Beja.

A referência conjunta que realizou, na carta que dirige a Frei Plácido Barroco, à biblioteca e aos objetos de coleção, traz novamente à coação a ideia de biblioteca-museu, que como demonstram trabalhos como o de João Carlos Brigola¹, andaram sempre associados no pensamento de Frei Manuel do Cenáculo. Não espanta por isso que a esta livraria se viesse a associar um museu, destinado a servir o clero e quem se procurava instruir.

Numa carta remetida por Joaquim José da Costa e Sá, datada de 4 de Fevereiro de 1780, este interlocutor faz uma menção elogiosa ao trabalho do bispo, afirmando que “nada enriquece mais uma biblioteca do que unir-lhe uma boa colecção de raridades”,² numa alusão que parece indiciar que, no pensamento do bispo, andaria a intenção de unir uma coleção de raridades à livraria³. Essa junção entre livraria e museu surge, com referiu João Carlos Brigola, bem documentada na Oração recitada em 1791, aquando da inauguração do Museu Cenaculano Pacense, onde se afirma: “tudo isto, senhores que ouvis dizer – Museu - eram escolas gerais que se governavam por Mestres e encerravam Livrarias com todo o género de objectos em que se podia estudar. Ali, digo tudo, o melhor livro, todas as memórias dos tempos, todas as preciosidades raras da natureza e do engenho das ciências e artes dos homens se guardavam para neles se aprender o que não convém ignorar”⁴.

Cumprir notar que o autor desta Oração não teria sido Frei Manuel do Cenáculo, mas antes Frei José Lourenço do Vale, ainda que esta tenha sido anotada e corrigida pelo prelado⁵. Admitimos, em face dessa correção realizada pelo bispo de Beja, que esta oração traduza o pensamento cenaculano acerca daquilo que deve ser um museu. Perpassa neste discurso, a ideia de um museu na linha da obra de Tommaso Campanella, um “museu utópico” que ultrapassa a mera finalidade classificatória, mas antes como um lugar de criação de saber, de conhecimento e juízo histórico através da experiência. É aqui que se reúnem livrarias e objetos, sendo um espaço aberto a

¹ Brigola, «Frei Manuel do Cenáculo semeador...»,47-56.

² B.P.E. – Códice CXXVIII/1-1, f.84.

³ Não conseguimos encontrar qualquer carta enviada pelo bispo de Beja a este interlocutor neste período.

⁴ B.P.E., Manizola, cód.74,nº19, *apud* Brigola, «Frei Manuel do Cenáculo semeador...»,48.

⁵ Cf. Brigola, «Frei Manuel do Cenáculo semeador...»,47.

múltiplos percursos, pensado e destinado a todos, convocando a comunidade e simultaneamente capaz de responder às vocações individuais¹.

A ideia de dotação da biblioteca e posteriormente do museu tem no clero o seu principal destinatário. Um clero que, como demonstramos através da análise de muitas das composições escritas de D. Frei Manuel do Cenáculo, se pretendia culto e instruído, para desse modo poder ser útil, quer à sociedade, quer à religião. Essa mesma ideia de utilidade está presente no encerramento da própria oração inaugural, senão vejamos:

“Logo, Srs., vede se justamente devemos abraçar o estudo onde a instrução do entendimento, o esplendor da doutrina, e o triunfo da Religião tem a conveniencia mais util. Aproveitaivos, Sr., de hũa occazião que a grandeza de S. Exa. vos offrece. A vossa diligencia decidirá a recompensa de hum bem de tanto proveito. Deixai ao espirito levarse aos ultimos conhecimentos, e ver com hum gosto virtuozo aquella historia da antiguidade, descobrir novas verdades, penetrar segredos, e conhecer a industria do *engenho* humano. Deixai a rezão aplaudirse da sua vitoria, afirmarse nas santas verdades do triunfo da Religião, levantar os seos trofeos sobre os inimigos vencidos. Deixai a creatura conhecer o seo Creador pelas maravilhozas luzes da natureza nos brilhantes dos seo chrystaes, na sua armonia, e naquelles descuidos onde a negligencia mais casual contem maiores admirações onde o mesmo desfigurado he a mais engraçada e encantadora figura. Hum descobrimento prodúz mil descobrimentos. Hũa utilidade Lizongea. Hum trabalho recompensa.”²

Nesta oração, Frei José de S. Lourenço do Vale, insta os que o estão a ouvir a aproveitarem o conhecimento e saber que podem advir da frequência de uma instituição deste tipo, sendo que qualifica o ato de a disponibilizar de grande “grandeza” por parte do Bispo de Beja.

Conforme se pode depreender pela leitura desta oração, Frei Manuel do Cenáculo continua, na organização desta instituição, a revelar a mesma preocupação com a instrução do seu clero. É nessa diligência contínua pelo saber, a ter lugar em instituições como esta que se está a inaugurar, que os clérigos se poderão dotar de armas para defender a religião, e vencer os seus inimigos. As diligências envolvem assim, quer a dotação da biblioteca, quer de um Museu que haveria de ser oficialmente inaugurado em 1791.

¹ Brigola, «Frei Manuel do Cenáculo semeador...»,48.

² B.P.E., Manizola, cód.74,nº19.

Não conhecemos em concreto os moldes de funcionamento desta biblioteca, bem como do museu que lhe é posteriormente associado, sobretudo no que concerne ao público que a poderia visitar.

Note-se que, numa carta dirigida a Frei Vicente Salgado, seu velho companheiro da Ordem Terceira, datada de 24 de Agosto de 1788¹, Frei Manuel do Cenáculo insta o amigo a ir procurar determinado volume ao que chama de “Biblioteca Pública”. Paralelamente, o pouco que se conhece acerca do seu regulamento de funcionamento dá conta das instruções para a sua abertura ao clero. A licença para ler livros proibidos, concedida pela Rainha no mesmo ano, designa também a instituição por “Biblioteca Pública” mas não avança muitas informações acerca de quem poderia utilizar esta biblioteca. Admitimos, não obstante a designação de biblioteca pública, que esta fosse uma instituição destinada ao uso exclusivo do clero, não podemos contudo, com base nos testemunhos que temos, excluir em absoluto que pudesse ser utilizada por outros.

Como se sabe, no início da nova centúria Frei Manuel do Cenáculo acabará por se mudar para Évora, assumindo o cargo de Arcebispo daquela metrópole. Isto terá, a par de outras razões, implicações na coleção que deixará à Biblioteca Museu de Beja. Cumpre realçar que, numa carta datada de 1794, dirigida a um correspondente que identifica apenas por “F.”, o prelado Pacense afirma que se estava a desligar de alguns projetos, separando-se daquilo que não podia conservar². Também em cartas de que já demos nota anteriormente, Cenáculo fala da necessidade de se desfazer de parte da sua coleção, uma vez que não tem condições para a guardar, encontrando-se alguns dos livros da sua coleção de “trinta mil cruzados” em mau estado por esse facto. Analogamente, numa carta dirigida a Frei Plácido Andrade Barroco, datada de Janeiro de 1795, dá nota da decisão de vender alguns livros, tendo já enviado a Manuel Gregório um rol para formar a biblioteca eclesiástica, desfazendo-se do profano³. A análise destas cartas parece, por isso, indiciar que em Beja ficou apenas uma parte da coleção de livros de Cenáculo.

Ainda assim, conforme se constatar pelas informações constantes de uma outra carta dirigida a Frei Plácido, datada de 5 de Junho de 1795, Cenáculo aponta para um

¹ B.A.C. – Cod. 193, série vermelha, f.115. Cf. Vaz,coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 335.

² B.P.E. - Códice CXXVIII 2-10, f. 77. Cf. Vaz,coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 335.

³ B.A.C. – Códice 802, série vermelha, f.381. Cf. Vaz,coord., *Os livros e as bibliotecas...*,336.

bom número de volumes que iria deixar em Beja, mas nada melhor do que analisar as suas próprias palavras:

“[...] Quanto ao mesmo Bertrand lhe diga que em huma casa onde os Livros e raridades excedem os espacos nao he muito que tudo esteja a monte [...].Eu tenho feito a arrumacao da casa, sobre o que hade aqui ficar, e presentinhos que heide dar aos meos amigos; e Pessoas que facao caso do que lhes der, que não serao coisas grandes; mas huma prenda de estimacao ainda que seja pouco volumosa sempre lembra. Se ahi nao tomarem menos lhe ficara. Eu trato em concluir a Casa da Livraria desta Igreja para lhe encaixar tudo, e deixalla ficar em maos seguras com isso que tiver: Sempre lhe ficarao 20 mil volumes e boa collecao de raridades ainda que venda e revenda. [...] a insipidez com que se vive neste Reino em materia de Letras he de entristecer summamente. Prevaleco a este pezar, mas por entre espinhos crueis.[...]”¹

Nesta carta, D. Frei Manuel diligencia acerca de uma tentativa de venda de livros, insistindo nos problemas que lhe causa a falta de espaço, a qual implica que muitos dos seus livros e raridades se encontrem a monte. Informa que, independentemente do que vendesse, deixaria uma boa coleção de raridades e cerca de vinte mil volumes na Biblioteca de Beja.

Note-se porém que as fontes relativamente ao número de volumes que teria ficado nesta biblioteca não são totalmente coincidentes. Frei Manuel do Cenáculo aponta para cerca de vinte mil volumes, já Silvestre Ribeiro, nos seus apontamentos sobre bibliotecas portuguesas admite “apenas” nove mil volumes². Cardoso de Bettencourt, pronunciando-se acerca de um período posterior, mas não muito distanciado no tempo ao “consulado” cenaculano em Beja, aponta para um núcleo de oito a dez mil volumes impressos, como fundo da biblioteca em 1820³. Por sua vez, o livro de Atas e Memórias da Biblioteca Pública de Évora, quando faz a descrição de toda a situação decorrente do sequestro dos bens da livraria daquela metrópole, refere que teriam ficado em Beja cerca de dez mil livros⁴.

Admitimos, considerando que o compromisso de D. Frei Manuel do Cenáculo no que respeita ao número de volumes foi feito num momento em que este ainda se encontrava a negociar livros, assim como a determinar os donativos que ia deixar a

¹ B.A.C. – Códice 802, série vermelha, f.110-111. Cf. Vaz,coord.,*Os livros e as bibliotecas...*,348.

² Ribeiro, «Apontamentos Históricos...», 417.

³ Bethencourt, «Notices sur les Bibliothèques...», 12.

⁴ B.P.E. – Manuscrito sem quota, “Livro Das Actas e Memorias Da Bibliotheca Publica Eborensis Fundada Pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas”, f. 7v.,8 e 8v.

outras instituições, que o número de volumes realmente deixados à Biblioteca de Beja fosse inferior aos vinte mil volumes. Talvez num valor mais próximo dos nove, dez mil volumes que são apontados nas fontes que identificamos previamente. Nesse sentido vão também os números apontados por Francisco Vaz, que aponta para os dez mil volumes deixados à Biblioteca de Beja¹.

Mesmo admitindo que os números sejam inferiores aos que Frei Manuel do Cenáculo referiu inicialmente e que andassem mais próximos dos nove, dez mil volumes, continuamos a falar de um excelente quantitativo de livros, que certamente deveriam ter implicado algum esforço financeiro na sua aquisição. Se ao esforço financeiro para aquisição de livros, juntarmos a diligência com que se empenhou ativamente para conseguir edificar uma Igreja Catedral em Beja², verificamos que encarou a sua missão em Beja com toda a seriedade. Essa missão envolveu esforços certamente constantes, sendo que a instrução e a criação de condições favoráveis para o seu desenvolvimento representaram aqui um papel central. Com efeito, embora não possamos quantificar em termos absolutos o número de volumes que terá deixado à Biblioteca de Beja, sabemos que a preocupação com a sua dotação esteve sempre presente. Nessa perspetiva, nem os grandes custos em termos de tempo e recursos financeiros que lhe seriam impostos pela construção da catedral, relegaram os livros, a dotação da biblioteca e também do museu, para um plano inferior. Aliás, tendo em conta as fontes que abordamos anteriormente, ainda antes de se instalar em Beja, já Frei Manuel do Cenáculo tinha solicitado licença para ler obras proibidas nesta instituição, constatando-se que, logo nos primeiros tempos de dedicação à sua diocese, trabalhou em prol da Biblioteca. Às diligências para regulação do acesso por parte dos estudantes do seminário, sucederam-se posteriores cuidados de fundação do Museu, que foi inaugurado em 1791. Quando o Bispo começa, por circunstâncias do seu próprio percurso pessoal, a desenvolver esforços que haviam de conduzir à venda, doação de livros a outras instituições e à retirada para Évora, não deixa a

¹ Vaz, «As Bibliotecas e os livros...», 495.

² Existe, no espólio de Frei Manuel do Cenáculo custodiado pela Biblioteca Publica de Évora, uma Memória manuscrita, de autoria de Cenáculo, acerca da construção da Igreja Catedral de Beja, na qual se justifica a sua necessidade e se expõe a forma como se pretende custear a sua edificação. B.P.E. - Cód. CXXVIII/2-7,nº1.

instituição vazia e, não obstante todas as movimentações da sua coleção, a biblioteca fica bem dotada, como alguns volumes e uma boa coleção de raridades.

Neste projeto de criação ou dotação de instituições que pudessem contribuir para melhorar o acesso à instrução, surge uma vez mais, a associação entre bibliotecas e museus. Ambos são importantes para promover o acesso a um saber que se queria útil, à sociedade e à religião, numa preocupação que, como pensamos ter vindo a demonstrar ao longo deste trabalho, foi uma constante ao longo da sua vida.

5.5.2. Outras Bibliotecas

Na correspondência e diário do prelado encontram-se alusões a outros donativos de livros, feitos quer a conventos, quer a alguns particulares, para além das instituições que atrás referimos.

Um desses donativos foi, pelo que parece depender-se da correspondência recebida por D. Frei Manuel do Cenáculo, realizado à livraria do Mosteiro de S. Paulo, em Lisboa¹. Com efeito, numa carta que lhe é dirigida em 31 de Julho de 1797, o religioso Frei José da Anunciação, faz rasgados elogios a Cenáculo e agradece-lhe a dádiva de várias obras para a livraria daquele mosteiro². Apesar do agradecimento que parece confirmar a doação de algumas obras, a carta não possuiu qualquer outra indicação sobre quantos ou quais os livros incluídos nesta oferta.

Também o Mosteiro de Serra de Ossa foi objeto das atenções de D. Frei Manuel do Cenáculo. Com efeito, a análise da rede epistolar do prelado permite constatar que as menções a uma oferta a esta instituição se encontram numa carta enviada, pelo prelado, ao Reitor geral do Convento de São Paulo da Serra de Ossa, Frei Dionísio de Deus. A epístola em Latim, datada de Julho de 1800, tem uma anotação onde se indica que a missiva foi acompanhada por cinco caixotes de livros, num total de 111 que Cenáculo oferecera a este religioso³. Não encontramos qualquer epístola que Frei Dionísio tenha dirigido ao prelado numa data aproximada a esta, mas apenas uma missiva muito anterior, dirigida a partir de Coimbra, em Abril 1778, de mera civilidade

¹ No documento aparece identificado como Mosteiro de S. Paulo, em Lisboa, sem qualquer outra referência. Julgamos possível que esteja a referir-se à livraria do Convento de S. Paulo o Eremita, de Lisboa, cujo fundos, tal como demonstrou Paulo J.S. Barata, serão incorporados (mesmo que parcialmente) na Biblioteca Central da Marinha. Cf. Barata, *Os livros e o Liberalismo ...*, 219.

² B.P.E. – Códice CXXVII/2-2, f.22.

³ B.A.C. – Códice 261, série vermelha, f.79-82. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 100.

e desejo de boas festas¹. Contudo há, no diário de Frei Manuel do Cenáculo um documento sem data, onde se encontra a descrição dos livros enviados à Livraria do Convento de Serra de Ossa, por altura da Sagração daquela Igreja².

Esta lista inclui 19 títulos de obras, com aproximadamente 48 volumes³. Um número substancialmente inferior ao referido na missiva supramencionada, dirigida a Frei Dionísio. Os documentos disponíveis não esclarecem se esta lista foi posteriormente aumentada, ou de estamos a falar de donativos diferentes para Serra de Ossa, pelo que não conseguimos avançar muito mais nesta matéria. Certo é que foi realizado um donativo à livraria deste convento, conhecendo-se a lista dos dezanove títulos que foram enviados.

Uma vez mais a identificação das obras nem sempre é clara, pelo que os dados que conseguimos compilar relativamente a algumas das suas características fornecem apenas uma aproximação, não sendo possível identificar com clareza todos os títulos e autores por consequência, a data em que os livros foram escritos.

Em termos de formatos, o conteúdo do donativo privilegia os pequenos formatos, tal como procuramos demonstrar na tabela seguinte:

Tabela 33. Distribuição do nº de títulos por formatos, do donativo ao Convento de Serra de Ossa

Formatos	Nº
8º	11
12º	6
Desconhecido	2
Total	19

Fonte: B.P.E. – Códice CXXIX/1-18,f.191

Com pode depreender-se pela análise da tabela que apresentamos, cujos números estão de acordo com os dados inscritos na própria listagem de livros, predominam os formatos mais pequenos, *in-8º* e *in-12º*, o que poderá indiciar que eventualmente se pretendiam enviar livros com maior “portabilidade”, em ordem a facilitar a sua consulta por parte dos religiosos do Convento.

¹ B.P.E. – Códice CXXVII/1-7.

² B.P.E. – Códice CXXIX/1-18,f.191. Cf Vaz,coord.,*Os livros e as bibliotecas...*,556.

³ No documento são indicados o nº de volumes de cada título, com excepção de um dos títulos, mas cuja identificação posterior nos permitiu constatar que é composto por quatro volumes.

Não conseguimos confirmar esta hipótese na documentação que consultamos a este respeito, não há relatos ou quaisquer outras informações anexas, quer às cartas, quer a esta lista, onde se fale do que motivou a escolha destes formatos. Contudo, e tendo em conta os diferentes dados que fomos coligindo ao longo do trabalho, que põe em evidência o papel de primordial que o livro sempre teve para Cenáculo, admitimos que a intenção do prelado, ao fazer este donativo, fosse a de enviar livros cujo formato facilitasse a sua consulta. Relevava-se dessa forma a possibilidade da sua utilização, em detrimento do envio de meros “objetos de coleção” para exposição, em grandes formatos e de difícil consulta.

Como reconhecemos atrás, não é possível identificar com clareza todos os títulos mencionados na listagem apresentada. Com efeito, dos 19 títulos apontados, não conseguimos recolher dados concretos acerca de 9 dos títulos apresentados. Dos títulos que conseguimos identificar, apenas um deles é de séculos anteriores. Todas as obras restantes são, praticamente, contemporâneas à época em que são enviadas ao Convento, editadas sobretudo na centúria de Setecentos.

No que respeita às temáticas predominantes, tomando como referencial de trabalho o título indicado no documento, privilegiam-se as obras sobre Religião, com doze títulos, representando mais de metade dos títulos mencionados, mais concretamente 63%. Existem também títulos de Filosofia, de Geografia, de História e de Literatura.

No que concerne a livros que, pelo título que ostentam, remetem para uma temática religiosa, destacamos as obras: “*Bonoti De Existentia Dei*”, obra de autoria de *Bonnotti* “*Existentia Dei Metaphysice Assera*”, impressa originalmente em Veneza, em 1770, de quatro tomos, cujo título remete para um ensaio acerca da existência de Deus. Segue-se a obra: “*Selvaggii Institutiones canonicæ*”, que pensamos ser a obra de *Giulio Lorenzo Selvaggio*, “*Institutionum Canonicum [...]*”¹. Este autor foi um canonista que viveu em Nápoles. Depois de ter ingressado no seminário de Nápoles, ordenou-se sacerdote em 1752, tendo-se dedicado ao estudo da História, Filosofia e Línguas Orientais. Tornou-se censor e examinador sinodal, e foi nomeado professor de Direito canónico em 1763, tendo posteriormente publicado esta obra, cuja primeira edição é

¹ Pode ser consultada *online* em: <http://books.google.pt/>, 23 de Fevereiro de 2011.

realizada em Pádua, em 1770¹. Seguem-se os “*Sermões de Santo Agostinho aos Salmos*”, que surgem com a obra mais antiga presente nesta lista, sendo que este é um autor que aparece repetidamente mencionado, quer em obras doadas, quer em obras citadas ou recomendadas para leitura por parte de Cenáculo. Outra obra que trata “assuntos religiosos” é a que surge identificada como “*Bailly de Religione*” que, de acordo com as informações que recolhemos, poderá tratar-se da obra de Louis Bailly – “*Tractatus de vera religione, theologiae alumnorum usui accomodatus*”². A esta obra seguem-se outras três, cujo título nos remete para assuntos religiosos, mas sobre as quais não conseguimos recolher quaisquer outras informações. Estamos a falar de obras que surgem identificadas como “*Durin – Tratado do amor de Deus*”; “*Denina – De Studio Theologicæ*” e ainda “*Richar. – Defesa da religião*”. De Jonh Opstraet destacamos a obra “*De Locis theologicis*”. De acordo com algumas informações que recolhemos este autor, nascido em 1651, foi um eminente religioso e teria tido algumas ligações ao pensamento jansenista³. Ainda dentro da temática religiosa temos outros títulos, sobre os quais não conseguimos reunir mais informação, que são “*Scaat[?] De Locis Theologicis*”; Witaci “*De Locis Theologicis*” e “*La Devocat Tratado de Conciliis*”. Por último, temos o título “*Gubyon - Biblioteca Eclesiástica sobre Religião*”, que pensamos poder tratar-se da obra de Claude Marie Guyon “*Bibliothèque ecclésiastique, par forme d’instructions dogmatiques et morales sur la religion*”, impressa em Paris, entre 1771 e 1772, composta por oito volumes.

Na temática da Geografia identificámos, partindo apenas do título com que é identificada, a obra “*Geografia Universal, de Bufier*” e sobre a qual não conseguimos encontrar mais dados.

No atinente à temática da Filosofia, incluímos o título “*Curso filosófico, de Altieri*”, sobre o qual também não nos foi possível reunir mais informações.

Na Literatura temos o título: “*Struvii notitia res literariæ*”, obra de Bukhard Gotthelf Struve: “*Introductio in notitiam rei Litterariae et usum Bibliothecarum [...]*”, cuja data de exata de edição não conhecemos, sabemos contudo que este autor viveu

¹ «Catholic Encyclopedia», <http://www.newadvent.org/cathen/13692c.htm>, 23 de Fevereiro de 2011.

² Louis Bailly, *Tractatus de vera religione, theologiae alumnorum usui accomodatus* (Dijon: Edmond Bidault, 1771) Esta é uma das edições que conseguimos identificar, não conseguimos contudo confirmar se nesta data se estamos perante a 1ª edição da obra.

³ Hugh James Rose e al., *A new general biographical Dictionary*, v.10 (Londres: Richard Clay, 1848), 399.

entre 1671 e 1738¹. Ainda dentro da temática das Belas-Letras, temos o título “*Ensaio de Bellas Letras de Carlecas*”, o qual, de acordo com as pesquisas que realizamos, poderá corresponder à obra de Juvenel de Carlecas “*Essais sur l’histoire des belles-lettres des sciences et des arts*”, publicado em 1749.

Na História temos o título “*História dos povos bárbaros*, Conte de Buat”, que admitimos poder tratar-se de uma obra de Louis Gabriel Du Buat Nançay², também conhecido por Conde Buat.

Por último, temos ainda o título “*Cartas de Hua mai a seu filho*”, cuja temática não conseguimos identificar partindo apenas da referência feita. Admitimos no entanto que possa tratar-se da obra da Marquesa de Lambert – Anne Thérèse de Marguenat de Courcelles, intitulada “*Avis d’une mère à son fils*”, datada de 1726. Há ainda um outro título, a “*História de Mariana*”, segundo tomo, sobre a qual não conseguimos obter qualquer informação complementar.

Como podemos depreender pela análise e identificação dos livros mencionados, há um predomínio claro da temática religiosa, existindo obras noutras temáticas com a distribuição mais ou menos equitativa³, tal como procuramos demonstrar no gráfico seguinte:

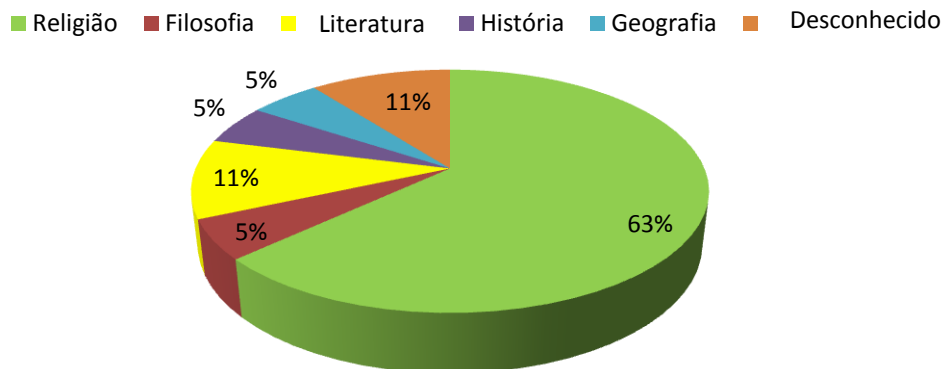
¹ Esta edição pode ser consultada em:

<http://books.google.pt/books?id=Tj0VAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=ptpt#v=onepage&q&f=false>, 23 de Fevereiro de 2011.

² Poderá tratar-se da obra: Louis Gabriel du Buat Nançay, *Histoire ancienne des peuples de l’Europe* (Paris : Suard et Arnaud, 1772).

³ Note-se que o critério de classificação temática desta lista repetiu o critério utilizado na análise doutros róis, tais como o de Botelho de Lima. Optámos por não representar graficamente as categorias sem expressividade numérica.

Gráfico 43
Distribuição % dos títulos por temáticas, do donativo ao Convento de Serra de Ossa



Fonte: B.P.E. – Códice CXXIX/1-18,f.191

Não consideramos o predomínio da temática religiosa neste donativo surpreendente. Trata-se de uma oferta que tem por destino um Convento, logo não será de estranhar que se privilegiem livros sobre matérias religiosas. Contudo, uma vez mais, há alguma heterogeneidade de obras, centradas em temáticas distintas, o que parece patentear, mais uma vez, que Frei Manuel do Cenáculo pretendia um clero instruído. Essa instrução deveria fazer-se sobretudo nas “coisas da religião” e nisso fez constantes diligências, mas não apenas nessas matérias, daí a presença de livros, em quantidade inferior, noutras temáticas que não exclusivamente a religiosa.

Em Outubro de 1779 o bispo de Beja faz também um pequeno donativo de livros que envia para as paróquias sob a sua jurisdição de Moura e Serpa, no qual se incluem exclusivamente livros religiosos, entre os quais algumas pastorais, livros de meditações, livros de ritos e breviários¹.

Um ano depois, em Setembro de 1780, dá nota da intenção de distribuir pelo bispado livros de instrução, pelo que, depois de ter dado cinquenta livros à Escola de Ler e Escrever da cidade, tinha agora intenção de pagar a impressão de mais mil exemplares, para distribuir pela diocese. O documento não contém dados completamente esclarecedores acerca de quais são estes livros, informando que se trata de uma edição de Roma².

¹ Códice CXXIX 1-17. Cf. Vaz,coord., *Os livros e as bibliotecas...*583.

² B.P.E. – Códice CXXIX 1-18. Cf. Vaz,coord., *Os livros e as bibliotecas...*,585.

Em 1781 é a vez da Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, que como já atrás expusemos acabou por acolher os fundos da biblioteca do Convento de Jesus, receber uns livros enviados por Frei Manuel do Cenáculo, algo que fica registado em carta datada de 19 de Junho de 1781, enviada por Francisco José Correia da Serra¹. Não se encontram mais informações respeitantes a este envio, a não ser o agradecimento pela sua entrega por intermédio de Joaquim José da Costa e Sá.

Já na década de 90, no dia 22 de Novembro de 1794, envia à sua nova paróquia de Nossa Senhora de Tróia, um baú que inclui algumas peças de culto e também livros, como Missais e Rituais².

A numerosa documentação consultada, nomeadamente o diário demonstra similarmemente que os livros foram, algumas vezes, utilizados como presentes que D. Frei Manuel ofereceu a algumas personalidades, como a Marquesa de Alvito³ ou José Inácio de Miranda Henriques⁴. Também o Bispo de Pequim, D. Alexandre Gouveia, antes de partir para a sua diocese foi contemplado com alguns livros de presente. Há uma lista contendo a descrição dessa dádiva, da qual constam pouco mais de duas dezenas e meia de títulos de livros e ainda algumas pinturas, moedas e uma pequena caixa como alguns lenços e pares de meias⁵. Em Outubro de 1782, quando se despede de dois Padres, são também os livros que o Bispo de Beja utilizado como oferta de despedida⁶.

Os livros estão, desta forma, constantemente integrados nas atividades do prelado Pacense. Encontram-se nas diligências para a fundação ou dotação de bibliotecas públicas, mas também nos esforços de dotação de alguns pequenos conventos ou paróquias. Paralelamente são oferecidos como presente, em diferentes circunstâncias, a distintos interlocutores que se cruzaram com o Bispo de Beja.

Globalmente, a apreciação das diligências em torno da oferta de livros e dotação de bibliotecas, reflete, uma vez mais, que os livros foram encarados pelo Bispo

¹ B.P.E. Códice CXXVII/2-3, f.242. Cf. Gusmão, *Catálogo...*, IV, 183-184.

² B.P.E. – Códice CXXIX 1-21. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 601.

³ No dia 08-12-1779 vai visitar a casa da Marquesa, levando livros de presente para os filhos. B.P.E. Códice CXXIX 1-17. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 583.

⁴ No dia 10-02-1778, envia-lhe “alguns livros proporcionados”. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 582.

⁵ B.P.E. - Códice CXXIX 1-18, f.191.

⁶ B.P.E. - Códice CXXIX 1-18. Cf. - Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 587.

Pacense como instrumentos para melhoria da instrução e do saber. Essa perspectiva evidencia um homem para quem instrução, o cultivo do saber era uma forma de ser útil a Deus e aos Homens. Alguém que, conhecedor de muito do que se passava na Europa estava, como já dissemos, consciente de uma certa imagem de atraso que era atribuído na “Europa culta” aos países ibéricos.

Cumprir notar que, ao assumir o cargo de pastor de Beja, Cenáculo não se preocupou em tratar exclusivamente “das almas” do seu rebanho e respetiva instrução. O bem-estar e as carências materiais da população sob a sua jurisdição não foram esquecidos. Por isso, quando chega à diocese alentejana, diligência não só sobre questões que se prendem com a direção religiosa do bispado, mas também sobre a criação de condições para assistir as populações. Nessa perspectiva, logo em 30 de Janeiro de 1778, envia aviso a seis médicos da cidade, para que estes se repartissem por seis zonas da cidade e tratassem de forma gratuita os pobres. Compromete-se a pagar-lhes pelos seus serviços, em cada ano, trinta alqueires de trigo, algo o foi aceite¹. Em Maio do mesmo ano publicam-se, igualmente com o apoio de Cenáculo, os Estatutos da Nova Associação dos Advogados da cidade, para advogarem gratuitamente as causas dos pobres, debaixo da proteção de S. Ivo, da qual o nosso bispo era presidente².

Serão porventura sinais de um espírito do seu tempo, de alguém que está atento às múltiplas necessidades do seu povo e que está persuadido que é na correlação entre as melhores condições de vida e o conhecimento dos valores fundamentais da religião, que se criam cristãos mais conscientes e defensores do bem comum, no qual se inclui a defesa da religião.

Estamos perante uma personalidade que transmite sinais de modernidade e de compreensão dos fenómenos da época. Um clérigo que, numa carta de Agosto de 1780, manifestava já preocupações com o enterramento nas Igrejas e com as implicações nefastas que isso poderia ter em termos de saúde pelo perigo de contágio

¹ O diário de sua mão referencia esta diligência no termos que descrevemos acima. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 582. Existe contudo uma pequena parte do seu diário que não é autografa de Cenáculo, onde também se descreve esta diligência e se refere que, além de pagar a esses médicos, Cenáculo terá também concorrido com produtos da sua própria botica. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 580.

² A informação acerca da presidência da associação é dada na parte não autografa do diário. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 580. A nota autografa do prelado acerca do mesmo assunto não o refere. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 582.

e propagação de doenças¹. Alguém a quem, logo em Setembro de 1806, se escreve pedindo ajuda no sentido de convencer o povo a deixar os filhos tomar determinada vacina². Se tivermos em conta que a primeira vacina que se conhece foi para a Varíola, introduzida por Edward Jenner, em 1798, parece-nos um sinal revelador do prestígio atribuído a Cenáculo e da modernidade que lhe seria reconhecida que, logo em 1806, se fale em introduzir uma vacina em Portugal e se peça a este prelado auxílio para esse fim. Realce-se porém que não conseguimos recolher mais dados sobre qual a vacina a que este interlocutor se estaria a referir, nem sobre se este plano avançou ou não³. Assim sendo, parece perpassar a ideia que o país não só não se encontraria “tão atrasado” em relação a algumas novidades do tempo, como também se esperava que o erudito Frei Manuel do Cenáculo estivesse informado sobre estes assuntos. Com efeito, a carta parece demonstrar que o Marquês de Alorna confiava que o bispo tivesse conhecimento destes avanços e aceitasse, com naturalidade, persuadir os párocos sob a sua jurisdição a instarem as populações a permitirem a sua utilização.

Em suma, sinais que evidenciam e dão mostras que Frei Manuel do Cenáculo está fortemente preocupado com a saúde das suas populações, em sentido lato: espiritual e religiosa, sanitária e clínica e com a quantidade de pobres. E como homem das Luzes, atento aos ecos das ciências e das sínteses sobre o bem público, envolve-se numa prática de serviço em favor da utilidade social. Quanto a nós, sinais de modernidade de um clérigo atento, instruído e ciente dos valores da época, que dedicou muito do seu tempo a diligenciar no sentido de lhes corresponder. As ações no campo dos livros, os donativos realizados, as ações de dotação bibliotecas dão precisamente mostra desse espírito moderno. Usou os livros como instrumento de construção de saber, pensou as bibliotecas como local onde a erudição, proporcionada

¹ Carta de 20-08-1780, dirigida à Madre regente do Convento de Nossa Senhora do Carmo na localidade alentejana de Cuba, B.P.E. Códice CXXVIII 2-4, f.80, 80v. Cf. Vaz, coord., *Os livros e as bibliotecas...*, 519.

² Esta informação está patente numa carta que o Terceiro Marquês de Alorna escreve a Frei Manuel do Cenáculo, onde afirma que, “a bem da Humanidade”, resolvera generalizar o uso da vacina na província, pedindo-lhe que determinasse que os Párocos de Évora, Estremoz e Vila Viçosa persuadissem os pais a deixar vacinar os filhos, como medida preventiva. B.P.E. Códice CXXVII 2-10, f.2.

³ Os dados conhecidos acerca da história da vacinação dão-nos nota dos primeiros avanços neste domínio a partir da introdução da vacina de Jenner. Só quase um século depois, se introduz nova vacina, desta feita para a Raiva, em 1885. Admitimos, por isso, que este interlocutor esteja a referir-se a uma aplicação da vacina contra a varíola Cf.- S.A. Plotkin, E.A. Mortimer - *Vaccines*. Philadelphia: Saunders, 1994, *apud*: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, «História da vacinação», <http://webpages.fc.ul.pt/~mcgomes/vacinacao/historia/index.html>, 12-12-2010.

pelos livros e outros objetos museológicos, encontrava a sua concretização, olhando-as como um meio pelo qual os homens poderiam encontrar a felicidade “ de conhecer bem e ser virtuoso”, bem na linha dos ideais Iluministas da época.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho abordamos diversas facetas da atividade de D. Frei Manuel Cenáculo que nos pareceram primordiais para a compreensão da sua atividade bibliófila. Nessa perspetiva, dedicámo-nos a avaliar o labor do bispo no campo dos livros e bibliotecas enquadrando-o numa trajetória de vida marcada por desafios únicos. Com efeito, para melhor compreender a centralidade dos livros na sua atuação pareceu-nos fundamental caracterizar a época em que viveu e o percurso que percorreu.

Julgamos ter ficado demonstrado, nomeadamente no segundo capítulo, que a época histórica que atravessa o ciclo de vida do prelado, bem como a sua trajetória formativa e profissional foram fundamentais para a consolidação da forma como encarou os livros e as bibliotecas. As ideias que circulavam nesta época, o ideal de uma nova inteligibilidade submetida às exigências do entendimento e razão, tiveram consequências na forma como o percurso formativo do prelado se desenvolveu. Apesar de os primeiros anos dos seus estudos serem marcados por uma orientação tradicional, os estudos no Colégio de S. Pedro marcam o início de uma nova orientação filosófica que se assume como uma mudança consciente e fomentada pelo contacto com os espíritos cultos da Europa, pelas sugestões de viagens e pelas leituras de novos mentores. Essa mudança teve necessariamente implicações nas ideias que Cenáculo veio a defender no âmbito das reformas dos estudos e na importância que deu aos livros e bibliotecas enquanto veículos de construção de saber. Cenáculo conviveu pacificamente com uma conceção de poder alicerçada no absolutismo esclarecido e tomou parte nas reformas que se vieram a desenvolver tendo em vista a modernização dos estudos e da sociedade, desempenhando por via do reconhecimento da sua trajetória formativa e erudição numerosos cargos de relevo. Essa sua trajetória de vida e profissional, que o leva a intervir no campo das reformas de ensino e na criação de bibliotecas tem subjacentes valores de generosidade e intervenção sobre a sociedade, associados à filantropia e valoração da educação característicos do ideário das Luzes.

Igualmente estruturante para o seu percurso foi a rede epistolar e as relações que o prelado estabeleceu por essa via. Com efeito, a reconstituição desta rede

permite-nos aceder à multiplicidade de contactos que intercalou com um número muito diversificado de personagens, com os quais estabeleceu, como ficou demonstrado, relações de diferente natureza. A compreensão mais fina de Cenáculo e o seu lugar singular enquanto bibliófilo e criador de bibliotecas implica o reconhecimento que muito do seu saber acerca do mundo editorial e livreiro, bem como das ideias de reforma que o levaram a trabalhar na melhoria dos estudos e na constituição e bibliotecas, foi proporcionado pelas relações e contactos que estabeleceu por esta via. A análise realizada aos contactos que estabeleceu com outros eruditos, assim como de cartas que dão conta das informações sobre livros e bibliotecas que recebeu, demonstra a presença constante dos livros, com diversas motivações, nas suas diligências. Evidencia-se que Cenáculo construiu uma rede de sociabilidade e afinidade intelectual com outros ilustrados por meio deste epistolário, partilhando com eles a vontade de alcançar o progresso usando os livros como um instrumento para atingir esse fim.

Ainda que a atividade de Cenáculo no campo dos livros e das bibliotecas possa apresentar algumas singularidades, sobretudo se tivermos em conta a constância e quantitativos envolvidos nalgumas das diligências que empreende no domínio da sua bibliofilia, o prelado não se constitui como um caso único. Como ele, muitos outros pensadores da época se dedicaram a meditar nas reformas necessárias, lançando-se na aventura de reunir livros. Há uma matriz comum a outros ilustrados, que realizaram um percurso semelhante ao seu, ainda que nem sempre coincidente no que respeita amplitude das transformações que ambicionaram. Os exemplos de afinidades com outros bibliófilos, nacionais e estrangeiros, que analisámos, ilustram-no exemplarmente. São personalidades que partilham com Cenáculo a crença na virtuosidade das reformas do ensino e das diligências em torno de livros e bibliotecas, como instrumento para alcançar as melhorias e progressos sociais. A forma como procuraram colocar em prática essas transformações e a amplitude das mudanças ambicionadas diferem, mas evidencia-se que a bibliofilia cenaculana se integra num contexto cultural iluminista, onde o livro assume um papel de destaque como meio privilegiado do conhecimento e agente de transformação.

Feito o enquadramento da atividade do bispo de Beja numa época e numa teia de relações e afinidades particulares, passámos, no capítulo terceiro, a avaliar as

valências multiformes da sua relação com livros, observando quatro vetores que são fundamentais para a sua compreensão: o autor, o leitor, o censor e o pedagogo.

Começando pela sua dimensão de autor, mostrámos que D. Frei Manuel do Cenáculo possuiu um trabalho extenso, tendo deixado várias obras impressas de sua autoria. Uma análise preliminar desse conjunto de obras demonstra que o bispo escreveu em Latim e Português, para diferentes públicos. A leitura integral dos escritos permite identificar um conjunto alargado de problemáticas e questões tratadas, sendo que alguns deles estão diretamente relacionados como as funções e cargos que desempenhou. Essa multiplicidade encontra analogamente expressão na diversidade de estilos de escrita que utiliza, encontrando-se, a par de obras num estilo mais erudito, outras escritas em tom catequético e apologético. A análise do universo de obras que o prelado escreveu permite identificar um conjunto de temáticas privilegiadas, nas quais se incluem as obras apologéticas e elogios a personalidades, as obras sobre a formação do clero, as reflexões sobre a instrução cristã, as obras de fundamentação histórica e política, bem como as obras de defesa de matéria doutrinal e de culto. Identificamos o número de obras que foram enquadradas em cada categoria temática, abordando em traços gerais as principais ideias que retiramos da leitura dessas obras. Perpassa da leitura das suas obras a preocupação permanente com a instrução, quer do clero, quer dos fiéis, em matérias da religião, consideradas fundamentais, mas não só. Com efeito, as suas reflexões neste domínio levam-no a escrever um conjunto de obras onde espelha as suas preocupações com a necessidade de formação em sentido mais lato. Escreve obras onde faz a explicação e defesa de matérias religiosas e de culto, instando os cristãos a ter um comportamento digno de forma a viverem de forma intensa a sua religião. Simultaneamente estabelece planos de formação integrais para os religiosos. A instrução do clero deverá habilitá-lo a desempenhar o seu papel de professor do povo, sendo capaz de responder às suas necessidades. A utilidade do clero está, desta forma, claramente relacionada com a capacidade de dar resposta a essas necessidades, sendo que, no seu pensamento, não chega que o clérigo seja capaz de responder aos anseios espirituais, tem igualmente de possuir conhecimentos práticos que o habilitem a dar respostas a carências decorrentes da vida quotidiana, como por exemplo, em matérias da atividade agrícola. O clero e a sua formação constituem-se como motor para a melhoria social que se

ambicionava, ainda que essa transformação se devesse processar dentro do quadro político e de concepção de poder vigente. O conjunto dos seus escritos espelha, globalmente, as características do seu Iluminismo, constituindo-se como uma resposta às necessidades do seu tempo. Os seus projetos revelam uma aspiração de utilidade com reflexos no progresso e felicidade da nação, sendo demonstrativos da importância atribuída à escrita e ao seu papel “pedagógico, aculturador e disciplinador”. As suas obras revelam uma mentalidade crítica e uma curiosidade científica pelo passado, preconizando o seu aproveitamento para construir novo conhecimento, fazendo o elogio da erudição e demonstrando o seu interesse pelas descobertas científicas modernas. Note-se porém, que esse interesse nunca colocou em causa a “Religião Revelada”, sendo que só essa revelação permitiria chegar à verdade. Constituem-se dessa forma, na esteira de outras reflexões sobre este domínio, como um testemunho das múltiplas utilizações da escrita, dando expressão à cogitação do seu criador, expressando o seu pensamento e sentimento, mas também as circunstâncias históricas que marcaram a sua formação e vivência.

Igualmente crucial para a compreensão da sua relação com os livros é o seu perfil enquanto leitor, importando relevar as práticas e gestos que estão associadas às leituras que fez. Estas são fruto das sugestões e críticas que recebeu, dos cargos e funções que desempenhou, das necessidades do seu percurso formativo, das preocupações reveladas e dos próprios gostos pessoais. O conhecimento das diferentes motivações para as leituras que fez levou-nos a procurar caracterizar o seu perfil enquanto leitor analisando as leituras que registou e as citações de livros e autores que faz nas suas obras impressas. Vejamos os principais resultados a que chegámos.

A análise das leituras que registou diário evidencia um perfil de leitor intensivo de um escrito em particular - a Bíblia. Este livro, cuja leitura foi continuamente recomendada pelo bispo, foi objeto de uma prática de leitura particular designada de “leitura da sorte”. Esta consistia na seleção aleatória de determinada parte da Escritura Sagrada para ser lida em determinado dia ou momento, procurando obter através dela um guia para as ações a desenvolver. São essencialmente registos desta prática que se encontram nas anotações do bispo acerca de leituras. Ainda assim, pela análise das suas obras e das cartas que trocou como múltiplas personalidades sabemos

que a prática de leitura da Bíblia foi continuamente recomendada, não se limitando apenas a esta prática de leitura da sorte, demonstrando a importância que este texto teve para o bispo de Beja. O diário do prelado dá ainda nota de outras anotações de leituras, em número restrito, que se encontram normalmente associadas aos cargos que desempenhou ou funções em que estava envolvido. São disso exemplo os registos acerca da atividade como Preceptor do Príncipe e livros que lhe estava a explicar, bem como das leituras realizadas aquando da participação na junta de reforma da Universidade, que apresentámos. Note-se no entanto que em termos de registo e anotação efetiva de memória apenas a leitura da sorte é objeto de um registo sistemático e consciente, sendo as restantes referências realizadas em contexto de explicação de outras atividades que o bispo estava a desenvolver.

A constatação da erudição de Cenáculo a partir de múltiplas fontes tornou evidente que este religioso terá contactado com muitos outros livros e feito inúmeras leituras, para além das anotações que realizou. Partindo dessa premissa procuramos encontrar dados acerca das suas leituras procurando as citações que faz ao longo das obras que imprimiu. Assumimos que se citou determinada passagem da obra, autor ou escrito, isso implicaria o seu conhecimento e leitura, mesmo que de forma parcial, ainda que tivéssemos sempre presente que as regras de citação não tinham o rigor da escrita académica atual e outros critérios poderiam presidir à menção de determinadas obras ou autores. Foi realizada a análise de cada obra impressa de Cenáculo, procurando encontrar elementos que permitissem identificar as menções a obras e autores realizadas quer no corpo do texto, quer em nota e recolher o maior número de elementos que permitissem a sua identificação. Constatámos que a distribuição do número de citações e menções é muito desigual consoante a obra impressa de Cenáculo. Verificou-se que há trabalhos de Cenáculo onde não é realizada qualquer menção a outros autores ou livros, que correspondem normalmente a escritos de teor mais orientado para a catecismo, a par de outros, onde as citações de obras e autores surgem em grande número, normalmente associadas a obras de cariz mais pedagógico. Esta heterogeneidade relativamente ao número de citações encontra também expressão na multiplicidade de autores e obras citadas, naquilo que nos parece mais um testemunho do ecletismo cenaculano. O bispo de Beja não cita apenas os autores e obras com as quais concorda, mas também autores como os quais

discorda, procurando demonstrar a incorreção daquilo que defendem. Nessa perspectiva encontramos menções a diversos autores, sem que isso significasse necessariamente subescrever o seu pensamento. Encontram-se escritos de autores protestantes, bem como de autores que fazem parte de índices de livros proibidos. Analogamente há referências a teóricos da concepção de poder e organização societal que Cenáculo defendia, bem como a polémicas literárias do momento. Saliente-se também a presença, nessas citações, de autores importantes no âmbito da biblioteconomia e ideia de biblioteca, tais como Pierre Le Gallois e Daniel Morhof, que certamente lhe permitiram consolidar algumas ideias que defendeu neste domínio. A grande quantidade de citações realizada parece evidenciar um perfil de leitor extensivo de muitos escritos, sendo evidente que o grau de conhecimento relativamente a cada um deles é muito variável.

Tendo em conta o conhecimento profundo que revela de algumas obras nas citações que faz, detetámos um perfil de leitura intensiva de alguns escritos. A temática religiosa está muito presente, tanto mais que as menções/citações feitas correspondem a um tipo de utilização de leitura, centrada no seu aproveitamento para sustentar posições apresentadas nos seus escritos, muitos dos quais relacionados com esta temática. Contudo há testemunhos diversos do ecletismo do bispo de Beja, patenteado na multiplicidade de temas tratados nas obras que cita, tal como os exemplos que trouxemos permitem demonstrar. Assim, há obras de Teologia, Jurisprudência, Ciências e Artes, Literatura, História, Poligrafia. Em termos da cronologia das obras citadas, o universo que conseguimos reconstituir permite-nos identificar um predomínio das obras do século XVI, naquilo que julgamos constituir-se como um testemunho de um certo pendor humanista do Bispo de Beja. Ainda assim, há obras modernas nas suas citações, bem como menções a composições anteriores ao aparecimento da imprensa.

No seu conjunto a avaliação dos registos de leituras realizadas pelo bispo, bem como das citações/menções que faz nos seus escritos patenteiam um perfil de leitura intensivo de alguns textos, mas também um perfil de leitor extensivo, dada a enorme quantidade de autores que conhece e que menciona. Constituem-se dessa forma como um testemunho da multiplicidade de usos dos livros, bem como de formas de leitura. Paralelamente realçam um leitor que não se cingiu a uma prática de leitura

exclusiva de determinada obra, ou conjunto de obras, estando por isso ciente das polémicas e controvérsias em voga. Esse conhecimento revelava-se tanto no que respeita a autores com os quais manifestava afinidades em termos de pensamento, mas também a outros cujo pensamento político e social era muito diferente do seu.

Em face da ligação do prelado ao aparelho censório, avaliar a feição de Cenáculo enquanto censor foi fundamental para perceber a sua relação com os livros. A análise das censuras que escreveu, bem como das diligências em que se envolveu no sentido de organizar e gerir a Real Mesa Censória mostra um homem organizado, culto e que conviveu com a conceção pombalina de poder, a qual partilhou e promoveu. Começámos por introduzir alguns dados sobre a censura em Portugal e a forma com esta se organizou na época em que Cenáculo desempenhou cargos associados à Mesa Censória. Apresentámos elementos acerca da forma como se precedeu à regulamentação deste organismo e seu funcionamento, procurando enquadrar as censuras que escreveu numa organização que obedeceu a regras e a concepções de poder próprias, motivo pelo qual juntou as atribuições até aí dispersas por diferentes órgãos. Realizámos depois uma análise das censuras assinadas pelo bispo de Beja verificando que apenas duas correspondem a documentos anteriores à reforma empreendida na Mesa Censória, pertencendo as restantes ao período em que exerce a função de Deputado da Mesa.

A análise do conjunto global dessas censuras permitiu-nos perceber, desde logo, que Cenáculo é um censor culto e profundamente conhecedor das obras que examina. Analogamente anuncia que o bispo de Beja revelou uma certa tolerância, se tivermos em conta que o número de escritos aprovados é maior que o de reprovações, mas também que há diferentes graus de dureza mediante os escritos apresentados. Assim, escritos jesuíticos ou que prescrevessem teorias de conceção de poder diferentes da sua mereceram reprovações ásperas, ao passo que noutros casos revelou uma feição quase pedagógica de correção aos autores, para permitir que a obra pudesse vir a ser admitida. O cuidado colocado por Cenáculo na explicação das decisões é também variável. Normalmente as obras aprovadas mereceram menos explicações por parte do bispo, ao passo que as reprovações obtêm uma explicação mais aprofundada. Ainda assim, mesmo nas reprovações há variações e se há escritos com explicações contundentes, outros apenas dão nota da sua inadmissibilidade, sem introduzir muitas

explicações sobre o assunto. Isso mesmo é revelado nas análises de obras como as do genebrino Rousseau. Revela-se também, nalgumas das censuras um cuidado particular na forma como se fazia tramitar o processo, nomeadamente quando é chamado a avaliar a obra de um colega da Mesa Censória à qual aponta alguns reparos, mas que naturalmente acaba por aprovar sem permitir que se torne pública qualquer discordância em relação a aspetos que lhe suscitavam questões. A dureza das censuras conheceu assim cambiantes dependendo da afinidade intelectual, da erudição demonstrada, da proximidade da figura em termos político-ideológicos e do grau de desafio à Mesa e ao poder que representavam. Estas censuras revelam o carácter metódico e o grau de conhecimento que tinha das obras que examinava, dando também testemunhos do domínio de línguas, teorias e polémicas que circulavam, que lhe permitiram compreender alguns escritos e sobre eles emitir opinião. Revelam assim mais uma faceta da sua paixão por livros, que o levava a estar informado e a conhecer obras e autores. Ainda assim, essa sua paixão teve de se subordinar à ordem político-social que defendia. Isso mesmo é revelado nos cortes e supressões que mandou realizar em determinados escritos, comprometendo a fidelidade ao original sempre que entendia que tal se justificava.

Finalmente, no que a aspetos da sua relação com livros diz respeito fez-se também a análise da feição de Cenáculo enquanto pedagogo. Analisámos as propostas de livros que propôs para os estudantes em diferentes contextos, nomeadamente nos livros propostos para os estudos dos religiosos e os livros a utilizar nas lições que deu ao Príncipe. Ainda que as propostas sejam bastante diferenciadas entre si, tanto mais que correspondem a destinatários muito diferentes e que portanto colocavam outros níveis de exigência em termos de formação, perpassa da análise dos documentos a mesma feição eclética de um espírito culto que se revelou também noutros aspetos da sua atuação. Com efeito, à importância de livros religiosos nestas propostas, nomeadamente da Bíblia e seu conhecimento, que consideramos normal tendo em conta os destinatários e funções eclesiais do bispo, juntaram-se obras em vários domínios do saber, desde a Lógica, à Filosofia, Filologia, passando pela Geografia, Direito, entre diversas outras, como ficou demonstrado pelos exemplos que apresentamos ao longo do texto. Evidencia-se um cuidado em instruir o Príncipe, mas sobretudo os religiosos em diversas matérias, numa preocupação com a formação que,

como vimos, também encontra expressão nos seus escritos. A Filologia e o conhecimento das línguas originais da Bíblia assumem grande relevância, numa procura que parece denotar uma preocupação em fornecer aos religiosos instrumentos que lhe permitam conhecer com clareza e profundidade o texto fundador da sua religião. Patenteia-se também que o bispo não se limita a propor livros para os estudos. Conhece-os, lê-os, sabe das suas virtuosidades e perigosidade, aconselhando-os com verdadeiro conhecimento das suas forças e franquezas, no âmbito dos estudos em que deveriam ser aplicados.

Globalmente, da análise destes vetores da sua relação com livros, sobressai a faceta de um homem conhecedor das doutrinas e polémicas do tempo que viu nos livros muito mais que um mero objeto de coleção. Os livros foram utilizados como meio de instrução e divulgação de saber, sendo empregues de formas muito distintas. Serviram para divulgar as suas ideias através dos livros que escreveu, mas também como instrumentos a ser utilizados nos estudos, tendo em vista a sua melhoria. Por consequência foram encarados como cruciais para o progresso social, obtido por mão dos destinatários que usufruíam desses estudos. Paralelamente foram utilizados para leitura pessoal, quer em busca de conhecimento, quer de recreação, sendo encarados como um poderoso veículo de transmissão de ideias. Por via dessa eficácia foram também avaliados tendo em conta a sua perigosidade, coartando-se o acesso a alguns destes instrumentos, quando estes punham em causa a ordem defendida. Cenáculo revela-se em suma um grande apaixonado por livros, quer pela quantidade de livros que escreveu e conheceu, como pelas potencialidades que lhes reconheceu enquanto instrumento de formação e de transmissão de pensamento.

Ao avaliarmos as diferentes facetas da relação que D. Frei Manuel do Cenáculo manteve com os livros, bem como a sua trajetória de vida, percebemos uma persistência de contactos em termos da troca de livros. Tendo em conta as fontes que tínhamos disponíveis, pareceu-nos fundamental examinar com mais detalhe essas trocas, procurando aduzir dados que nos permitissem caracterizar de forma mais aprofundada as permutas realizadas. É justamente isso que trabalhamos no capítulo quarto da nossa dissertação. Assim, partindo de um trabalho de bibliometria elaborado a partir da correspondência e diário do bispo de Beja, procurámos quantificar dados sobre as constâncias das menções a livros, nos diferentes núcleos

documentais, bem como acerca das suas características formais, tais como formatos, língua, editores, número de volumes, cronologia e preços. Procurámos também perceber quais os autores mais repetidos e identificar as formas de apropriação dos escritos, bem como as bibliotecas a que foram destinados. Ainda que as fontes não nos tenha permitido reconstituir um universo completo, fornecendo dados parcelares, encontraram-se algumas características que dão nota da diversidade de autores mencionados, da constância das trocas de livros e da multiplicidade de características que apresentam, as quais se encontram relacionadas com as diferentes utilizações e fins a que se destinavam. Trabalhámos de forma mais profunda alguns róis de livros mediante critérios que foram explanados. Estes documentos fornecem indicações mais pormenorizadas sobre preços, formatos, cronologia e línguas de edição, bem como das características temáticas de alguns livros arrolados. Os róis apresentam diferenças entre si, tanto pelos números que apresentam, como pelas preferências que revelam, sendo que as compras parecem favorecer a presença de obras em determinadas línguas e temáticas, que se alteram consoante o agente a quem se realizam. Globalmente evidenciou-se uma grande diversidade de interesses, existindo, como seria expectável, maior representatividade de alguns temas face a outros. Sobressai acima de tudo a diversidade que se manifesta em termos de características das edições, suas cronologias e temas encontrados, a qual se reflete também nos múltiplos usos e interesses que Cenáculo dá aos livros.

No último capítulo, averiguámos as diligências que Cenáculo desenvolveu em torno da formação e dotação de bibliotecas. Neste esforço para a criação e desenvolvimento destes estabelecimentos, concorreu com ideias e donativos que envolveram a Biblioteca do Convento de Jesus, a Real Biblioteca Pública, a Biblioteca Pública de Évora. A Biblioteca Eclesiástica de Beja e outras bibliotecas particulares para as quais concorreu com pequenos donativos, mereceram, também, a atenção do bispo, embora não exista documentação que permita aferir dados muito pormenorizados sobre estas instituições.

Começando pela Biblioteca do Convento de Jesus o trabalho permitiu-nos perceber alguns dados relevantes sobre a constituição, após 1755, da Nova Biblioteca do cenóbio. Perceber algumas das vicissitudes do processo da sua edificação e quais os contributos dados por um dos seus principais ideólogos - D. Frei Manuel do Cenáculo.

O prelado deu um grande auxílio na constituição desta biblioteca, quer através da conceção do grandioso projeto para a sua reconstrução, como também através de donativos monetários e em livros para a enriquecer, ainda que tivesse subjacentes interesses pessoais ao realizar o donativo, que envolveu similarmente vendas de livros. Se as fontes existentes nos apontam para auxílios monetários nada despiciendos, o mesmo se pode dizer em relação ao contributo em livros, onde se incluem edições bastante valiosas. Cenáculo revela uma forte preocupação em enriquecer a biblioteca do convento, disponibilizar livros enquanto “veículo de saber” aos religiosos, mas não só, preocupa-se também que a coleção, vasta e valiosa, fosse disponibilizada aos estudiosos que a esta quisessem concorrer. A análise do seu donativo permitiu perceber alguns dados concretos sobre as características das edições que doou, ainda que a análise sofra de alguns constrangimentos devido ao facto de nem sempre ser possível identificar com clareza todos os dados. Para além de Cenáculo, outras personalidades ligadas à vida do Convento trabalharam na prossecução do objetivo de constituir uma grandiosa biblioteca, ainda que por vezes nos pareça subjacente alguma crítica à grandiosidade do projeto inicialmente previsto por Cenáculo, que colocava grandes dificuldades de concretização em termos de fundos exigidos à comunidade religiosa. Não obstante, também personalidades como Frei José Mayne trabalharam arduamente para dar andamento a esta biblioteca. Este religioso concorre com donativos diversos elaborando um plano de doação que submeteu à aprovação régia e que implicava a administração e um fundo monetário por parte da Real Academia das Ciências de Lisboa. Desta forma o exame realizado ao trabalho empreendido por Cenáculo na edificação desta Biblioteca contribui para perceber um pouco mais da sua matriz enquanto bibliófilo.

No que à Real Biblioteca Pública diz respeito, a análise centra-se na génese e desenvolvimento do projeto de criação de uma biblioteca da Real Mesa Censória, uma vez que é na gestão deste tribunal que assistiremos ao despontar dos movimentos que conduziram ao aparecimento posterior da Real Biblioteca Pública. Realizámos a análise de alguns documentos que dão justamente conta dessas diligências e das ideias que se defendiam para a instituição que se queria formar. As vicissitudes políticas e sociais que atravessaram o país marcaram algumas recomposições e reorganização da

Mesa Censória, sendo que o projeto de criação de uma biblioteca só encontraria concretização efetiva já em meados da década do 90.

À criação da Real Biblioteca Pública, por Alvará Régio, sucedeu a nomeação de António Ribeiro dos Santos como bibliotecário-mor, o qual contacta Cenáculo no sentido de o informar da intenção de disponibilizar ao público parte das coleções que tinham sido reunidas anteriormente, quando se diligenciou no sentido de criar uma biblioteca da Mesa Censória. Iniciam-se aí uma série de contactos entre as duas personalidades, que acabaram por conduzir à realização e um donativo à instituição por parte do bispo. Efetuámos o exame desse donativo, quantificando dados acerca das edições e suas características. Averiguaram-se os formatos e a cronologia, mas também as temáticas privilegiadas na coleção, tendo por base aquelas que são definidas no catálogo. Verifica-se que há um predomínio de títulos relacionados com Ciências Políticas e Civis, seguidos pela História e Belas-Letras. Há contudo uma forte diversidade que se espelha das subdivisões anunciadas no catálogo e que são atestadas pelas várias tabelas que anexamos à análise. Sobressai uma procura em dotar a biblioteca com obras muito distintas e capazes de corresponder a diferentes usos, desde o objeto de coleção que honra biblioteca enquanto possuidora de objetos valiosos, às edições modernas que ajudam a consolidar a sua feição de veículo de construção de saber, pela forma como disponibilizaria aos estudiosos as obras necessárias à consolidação dos seus estudos. Naturalmente, tendo em vista a mentalidade clientelar da época o donativo envolveu expectativas de retorno, isto é, implicou resultados práticos e efetivos que se prenderam com o pagamento de ordenados e nova aproximação ao circuito de poder, que teria favorecido a nomeação do prelado para Arcebispo de Évora.

Quando assume o cargo de Arcebispo de Évora Cenáculo dedica-se a diligenciar no sentido da criação de uma biblioteca nesta cidade. Não conhecemos um catálogo dos livros que deixou na instituição, mas conhecem-se, a partir de alguns documentos apresentados, os propósitos defendidos na sua fundação, bem como as ações de dotação de fundos e organização e gestão do pessoal. Quando Cenáculo morre em 1814, a biblioteca ainda se encontra em estado de desorganização, iniciando-se um período conturbado, que envolve também o sequestro dos seus bens por conta de uma dívida da Dizima Eclesiástica. Acabará por proceder-se a uma reorganização da

forma de funcionamento da biblioteca que implicou a redução do seu corpo de pessoal, mas o catálogo contendo a coleção de livros deixados por Cenáculo acabou por não ser concluído, o que não nos permite conhecer de forma direta os livros que deixou a esta biblioteca. Ainda assim, e tendo em conta os números apontados para este e outros donativos, coloca-se a questão dos fundos necessários para a sua realização. Verifica-se que foram vários os expedientes a que o bispo recorreu de modo a reunir os fundos necessários para alimentar a sua paixão por livros, mas também para socorrer os pobres da sua diocese: desde a aplicação de legados, ao empréstimo de dinheiro a juros, passando, tal como foi notado por outros autores, pela fuga ao fisco. Nesse seu afã de aditar a sua coleção envolveu-se também na compra de uma lotaria de livros, procurando que a sorte desse uma ajuda na prossecução desse objetivo. Note-se que a necessidade de comprar livros está diretamente relacionada com a importância que lhes atribui enquanto instrumento de construção de saber, e a necessidade decorrente de constituir bibliotecas através das quais estes fossem disponibilizados ao público, ainda que o conceito de público na época tenha de ser dimensionado.

Abordámos também as diligências empreendidas para a constituição da biblioteca Eclesiástica de Beja e donativos que realizou a algumas bibliotecas particulares. A documentação disponível não permite fazer uma análise muito aprofundada, sendo apenas possível apresentar alguns documentos dispersos que dão nota de alguns trabalhos que empreendeu no sentido de criar a biblioteca de Beja, bem como alguns donativos específicos a algumas instituições que caracterizámos. Em todos estes casos se demonstra o mesmo ideal de biblioteca enquanto casa do saber, um local onde se reúnem livros com diferentes características, os quais devem ser capazes de corresponder a diferentes necessidades e expectativas de uso.

A avaliação de todos estes aspetos foi fundamental para a construção de uma visão global sobre a bibliofilia de Frei Manuel do Cenáculo. Com efeito, para tentar perceber a sua paixão por livros tornava-se crucial abordar todos os vetores que relevam diferentes aspetos dessa relação, a saber: o autor, leitor, censor, o pedagogo, as trocas de livros que empreendeu e o criador de bibliotecas, mas também o homem da sua época, que conheceu condicionalismos e influências próprias que marcaram a sua atuação. Esses vetores constituem-se como um contributo para a compreensão da

atividade bibliófila em Portugal, num período em que circulavam, por toda a Europa, novos valores associados à proliferação das Luzes, valorando-se a construção de um novo saber “assente no tribunal da Razão”.

A elaboração do trabalho implicou, por isso, a consideração conjunta de aspetos que, por si só, justificariam um estudo exclusivamente dedicado. Estamos a falar, por exemplo, do estudo pormenorizado da rede epistolar de Cenáculo, a qual marcou a sua atividade e dá nota de relações particulares que valeria a pena explorar de forma mais aprofundada, num estudo particularizado. Da mesma forma, a consideração das obras que menciona nos seus escritos justificaria um estudo aprofundado e particularizado dessas obras, que implicaria identificação concreta e consulta presencial desses trabalhos de modo a conhecer em pormenor o pensamento que exprimem. Cumpre no entanto notar que, como pudemos constatar ao longo do nosso trabalho, é muito difícil localizar muitos desses trabalhos, quer em bibliotecas nacionais, quer estrangeiras.

Seja como for, pensamos que as diferentes facetas da bibliofilia de Cenáculo que aqui trouxemos evidenciam a modernidade do pensamento de um prelado que se preocupou em promover o bem-estar do rebanho que teve a seu cargo. Bem-estar espiritual, e bem-estar material que encontrou até expressão em diligências no domínio sanitário que importa relevar, enquanto expressão de um espírito do seu tempo.

Atento às novidades da época em que viveu, Cenáculo ambicionou a criação e reformas e de instituições que permitissem alcançar o progresso social ambicionado, ainda que num quadro de manutenção das estruturas político, sociais e religiosas vigentes, partilhando com outros ilustrados da época, nomeadamente no domínio das relações peninsulares, muitas das conceções e esforços em que se envolveu. Ainda que essa partilha exista, o impacto dos valores das Luzes e a amplitude das mudanças preconizadas não foram iguais para todas as personalidades envolvidas na sua teia de relações. Não deixa no entanto de ser curioso notar, tal como se demonstrou através da análise das afinidades com outros bibliófilos, que foram as transformações que o prelado ajudou a implementar que acabaram por favorecer a difusão das Luzes por outras personalidades que beneficiaram das alterações que introduziu, por exemplo, nos Estudos. Este processo foi nalguns casos mais longe, abrindo caminho, entre

outros aspetos, para a aceitação e implementação dos ideais do liberalismo em Portugal, numa conceção de poder e modelo de sociedade que, como percebemos, Cenáculo esteve longe de defender.

Quando nos propusemos estudar a bibliofilia em Portugal no início da época contemporânea em Portugal, focalizando-nos no caso específico de D. Frei Manuel do Cenáculo, valoramos essencialmente a modernidade que por via dessa atividade ajudou a desenvolver, e que marcaria a emergência de um período de múltiplas transformações no nosso país, de acordo com diferentes lógicas e dinâmicas, que acabaram por marcar toda a época contemporânea. Reconhecemos no entanto que no que respeita à organização do poder, o bispo revelou sobretudo características de uma figura do Antigo Regime.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

[Correspondência e outra documentação anexa recebida por Cenáculo]

B.P.E. Códice CXXVII/1-1

B.P.E. Códice CXXVII/1-2

B.P.E. Códice CXXVII/1-3

B.P.E. Códice CXXVII/1-4

B.P.E. Códice CXXVII/1-5

B.P.E. Códice CXXVII/1-6

B.P.E. Códice CXXVII/1-7

B.P.E. Códice CXXVII/1-8

B.P.E. Códice CXXVII/1-9

B.P.E. Códice CXXVII/1-10

B.P.E. Códice CXXVII/1-11

B.P.E. Códice CXXVII/1-12

B.P.E. Códice CXXVII/1-13

B.P.E. Códice CXXVII/2-1

B.P.E. Códice CXXVII/2-2

B.P.E. Códice CXXVII/2-3

B.P.E. Códice CXXVII/2-4

B.P.E. Códice CXXVII/2-5

B.P.E. Códice CXXVII/2-6

B.P.E. Códice CXXVII/2-7

B.P.E. Códice CXXVII/2-8

B.P.E. Códice CXXVII/2-9

B.P.E. Códice CXXVII/2-10

B.P.E. Códice CXXVII/2-11
B.P.E. Códice CXXVII/2-12
B.P.E. Códice CXXVII/2-14
B.P.E. Códice CXXVII/ 2-15
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-1
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-2
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-3
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-4
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-5
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-6
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-7
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-8
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-9
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-10
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-12
B.P.E. Códice CXXVIII/1-13
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-14
B.P.E. Códice CXXVIII /1-15
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-16
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-17
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-18
B.P.E. Códice CXXVIII/ 1-19
B.P.E. Códice CXXVIII/ 2-13 [incluí fundo de Lourenço do Vale]
B.P.E. Códice CXI/ 2-11
B.N.P. Códice 4708

[Correspondência e outra documentação anexa enviada por Cenáculo]

B.P.E. Códice CXXVIII/ 2-4

B.P.E. Códice CXXVIII/ 2-9

B.P.E. Códice CXXVIII/ 2-10

B.P.E. Códice CXXVIII/ 2-11

B.A.C. Ms. 119, série vermelha

B.A.C. Ms. 135, série vermelha

B.A.C. Ms. 172, série vermelha

B.A.C. Ms. 193, série vermelha

B.A.C. Ms. 200, série vermelha

B.A.C. Ms.201, série vermelha

B.A.C. Ms. 211, série vermelha

B.A.C. Ms. 261, série vermelha

B.A.C. Ms. 333, série vermelha

B.A.C. Ms. 346, série vermelha

B.A.C. Ms. 539, série vermelha

B.A.C. Ms. 540, série vermelha

B.A.C. Ms. 802, série vermelha

B.A.C. Ms. 813, série vermelha

B.A.C. Ms. 909, série vermelha

B.N.P. PBA. (coleção pombalina) 615

B.N.P. PBA 620

B.N.P. PBA 649

B.N.P. PBA 708

B.N.P. Códice 8549

B.N.M. – Manuscrito 2227, f.63.

ADB/UM-Arquivo do conde da Barca, Cx.49, doc.3,4,5,6 (cota provisória).

[Diário do Bispo de Beja]

B.P.E. Códice CXXIX/ 1-17

B.P.E. Códice CXXIX/ 1-18

B.P.E. Códice CXXIX/ 1-19

B.P.E. Códice CXXIX/ 1-20

B.P.E. Códice CXXIX/ 1-21

[Censuras e papéis relativos à Mesa Censória]

B.P.E. Códice CXVII/2-11

B.P.E. Códice CXVIII/1-15

B.P.E. Códice CXVIII/1-16

B.P.E. Códice CXXVIII/2-5

B.P.E. Códice CXXVIII/ 2-15

B.P.E. Códice CXXVIII/2-16

B.P.E. Códice CXXVIII/2-17

B.P.E. Códice CXXVIII/2-18

B.P.E. Códice CXXVIII/2-19

B.P.E. Códice CXXVIII/2-20

B.P.E. Códice CXXIX/1-1

B.P.E. Códice CXXX/2-5

A.N.T.T. Real Mesa Censória Caixa 4 [Censuras de 1751-1768]

A.N.T.T. Real Mesa Censória Caixa 5 [Censuras de 1769]

A.N.T.T. Real Mesa Censória Caixa 6 [Censuras de 1770]

A.N.T.T. Real Mesa Censória Caixa 7 [Censuras de 1771]

A.N.T.T. Real Mesa Censória Caixa 8 [Censuras de 1772-1774]

A.N.T.T. Real Mesa Censória Caixa 9 [Censuras de 1775-1776]

A.N.T.T. Real Mesa Censória Caixa 10 [Censuras de 1777-1778]

[Pastorais, minutas de pastorais, Sermões, Editais, Patentes e determinações sobre os estudos]

B.P.E. Códice CIX/2-10

B.P.E. Códice CXXVIII/2-3

B.P.E. Códice CXXVIII/2-4

B.P.E. Códice CXXIX/1-3

B.P.E. Códice CXXIX/1-4

B.P.E. Códice CXXIX/1-10

[Papéis relativos à diocese de Beja]

B.P.E. Códice CXI/1-2 [Memória sobre a fundação da Igreja de Santa Maria]

B.P.E. Códice CXII/2-7 [Extrato e vista da planta de Beja]

B.P.E. Códice CXXVIII/1-9 [Vida de S. Sisenando]

B.P.E. Códice CXXVIII/2-7

B.P.E. Códice CXXIX/1-20

B.P.E. Códice CXXIX/1-22

B.P.E. Códice CXXIX/1-23

B.P.E. Códice CXXX/1-2

B.P.E. Códice CXXX/2-16

B.P.E. Códice CXXX/2-17

B.P.E. Códice CXXX/2-18

B.P.E. Códice CXXX/2-19

[Miscelânea de papéis relativos a Frei Manuel do Cenáculo]

B.P.E. Códice CV/1-6

B.P.E. Códice CXI/1-1

[Outros papéis]

B.N.P. Códice 10567 col.25 [Sátira a Cenáculo]

B.P.E. Códice CV/ 1-10 d. [Diário do Reverendíssimo P.M. Doutor Frei Joaquim de São José na jornada que fez ao capítulo Geral de Roma 1750]

B.P.E. Códice CIX/1-8 [Mapas das Igrejas, benefícios e Conventos da jurisdição do Arcebispo de Évora]

B.P.E. Códice CIX/2-12 [Estatísticas eclesiásticas de Évora]

B.P.E. Códice CX/2-18 [catálogo dos livros de Botelho de Lima]

B.P.E. Códice CXXVIII/1-13 [róis de compras a Pagliarinni]

B.P.E. Códice CXXVIII 2-5, f. 53-63 [Relação dos factos que na sua simplicidade e verdade manifesta qualificam a boa administração da Província da ordem Terceira...] [o mesmo código contém também alguns documentos relativos à censura]

B.P.E. Fundo do Colégio do Espírito Santo, Livro1,2, 3,4 e 5

B.P.E. Códice CXXVII/2-13 [Oração inaugural por Fr. Plácido Andrade na abertura das conferências eclesiásticas em Beja]

B.P.E. Códice CXXIX/2-11 [Estatísticas eclesiásticas de Évora]

B.P.E. CXC/2-10 [Certidão de visita aos oratórios particulares]

B.A.C. Ms. 353, série vermelha [Manual dos monumentos Verídicos para servirem à Crónica da Congregação da ordem Terceira de S. Francisco, tomo 2º e 3º]

B.A.C. Ms. 694 [Elogios Históricos dos Ex.^{os} e V.^{os} Arcebispos e Bispos Professos na Congregação da Terceira ordem de Portugal]

[Papéis relativos a bibliotecas]

B.A.C. Ms. 950, série vermelha [Catálogo do donativo à biblioteca do Convento de Jesus]

B.A.C. Ms. 791, série azul [Requerimento de José Jesus Mayne] concernente à doação do gabinete de História Natural, Pintura e Artefactos]

A.N.T.T. Ministério do Reino, Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros L.362 [Biblioteca da Mesa Censória]

Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional, L.642

B.N.P. Códice 11522 [Catálogo com donativo do Bispo de Beja à Real Biblioteca Pública] disponível *online* através do seguinte endereço da Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/6382>.

B.N.P. Códice 11563 [Catálogo com donativo do Bispo de Beja à Real Biblioteca Pública], encontra-se disponível *online* através do seguinte endereço da Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/6383>

B.N.P. Códice 11525 [Catálogo com donativo do Bispo de Beja à Real Biblioteca Pública] encontra-se disponível *online* através do seguinte endereço da Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/5944>

B.N.P. Códice 11524 [Cópia do Catalogo de Livros que o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Bispo de Beja pretende remetter para a Real Bibliotheca Publica da corte]

B.P.E. C/2-10 [Catálogo da Escritura Santa]

B.P.E. Códice C/2-18 [Provisão instituindo a Biblioteca de Évora]

B.P.E. Catálogo de Manuscritos II – Núcleo Fundo Rivara 6- Estremoz-Évora [Cópia da Representação de Cenáculo sobre a Fundação da Biblioteca Pública de Évora] Arm.º X nº1,47 cod.1 s.a.

B.P.E. Manuscrito sem quota [Livro das Actas e Memórias da Biblioteca Pública Eborense fundada pelo Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora]

B.P.E. Arm.º V-VI [relatório acerca do Estado da Biblioteca de Cunha Rivara]

B.P.E. Fundo Manizola, códice 64, nº 19 [Oração aquando da inauguração do Museu Pacense]

FONTES IMPRESSAS

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Conclusiones philosophicas de utriusque præmialibus, Philosophiæ, scilicet in communi, et Logicæ, nec non de entibus rationis, et universalibus in communi, ad mentem Scoti, Doctoris Mariani ac subtilis. Præsidente Fr. Emmanuele a Cenaculo.”* Conimbrica: Typ. Antonii Simoens Ferreira, 1747.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Conclusiones logico-metaphysicas de Antepredicamentis, et Prædicamentis, juxta venerabilis, Mariani, subtilisque Doctoris inconcussa dogmata.”* Ibi, 1748.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Conclusiones philosophicas critico-rationales de Historia Logicæ, ejus Præmialibus, Ente rationis, et Universalibus in communi, ad mentem V. Scoti, D. Mariani ac subtilis.”* Ibi, 1751.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Advertencias criticas e apologeticas sobre o juizo que nas materias do B. Raymundo Lullo formou o dr. Apollonio Philomuso, e communicou ao publico em a resposta ao «Retrato de morte-côr», que contra a auctor do «Verdadeiro Methodo d'estudar» escreveu o reverendo D. Alethophilo Candido de Lacerda.”* Coimbra: Oficina Antonio Simões 1752.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Conclusiones physiologicas juxta Ven. Doct. Marian. et sublt. Doctrinam.”* Ibi, 1752.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Conclusiones theologico-dogmaticæ de SS. Trinitatis Mysterio, ad mentem Seraphiei Doct. S. Bonaventuræ et Ven. P. Joan. Dunsii Scoti, Doct. Mariani ac subtdis.”* Ibi, 1753.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Sanctissimo Domino nostro Benedicto XIV. P. O. M. Exercitationis Liturgicas, in quibus ejusdem B. P. doctrina de Sacrificio Missæ adstruitur et defenditur.”* Lisbonæ: F. L. Ameno, 1753.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Elogio funebre do P. Fr. Joaquim de S. José, doutor theologo conimbricense, definidor geral da religião franciscana, e provincial da terceira ordem da penitencia. Dado á luz por Joaquim Rodrigues Pimenta.”* Lisboa: Offic. Francisco Luis Ameno 1757.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Dissertação theologica, historica, critica sobre a definibilidade do mysterio da Conceição immaculada de Maria Sanctissima.”* Lisboa: Off. José da Costa, 1758.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Oração que disse, sendo presidente em a primeira sessão da Academia Marianna, celebrada n'esta cidade no 1. ° de Agosto de 1756: a qual deu á luz o P. Fr. Vicente Salgado.”* Lisboa: Offic. Miguel Manescal da Costa, 1758.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Oratio pro aperiendis initiandisve totius Ordinis Fratrum Minorum Generalibus Comitibus, habita ad P.P. in Regale Conventu Valentiaë die 15 Maji 1768, etc.”* Valentiaë: Typ. Benedicti Monfort, 1768.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“De repetendis fontibus doctrinæ, Moderatoris Provincialis Tertii Ordinis Sancti Francisci per Lusitaniam admonitio ad sodales, quum Præfecturam deponeret.”* [s.n.]:[s.n.], 1770.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Patente de 3 de Setembro de 1770.”*[s.n.]:[s.n.],1770.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Patente de 5 de Maio de 1770.”*Lisboa: Regia Offic. Typographica, 1770.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Disposições do Superior Provincial para a observancia regular e litteraria da Congregação da Ordem terceira de S. Francisco d'estes reinos, feitas em os annos de 1769 e 1770.”*Lisboa:Regia Offic. Typografica, 1776,Tomo I.

Cenáculo, D. Frei Manuel do - *“Memorias historicas do ministerio do pulpito. Por um religioso da Ordem terceira de S. Francisco.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1776.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Determinações para o bispado de Beja, feitas pelo ex.mo e rev.mo sr. Bispo da mesma diocese.”* [s.n.]:[s.n.],1777.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Edital de 24 de Julho de 1777”* [sobre as conferencias ecclesiasticas]. [Lisboa]: Offic. Regia, [s.n.].

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Pastoral, pela qual ha por bem saudar os seus diocesanos admoestando-os sobre a natureza e officios da religião.”*[s.n.]:[s.n.] 1777.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral sobre a paixão e agonia do nosso divino redemptor.”* Lisboa: Regia Offic. Typ. 1780.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral ao clero e ordinandos da sua diocese.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1784.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral sobre as graças e jubileus novamente concedidos as instancias da rainha nossa senhora D. Maria I, etc.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1784.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral sobre o rito e disciplina da Igreja na administração do Sanctissimo Sacramento da Eucharistia por viatico em ambulancias viatorias.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1784.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral sobre a religião revelada.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1785.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral sobre as virtudes da ordem natural.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1785.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral sobre a confiança na divina providencia.”* Lisboa: Regia Offic. Typ., 1786.

Cenáculo, D. Frei Manuel do - *“Instrucção pastoral sobre os estudos phisicos do seu clero.”* Lisboa: Regia Offic. Typ., 1786.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral sobre o cathecismo.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1786.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral sobre alguns pontos da disciplina ecclesiastica.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1790.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Saudação pastoral a seus diocesanos.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1790.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Cuidados litterarios do Prelado de Beja em graça do seu bispado.”* Lisboa: Offic. Simão Thaddeo Ferreira, 1791.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral pela qual manda se façam preces publicas e particulares a Deus, pela esperada felicissima successão d'esta monarchia.”* Lisboa: Offic. Simão Thaddeo Ferreira, 1792.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral sobre a modestia dos vestidos do clero.”* Lisboa: Offic. Thaddeo Ferreira, 1792.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Vida christã.”* Lisboa: Offic. Simão Thaddeo Ferreira, 1792.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral em que manda se rendam acções de graças a Deus pela gloriosissima real successão da monarchia.”* Lisboa: Offic. Simão Thaddeo Ferreira, 1793.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Saudação pastoral no fim da sua visita geral em o anno de 1788.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1793.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Carta e outras instrucções sobre os trabalhos presentes da Sancta Igreja.”* Lisboa: Offic. Simão Thaddeo Ferreira, 1794.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral sobre a justiça christã.”* Lisboa: Offic. Simão Thaddeo Ferreira, 1794.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Memorias historicas, e appendix segundo á Disposição quarta da collecção das disposições do Superior Provincial para a observancia e estudos da Congregação da Ordem terceira de S. Francisco.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1794, Tomo II.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral do sr. Arcebispo d'Evora”* [ao Clero da sua Igreja]. Lisboa: Imp. Regia, 1808.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Instrucção pastoral do sr. Arcebispo d'Evora”* [aos fiéis da sua Igreja]. Lisboa: Imp. Regia, 1808.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Memória Descritiva do assalto, entrada e saque de Évora pelos Francezes, em 1808.”* Impressa a expensas do Município em gratidão e lembrança do Arcebispo D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas. Évora: Minerva Eborense, 1887. [publicação póstuma]

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Graças concedidas por Christo no Campo de Ourique, acontecidas em outros tempos e repetidas no actual, conformes aos desenhos de suas idades.”* Lisboa: Imp. Regia, 1813.

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Editaes de 22 de Julho de 1777”* [anunciando os dois dias de absolvição plenária e bênção papal, e a indulgencia plenária para a hora da morte]. [Lisboa]: Offic. Regia, [s.n.]

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Editaes de 22 e 30 de Maio de 1777”* [sobre a festa do Coração de Jesus, e sobre outras mudanças que se devem fazer no calendário] . [s.n.]:[s.n.], [s.n.]

Cenáculo, D. Frei Manuel do. *“Patente sobre o verdadeiro systema de theologia, que se deve seguir na provincia da Ordem terceira da Penitencia, segundo a saudavel determinação do SS. Padre Clemente XIV.”* [s.n.]:[s.n.], [s.n.]

FONTES E RECURSOS ONLINE

«Arquivos da internet da Universidade da Califórnia»,
<http://www.archive.org/details/calmetsdictionar00calm>

«Base Nacional de dados bibliográficos – PORBASE, da Biblioteca Nacional»,
<http://porbase.bnportugal.pt/>

«Biblio.com», <http://www.biblio.com>

«Biblioteca Digital da Real Academia de Artes e Ciências da Holanda»,
<http://www.historyofscience.nl/author.cfm?RecordId=3>,

«Biblioteca feijoniana. Projeto de filosofia em Espanhol»,
<http://www.filosofia.org/bjf/bjf000.htm>,

«Biblioteca Nacional Digital», <http://purl.pt>

«Biblioteca Valenciana Digital»,
<http://bv2.gva.es/i18n/corpus/unidad.cmd?idUnidad=49687&idCorpus=20000&posicion=1>

«Bibliothèques de l'Université de Toulouse», <http://www.biu-toulouse.fr/>

«Catálogos impressos da Biblioteca Pública de Évora»
<http://www.evora.net/bpe/Catalogos/Catalogos.htm>

«Dicionário Histórico», <http://www.arqnet.pt/dicionario/abranfesant.html>,

«Enciclopédia britânica»: <http://www.britannica.com/>

«Enciclopédia Britânica» edição de 1911,
http://www.1911encyclopedia.org/Main_Page

«Enciclopédia de Filosofia de Stanford», <http://plato.stanford.edu>

«*Europeana*, pensar a cultura», <http://www.europeana.eu/portal/>

«Fundação Zacuto», <http://www.zacuto.org/>

«Google books», <http://books.google.pt/books>.

«História da Arquidiocese de Évora»: <http://www.diocese-evora.pt/site/index.php?module=ContentExpress&func=display&ceid=3>,

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, «História da vacinação»,
<http://webpages.fc.ul.pt/~mcgomes/vacinacao/historia/index.html>

«Livraria do Congresso Americano»,
<http://www.myloc.gov/Exhibitions/Bibles/OtherBibles/ExhibitObjects/TheJensonBible.aspx>

«Projeto Gutenberg digital», <http://www.gutenbergdigital.de/>

«Repositorio Institucional de la Universidad de Granada»,
<http://hdl.handle.net/10481/284>

«Serving History», http://www.servinghistory.com/topics/Daniel_Bomberg

«The Catholic Encyclopedia online», <http://www.newadvent.org>

«Via Libri - resources for bibliophiles», <http://www.vialibri.net/index.php?pg=home>

BIBLIOGRAFIA

AAVV. «O livro antigo em Portugal e Espanha.» *Revista leituras*, nº 9-10 (2001- 2002).

AAVV. *GRYPHE - Revue de la Bibliothèque de Lyon. Pouvoir de l'image, images du pouvoir*, nº 22 (2009).

AAVV. *Mayans y la Ilustración Simposio Internacional en el Bicentenario de la muerte de Gregorio Mayans*, t. I. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva 9, 1981.

AAVV. *Mayans y la Ilustración Simposio Internacional en el Bicentenario de la muerte de Gregorio Mayans*, tomo II. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva 10, 1981.

AAVV, «Coloquio». Em *Que es un texto?*, ed. Roger Chartier, 101-115. Madrid: Circulo de Bellas Artes, 2006).

Abreu, António Graça. *D. Frei Alexandre de Gouveia (1751-1808), Contribuição para o estudo das relações entre Portugal e a China*. Lisboa: CEPCEP, 2004.

Adelman, C., Jenkins, D. e Kemmis, S. «Re-thinking case study: notes from the second Cambridge conference». *Cambridge Journal of education*, nº6 (1976):139-150.

Aguilar Piñal, Francisco. *La Biblioteca de Jovelano 1778*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ Instituto Miguel Cervantes, 1984.

Alcochete, Nuno Daupias d'. «Les pamphlets portugais anti-napoléoniens». *Arquivos do Centro Cultural Português*, XI (1977):507-516.

Alcochete, Nuno Daupias d'. *Humanismo e diplomacia. Correspondência literária (1789-1804) de Francisco José Maria de Brito com Dom Frei Manuel do Cenáculo*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian - Centro Cultural Português, 1976.

Algranti, Leila Mezan. «Circulação e posse de livros religiosos no Rio de Janeiro (1808-1821)». *Noroeste. Revista de história*, I (2006): 839-852.

Almeida, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal, nova edição*, v. 3. Barcelos: Livraria Civilização, 1967-1971.

Almeida, Justino Mendes, «História da Biblioteca da Academia das Ciências», <http://www.acadciencias.pt/html/menubiblioteca/histdabib.html>, 25-05-2007.

Almeida, Luís Ferrand. «D. João V e a Biblioteca Real», *Revista da Universidade de Coimbra*, XXXVI (1991): 413-448.

Almeida, Manuel Lopes de. *Notícias Históricas de Portugal e do Brasil (1751-1800)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1964.

Almuiña, Celso. «Médios de comunicacion y cultura oral en la crisis del Antiguo Régimen». Em *Orígenes culturales de la sociedade liberal. España siglo XIX* org. Jesus A. Martinez, 159-189. Madrid: Biblioteca Nueva Editorial Complutense, 2003.

Almuiña, Celso. *Médios de Comunicacion Y crisis del Antiguo Régimen, entre las “Voces Vagas” y la dramatizacion de la palabra*, [Policopiado]. [S.L.]: [S.E.], 1993.

Álvarez Santaló, L. C. «Librerías y Bibliotecas en la Sevilla del siglo XVIII». Em *Actas del II Coloquio de Metodologia Historica Aplicada. La documentación notarial y su historia*, 165-185. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago, 1984.

Amado, Maria Teresa. «Biblioteca e ordens dos saberes: da Biblioteca à Livraria à Biblioteca-Catálogo na Espanha dos Austrias». *Revista de História e Teoria das Ideias*, 9 (1997): p.23-43.

Andrade, A. A. Banha de. *A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários (1759-1771): Contribuições para a História da Pedagogia em Portugal*. Coimbra: Coimbra Editora, 1981.

Andrade, A. A. Banha de. *Contributos para a História da Mentalidade Pedagógica Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.

Anselmo, Artur. *História da edição em Portugal*. Porto: Lello e Irmão, 1991.

Anselmo, Artur. «Fronteiras da História do Livro». *Cultura revista de História e Teoria das ideias*, 9 (1997): 15-22.

Anselmo, Artur. «Aspectos do mercado livreiro em Portugal nos séculos XVI e XVII». *Revista Portuguesa de História do Livro*, nº2 (1998): 47-69.

Anselmo, Artur. *Estudos de História do livro*. Lisboa: Guimarães Editores, 2002.

Anselmo, Artur. *Livros e mentalidades*. Lisboa: Guimarães Editores, 2002.

Antunes, Manuel *et al.* *Como interpretar Pombal?* Lisboa: Edições Brotéria, 1983.

Araújo, Agostinho. «Pequenas anotações sobre a actividade do tipógrafo e jornalista João Nogueira da Granda (1788-1858)». *Cadernos do Noroeste*, 3 (2003):261-279.

Araújo, Ana Cristina. «Modalidades de leitura das Luzes no tempo de Pombal». *Revista de História*, 10 (1990): 105-127.

Araújo, Ana Cristina. «Ilustracion y Reforma de La Teología en Portugal en el siglo XVIII». *Cuadernos Dieciochistas*, nº2. (2001): 261-279.

Araújo, Ana Cristina. «Livros de uma vida – Critérios e modalidades de constituição de uma livraria particular no século XVIII». *Revista de História das ideias*, 20 (1999): 149-187.

Arieiro, José. «D. Gaspar de Bragança». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, ed. *Século XXI*, 13,66-67. Lisboa-São Paulo: Ed. Verbo, 2000.

Arlen, Prudence. *The concept of woman: the early humanist reformation*, v.II. Cambridge: Eerdmans Publishing, 2002.

Arquidiocese de Braga. *Plano Pastoral 2008-2011*.

Astuto, Philip L. *Eugenio de Santa Cruz y Espejo. Obra educativa*. Caracas: Fundacion Biblioteca Ayacucho, 1981.

Ayres, Cristóvão. *Boletim Bibliográfico da Academia das Ciencias de Lisboa*, s.1, nº1 (1910).

Ayres, Cristóvão. «Arquivos e Bibliotecas Portuguesas». *Boletim Bibliográfico da Academia de Ciencias de Lisboa*, s.1,1, nº2 (1912): 367-375.

Ayres, Cristóvão. *Boletim Bibliográfico da Academia das Ciencias*, s.2, nº2 (1914).

Azevedo, Carlos A. Moreira. *Bibliografia para a História da Igreja em Portugal (1964-1966)*. Porto: [s.n.],1982.

Balayé, Simone. «Les publics de la Bibliothèque nationale».Em *Histoire des bibliothèques françaises: les bibliothèques de la révolution et du XIX siècle, 1789-1914*,3, dir. Dominique Varry, 329-335. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 1991.

Balbi, Adrien. *Essay statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*. [ed. Facsimilada] Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2004.

Barata, António Francisco. *Esboços chronologico-biographicos dos Arcebispos da Egreja de Évora*. Coimbra: Imprensa Literária, 1874.

Barata, António Francisco. *Roteiro da cidade de Évora e breve notícia dos seus principaes monumentos* (2ª ed.). Évora: Typographia Minerva, 1881.

Barata, António Francisco. *Memória histórica sobre a fundação da Sé de Évora e suas antiguidades com os Esboços chronologico-biographicos dos Bispos e Arcebispos d'ella*. (2º ed.) Évora: Minerva Comercial, 1903.

Barata, J. Paulo. *Os livros e o liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

Barata, J. Paulo. «As bibliotecas no liberalismo: definição de uma política cultural de regime». *Análise Social*, XL, nº 174 (2005): 37-63.

Barber, Giles. *Studies in the Book trade of the European Enlightenment*. Londres: Pindar Press, 1994.

Barbier, Frédéric. «Livres, lecteurs, lectures». Em *Histoire des bibliothèques françaises: les bibliothèques de la révolution et du XIX siècle*, 3, dir. Dominique Varry, 578-623. Paris: Ed. Du Cerf, 1995.

Barbier, Frédéric, Juratic, Sabine e Varry, Dominique. *L'Europe et le livre. Réseaux et pratiques du négoce de librairie XVIe-XIXe siècles*. Langres: Éditions Klincksieck, 1996.

Barreiros, José Baptista. «Cartas Inéditas para o conde da Barca». *Revista de Guimarães*, LXIX (1959): 77-100.

Bastos, José T. da Silva. *História da Censura Intelectual em Portugal. Ensaio sobre a Compressão do Pensamento Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926.

Batllori, Miquel. «Gregori Mayans y la cultura italiana». Em *Mayans y la Ilustración Simposio Internacional en el Bicentenario de la muerte de Gregorio Mayans*, I, nº9, 155 - 170. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva 9, 1981.

Belchior, Maria de Lourdes. *Os homens e os livros. Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Verbo, 1971.

Bell, Judith. *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva, 1997.

Belo, André. *As Gazetas e os Livros. A Gazeta de Lisboa e a vulgarização do impresso (1715-1760)* Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2001.

Bento XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal, Palavra do Senhor Verbum Domini* (2ª edição). Fátima: Difusora Bíblica, 2011.

Berger, Ph et al. *Histoire du livre et de l'édition dans les pays ibériques. La dependance*. Bordéus: P.U. Bordeaux, 1986.

Bernárdez Rodal, Asunción. *Don Quijote, el lector por excelencia: lectores y lectura como estrategias de comunicación*. Madrid: Huerga y Fierro, 2000.

Bethencourt, Cardozo de. *A Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Academia de Ciências, 1909.

Bethencourt, Cardozo de. «Notices sur les Bibliothèques et Archives du Portugal». *Boletim Bibliográfico da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, s.1,1, (1910): 8-18.
Bíblia Sagrada (tradução pelos Monges Maredsous, 5ª edição). Cucujães: Editorial Missões, 2006.

Biblioteca Nacional de Lisboa. *Inventário de manuscritos*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1886.

Boavida, João José et al. «Luís António Verney e as Reformas Pombalinas do Ensino». *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVI, nº 1 (1992):101-123.

Bödeker, Hans Erich (dir.). *Histoire du livre. Nouvelles orientations*. Paris: IMEC ed., 1995.

Bonifácio, Maria de Fátima. *O século XIX português*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

Bonnant, Georges. «Les libraries du Portugal au XVIII^{ème} siècle vus à travers leurs relations d'affaires avec leurs fournisseurs de Genève, Lausanne et Neuchâtel». *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, nº 23-24 (1990): 195-200.

Borel, Borel et sócios. *Catalogus Librorum Theologicorum*. Lisboa: Oficina Patriarcal, 1772.

Borges, Jorge Luís. «Nota sobre [para] Bernard Shaw». Em *Obras Completas 1952-1972*, II, 23-45. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.

Borgonovo, Gianantonio. «Bíblia». Em *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, 1, 119-132. Lisboa: ed. Verbo:2004.

Borrvalho, Maria Luísa et al. *Luís António Verney Percursos para um verdadeiro método de estudar*. Évora: Universidade de Évora, 2005.

Boureau, Alain. «Adorações e devorações franciscanas. Interesses e utilizações de opúsculos hagiográficos». Em *As utilizações do objecto impresso*, org. Roger Chartier, 27-83. Lisboa: Difel, 1998.

Bouza Álvarez, Fernando. *Del escribano a la Biblioteca. La civilización Escrita en la Edad Moderna (siglos XV-XVIII)*. Madrid: Síntesis, 1992.

Bouza Álvarez, Fernando. *Corre manuscrito. Una historia cultural del siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons, 2001.

Bouza Álvarez, Fernando. «Cultura Escrita e História do Livro: a circulação manuscrita nos séculos XVI e XVII». *Leituras – O livro antigo em Portugal e Espanha séculos XVI-XVIII*, nº 9-10 (2001-2002): 63-95.

Bouza Álvarez, Fernando. *Comunicação, Conhecimento e Memória na Espanha dos sécs. XVI e XVII*. Lisboa: Centro de História da Cultura, 2002.

Braga, Teófilo. *História da Universidade de Coimbra*, tomos I e II. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1895.

Brewer, David. *The afterlife of a character, 1726-1825*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.

Brewer, John. «Reading and readers in 18th century Britain». *Cultura Revista de História e Teoria das ideias*, 9 (1997): 159-185.

Brigola, João Carlos. «Coleccionismo e Anticomania - a actividade museológica de Frei Manuel do Cenáculo», *Boletim a Cidade de Évora*, II, nº4 (2000): 249-264.

Brigola, João Carlos. *Colecções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

Brigola, João Carlos. «Frei Manuel do Cenáculo - Semeador de bibliotecas e de museus. O conceito de biblioteca-museu na museologia setecentista». Em *Frei Manuel do Cenáculo construtor de bibliotecas*, org. Francisco A.L. Vaz; José A. Calixto, 47-55. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006.

Bruyne P. de, Herman J., Schoutheete, M. de. *Dynamique de la recherche en sciences sociales*. Vendôme: P.U.F., 1975.

Buescu, Ana Isabel. «Cultura impressa e cultura manuscrita em Portugal na época moderna: uma sondagem». *Penélope - fazer e desfazer história*, nº21 (1999): 11-32.

Buescu, Ana Isabel. «A persistência da cultura manuscrita em Portugal nos séculos XVI e XVII». *Ler História*, nº45 (2003): p.19-48.

- Burke, Peter. *Sociologia e História*. Porto: Ed. Afrontamento, 1991.
- Burke, Peter. *New Perspectives on Historical Writing*. Cambridge: Polity Press, 1993.
- Burke, Peter. *The fabrication of Louis XIV*. Yale: Yale University Press, 1994.
- Burke, Peter. *As fortunas do cortesão*. São Paulo: Editora Fundação Unesp, 1997.
- Burke, Peter. *A Social History of Knowledge*. Cambridge: Polity, 2000.
- Caeiro, Francisco da Gama. «A obra do arcebispo D. Frei Manuel do Cenáculo à luz da cultura portuguesa». Em *Dispersos*. 523-527. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998.
- Caeiro, Francisco da Gama. «Concepções da historiografia setecentista na obra de D. frei Manuel do Cenáculo». Em *Dispersos*, 501-513. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998.
- Caeiro, Francisco da Gama. «Frei Manuel do Cenáculo, aspectos da sua actuação filosófica». Em *Dispersos*, 333-501. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998.
- Caeiro, Francisco Gama. «Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas». Em *Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura, Edição século XXI*, 6, 654 e 655. Lisboa-S. Paulo: Ed. Verbo, 1998.
- Caeiro, Francisco da Gama. *Dispersos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998.
- Calafate, Pedro. «A retórica eclesiástica na obra do Arcebispo de Évora D. Frei Manuel do Cenáculo». Em *Actas do Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora*, 449-456. Évora: Instituto Superior de Teologia - Seminário Maior de Évora, 1994.
- Calafate, Pedro. *A ideia de natureza no séc. XVIII em Portugal (1740-1800)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994.
- Calafate, Pedro (dir.). *História do Pensamento Filosófico Português*, v. III *As Luzes*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.
- Calixto, José António, Vaz, Francisco António Lourenço (coord.). *Frei Manuel do Cenáculo Construtor de Bibliotecas*. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2006.
- Capela, José Viriato Eiras. «O poder Local face à globalização. Reflexões sobre o Poder Local Português face à “globalização” estadual ao tempo de Pombal». *Noroeste. Revista de história*, 1 (2006): 3-22.
- Capela, José Viriato Eiras (org.) et al. *As invasões francesas e a restauração nacional de 1808*. Braga: Arquivo Distrital, 2008.

Capela, José Viriato Eiras, Matos, Henrique e Borralheiro, Rogério. *O heróico Patriotismo das Províncias do Norte. Os Concelhos na Restauração de Portugal de 1808*. Braga: Casa Museu de Monção/Universidade do Minho, 2008.

Cardoso, António M. de Barros. *Ler na livraria de Frei Francisco de S. Luís Saraiva*. Ponte de Lima: Câmara Municipal, 1995.

Cardoso, José. *Subsídios para a História do Ensino em Portugal: trinta anos de jornalismo*. Braga: JC, 1990.

Cardoso, Luís (dir.). *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das Artes, e da indústria em Portugal e suas Conquistas*. Lisboa: Banco de Portugal, 1990.

Carvalho, Rómulo de. «O recurso a pessoal estrangeiro no tempo de Pombal». *Revista de História das Ideias*, 4, t. I (1982):114-115.

Carvalho, Rómulo de. *História do Ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. (3ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Castells, Manuel. *A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A sociedade em rede*, v.1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

Castillo Gómez, Antonio. «No passando por ello como gato sobre brasas – leer y anotar en la España de Siglo de Oro». *Revista Leituras – O livro antigo em Portugal e Espanha séculos XVI-XVIII*, nº9-10 (2002):99-121.

Castillo Gómez, António. *Das tabuinhas ao hipertexto, uma viagem na história da cultura escrita (trad.)*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2004.

Castro, Maria Helena Lopes de. « Leal conselheiro - itinerário do manuscrito». *Penélope - fazer e desfazer história*, nº16 (1995): 109-124.

Castro, Zília Osório. «O Regalismo em Portugal. António Pereira de Figueiredo». *Revista Cultura História e Filosofia*, VI (1987): 357-411.

Castro, Zília Osório de. «Antecedentes do Regalismo pombalino. O Padre José Clemente». Em *Estudos em Homenagem a João Francisco Marques*, 1, org. Oliveira Ramos e Jorge Martins Ribeiro,321-331. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto,2001.

Cavalo, Guglielmo e Chartier, Roger. *Historia de la lectura en el mundo Occidental*. Madrid: Taurus Minor,2001.

Cerico, Pedro Manuel Caturras da Silva. «Cunha Rivara, um bibliotecário romântico». Tese de Mestrado, Évora, Universidade de Évora, 2007.

Chartier, Roger. «L'ancien régime typographique: réflexions sur quelques travaux récentes». *Annales Economies, Sociétés, Civilizations*, 36, nº 1 (1981): 191-209.

Chartier, Roger. *Pratiques de la lecture*. Marselha: Rivages, 1985.

Chartier, Roger. *A Ordem dos Livros*, (1ªed.). Lisboa: Veja, 1987.

Chartier, Roger. «Frenchness in the History of the Book: From de History of Publishing to the History of reading». Em *The 1987 James Russell Wiggins Lecture*, 308-313. Worcester: American Antiquarian Society, 1988.

Chartier, Roger. *A História cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

Chartier, Roger. «O homem das letras» Em *O homem do Iluminismo*, dir. Michel Volvelle, 117-150. Lisboa: Ed. Presença, 1997.

Chartier, Roger. «La revolution de la lecture au XVIIIe siècle : mythe ou réalité ? ». *Cultura Revista de História e Teoria das Ideias*, 9 (1997): 265-271.

Chartier, Roger, Martin, Henry-Jean (dir). *Histoire de l'édition française II. Le livre triomphant, 1660-1830*. Paris: Fayard, 1990.

Chartier, Roger, Boreau, Alain et al. *La correspondance. Les usages de la lettre au XIX^e siècle*. Lille: Librairie Arthème Fayard, 1991.

Chartier, Roger. *Les origines culturelles de la Révolution française*. Paris: Seuil, 1991.

Chartier, Roger. *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

Chartier, Roger. *Histoires de la lectura. Un bilan des recherches*. Paris: IMEC, 1995.

Chartier, Roger (coord.). *As utilizações do objecto impresso*. Lisboa: Difel, 1998.

Chartier, Roger. «El concepto del lector moderno», www.cervantesvirtual.com/, 30-12-2006.

Chartier, Roger, et al. *Qué es un texto?*. Madrid: Círculo de Bellas Artes, 2006.

Chartier, Roger. «Lecteurs et lectures à l'âge de la textualité électronique», <http://www.auradigital.net/web/Esriptures-hipertextuals/Documents/lecteurs-et-lectures-a-lage-de-la-textualite-electronique-roger-chartier.html>, 01-02-2011.

Chevalier, Maxime. *Lectura e lectores en la España de los siglos XVI y XVII*. Madrid: Turner, 1976.

Chevalier, Maxime. «Don Quixote et son public». Em *Livre et lecture en Espagne et en France sous l'Ancien Régime*, 119-127. Paris: A.D.P.F, 1981.

Cidade, Hernani. *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, 7ª edição. Coimbra: Coimbra Editora, 1984.

Cipolla, Carlo. *História económica da Europa pré-industrial*. Lisboa: Edições Setenta, 1988.

Clemente, Manuel D. «Laicização da Sociedade e Afirmação do Laicado em Portugal (1820-1840)». *Lusitânia Sacra – Revista do Centro de Estudos de História Religiosa*, t. III, 2ª s. (1991):114-154.

Concílio Vaticano II. *Constituição Dogmática Dei Verbum a Revelação Divina*. (6ª edição) Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1994.

Coelho, José Maria Latino. *Elogio Histórico de D. Frei Francisco de S. Luiz*. Lisboa: Tipografia da Academia, 1856.

Coutinho, António Xavier de Gama Pereira. «D. João Magalhães e Avelar, Bispo do Porto». Separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, nº3. Porto: Marânus, 1940.

Cruz, António. «Bibliotecas Publicas». Em *Dicionário de História de Portugal v.1*, dir. Joel Serrão, 340-341. Porto: Livraria Figueirinhas, 1990.

Cruzeiro, Maria Eduarda. «A Reforma pombalina na história da Universidade». *Análise Social*. XXIV (1988): 165-210.

Curto, Diogo Ramada. «A História do Livro em Portugal, uma agenda em Aberto». *Revista Leituras – O livro Antigo em Portugal e Espanha*, nº 9-10, (2001-2002): 13-62.

Curto, Diogo Ramada. *Cultura escrita – séculos XV a XVIII*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2007.

Curto, Diogo Ramada *et al.* *As gentes do Livro, Lisboa século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007.

Darton, Robert. «Reading, writing, and publishing in Eighteenth-century France: a case study in the sociology of literature». *Daedalus. Historical Studies today*, 10, nº1(1971), 214-256.

Darnton, Robert. *Bohème Littéraire et révolution. Le monde des livres au XVIIIe siècle*. Paris: Gallimard-Seuil, 1983.

Darnton, Robert. «O que é a História dos Livros». Em *O Beijo de Lamourette, mídia, cultura e revolução*, 122-150. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Darnton, Robert. *Gens de Lettres, Gens du Livre*. Paris: Ed. O. Jacob, 1992.

Darnton, Robert. História de la Lectura. Em *Formas de Hacer História*. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

Darnton, Robert. «The New age of the book», www.nybooks.com/articles/546, 01-02-2011.

Dias, J. S. da Silva. *Portugal e a Cultura Europeia (sécs. XVI a XVIII)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1953.

Dias, J.S. da Silva. *Pombalismo e Teoria Política*. Lisboa: Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1982.

Dias, Luís Fernando Carvalho. *Inéditos de António Ribeiro dos Santos*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1976.

Diderot, Denis. «Letres sur le commerce de la librairie, *Ouvres Completes*, t. VIII» http://classiques.uqac.ca/classiques/Diderot_denis/lettre_commerce_livre/lettre_com_livres.pdf, 12-12-2010.

Domingos, Manuela D. *Estudos da sociologia da cultura, livros e leitores do século XIX*. Lisboa: Centro de Estudos de História da Cultura Portuguesa, 1985.

Domingos, Manuela. «Os catálogos de Livreiros como Fontes de História do livro: o caso dos Reycend». *Revista da Biblioteca Nacional*, s.2,4,nº1 (1989): 83-102.

Domingos, Manuela D. «A caminho da Real Biblioteca Pública: dois documentos, 1775-1795». *Revista da Biblioteca Nacional*, s.2,5,nº1 (1990): 139-160.

Domingos, Manuela D. «Colporteurs ou livreiros? Acerca do comércio livreiro em Lisboa, 17727-1754». *Revista da Biblioteca Nacional*, s.2,6 (1992):109-142.

Domingos, Manuela D. «Para a história da Real Mesa Censória». *Revista da Biblioteca Nacional*. S.2, 7 (1992):137-158.

Domingos, Manuela D. «A primeira biblioteca pública portuguesa, 1775-1795. Planos, projectos e primeiros fundos.» *Cadernos BAD*, nº1 (1994): 59-70.

Domingos, Manuela D. *Materiais para a História da Biblioteca Nacional*. [texto policopiado] Lisboa: [s.n.], 1994.

Domingos, Manuela D. «Olhares de viajantes estrangeiros sobre a Real Biblioteca Publica da Corte (1796-1822)». *Cadernos BAD*, nº2, (1994):105-113.

Domingos, Manuela D. *Subsídios para a história da Biblioteca Nacional*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1995.

Domingos, Manuela D. *Bertrand uma livraria antes do terramoto*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

Domingos, Manuela, Gonçalves, Paula, Figueiredo, Dulce. «Estudos sobre a história do livro e da leitura em Portugal: 1995-2000». *Leituras: revista da Biblioteca Nacional*. S,3,Nº9-10 (2002):349-370.

Domingos, Manuela D. «Biblioteca de bibliotecas. A génese da Biblioteca Pública no pensamento de Cenáculo». Em *Frei Manuel do Cenáculo construtor de bibliotecas* org. Francisco A. L. Vaz e J. A. Calixto, 23-46. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006.

Domingos, Manuela D. «Casa dos Livros de Beja». *Doação de Frei Manuel do Cenáculo à Real Biblioteca Pública da Corte* [Catálogo de Mostra Bibliográfica]. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2006.

Domingos, Manuela D. «Frei Manuel do Cenáculo no panorama intelectual de Setecentos: o erudito e o mecenas», *Convergência Lusíada*, nº24 (2007): 42-66.

Donovan, Stephen. «"Claude Frassen." *The Catholic Encyclopedia*, 6». <http://www.newadvent.org/cathen/06244a.htm>, 3 -11-2010.

Dosse, François. «Historiser les traces mémorielles, *Eurozine* 2006». www.eurozine.com/authors/dosse.html, 11-10-2008.

Duby, Georges. Aries, Philippe. *História da vida privada, Da Renascença ao Século das Luzes*. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

Eco, Umberto. *A biblioteca*. Lisboa: Difel, 1987.

Eco, Umberto. *Obra Aberta*. Lisboa: Difel, 1989.

Eisenstein, Elisabeth. *The printing Press as an Agent of Change*. Cambridge: University Press, 1979.

Epstein, Jason. «The past, present and future of the book». Em *Book talk essays on books, booksellers, collecting and special collections*, 3-10. New Castel: Oak Knoll Press, 2006.

Escolar, Hipólito. *História de las Bibliotecas* (3ª ed.). Madrid: Fundación Germán Sacher Ruipérez, 1988.

Espanca, Túlio. *Inventário artístico de Portugal. Concelho de Évora*. (vol.7). Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1966.

Espanca, Túlio. *Évora e o seu distrito* (2ª ed.) Évora: Livraria Nazareth, 1967.

Espanca, Túlio. «Subsídios para a história da Biblioteca Pública de Évora» *A cidade de Évora Boletim da Câmara Municipal* (1980-1981): 193-251.

Espanca, Túlio. «Diário da viagem do Bispo de Beja D. Manuel do cenáculo a Vila Viçosa em 1785». *A cidade de Évora Boletim da Câmara Municipal*, nº63-64 (1981-1982) p.163-193.

Espanca, Túlio. *Évora: arte e história* (2ªed). Évora: Câmara Municipal de Évora, 1987.

Faria, Maria Isabel, Pericão, Maria da Graça. *Dicionário do Livro*. Lisboa: Guimarães Editores, 1988.

Farinha, Manuel José dos Santos. *Subsídios para a história da “Lisboa Antiga” – O Palácio de Palhavã*, Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1923.

Febvre, Lucien e Martin, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. [1ª edição de 1958]

Fernandes, Maria de Lurdes Correia. «Uma biblioteca ibérica», *Revista Leituras – O livro antigo em Portugal e Espanha séculos XVI-XVIII*, nº9-10 (2001-2002):123-176.

Fernández Sebastián, Javier. «Péninsule Ibérique». Em *Le Monde dès Lumieres*. Org. Christian Destain, 411-424. Paris: Fayard, 1999.

Ferrão, António. «A censura literária durante o Governo Pombalino». Em *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências*, 285-395.Lisboa: Academia das Ciências, 1923.

Ferrão, António. *O Marquês de Pombal e os “Meninos de Palhavã”*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1923.

Ferrão, António. *A Censura literária durante o governo Pombalino, subsídios para a história do pensamento em Portugal*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1927.

- Ferreira, António. *O cardeal Saraiva um Grande Limiano*. Porto: Domingos Barreira, 1984.
- Ferreira, João Palma. «Excertos do “Diário” de D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas» *Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, 2 (1) (1982):17-35.
- Ferreira, José Augusto. *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga*, t. III. Porto: Mitra Bracarense, 1932.
- Figanier, Joaquim. *Frei João de Sousa, Mestre e Interpretre de língua arábica*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1949.
- Fiores, Stefano de. «Imaculada Conceição». Em *Christos Enciclopédia do Cristianismo*, 432-433. Lisboa - S. Paulo: Editorial Verbo, 2004.
- Fiores Stefano de. “Maria”. Em *Christos Enciclopédia do Cristianismo*, 573-577. Lisboa - S. Paulo: Editorial Verbo, 2004.
- Figuiér, Richard. *La Bibliothèque*. Paris: Autrement, 1991.
- Foucault, Michel. *O que é um Autor?*. Lisboa: Veja, 1992.
- França, José Augusto. *Lisboa Pombalina, cidade do iluminismo*. Lisboa: Bertrand, 1897.
- Franco, Luís Farinha e Monteiro, Ana Isabel Líbano. *Leilões de livros, erudição, colecionismo e negócio, séculos XVIII-XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.
- Fraser, Heather. «Doing Narrative Research: Analysing Personal Stories Line by Line, *Qualitative Social Work*, 2004», <http://qix.sagepub.com> [sujeito a inscrição e pagamento]
- Furet, François. *Livre et société dans la France du XVIIIe siècle*. Paris: La Haya, 1965-1970.
- Furet, François. *Pensar a Revolução Francesa*. Lisboa: Edições Setenta, 1988.
- Furtado, José Afonso. *O que é o livro*. Lisboa: Difusão Cultural, 1995.
- Furtado, José Afonso. *Os livros e as leituras: novas ecologias da informação*. Lisboa: Livros e Leituras, 2000.
- Ganho, Maria de Lourdes Sirgado. «Frei Manuel do cenáculo, Bispo de Beja (1724-1814)». Em *Actas do Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora*, 1, 441-447. Évora: Instituto Superior de Teologia Seminário Maior de Évora, 1994.

González Ruiz, Ramón. «Evolución Histórica de la Biblioteca Capitular de Toledo». Em *El libro antiguo español IV- Coleccionismo y Bibliotecas (siglos XV-XVIII)*, dir. Maria Luísa Lopes-Vidriero e Pedro M. Catedra, 235-256. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1998.

Gross, Robert A. «Books, Nationalism, and History», *Papers of the Bibliographical Society of Canada*, nº36(1998):107-123. Disponível em: <http://digital.library.mcgill.ca/>,

Grupo Interdisciplinar do Livro e da Leitura. «350 títulos para a História do Livro». *Cultura revista de História e Teoria das Ideias*, 9 (1997): 314-335.

Guedes, Fernando. *O livro e a leitura em Portugal: subsídios para a sua história, séculos XVIII e XIX*. Lisboa: Editorial Verbo, 1987.

Guedes, Fernando. «Lotarias ou rifas de livros no século XVIII». *Revista da Biblioteca Nacional*, 3, nº1 (1988):49-64.

Guedes, Fernando. *Os livreiros em Portugal e as suas Associações desde o Século XV até aos nossos dias*. Lisboa: Editorial Verbo, 1993.

Guerreiro, Jerónimo de Alcântara. *Galeria dos Prelados de Évora*. Évora: Gráfica Eborense, 1971.

Gusdorf, Georges. *De l'Histoire de les sciences à l'Histoire de la Pensée*. Paris: Payot, 1966.

Gusdorf, Georges. «Philosophie des Lumieres». Em *Enciclopédia Universalis*. Paris : [s.n.], 1977.

Gusmão, Armando Nobre de. *Catálogo da Correspondência dirigida a Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas*. Évora: Biblioteca Pública-Arquivo Distrital, 1944-1956.

Gutiérrez Quadrado, Juan. «Mayans y la lengua de la Ciência». Em *Mayans y la Ilustración Simposio Internacional en el Bicentenario de la muerte de Gregorio Mayans*, t. I. 317-346. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva 9, 1981.

Habermas, Jürgen. *The Structural Transformation of the Public Sphere*. Cambridge: MIT Press, 1989.

Habermas, Jürgen. «O entrosamento entre o mito e o iluminismo: Horkheimer e Adorno». Em *O discurso filosófico da modernidade*, org. Jürgen Habermas, 109-130. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1990.

Hall, David. *Cultures of print: essays in the history of the book*. Amherst: University of Massachusetts, 1996.

Harris, Neil. *Paper and watermarks as bibliographical evidence, Text for the course at the Ecole de l'Institut d'histoire du livre Lyon*. [policopiado] Lyon: Institut d'Histoire du Livre, 2009.

Harris, Neil. *Paper and watermarks as bibliographical evidence*. [texto policopiado] Lyon: École de l'Institut d'histoire du livre, 2009.

Hazard, Paul. *O pensamento europeu*. Lisboa: Editorial Presença, 1983.

Herculano, Alexandre. *História de Portugal desde o começo da Monarchia até ao fim do reinado de Afonso III*. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1875.

Herculano, Alexandre. *História de Portugal desde o começo da Monarquia até ao fim do reinado de Afonso III*. Lisboa: Livraria Bertrand, 2007-2008.

Hespanha, António Manuel. *Poder e Instituições no Antigo Regime*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1992.

Hobsbawm, Eric. *A Era das Revoluções*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

Hof, Ulrich Im. *A Europa das Luzes*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

Horkheimer, M. Adorno, T.W. *Dialéctica do iluminismo*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1987.

Hunt, Lynn. «Philanthropie», Em *Le Monde dès Lumieres*, org. Christian Destain, 325-330. Paris: Fayard, 1999.

Jedin, Hubert. *Manual de Historia de la Iglesia*, t.VI. Barcelona: Editorial Herder, 1978.

Johnstone, William. *The Bible and the Enlightenment. A case study: Alexander Geddes 1737-1802*. Londres: T & T Clark International, 2004.

Jornet i Benito, Núria. Reseña de *Arquivística. Teoria e Prática de uma Ciência da Informação* de Armando Malheiro de Silva, Fernanda Ribeiro, Júlio Ramos e Manuel Luís Real”, *Anales de Documentación* (2000):220-223.

Jouhaud, Christian. «Imprimir o acontecimento. La Rochelle em Paris». Em *As utilizações do objecto impresso*, dir. Roger Chartier, 373-430. Lisboa: Difel, 1998.

Kant, Immanuel, «O que são as luzes». *Revista de História e teoria das ideias*, IV, t. II (1982): 153-168.

Kant, Immanuel, «Resposta à pergunta: o que é o Iluminismo (1734)». Em *A Paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições Setenta, 1989.

Koselleck, Reinhart. *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*. Madrid: Paidós/U.A.B, 2001.

Labarre, Albert. *História do Livro*. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.

Lamarca Langa, Genaro. *La cultura del libro en la época de la Ilustracion Valencia, 1740-1808*. Valencia, Ediciones Alfons el Magnànim, 1994.

Lessard-Hébert, Michelle, Goyette, Gabriel e Boutin, Gérald. *Investigação Qualitativa, fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

Linuesa, Clemente Maria. *Cultura e Escrita*. Mangualde: Pedogo, 2007.

Lisboa, João Luís, «A leitura em Portugal: os finais do Antigo Regime». Em *Do Antigo Regime ao Liberalismo, 1750-1850*, org. F. Marques da Costa *et al.*, 78-81. Lisboa: Vega, 1989.

Lisboa, João Luís. *Ciência e Política. Ler nos finais do Antigo Regime*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica e Universidade Nova de Lisboa, 1991.

Lisboa, João Luís. «O papel da história entre os leitores do século XVIII». *Ler História*, nº 24 (1993): 5-15.

Lisboa, João Luís. «Ao leitor». *Cultura Revista de História e Teoria das Ideias*, v.9. (1997): 9-13.

Lisboa, João Luís. «Papéis de larga Circulação no século XVIII» *Revista de História das ideias*, 20 (1999): 131-148.

Lisboa, João Luís. «Tanta virtude em papéis correndo (persistência e poder do manuscrito no Antigo Regime)», <http://www2.fcsh.unl.pt/chc/pdfs/tvirt.pdf>, 14-10.2007.

López-Vidriero, Maria Luisa e M. Cátedra, Pedro (dir.). *El libro antiguo Español. Actas del primero Coloquio Internacional (Madrid)*. Madrid: Universidad de Salamanca-Biblioteca Nacional de Madrid- Sociedad Española de Historia del Libro, 1988.

López-Vidriero, Maria Luísa e M. Cátedra, Pedro (dir.). *El libro antiguo Español. Actas del segundo Coloquio Internacional (Madrid)*. Madrid: Universidad de Salamanca-Biblioteca Nacional de Madrid,-Sociedad Española de Historia del Libro, 1992.

López-Vidriero, María Luisa. «El gabinete de un hombre de gusto. Manuales para la formación de las Bibliotecas en el siglo XVIII». Em *El libro antiguo español. Coleccionismo y Bibliotecas*, dir. María Luisa López-Vidriero e Pedro M. Cátedra, 447-460. Madrid: Ediciones Universidad de Salamanca, Patrimonio Nacional, Sociedad Española de Historia del Libro, 1998.

López-Vidriero, María Luisa e M. Cátedra, Pedro (dir.). *El libro antiguo español. Coleccionismo y Bibliotecas*. Madrid: Ediciones Universidad de Salamanca, Patrimonio Nacional, Sociedad Española de Historia del Libro, 1998.

López, François. «Rasgos peculiares de la Ilustración en España». Em *Mayans y la Ilustración Simposio Internacional en el Bicentenario de la muerte de Gregorio Mayans*, tomo II, 629-673. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva 10, 1981.

López, François. «Estado actual de la Historia del libro en España», *Anales de La Universidad de Alicante*, nº4 (1984):1-22.

López, François. «Sobre la imprenta y la librería en Valencia, en el siglo XVIII». Em *La ilustración Española*, 209-221. Alicante: Diputación Provincial, 1986.

Loureiro, Olímpia Maria da Cunha. *O livro e a Leitura no Porto no Século XVIII*. Porto: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão-Fundação Eugénio de Almeida, 1994.

Macedo, Ana Gabriela e Keating, Maria Eduarda (org) . *Censura e inter/dito Censorship and Inter/diction IX Colóquio de Outono*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2009.

Macedo, Jorge Borges de. «Livros impressos em Portugal no século XVI: interesses e formas de mentalidade». *Arquivos do Centro Cultural Português*. IX (1975):183-221.

Macedo, Jorge Borges de. *A situação económica no tempo de Pombal*. Lisboa: [s.n.], 1982.

Macedo, Jorge Borges de. «Dialéctica da sociedade portuguesa no tempo de Pombal». Em *Como interpretar Pombal? No bicentenário da sua morte*, 15-23. Lisboa: Edições Brotéria, 1983.

Macedo, José Agostinho de. *Motim Literario*. Lisboa: Typographia de António José da Rocha, 1841.

Machado, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana. Histórica, crítica e cronológica*. Lisboa: Bertrand, 1930-35.

Machado, Fernando Augusto. *Almeida Garret e a introdução do pensamento educacional de Rousseau em Portugal*. Rio Tinto: Edições Asa, 1993.

Machado, Fernando Augusto. *Rousseau em Portugal. Da Clandestinidade setecentista à legalidade vintista*. Porto: Campo das letras, 2000.

Machado, Fernando Augusto. "Percurso da Censura em Portugal: Interdições e Entreditos". Em *Censura e Inter/dito Censorship and interdiction, IX Colóquio de Outono, org.* Ana Gabriela Macedo e Maria Eduarda Keating, 201-218. Braga: Centro de Estudos Humanísticos Universidade do Minho, 2009.

Machado, José Alberto. *Um colecionador português do século das Luzes*. Évora: Universidade de Évora, 1985.

Magalhães, Justino. *Ler e escrever no mundo rural do antigo regime*, Braga: Universidade do Minho, 1994.

Mancebo, M.^a Fernanda. «Mayans e la edición de libros en el siglo XVIII». Em *Mayans y la Ilustración Simposio Internacional en el Bicentenario de la muerte de Gregório Mayans*, t. I., 185-236. Valência: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva 9, 1981.

Manguel, Alberto. *Uma História da Leitura*. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

Manuel, Caetano Xavier de Almeida da Câmara. *Atravez a cidade de Évora ou apontamentos sobre a cidade de Évora e seus monumentos*. Évora: Minerva Commercial, 1900.

Maravall, José António. «G. Mayans e la formacion del pensamiento politico de la Ilustracion». Em *Mayans y la Ilustración Simposio Internacional en el Bicentenario de la muerte de Gregorio Mayans*, tomo I, 43-80. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva 9, 1981.

Marcadé, Jacques. «Fr. Manuel do Cenáculo Vilas Boas, Provincial des réguliers du Tiers Ordre Franciscain 1768-1777 ». *Arquivos do centro Cultural Português*, III (1971): 431-458.

Marcadé, Jacques. *Le diocèse de Beja dans la seconde moitié du XVIII^e Siècle*. Lisboa : Institut Français au Portugal, 1971.

Marcadé, Jacques. «D. Fr. Manuel do Cenáculo Vilas Boas (quelques notes sur sa pédagogie)», *Arquivos do Centro Cultural Português*, VIII (1974): 605-620.

Marcadé, Jacques. *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas Évêque de Beja, Archevêque d'Evora (1770-1814)*. Paris: Centro Cultural Português/Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.

- Marsà Vila, Maria. *El fundo antiguo en la biblioteca*. Gijón: Ediciones Trea, 1999.
- Martin, Henri-Jean. *Livre, pouvoirs et société à Paris au XVIIe. Siècle, 1598-1701*. Genebra: Librairie Droz, 1969.
- Martin, Henri-Jean. «Publishing conditions and strategies in ancient regime France». Em *Books and Society in History*. Londres: Association of College and Research Libraries, 1983.
- Martin, Henry-Jean. *Le livre français sous l'ancien regime*. Paris: Cercle de la Libraire, 1987.
- Martin, Henry-Jean. *Histoires et pouvoirs de l'écrit*. Paris: Perrin, 1988.
- Martínez Martin, Jesus A. *Lectura y lectores en el Madrid del siglo XIX*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1991.
- Martins, André Ferrer. «O ensino do conceito de tempo: contribuições históricas e epistemológicas». Dissertação de mestrado, São Paulo, Instituto de Física - Faculdade de Educação, 1998.
- Martins, José V. de Pina. «Information Bibliographique». *Arquivos do Centro Cultural Português*, XI (1977): 573-582.
- Martins, José V. de Pina. «A Academia Das Ciências de Lisboa – Um pouco da sua história e da sua actividade até ao nosso tempo», <http://zircon.dcsa.fct.unl.pt/dspace/bitstream/123456789/233/1/19-6.PDF>, 1-7- 2010.
- Martins, José Vitorino de Pina. «A Academia das Ciências de Lisboa»: <http://www.acad-ciencias.pt/>, 30-09-2008.
- Martins, Maria Teresa Esteves Payan. «A censura literária em Portugal nos séculos XVII E XVIII». Tese de Doutoramento, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2001.
- Masseau, Didier. *Les enemies dès philosophes. L'antiphilosophie au temps des Lumières*. Paris: Ed. Albin Michel, 2000.
- Mattoso, José. «D. Frei Francisco de S. Luís». Em *Os grandes portugueses II*, dir. Hernani Cidade, 313-324. Lisboa: Arcádia, 1961.
- Mattoso, José. *A escrita da História teoria e métodos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

Maxwell, Kenneth. *Pombal paradox of the Enlightenment*. Cambridge: University Press, 1995.

Mcmurtrie, Douglas C. *O aparecimento do livro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. [1ª edição 1965]

Meireles, Maria Adelaide. *Os livreiros no Porto no século XVIII, Produção e Comércio*. Porto: APLA, 1995.

Mestre Sanchís, Antonio. *La ilustracion*. Madrid: Editorial Sintesis, 1993.

Mestre, Antonio. *El mundo intelectual de Mayans*. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva, 1978.

Molas Ribalta, Peres. «Mayans por el mismo». Em *Mayans y la Ilustración Simposio Internacional en el Bicentenario de la muerte de Gregorio Mayans*, t.I, 123-130. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva 9, 1981.

Monteiro, Nuno Gonçalo. «Notas sobre nobreza, fidalguia e titulares do Antigo Regime» *Ler História*, nº10 (1987):15 a 51.

Monteiro, Nuno Gonçalo. «Nobreza, revolução e liberalismo: Portugal no contexto da Península Ibérica.» *La Europa del sur en la época liberal. España, Italia y Portugal*, Eds. Casmirri, Silvana e Cortina, 131-150. Cantábria: Universitá di Cassino, 1998.

Monteiro, Nuno Gonçalo. «A queda de Pombal, o reformismo e a conjuntura de guerra (1777-1807)». Em *História de Portugal*, coord. Rui Ramos, 425-435. Lisboa: Esfera dos livros, 2009.

Monteiro, Nuno Gonçalo. «O tempo de Pombal», Em *História de Portugal*, coord. Rui Ramos, 357-377. Lisboa: Esfera dos livros, 2009.

Moreira, Carlos Diogo. *Planeamento e estratégias da investigação social*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1994.

Mornet, Daniel. «Les enseignements des bibliothèques privées». *Revue d'histoire litteraire de la France*, nº17 (1910): 449-496.

Mota, Alfredo. «Frei Manuel do Cenáculo Capelão Mor da Armada», *Separata da Revista Defesa Nacional* Lisboa: Soc. Astória, 1965, 379-380.

Neves, Pedro Alexandre Cardoso. *Lotaria nacional, subsídios para a sua História 1783-1983*. Lisboa: Edição da Lotaria Nacional, 1983.

Nunes, Henrique Barreto. «Bibliotecas públicas: o livro para entender o mundo». *Cadernos de BAD*, nº3 (1994):17-25.

Oliveira, José António. «D. João de Magalhães e Avelar: o homem e os seus livros». Em *Actas do Congresso de História do Seminário de Évora*, 1, 241-252. Évora: Instituto Superior de Teologia Seminário Maior de Évora, 1994.

Oliveira, José A. *A paixão da História na Biblioteca de D. João de Magalhães Avelar*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995.

Pageaux, Daniel-Henri. *Images du Portugal dans les lettres françaises*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1971.

Paiva, José Pedro. «Os novos prelados diocesanos nomeados no consulado pombalino». *Penélope Revista de História e Ciências Sociais*, nº25 (2001): 41-63.

Paiva, José Pedro. *Os Bispos de Portugal e do Império 1495-1777*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

Parra López, Emílio la - «Ideas episcopalistas en los planteamientos de política religiosa del primer liberalismo español». Em *Mayans y la Ilustración Simposio Internacional en el Bicentenario de la muerte de Gregorio Mayans*, t.I, 29-41. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva 9, 1981.

Páscoa, Marta Cristina. «D. frei Manuel do Cenáculo e Felix Caetano da Silva – relações de Mecenato na Escrita da História de Beja», *Separata da Revista Portuguesa de Poligrafia*, nº11-12. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 2003.

Pastor Fuster, Don Justo. *Elogio Histórico y Bibliográfico del Ilustrísimo Señor Don Francisco Perez Bayér del consejo y câmara de castilla, caballero pensionado de la Real y distinguida orden de Carlos III, preceptos de los serenissimos señores infantes, arcediago mayor y canónigo de valência y bibliotecário de su magestad*. Valencia: Don Idelfonso Mompíé, 1829.

Patrocínio, Manuel Francisco Soares. «O relato de viagem de Pérez Bayer (1782) e uma descrição setecentista de Évora». *A cidade de Évora*. S.2. (2000): 265-271.

Patrocínio, Manuel Francisco. *Certamente ídolos ou coisa Semelhante: estudo historiográfico e comparativo dos exemplos do pré-romano na arte das antigas do território português* [texto policopiado]. Évora: [s.n.],2002.

Patrocínio, Manuel Francisco. «O registo das antiguidades lusitânicas do Sul no legado documental de D. Manuel do Cenáculo». *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, nº 4 (2006):17-36.

Patrocínio, Manuel. «O tema do orientalismo no espólio Cenaculano, Perspectivas Críticas». Comunicação apresentada no Workshop Bibliotecas e Leitura Pública nos séculos XVIII-XX. Évora. CEHFC - Universidade de Évora. 31 de Maio e 1 de Junho, 2007.

Patrocínio, Manuel Francisco. «Tempos de Fenícios: o tema do orientalismo e suas descobertas nos documentos de D. Manuel do Cenáculo». *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal*. S. 2, 7(2007-2008): 99-124.

Pedraza, Pilar. «La estética en el pensamiento de Mayans: El arte de Pintar». Em *Mayans y la Ilustración Simposio Internacional en el Bicentenario de la muerte de Gregorio Mayans*, t. I, 237-246. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva 9, 1981.

Pereira, Fernando António Baptista. «Le role de l'Église dans la formation des premiers musées au Portugal à la fin du XVIIIe. Siècle». Em *Les musées en Europe à la veille de l'ouverture du Louvre. Actes du Colloque organisé par le Service culturel du musée du Louvre à l'occasion de la commémoration du bicentenaire de l'ouverture du Louvre*, 461-483. Paris : Klincksieck, 1995.

Pereira, Gabriel. «Biblioteca pública». Em *Estudos Eborenses: História e Arqueologia*, v. 1,107-141. Évora: Livraria Nazareth, 1947.

Pereira, José Esteves. «Ribeiro Santos, Cenáculo e a criação da Biblioteca Pública». Em *Frei Manuel do Cenáculo construtor de bibliotecas*, coord. Francisco A. L. Vaz e José A. Calixto,11-22. Casal de Cambra: Caleidoscopio, 2006.

Peset, Mariano e Peset, Jose Luís. *Gregorio Mayans y la Reforma Universitaria del nuevo método que se puede practicar en la enseñanza de las Universidades de España*. Valência: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva, 1975.

Piwnik, Marie Hélène. « Un épisode des relations intellectuelles entre l'Espagne et le Portugal au XVIII^e siècle : La correspondance adressée par les Frères Mohedanos, provinciaux du Tiers-Ordre Régulier de Saint-François en Andalousie, à Manuel do Cenáculo évêque de Beja. Essai d'une chronologie, principaux aspects », *Arquivos do Centro Cultural Português*, XI (1977): 213-254.

Piwnik, Marie Hélène. «La correspondance Mayans-Cenáculo». Principaux aspects» *Arquivos do Centro Cultural Português*, XX (1984): 233-311.

Piwnik, Marie Hélène. «La correspondance Mayans-Cenáculo». *Arquivos do Centro Cultural Português*, XXII (1986): 483-601.

Piwnik, Marie Hélène. *Echanges érudits dans la Péninsule Ibérique*. Paris : Fundação Calouste Gulbenkian-Centro Cultural Português, 1987.

Plotkin, S.A., Mortimer, E.A. *Vaccines*. Philadelphia: Saunders, 1994.

Poirier, Jean *et al.* *Histórias de Vida, teoria e prática*, 2ª edição. Lisboa: Celta, 2004.

Pomian, Krystof. *El orden del tiempo, Série Sindérsis*. Júcar: Ediciones Júcar España, 1990.

Proença, Raul. «Antecedentes e origens da Biblioteca Nacional de Lisboa». *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, s.2, 7 (11) (1922): 154-165.

Raimundo, Ricardo A. Varela. «Saber e poder assinar em Torres Novas (1670-1790): modalidades e assimetrias», *Noroeste. Revista de História*, 2 (2006): 823-838.

Ramalho, A. Costa; Pontes, J.M. Cruz. «Públio Nasão Ovídio». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Edição Séc. XXI*, v.21, 1168-1169. Lisboa-S.Paulo: Ed. Verbo, 2000.

Ramos, Luís A. de Oliveira. «Para a História do Ensino em Portugal Frei Francisco de S. Luís Professor de Matemática». *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, série História, I. (1968): 325-342.

Ramos, Luís A. de Oliveira. *O Cardeal Saraiva*. Porto: Instituto de Alta Cultura-Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1972.

Ramos, Luís A. de Oliveira. «Da aquisição de Livros Proibidos nos finais do século XVIII». *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, série História, IV-V, (1973/1974): 329-338.

Ramos, Luís A. de Oliveira. *Da Ilustração ao Liberalismo. Temas históricos*. Porto: Lello & irmãos, 1979.

Ramos, Luís A. de Oliveira. «Os beneditinos e a cultura: ressonâncias da ilustração». *Revista da Faculdade de Letras - História*, s. 2,1(1984):159-186.

Ramos, Maria Teresa de Oliveira. «A biblioteca do Convento de S. Martinho de Tibães». Tese de mestrado, Évora, Universidade de Évora, 2007.

Ramos, Raul Cordeiro. *Dom Frei Manuel do Cenáculo*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1936.

Ramos, Rui. «Nas origens da “ Lenda Negra”: as viagens filosóficas do século XVIII português». *Penélope, fazer de desfazer História*, nº 4 (1989):59-80.

Ramos, Rui. «Culturas da alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à História da alfabetização no Portugal contemporâneo». *Revista Análise Social*, XXIV, nº103-104 (1989):1067-1145.

Ramos, Rui coord. *História de Portugal*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2009.

Rebelo, Carlos Alberto. *A difusão da leitura pública: as bibliotecas populares (1870-1910)*. Porto: Campo das Letras, 2002.

Rego, Raul. *Os índices expurgatórios e a Cultura Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Biblioteca breve, 1982. (1ª ed).

Rémond, René. «As hierarquias de riqueza e de poder. A dominação do capitalismo». Em *Introdução à história do nosso tempo*, org. René Remond,294-302. Lisboa: Gradiva, 1994.

Resende, Marquês de. *Memória Histórica de Frei Francisco de São Luís*. Lisboa, Tipografia da Academia, 1864. Disponível *online*, na secção das Bibliotecas Canadianas, <http://www.archive.org/details/memriahistri00slui>. 24-07-2010.

Rey Castelao, Ofelia. *Libros y lectura en Galicia siglos XVI-XIX*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo, 2003.

Ribeiro, João Pedro. *Cartas ao Arcebispo Cenáculo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1880.

Ribeiro, José Silvestre Ribeiro. *História dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos em Portugal*. Lisboa: Tipografia da Academia de ciências, 1871-1893.

Ribeiro, José Silvestre. *Apontamentos Históricos sobre Bibliotecas Portuguesas*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1914.

Ribeiro, Maria Manuela Tavares. «Livros e leituras no século XIX», *Revista de História das ideias*, 20 (1999):187-227.

Rivara, Joaquim Heliodoro da Cunha, *Catálogo dos manuscritos da Bibliotheca Publica Eborensis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850-1871.

Robles, Laureano. «Los hermanos Mayans Editores de Vives». *Mayans y la Ilustración Simposio Internacional en el Bicentenario de la muerte de Gregorio Mayans*, I, 247-280. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva 9, 1981.

Rocha, Ilídio. *Catálogo da livraria do convento da Arrábida e do acervo que lhe estava anexo*. Lisboa: Fundação Oriente, 1994.

Rocha, Manuel Rocha e Sousa, Rita Martins. «Moeda e crédito». Em *História Económica de Portugal 1700 -2000*,v. I *O século XVIII*, org. Pedro Lains, Álvaro Ferreira da Silva, 209-250.Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais,2005.

Rodrigues, Graça Almeida. *Breve História da Censura Literária em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesas, 1980.

Rose, Hugh James *et al.* *A New General Biographical Dictionary*, v.10. Londres: Richard Clay, 1848.

S.A. [anónimo] - *Memoria que dedica la muy noble y leal ciudad de Valencia a su Patricio y Bienhechor El Ilustrísimo Señor Don Francisco Perez Bayér del consejo y câmara de castilla [...] por la donacion de su librería*. Valencia: Benito Monfort, 1785.

Salgado, Frei Vicente. *Compendio Histórico da Congregação da Terceira Ordem*. Lisboa: Oficina Simão Thadeo Ferreira, 1793.

Sánchez-Blanco, Francisco. *La Ilustracion en Españã*. Madrid: Ediciones Akal, 1997.

Santos, Boaventura de Sousa. *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

Santos, Cândido dos. «Matrizes do Iluminismo Católico da época Pombalina». Em *Estudos em Homenagem a Luís António Oliveira Ramos*, org. Francisco R. da Silva e M. Antonieta Cruz,949-956. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto,2004.

Santos, Cândido dos. *O Jansenismo em Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

Santos, Maria de Lourdes Lima dos. «As penas de viver da pena: o mercado do livro no século XIX», *Análise Social*, XXI. (1985):187-227.

Santos, Maria de Lourdes Lima dos. *Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos*. Lisboa: Editorial Presença,1985.

Santos, Zulmira C. «Cartas, elogios e silêncios: temas de amizade ilustrada de Gregório Mayans e Siscar (1699-1781) e Frei Manuel do Cenáculo, T.O.R. (1724-1814)» *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0 (2003): 369-380.

Saraiva, Frei Francisco de S. Luís. *Obras completas*. Lisboa: Imprensa Nacional,1877.

Saugnieux, Joël. *Cultures populaires et cultures savantes en Espagne. Du Moyen Age aux Lumières*. Paris: CNRS, 1982.

Schapochnik, Nelson. *Cultura letrada: objetos e práticas*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

Schapochnik, Nelson. «Un palacio de libros en los trópicos: metáforas, proyectos y la fundación de la Bibliotheca Nacional en Rio de Janeiro». *Revista de Historia Contemporânea Ayer*, 58 (2005): 113-135.

Schapochnik, Nelson. «Edição, recepção e mobilidade do romance *Les Mistères de Paris* no Brasil oitocentista», *Varia Historia* (2010): 591-617.

Sebastian Fernandez, Javier. «Péninsule Ibérique». Em *Le Monde des Lumières*. Org. Christian Destain, 411-424. Paris : Fayard, 1999.

Sepulveda, Ayres Magalhães. *Para a história da Academia de Ciências de Lisboa*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1927.

Serrão, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal. A Instauração do liberalismo*, VII, 3ª edição. Lisboa: Editorial Verbo, 2002.

Serrão, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal. Do Mindelo à Regeneração*, VIII, 2ª edição. Lisboa: Editorial Verbo, 2003.

Serrão, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal. O Despotismo Iluminado*, VI, 6ª edição. Lisboa: Editorial Verbo, 2004.

Scott, H. M. *The emergence of Eastern Powers, 1756-1775*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Silbert, Albert. *Do Portugal de Antigo Regime ao Portugal Oitocentista*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

Siles, Jaime. «Mayans e la epigrafia ibérica». Em *Mayans y la Ilustración Simposio Internacional en el Bicentenario de la muerte de Gregorio Mayans*, t.I, 363-378. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva 9, 1981.

Silva et. al, Armando Malheiro da. *Arquivística: Teoria e Pática de uma Ciência da Informação*. Porto: edições Afrontamento, 1999.

Silva, Filipe Carreira da. *Espaço Público em Habermas*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2002.

Silva, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português: estudos aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. [ed. Fac-simile]. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1858-1958.

- Silveira, Luís Nuno Espinha da. «Espaço, Relações de Poder e Elites na construção do Estado Liberal. Portugal no contexto histórico», Em *La Europa del sur en la época liberal. España, Italia y Portugal*, Eds. Casmirri, Silvana e Cortina, 105-129. Cantábria: Universitá di Cassino, 1998.
- Simões, Augusto Filipe. *Relatório acerca da renovação do Museu Cenáculo dirigido ao Exm^o. Sr. Visconde da Esperança, Presidente da Camara Municipal de Évora*. Évora: Typographia da Folha do Sul, 1869.
- Soccavo, Lorenzo e Krebs, Constante. *Gutenberg 2.0. Le futur du livre*. Paris: MM2 Éditions, 2007.
- Sousa, Fernando de. «O clero da Diocese do Porto ao tempo das Cortes Constituintes». *Revista de História*, 2 (1979):245-263.
- Sousa, Maria Paula Abreu Pereira e. «As ursulinas e a educação da mulher. O colégio das Chagas em Braga (1785-1878)». *Cadernos do Noroeste. Olhares sobre as Mulheres*. (2001):35-79.
- Souza, Evergton Sales. *Jansénisme et Réforme de l'Église dans L'empire Portugais 1640 à 1790*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2004.
- Steinberg, Siegfried Heinrich. *Five hundred years of printing*. Nova Iorque: Criterion Books, 1959.
- Steiner, George. *No Castelo do Barba Azul, algumas notas para a redefinição da cultura*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- Tavares, Pedro Vilas Boas. «A biblioteca e a bibliofilia de um prelado ilustrado D. Gaspar de Bragança, Arcebispo de Braga (1758-1789)». Em *Actas do Congresso Internacional do IX centenário da dedicação da Sé de Braga*, v. II/2, 273-302. Braga: Universidade Católica, 1990.
- Teixeira, Joaquim José Carvalho. *Literatura e Poder Político. Pombalismo e Antipombalismo*. Coimbra: [s.n.], 1987.
- Tengarrinha, José. *Imprensa e Opinião Pública em Portugal*. Coimbra: Minerva Comercial, 2006.
- Thomaz, Aníbal Fernandes. *Boletim de Bibliographia Portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1879.
- Tierney, William G. «Life History's: subjects Foretold. *Qualitative Inquiry*.» Disponível em <http://qix.sagepub.com> [sujeito a inscrição e pagamento].

Torgal, Luís Reis (dir.). *Revista de Histórias das Ideias: o livro e a leitura*, v.20. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1999.

Tovar, Antonio. «Mayans y la filología en España en el siglo XVIII». Em *Mayans y la Ilustración Simposio Internacional en el Bicentenario de la muerte de Gregorio Mayans*, t. I, 379-409. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva 9, 1981.

Valente, Vasco Pulido. *Portugal Ensaios de História política*. Lisboa: Aletheia Editores, 2009.

Vallejo, Jesús. «Exemplo del catalogador riguroso». *Penélope Revista de História e Ciências Sociais*, nº 25 (2001):171-174.

Vaz, Francisco António Lourenço. «O catecismo no discurso da Ilustração Portuguesa». *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, X (1998): 217-240.

Vaz, Francisco António Lourenço. «Piedade cristã e Reformismo Económico na Acção pastoral de Frei Manuel do Cenáculo». Em *Actas do Colóquio Internacional Piedade Popular Sociabilidades Representações Espiritualidades*, 371-392. Lisboa: Terramar-Centro de História da Cultura, 1999.

Vaz, Francisco António Lourenço. «Registos no Diário de frei Manuel do Cenáculo sobre um terramoto no Alentejo, em 1791». *Ibn Maruán. Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº9-10 (2000): 71-82.

Vaz, Francisco António Lourenço. «Ciência e técnica na obra de D. Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814)». Em *Actas do 1º Congresso Luso-Brasileiro de História da Ciência e da Técnica*. 262-274. Évora - Aveiro: Universidade de Évora/Universidade de Aveiro, 2001.

Vaz, Francisco António Lourenço. *Instrução e Economia- as ideias económicas no discurso da Ilustração Portuguesa (1746-1820)*. Lisboa: Colibri, 2002.

Vaz, Francisco António Lourenço. «Livros e Leituras para a Instrução económica do Povo». *Revista Portuguesa de História*, XXXVI,2 (2002-2003): 43-58.

Vaz, Francisco António Lourenço. «As bibliotecas e os livros na obra de Frei Manuel do Cenáculo». *La memoria de los libros. Estudios sobre la historia del escrito y la lectura em Europa e America*, t.II, (2004): 483-498.

Vaz, Francisco António Lourenço. «Jansenismo e Regalismo no Pensamento de D. frei Manuel do Cenáculo». *Revista Eboresia*, nº 35 (2005): 61-81.

Vaz, Francisco António Lourenço. «A Fundação da Biblioteca Pública de Évora». Em *Frei Manuel do Cenáculo o Construtor de Bibliotecas*, coord. Francisco A.L. Vaz e José A. Calixto, 57-89. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006.

Vaz, Francisco António Lourenço. «A censura na obra de D. Frei Manuel do Cenáculo». *Elvas-Caia, Revista Internacional de Cultura*, nº5 (2007):23-36.

Vaz, Francisco António Lourenço. «A ideia de Biblioteca Pública em Portugal nos séculos XVIII e XIX». *O Reino, as Ilhas e o Mar Oceano. Estudos de Homenagem a Artur Teodoro de Matos* (2007):169-184.

Vaz, Francisco António Lourenço. «A educação do Herdeiro da Coroa - da ideia de príncipe perfeito à de príncipe soldado». Em *Actas do XVIII Colóquio de História Militar- Política diplomática, Militar e social do reinado de D. Carlos no centenário da sua morte*, 465-478. Lisboa: CPHM, 2008.

Vaz, Francisco António Lourenço – «Introdução». Em *O saque de Évora pelos franceses em 1808*. Vale de Cambra: Caleidoscópio, 2008.

Vaz, Francisco António Lourenço coord. *D. Frei Manuel do Cenáculo. Instruções Pastorais, Projectos de Bibliotecas e Diário, Colecção Ciência e Iluminismo*. Porto: Porto Editora, 2009.

Vaz, Francisco António Lourenço coord. *Os livros e as bibliotecas no espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2009.

Velez, P. António Costa. *Elogio Fúnebre do excelentíssimo Senhor D. Frei Manoel do Cenáculo Villas-Boas. Arcebispo metropolitano de Évora, pregado nas solemnes exéquias, celebradas na sua Igreja Catedral, em 10 de Março de 1814*. Lisboa: Impressão Régia, 1815.

Venturi, Franco. *Utopia and Reform in the Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

Vicente, António Pedro. «Panfletos Anti- Napoleónicos durante a Guerra Peninsular». *Revista e História das Ideias – o Livro e a Leitura*, nº 20 (1999):101-130.

Vintilă-Ghitulescu, Constanta. «Entre église et taverne: sociabilités et pratiques culturelles dans la société roumaine du XVIIIe siècle». *Noroeste. Revista de história*, nº2 (2006):739-754.

Volvelle, Michel. *El Hombre de la Ilustración*. Madrid: Ediciones Alianza, 1995.

Wittmann, Reinhard. «Hubo una revolución en la lectura a finales del siglo XVIII». Em *Historia de la lectura en el mundo occidental*, dir. Guglielmo Cavallo y Roger Chartier, 435-472. Madrid: Santillana Ediciones, 2001.

Wooton, David. *Paolo Sarpi between Renaissance and Enlightenment*. Cambridge: University Press, 2002.

ANEXOS E APÊNDICES

Anexo 1. Locais e nº de cartas da correspondência nacional recebida, catalogada por Armando Nobre de Gusmão.

Local	nº
Abrantes	3
Aguas Santas	1
Aguiar	7
Ajuda	59
Albufeira	1
Alcacér do Sal	1
Alcobaça	26
Aldeia Galega	2
Aldeia Nova	1
Alhandra	3
Aljustrel	1
Almada	1
Almodôvar	1
Alverca	1
Alvito	12
Amareleja	2
Ameixoeira	1
Angra	2
Arraiolos	1
Arronches	2
Aveiro	7
Azinhaga	1
Barca (S. ^{ta} Maria do Vale)	2
Beja	52
Belém	14
Belmonte	1
Bemposta	2
Benavente	1
Bom Sucesso	14
Borba	3
Bracanes (Seminário)	33
Braga	10
Bragança	1
Brunheira	1
Cacheu	1
Cadea	1
Calamt.e	1
Caldas	3
Caldas da Rainha	1
Calhariz	1
Caminha	1
Caparica	1
Cária (Convento)	1
Cartuxa de Laveiros	1
Carvições	1
Castelo Branco	2
Castelo de Vide	2
Castro Marim	4
Castro Verde	1
Cercal	1
Chaves	1
Coimbra	243
Colares	1
Comieira	1

Convento de Madre de Deus de Sá	3
Convento de Nossa Senhora da Esperança	2
Convento de Nossa Senhora de Rocamor	1
Convento de S. João de Deus	3
Convento de Santa Catarina de Montefaro	1
Convento de Santo Cristo de Fraga	5
Convento Malacitano	2
Covilhã	2
Cuba (Alentejo)	7
Elvas	35
Espinhhal	1
Estarreja	1
Estremoz	13
Évora	117
Faro	84
Freixo	1
Funchal	10
Golegã	1
Gouveia	1
Guarda	4
Guimarães	3
Junqueira	30
Lágea	1
Lagos	8
Lamego	8
Leça	2
Leiria	2
Limoeiro	2
Lisboa	1491
Loreto	3
Lorvão	1
Louriçal	8
Mação	1
Madeira	1
Mafra	16
Marvão	1
Marvila	2
Mateus (Casa de)	9
Mértola	3
Messejana	15
Moimenta da Beira	1
Moita	1
Monchique	3
Mondim de Basto	6
Monsaraz	1
Montemor-o-Novo	2
Montemor-o-Velho	1
Mora	1
Mosteiro de S. Bento	1
Moura	28
Nau da Ajuda	1
Nunciatura	2
Odemira	3
Odivelas	2
Oeiras	4

Olinda	2
Oliveira de Azeméis	7
Oss. ^a	1
Ourém	1
Paço	51
Paço de Arcos	1
Palácio do Governo	6
Palmela	1
Pardo	1
Pedrouços	3
Peso da Régua	1
Pesqueira	17
Pinhel	2
Pomares	1
Pombal	1
Ponta Delgada	1
Porcalhota	18
Portalegre	11
Portimão	6
Porto	20
Porto de Mós	1
Porto de Santa Maria	3
Póvoa de Lanhoso	1
Quartel de Sijã	1
Queluz	92
Quinta da Esperança	3
Quinta da Graciosa	1
Quinta da Praia	1
Quinta das Comeiras	2
Quinta das Picoas	1
Quinta do Bom Retiro	1
Quinta do Camarate	3
Quinta do Canal Figueira	1
Quinta do Grilo	1
Quinta do Ribeiro	3
Quinta dos Xavões	1
Quintos	2
Real Mosteiro de Flamengas	1
Real Mosteiro do Desterro	5
Redondo	1
Repreza	1
Riba Mar	1
Rio	1
Rio Seco	2
S. Basílio de Possadas	1
S. Brissos	1
S. Francisco da Cidade	28
S. Matias	1
S. Paulo (colégio)	1
S. Pedro de Adissa	1
S. Teotónio	1
Sacavém	2
Salitre	1
Salvaterra de Magos	15
Santa Catarina (Colégio)	2

Santa Cruz	1
Santa Margarida de Sadam	1
Santarém	40
Santiago do Cacém	6
Santo André	1
Santo Tirso	1
Sardoal	6
Sernache do Bom Jardim	1
Serpa	39
Serra de Ossa	3
Sesimbra	1
Setúbal	7
Silves	5
Sines	1
Sintra	2
Taboação	8
Tarouca	5
Tavira	10
Tomar	13
Torrão	4
Torre de Moncorvo	1
Torres Novas	1
Valença do Minho	1
Viana	12
Viana do Alentejo	1
Viana do Minho	1
Vidigueira	7
Vila de Melgaço	1
Vila Pouca de Salzedas	1
Vila Pouca de Ucanha	1
Vila Real	8
Vila Real de Santo António	1
Vila Viçosa	34
Vila-de-Frades	1
Vilalva	1
Vimieiro	3
Viseu	7
Xabregas	2
Total: 202 localizações	3072

Fonte: Gusmão, *Catálogo da correspondência*

Anexo 2: Locais e nº de cartas recebidas do estrangeiro, correspondência catalogada por Armando Nobre de Gusmão.

Local	nº de cartas
Aiamonte	14
Albacete	1
Alcalá la Real	2
Alcaraz	1
Alcaria Ruiva	1
Alcolena	4
Alfange	1
Almendre	1
Almer-la-Real	1
Almonaster	1
Alvações do Corgo	1
Andaluzia	1
Andrahy o Grande (Brasil)	1
Angola	3
Antequera	2
Arahal	1
Aranda	1
Aranjuez	8
Argel	4
Badajoz	19
Baia	15
Baiona	1
Barajas	1
Barcelona	3
Beringel	4
Bilbau	1
Bolonha	1
Bombaim	1
Brasil	1
Bruxelas	2
Buenos Aires	1
Cabo Verde	2
Cádiz	37
Carmone/a	2
Cartagena (Índico)	2
Casalla	5
Cazalla della Sierra	2
Chicinana	1
Chipre	1
Colónia	1
Congo	1
Consuegra	1
Convento de Nossa Senhora de La Rapida	1
Córdova	6
Cremona	2
Cunillas de Azeitona	1
Domnas	1

Dublin	1
Esija	11
Exeter (Inglaterra)	1
Filadélfia	3
Forli	1
Frascati	1
Fuente de los Cantos	1
Fuente del Maestre	1
Génova	1
Gibrleon	1
Gibraltar	5
Goa	51
Gondar	3
Gran Canária	2
Granada	52
Grazolema	1
Grenoble	1
Haia	6
Índia	2
Jaen	2
La Ayuda	1
La Malá	1
La Palma (Canárias)	1
Laguna	1
Leide	1
Little Chelsea	1
Londres	5
Lorca de la Ther. ^a Caiz. ^a	1
Luanda	8
Lustoza	1
Macau	6
Madrid	188
Málaga	11
Mallorca	7
Malta	3
Marchena	1
Mérida	8
Milão	1
Moçambique	6
Monasterio de la Luz	1
Monte Libano	1
Montepelier	1
Nápoles	2
Pádua	1
Pará	32
Paris	15
Pernanbuco	6
Plasencia de Estremadura	1
PonteVedra	2
Porto de El Rei	1

Puente de Don Gonzalo	1
Puerto de la Cruz de la Orotava	1
Puerto de Santa Maria	10
Rabida/Ravida	2
Reynosa	1
Rio de Janeiro	32
Roma	136
S. Domingos de Calzada	1
S. Juan de Puerto	1
S. Paulo (cidade)	5
S. Petersburgo	2
Sanlucar	2
Santa Apolonia de Velletri	1
Santa Cruz (Canárias)	2
Santiago de Galicia	1
Santillana	1
Segura de Leão	1
Selmes	3
Sevilha	98
Somos	1
Tânger	2
Tarifa (Espanha)	1
Tenerife	4
Tortosa	3
Truxillo	1
Turim	3
Urbania	1
Ursão	1
Vaena	1
Valência	3
Valência de Mombucy	1
Veneza	15
Vila de Valverde del Camino	1
Xeres de La Frontera	4
Xeres de los Cavalleros	6
Zafra	3
Zalamea de la Serena	1
Total de localizações: 134	980

Fonte: Gusmão, *Catálogo da correspondência...*

Anexo 3. [Carta de Juan Baptista Munoz a Frei Manuel do Cenáculo, Madrid, 17 de Fevereiro de 1797]

“Mui Señor mio i favorecedor: Por Agosto de año passado recebi la ultima de V.E. estimabilíssima por mil títulos. Leïla en la R. academia de la historia, donde se esperaban com ânsia noticias del *Vas transmigrationis*, obra citada por le Ex.-rabino D. Juan Joseph Heydeck, que no hemos logrado descubrir aun después de grandes diligencias. El no saber de ella V.E. confirmó la sospecha sobre la verdad dela cita, i existencia del libro. V.E. sabe con quanta cautela debe procederse en lo que dicen los que són ó han sido Rabinos. Y este que acá tenemos no desmiente las artes de sus mayores. Publicó la inscripción hebrea del tempo de N.^o Sr.^o del tránsito de Toledo con ilustraciones, combatiendo una nota que sobre el texto de la historia Mariana pusieron los editores de Valencia: nota mal tomada de la disertación del difunto Sr. Bayer sobre aquella inscripción relativa al reinado de D. Pedro, el cruel. Afectó publicar un documento fielmente sacado del original, sin haberle visto, ni hacer mas de volver al hebreo la traducción impresa mas ha de docientos años en la Historia de las órdenes militares por Rades de Andrade. No contento con este engaño, supuso una voz que no había, i sobre ella puntos numerales, todo con el objeto de aparentar perspicacia superior á la del Sr. Bayer, i sobre las ruínas de este labrar él su crédito. Nuestra academia ha descubierto i manifestado la verdad del caso en una Memoria que acaba de dar á luz, i de que regala un ejemplar á V. E. Téngole en mi poder, i le remitiré prontamente, junto con el titulo de académico nuestro, qual lo es V.E. desde el pasado Agosto, según podrá ver por la adjunta del secretario á que espero se sirva contestar para satisfacción del cuerpo. Quizá iran al mismo tiempo los dos primeros tomos de Memorias académicas, ya prontos á la publicación. El tercero se esta imprimiendo, i empieza con mi Elogio de Lebrija, que leï en la primera junta publica con aplauso de un respetable auditorio, á cuyos deseos fue preciso condescender publicando suelto el Elogio. Ya V. E. debe tenerle, conforme á lo que me han escrito desde Lisboa nuestro Secretario de embajada, á quine remiti varios ejemplares para distribuir entre mis favorecedores en ese Reino. Quando quiera Dios, ilustraré mas la memoria del gran Lebrija, dando al público una colección de sus obras escogidas con su vida escrita á la larga, donde entre los propagadores de la solida i amena literatura tendrán lugar algunos doctos Portugueses, en especial Arias Barbosa, i Andres Resende. A este

muestra V.E. singular afecto, i promete hacer en su obsequio alguna demostración: hállome en iguales disposiciones, i le tengo destinado un buen lugar en el comentario sobre Lebrija, cuyo discípulo fue. Pero acerca de sus cosas tengo dudas que V.E. podra aclarar, como selo ruego. Voi á proponer algunas en orden á los años de su nacimiento e su muerte.

En la vida que precede á la colección de sus obras, impresa en Colonia año de 1600, se dice que nació en 1493, i murió á los ochenta de su edad en 1573. Ese escrito es extracto del que sobre el mismo asunto hizo Diego Mendez Vasconcelos; el qual tengo impreso al principio de la *Colleçam das antiguidades de Evora...feita por Souza Farinha*, donde se pone la muerte de Resende á los 80 de su edad em 1575: no 1573, como estaba en el original latino, conforme á lo que dice el traductor Farinha (Colleçam cit. Pag. 34). De aquí pudieron tomar el tal año de 1573 Nicolas Antonio, i Barbosa Machado. Antes que en las bibliotecas de estos eruditos, hallo en mismo año emortual en la de Andres Schot al fin del articulus Resendius pag.482: copió, como los otros, un numero errado en el impresso de Mendez Vasconcelos. Pero en la pag. Antecedente había puesto, por lo que él tenia entendido, *vixisse comperi ad annum M.D.LXXVII*, que vivio hasta 1577. Y esto creo ser lo mas cierto, fundado en los argumentos siguientes. Resende componía las Antigüedades de Portugal en 1573, según escribe en el lib.4 de ellas art. *De orichiensi agro* al fin. Y esto escribe pasado algún tiempo, como lo indica por las palabras: *Quum hace proderem, agebatur annus MDLXXIII*. Y que el tiempo que medio desde la composición de esas Antigüedades hasta su fallecimiento fueron quatro años, dicelo expresamente en su vida Mendez Vasconcelos: “ Nunca seriamente e de pensado trabalhou nella, senam quatro annos antes de sua norte” (Colleçam de Farinha pag.19).Lo mismo se confirma por lo que se lee en el frontispicio de la Historia da antiguidade da cidade de Evora en la colección de Farinha: “terceira ediçam fielmente copiada da segunda que se fez em Évora em 1576, a qual foi emendada pelo mesmo autor”. Todo conspira a persuadir que la muerte de resende fue 1577, conforme á lo que insinuó Schot, autor coetáneo mui afecto del nuestro, que vino á España por entonces, donde pudo bien averiguar el punto que tratamos.

No es tan fácil señalar el año de su nacimiento. El citado extractador de Mendez Vasconcelos pone el 1493, en mi juicio por sola la razón de resultar ese numero

quitando del año emortual, errado en el impreso de Vasconcelos, los ochenta de vida que este le dio. Barbosa en las adiciones á su Biblioteca (To. 4 pag. 19) enmienda lo que había escrito primero, diciendo que por el testamento de Resende consta haberle otorgado en edad de sesenta i siete años á 1 de Diciembre 1573; i que pues falleció pasados nueve días, se colige haber nascido en 1506. Mas esto contradice Resende en su carta á Ambrosio Morales (Opp. To. 2 pag. 200) por estas palabras. “ *Ego nondum annos decem et treis excesseram, quum istheic (Compluti) curante matre, nam patre orbatus pridem eranm, Antonio Nebrissensi praeceptoru operam dedi. Sed coorto inter funebria iusta, quae cardinali academia patrono, per eos dies mortalitatem exuto, sovebantur, néscio quo inter municipes et scholasticos tumulta, abductus inde sum*” Aun concediendo que Resende fue á estudiar en Alcalá el mismo año en que hubo de retirarse de aquel estudio, esto es el 1517 en que murió el cardenal Cisneros; parece claro, pues tenia entonces á lo menos trece años cumplidos, haber nascido em 1504. Pero es verisimel fuese á la Universidad algún timepo antes, talvez en 1512, según el mismo Barbosa en el To.1. de su Biblioteca. Yo inclino mas a esto, i a retrotraer el nascimiento de nuestro Resende siquiera hasta principios de 1498. Asi habiendo muerto ácia fin de 1577, se verificarán los ochenta años (no cumplidos) de edad que le concedió su doctísimo amigo Mendez Vasconcelos, quine difícilmente podía engañarse ni engañarnos. Asi también puede verificarse lo que el mismo Barbosa afirma, que resende vino á estudiar en Alcaláya profeso en la orden dominicana: i la profesión no se hacia entonces antes de los catorce años. Ó sea andando el año catorceno de la edad, que se verifica después de cumplido el decimo tercio. No menos hace al propósito el considerar, que Resende asistia en el palacio de los Reyes de Portugal como persona de autoridad i respecto por los años de 1525 á 27, como se deduce de su escrito sobre la vida del infante D. Duarte capp. 3,4,5.

Acaso dirán que las épocas expresadas en el testamento se deben tener por mas ciertas que otras qualesquiera: i constando, según Barbosa, que se hizo em 1573, que el otorgante tenia á la sazón. 67 años, i que murió pasados nueve días; no pueden subsistir los fundamentos alegados contra eso. Respondo que Barbosa pudo ver una copia errada, ó copiar el mismo erradamente. Quán fácil es en letras antiguas leer *sesenta* por *setenta*? En tal caso resultaría que el año del nascimiento fue 1496, ó principios de 97, con lo qual vendrían grandemente las cuentas. El tiempo de la muerte

no puede constar del testamento, sino de alguna otra escritura ó nota posterior. De todo convendrá asegurarse por el instrumento original, que el S.r Farinha vio en poder del P. Josef Lopez de Mira: el qual podrá suministrar muchas luces, pues, según oí de su boca en Évora, tiene varias obrillas inéditas de Resende, como también algunas cartas Mss. De Damian de Goes á Vives e Erasmo. Ofrecio remitirme copia de ellas por mano de V.E. Quanto me alegraría lograrlas!

Escuso por ahora varias otras dudas i observaciones. Solamente añadiré lo que se me ofrece acerca del prenombre *Lucio* que adoptó Resende. El Sr. Farinha cree que la sigla L signifique *Lecenceatus* como dice hallarse con todas sus letras en el testamento original. Como creer que un escritor tan latino, tan amante i aun afectador de la antigüedad, ensuciase su epitafio con una voz bárbara, i tan bárbaramente puesta? El debió dar su cédula escrita asi: L.A. RESENDE HEIC. SITVS. EST.; i el Notario, interpretando voluntariamente la sigla L. extendería *Lecenceatus* en vez de *Lucius*, como realmente se prenomino nuestro insigne antiquario. En un poemita á Dam. De Goes dice:

Haec miseri nunc vita Tui damiane poetae,

Lusius hoc pacto vinus moritur.

Debe corregirse *Lucius*, segun se halla cinco paginas despues (Opp. T.2. p. 48):

[¿] *quamquam non aurea Luci*

Vena tui, certe Nec plúmbea, me nisi forte

Plus amo quam credo.

Para las ocupaciones de V. E. ya voi demasiado largo.

Acabo rogando al Señor g. su preciosa vida i salud los a.ª

de mi d.º. Madrid 17 de Febrero 1797.

Blm.º de V.E.S.M.S.

Juan B.ª Muñoz

Sr. Obispo de Beja”

Anexo 4. Listagem de obras impressas atribuídas a Frei Manuel do Cenáculo.

- *“Advertencias criticas e apologeticas sobre o juizo que nas materias do B. Raymundo Lullo formou o dr. Apollonio Philomuso, e communicou ao publico em a resposta ao «Retrato de morte-côr», que contra a auctor do «Verdadeiro Methodo d'estudar» escreveu o reverendo D. Alethophilo Candido de Lacerda.”* Coimbra: Oficina Antonio Simões 1752.
- *“Carta e outras instrucções sobre os trabalhos presentes da Sancta Igreja.”* Lisboa: Offic. Simão Thaddeo Ferreira, 1794.⁴¹⁸
- *“Conclusiones logico-metaphysicas de Antepredicamentis, et Prædicamentis, juxta venerabilis, Mariani, subtilisque Doctoris inconcussa dogmata.”* Ibi, 1748.
- *“Conclusiones philosophicas critico-rationales de Historia Logicæ, ejus Præmialibus, Ente rationis, et Universalibus in communi, ad mentem V. Scoti, D. Mariani ac subtilis.”* Ibi, 1751.
- *“Conclusiones philosophicas de utriusque præmialibus, Philosophiæ, scilicet in communi, et Logicæ, nec non de entibus rationis, et universalibus in communi, ad mentem Scoti, Doctoris Mariani ac subtilis. Præsede Fr. Emmanuele a Cenaculo.”* Conimbrica: Typ. Antonii Simoens Ferreira, 1747.
- *“Conclusiones physiologicas juxta Ven. Doct. Marian. et subt. Doctrinam.”* Ibi, 1752.
- *“Conclusiones theologico-dogmaticæ de SS. Trinitatis Mystério, ad mentem Seraphiei Doct. S. Bonaventuræ et Ven. P. Joan. Dunsii Scoti, Doct. Mariani ac subtdis.”* Ibi, 1753.
- *“Cuidados litterarios do Prelado de Beja em graça do seu bispado.”* Lisboa: Offic. Simão Thaddeo Ferreira, 1791.
- *“De repetendis fontibus doctrinæ, Moderatoris Provincialis Tertii Ordinis Sancti Francisci per Lusitaniã admonitio ad sodales, quum Præfecturam deponeret.”* [s.n.]:[s.n.], 1770.

⁴¹⁸ O exemplar desta obra que consultamos na Biblioteca Publica Municipal do Porto, com a cota C’4-28, tem apensos mais dois trabalhos “Piedade Christã” e “Preces a Deus pelo trabalho actual da Sancta Igreja”, que tratamos conjuntamente, sob a mesma designação, uma vez que não nos pareceu tratarem-se de títulos individualizados.

- *“Determinações para o bispado de Beja, feitas pelo ex.mo e rev.mo sr. Bispo da mesma diocese.”* [s.n.]:[s.n.],1777.
- *“Disposições do Superior Provincial para a observancia regular e litteraria da Congregação da Ordem terceira de S. Francisco d'estes reinos, feitas em os annos de 1769 e 1770.”*Lisboa:Regia Offic. Typografica, 1776,Tomo I.
- *“Dissertação theologica, historica, critica sobre a definibilidade do mysterio da Conceição immaculada de Maria Sanctissima.”* Lisboa: Off. José da Costa, 1758.
- *“Editaes de 22 de Julho de 1777”* [anunciando os dois dias de absolvição plenária e bênção papal, e a indulgencia plenária para a hora da morte]. [Lisboa]: Offic. Regia, [s.n.]
- *“Editaes de 22 e 30 de Maio de 1777”* [sobre a festa do Coração de Jesus, e sobre outras mudanças que se devem fazer no calendário] . [s.n.]:[s.n.], [s.n.]
- *“Edital de 24 de Julho de 1777”* [sobre as conferencias ecclesiasticas].[Lisboa]: Offic. Regia, [s.n.]
- *“Elogio funebre do P. Fr. Joaquim de S. José, doutor theologo conimbricense, definidor geral da religião franciscana, e provincial da terceira ordem da penitencia. Dado á luz por Joaquim Rodrigues Pimenta.”* Lisboa: Offic. Francisco Luis Ameno 1757.
- *“Graças concedidas por Christo no Campo de Ourique, acontecidas em outros tempos e repetidas no actual, conformes aos desenhos de suas idades.”* Lisboa: Imp. Regia, 1813.
- *“Instrução pastoral sobre as graças e jubileus novamente concedidos as instancias da rainha nossa senhora D. Maria I, etc.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1784.
- *“Instrucção pastoral ao clero e ordinandos da sua diocese.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1784.
- *“Instrucção pastoral do sr. Arcebispo d'Evora”*[ao Clero da sua Igreja]. Lisboa: Imp. Regia, 1808.
- *“Instrucção pastoral do sr. Arcebispo d'Evora”* [aos fiéis da sua Igreja]. Lisboa: Imp. Regia, 1808.

- *“Instrucção pastoral em que manda se rendam acções de graças a Deus pela gloriosissima real successão da monarchia.”* Lisboa: Offic. Simão Thaddeo Ferreira,1793.
- *“Instrucção pastoral pela qual manda se façam preces publicas e particulares a Deus, pela esperada felicissima successão d'esta monarchia.”* Lisboa: Offic. Simão Thaddeo Ferreira, 1792.
- *“Instrucção pastoral sobre a confiança na divina providencia.”* Lisboa: Regia Offic. Typ. 1786.
- *“Instrucção pastoral sobre a justiça christã.”* Lisboa: Offic. Simão Thaddeo Ferreira, 1794.
- *“Instrucção pastoral sobre a modestia dos vestidos do clero.”* Lisboa: Offic. Thaddeo Ferreira, 1792.
- *“Instrucção pastoral sobre a paixão e agonia do nosso divino redemptor.”* Lisboa: Regia Offic. Typ. 1780.
- *“Instrucção pastoral sobre a religião revelada.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1785.
- *“Instrucção pastoral sobre alguns pontos da disciplina ecclesiastica.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica 1790.
- *“Instrucção pastoral sobre as virtudes da ordem natural.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica 1785.
- *“Instrucção pastoral sobre o cathecismo.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1786.
- *“Instrucção pastoral sobre o rito e disciplina da Igreja na administração do Sanctissimo Sacramento da Eucharistia por viatico em ambulas viatorias.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1784.
- *“Instrucção pastoral sobre os estudos phisicos do seu clero.”* Lisboa: Regia Offic. Typ. 1786.
- *“Memória Descritiva do assalto, entrada e saque de Évora pelos Francezes, em 1808.”* Impressa a expensas do Município em gratidão e lembrança do

Arcebispo D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas. Évora: Minerva Eborensis, 1887.⁴¹⁹

- *“Memorias historicas do ministerio do pulpito. Por um religioso da Ordem terceira de S. Francisco.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1776.
- *“Memorias historicas, e appendix segundo á Disposição quarta da collecção das disposições do Superior Provincial para a observancia e estudos da Congregação da Ordem terceira de S. Francisco.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1794, Tomo II.
- *“Oração que disse, sendo presidente em a primeira sessão da Academia Marianna, celebrada n'esta cidade no 1. ° de Agosto de 1756: a qual deu á luz o P. Fr. Vicente Salgado.”* Lisboa: Offic. Miguel Manescal da Costa, 1758.
- *“Oratio pro aperiendis initiandisque totius Ordinis Fratrum Minorum Generalibus Comitibus, habita ad P.P. in Regale Conventu Valentiae die 15 Maji 1768, etc.”* Valentiae: Typ. Benedicti Monfort 1768.
- *“Pastoral, pela qual ha por bem saudar os seus diocesanos admoestando-os sobre a natureza e officios da religião.”* [s.n.]:[s.n.] 1777.
- *“Patente de 3 de Setembro de 1770.”* [s.n.]:[s.n.], 1770.
- *“Patente de 5 de Maio de 1770.”* Lisboa, Regia Offic. Typ. 1770.
- *“Patente sobre o verdadeiro systema de theologia, que se deve seguir na provincia da Ordem terceira da Penitencia, segundo a saudavel determinação do SS. Padre Clemente XIV.”* [s.n.]:[s.n.], [s.n.]
- *“Sanctissimo Domino nostro Benedicto XIV. P. O. M. Exercitationis Liturgicas, in quibus ejusdem B. P. doctrina de Sacrificio Missæ adstruitur et defenditur.”* Lisbonæ: F. L. Ameno, 1753.
- *“Saudação pastoral a seus diocesanos.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1790.
- *“Saudação pastoral no fim da sua visita geral em o anno de 1788.”* Lisboa: Regia Offic. Typografica, 1793.
- *“Vida christã.”* Lisboa: Offic. Simão Thaddeo Ferreira, 1792.

⁴¹⁹ Trata-se da obra publicada a título póstumo. Decidimos incluir esta obra, uma vez que a encontramos em formato impresso e se trata de uma memória do Arcebispo em relação aos acontecimentos decorrentes das invasões napoleónicas.

Quadro Resumo

Identificação por número, das obras nas quais procuramos citações

Obra	Identificação da obra
Obra 1	Advertências Críticas e Apologéticas sobre o juízo que nas matérias do B. Raymundo Lullo
Obra 2	Oração que disse o M.R.P.M.Fr. [...]primeira sessão da Academia Mariana[...]
Obra 3	Cuidados Literários do prelado de Beja em graça do seu Bispado
Obra 4	Vida Christã
Obra 5	Memorias Historicas e appendix segundo à disposição quarta das disposições do superior provincial para a observancia e estudos da congregação da Ordem terceira de S. Francisco
Obra 6	Graças Concedidas por Christo no Campod e Ourique, Acontecidas em outros tempos, e repetidas no actual, conformes aos desenhos de suas idades
Obra 7	Elogio Fúnebre do padre Fr. Joaquim de S. Joseph Doutor Theologo Conimbricense, Definidor Geral da Religião Franciscana, e Provincial da terceira Ordem de Portugal
Obra 8	Disposições do Superior Provincial para a observância regular e literária da congregação da ordem terceira de S. francisco destes reinos, tomo I
Obra 9	Instrucção Pastoral do Excellentissimo e Reverendissimo Bispo de beja em que manda se rendão acções de graças a Deos Nosso Senhor pela real successão da Monarquia portugueza
Obra 10	Instrucção pastoral [...] sobre o catecismo
Obra 11	Instrucção Pastoral do Sr. Arcebispo de Évora "Dispoz o supremo e divino provisor dos homens"
Obra 12	Instrucção pastoral do Sr. Arcebispo de Évora "De todas as emprezas mais importnates do episcopado"
Obra 13	Instrucção Pastoral do Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Beja ao Clero e Ordenando sa sua Diocese
Obra 14	Instrucção Pastoral sobre a Confinança na Divina Providência
Obra 15	Pastoral dos Estudos Físicos
Obra 16	DissertaçãoTheologica Historica Critica Sobre a Definibilidade do Mysterio da Conceição Imaculada de Maria Santissima pelo Padre Fr. Manoel do cenáculo
Obra 17	Memorias Historicas do Ministério do Pulpito por hum religioso da Ordem terceira de S. Francisco
Obra 18	Instrucção pastoral sobre as Virtudes da Ordem Natural
Obra 19	Pastoral pela qual admoesta os seus diocesanos sobre a natureza e officios da religião
Obra 20	Instrucção sobre as Graças e Jublieos novamente concedidos a instâncias da Rainha Nossa Senhora D. Maria I [...]
Obra 21	Instrucção Pastoral sobre a religião revelada
Obra 22	Instrucção Pastoral sobre alguns Pontos da Disciplina Eclesiástica
Obra 23	Instrucção Pastoral sobre a Modéstia dos Vestidos do Clero
Obra 24	Instrucção pastoral em que manda se façam preces públicas e particulares[...]pela esperada felicissima successão desta monarquia
Obra 25	Saudação Pastoral aos seus Diocesanos
Obra 26	Instrucção Pastoral sobre a Paixão e Agonia do Divino Redemptor
Obra 27	Saudação Pastoral do [...] Bispo de beja no fim da sua Visita geral no ano de MDCCLXXXVIII
Obra 28	Instrucção pastoral sobre o rito e disciplina da Igreja na Administração do Sactissimo Sacramento da Eucharistia por Viatico em ambulas viatorias
Obra 29	Carta e outras instrucções sobre os trabalhos presentes da Sancta Igreja, tem anexo: Piedade christã e Preces a deus pelo trabalho actual da Sancta Igreja
Obra 30	Instrucção Pastoral do Excellentissimo e Reverendissimo [...]sobre a Justiça Christã
Obra 31	Memória Descriptiva do assalto, entrada e saque de Évora pelos Francezes, em 1808.

Fonte: Obras impressas de frei Manuel do Cenáculo

Anexo 5. Carta de Alexandre faria Manuel dirigida ao Bispo de Beja.Ameixoeira, 3 de Novembro de 1777.

“ Ex.^{mo} e R.^{mo} Senhor

Meu Senhor:

Estimo muito que V.^a Ex.^{cia} continue a passar Livre de toda a moléstia.

Não me tem sido possível athe agora dar a V.^a Ex.^{cia} huma notícia individual das minhas infelicidades, nem ainda agora o faço com a exactidão que a matéria pedia; mas na consideração de que tenho hum portador seguro informarei a V. Ex.^{cia} de algumas circunstancias bem notáveis.

Fui prezo em Mértola com o motivo de não ter Passaporte: No Correio antecedente a minha chegada a Mértola tinha o Juiz de Fora tido cartas de Lisboa em que se lhe dava por novidade que Eu estava prezo no segredo, e os meus Bens confiscados, esta notícia, e o aparecer eu ali fez o dito Juiz de Fora fizesse as maiores diligências para me prender, supondo que da minha prizão lhe resultará hum grande Despacho. Fui remetido ao Limoeiro com grandes recomendações do Juiz de Fora, e se hei-de dizer a verdade em Mértola achei todas as acções de honra do governador que ainda despois de eu estar prezo me foi vizitar a cadêa, e foi cauza do Juiz de Fora me tirar da Enxovia aonde me tinha mandado pôr.

Chegando ao limoeiro fui metido em segredo á ordem do Intendente e tendo chegado em huma quinta-feira, na sexta seguinte pela manhã o dito Intendente mandou se me abrisse Assento e Ordem da Meza, e de tarde foi o Juiz de Crime do Limoeiro, fazer-me perguntas, que duraram desde as trez horas e meia da tarde athé depois da meia-noite.

Perguntou-se-me aonde me prenderam, e porque, respondi que em Mértola, e por não levar Passaporte. Que hia eu fazer a Mértola? Que me auzentava por ser voz geral em Lisboa que me queriam prender, e que não havia o maior empenho, segundo se dizia. Porque se me queriam prender? Respondi que achandosse prezos trez homens, e sendo voz geral que era por me comprarem livros da Meza, este era o

motivo que davam também para a minha prisão. E v. me vendeo com efeito alguns livros da Meza? Perguntou-me o juiz do Crime: alguns/respondo eu/ muitos, não só centos mas mais de mil. A quem? Repelicou o Min.^o, a esses trez que estão presos, respondi: e a ninguém mais? Disse elle: respondi; mais tal, ou qual livro; ma isso he couza insignificante. Que fizera ao dinheiro, pois constava da devassa que eu tinha vendido mais de trinta mil cruzados de Livros. Respondi que quem tal dissera, ou jurara; mentira, ou por malevolência, ou por ignorância, pois era evidente, e ocularmente certo que todas as Livrarias dos Jezuitas Portuguezes que vieram para a Meza não valiam trinta mil cruzados, e que nenhum morador de livros daria por ellas todas vinte mil cruzados, que para prova disso alegava eu com a Livraria de Coimbra que sendo ella a mais numerosa, e notável dos Jezuitas Portugueses, e sendo esta toda examinada pelos deputados Frei Joaquim e X. r elles não acharam em toda ella hum único Livros de Historia Portugueza, nem de Poezia Portugueza, nem huma Prozodia, nem livro algum de Theologia, ou Bellas letras moderno; mas somente Livros antigos de Theologia, de Dir.^{to} ...De sorte que elles pediram na Meza os não incubissem de examinar mais Livraira de Jezuitas. Disse o Juiz do crime que contava da Devassa ter Eu vendido hum Alonço Rodrigues, isto que he facto falço, o neguei com aquella energia que pedia o ver eu que se me imputava semelhante falsidade e o Min.^o me respondeo; está feito a respeito deste livro não se esforce vm.e mais, pois eu conheci/em quem falou nisto/ incoherencia, e se perturbava como quem faltava á verdade.

Inquiriu com que ordem vendia eu os taes livros: respondi; que eu não tivera nenhuma ordem expressa para a dita venda; mas que havendo na Meza hum Avizo para elles se venderem, e estando eu encarregado de os apartar procedi á Sua venda sempre com animo de os pagar à Meza, mas que passados tempos era constante que eu os vendia, pois eu sempre desde o principio o dissera a todos; respondeo-me o Min.^o= não há duvida, isso todos dizem que v.me publicava que os livros que vendia eram livros da Meza=

Se sabia eu que V. Excia tivesse levado Livros da Meza? Respondi que sim, e muitos que eu mesmo os mandava a V.^a Ex.cia e que também o Bibliothecario fazia o mesmo; porem que V.^a Ex.cia quando fora para Beja os mandou restituir à Meza em trez Carradas e alguns Mariolas carregados delles. Instou, se no Conv.to de Jesus, ou em Beja ainda haveria, ou teria V.^a ex.cia alguns livros pertencentes ao Jesuítas.

Respondi que não sabia: repelicou =mas que presume vm.e?= respondi, se o Sr. B.^o de Beja tem Livros pertencentes à Meza ainda em seu poder, elle o ignora, pois elle me mandou dizer há Mezes quês e achasse alguns/quando puzesse a Sua livraria a direito/ os remeteria; e que eu sabia que entre os Livros que V.^a Ex.^{cia} remeteo para a Meza foram alguns dos seus próprios e que nunca foram dos Jezuitas.

E que contas tem Vm.ce com o Sr. B.^o de Beja? Perguntou o Min.^o nenhuma, lhe respondi:Instou elle: Consta da Devassa, que vm.^{ce} dissera que elle lhe era devedor em grande quantia, e he certo que Vm.^{ce} tem grandes contas com elle, pois so de Papel que Vm.^{ce} para ele comprou fiado foram mil cruzados. Respondi que era certo que a M. J.e/o Bochecho/ comprei mais de dois mil cruzados de Papel p.^a Livros que V. Ex.^{cia} imprimio, mas que elle estava pago como conta do recibo que eu [rasgado] o contrario, e que estas forma as maiores contas que com V. Ex.^{cia} tive: e instando ainda mais o d.^o Min.^o respondi eu que havia mais de quatorze annos tinha a honra de conhecer a V.^a Ex.^{cia} e que em todo este tempo tinha tido contas com V.^a Ex.^{cia}. Mas que ao presente V.^a Ex.^{cia} não me devia nada: foi-se o Min.^o

Voltando p.^a novas na segunda-feira seguinte me representou/o d.^o Juiz do crime/ que eu fazia mal em não falar a verdade pois todos conheciam que as minhas respostas eram affectadas, e que certa pessoa lhe tinha dito que eu me culpava só por desculpar a V.^a Ex.^{cia}, que tratasse eu de me defender a mim, que v.^a Ex.^{cia} não necessitava de defesa, pois ainda que eu imputasse a V.^a ex.^{cia} o que não fosse, ao presente tínhamos uns Soberanos para quem o Estado eclesiástico era summamente respeitável, quanto mais hum Bispo. Eu respondi; que tinha dito a verdade e que eu não diria outra coiza, pois nem o sabia, nem se a dissesse era verdade: Renovando as perguntas, instou que dissesse eu com quem tinha repartido do dinheiro? Respondi que não era eu tão rico que pudesse dar dinheiro a pessoa alguma. E tornando a falar sobre livros prohibidos, e sobre livros vendidos, respondi = Não duvido que se tenham vendido Livros prohibidos da Meza, e outros que eu não saiba, pois he certo, e indubitável que haverá trez annos hum homem que tem Loge de Papeis, e de Livros na Caza do Rubi ao Arsenal disse ao P. Bernardo de Couto que he cappellão em S.to António, que hum official da Meza Censória lhe fora vender hum Saco de Livros, e que mandando/elle Joze/examinar, e ver que livros eram achou que todos eram Livros prohibidos, por cujo motivo lhos entregava outra vez: e que era testemunha de vista

de ver na mesma Loge alguns livros que certamente tinham sido extrahidos da Secretaria da Meza, e eu mesmo dissera que eram furtados da Meza= e que assim bom era examinar isto porque não era justo se me imputasse o que outro tinha feito= Não obstante isto escrevesse, não rezultou nada, sendo certo que ou Joze Thomaz, ou Caetano Porteiro, ou ambos sem hum saber do outro foram os que fizeram aquelas boas obras, porem como qualquer destes, não obstante he los eu servido não só emprestando-lhes dinheiro, mas ainda noutras coizas, dizem mal de mim há certos tempos, de nada se fez cazo. Em fim eu fui sentenciado em dez de Outubro, e a treze ainda me fizeram perguntas.

Mandandome buscar os papeis que eu tinha comigo no segredo levaram a carta que V.^ª Ex.^{cia} tinha escrito ao M.^e Mayne, e o outro bilhete sobre os Livros de Roland: antes de eu sahir do segredo qauzi todos me anunciavam a ultima desgraça, depois huns dizem assim, outros assado, o Procurador G.^{al} de S.^{to} António dos Capuchos disse a M.^{el} Esteves Pinheiro, que se compadecia do que me sucedera, pois lhe afirmara pessoa de verdade que tudo fora maquinação de inimigos. Digam o que disserem Ex.^{mo} Sr. O certo he que a inveja e o ódio me perderam, e se não fora a bondade suma de El Rey, e da Raynha peor, e muito peor seria. O Benf.^ª Fonseca publica que he certo ter eu vendido trezentos e cinquenta mil cruzados de livros. O Povia esta hum fogo por eu dizer/ e contar da carta de V.^ª Ex.^{cia} ao Mayne/ que elle levava muitos Livros da Meza, como se isso não fosse huma pura verdade; e blasfema.

Os meus inimigos, descontentes de não me verem na sepultura, deram noutra venida, e dizem que eu digo mal de V.^ª Ex.^{cia} ah meu rico senhor! athe donde chega a malícia; supõem, e he certo, que V.^ª Ex.^{cia} he o único refugio que tenho no meu infeliz Estado, procuram agora este Diabólico meio para totalmente me dezacreditarem, e me arruinarem, mas eu dou graças a Deus por me afastar do defeito de ser ingrato; não meu Sr. Antes me falte a vida, e eu me veja na maior desgraça, e minha triste mulher e inocente filho do que vir-me ao pensamento dizer huma palavra em que ofenda a V.^ª Ex.^{cia}. Eu só tenho recebido de V.^ª Ex.^{cia} benefícios a montes, sempre os confessei, e sempre os confessarei. Deus dê o pago a quem me tem injustamente reduzido a tão triste figura.

Fran.^{co} Gregório Ancora falou ao tio do P. Pedro, e lhe disse que não solicitasse a minha soltura porque eu era ... Joze Gregório Irmão de Felis J.^e dizia na Secretaria que eu certamente hia p.^a Caconda, ou Angola.

Enfim Ex.^{mo} Sr. algum dia se Deus me der vida e saúde remeterei a V.^a Ex.^{cia} huma exacta relação dos meus trabalhos, e informação circunstanciada de minhas suppostas culpas.

A doze deste Mez parto desta cidade ou para Condexa, ou para o rabaçal; nunca deixarei de saber de V. Ex.^{cia}. Rogo a V. Ex.^{cia} pelo amor de Deos, e pelas chagas de N. S. Jezus Christo se não esqueça de mim, e da minha desgraçada mulher e do seu afilhado, pois he V.^a Ex.^{cia} o único amparo que temos neste mundo.

Já mandei dizer a V.^a ex.^{cia} que o Cap. Fr.^{co} Joze de Sousa mas.^{cas} parente da minha mulher e m.^{or} na calçada da Graça he a quem deixo recomendadas todas as minhas coizas, e a elle heide escrever, e em seu nome remetter as cartas do Corr.^o Deus guarde a V.^a Ex.^{cia} m. a. Ameixoeira em trez de Novr.^o de 1777.

Ex.mo e R. mo Sr.
Beijo a Sagrada mão de V.^a Ex.cia
Seu mais humilde cr.^o
Alexandre Ferreira de Faria Manuel”

Anexo 6. Donativo à Biblioteca Nacional

Tabela 1: «Livros de História, Belas - Letras, Filosofia, Medicina, Matemática, Ofícios, Arte, e Ciências Civas e Políticas»

Temática	nº de títulos	nº de volumes mencionados
Geografia Universal	7	7
Cronologia	2	2
História Universal	13	66
Antiguidades em Geral	2	16
Dicionários Históricos Universais	5	11
His. Sagrada do Velho e Novo Testamento	2	3
Hist. Sagrada do Testamento velho	4	15
História de Jesus Cristo	1	1
História Apostólica	2	2
Antiguidades Sagradas	3	36
História Eclesiástica Geral	5	10
Antiguidades Eclesiásticas	5	5
História Sinódica ou dos Concílios	8	9
História da Igreja Romana	3	4
História da Igreja de França	1	1
História da Igreja Oriental	4	4
História Hierárquica Pontifícia	2	2
História Cardinalícia	1	1
História Sacramental	1	1
História Monástica	5	11
História Jesuítica	8	8
História das Cruzadas	1	4
Biografia Eclesiástica	3	3
História dos Erros, Cismas e Heresias	12	21
Miscelânea de História Eclesiástica	7	32
História Civil Universal	1	1
História Judaica	1	1
História Grega	3	15
História Romana	10	22
História de Portugal	5	6
História de Espanha	12	17
História de França	8	12
História de Itália	9	32
História da Bélgica	3	3
História Germânica	5	6
História Anglicana	4	5
História da Polónia	1	2
História da Lapónia	1	1

História Otomana	10	12
História Asiática	7	7
História Africana	3	5
História Americana	1	1
História Fingida ou Novelas	7	8
Miscelânea Histórica	7	7
Biografia	1	2
História Literária Eclesiástica	5	6
História Literária Universal	2	5
História Literária da Bélgica	1	2
História Literária Oriental	1	4
Gramática de Língua Grega	1	1
Dicionários de Língua Grega	3	3
Gramática de Língua Latina	1	1
Dicionários de Língua Latina	3	3
Crítica Filológica Latina	1	1
Tratados Filológicos de Língua Portuguesa	1	1
Dicionário de Língua castelhana	1	6
Gramática Castelhana	1	1
Tratados Filológicos de Língua Italiana	1	1
Dicionário de Língua Inglesa	1	2
Gramáticas Políglotas de Línguas Orientais	4	4
Gramáticas Políglotas de Línguas Hebraica, Caldaica e Siríaca	5	5
Dicionários Políglotos das Antigas Línguas Orientais	5	5
Gramática de Língua Hebraica	18	18
Tratados de algumas partes da Língua Hebraica	3	3
Dicionários de Língua Hebraica	12	14
Vários Tratados de Filologia Hebraica	9	9
Filologia Hebraica, Arcana, Cabalística e Hieroglífica	3	3
Samaritano Gramático e Dicionário	1	1
Gramática Rabínica	1	1
Dicionário Rabínico	1	1
Gramática de Língua Caldaica	2	2
Dicionário de Língua Siríaca	2	2
Gramática de Língua Árabe	6	6
Dicionários Árabes	1	1
Língua Persiana	1	1
Gramática de Língua Turca	2	2
Gramática de Língua Chinesa	1	1
Gramática de Língua Egípciana	1	1
Gramática de Língua Etiópica	1	1
Dicionário de Língua Etiópica	1	1
Retóricos Gregos	2	2
Retóricos Latinos Antigos	2	3
Retóricos Modernos em latim	2	2
Retóricos modernos em Castelhana	1	1

Arte Poética em Grego	1	1
Arte Poética em Latim	3	3
Arte Poética em Castelhana	1	1
Oradores Gregos	1	1
Oradores Latinos em vários géneros	7	7
Orações Sagradas	4	4
Orações Panegíricas	1	1
Orações Fúnebres	5	5
Orações Académicas	6	6
Poetas Latinos Antigos	2	1
Poetas Portugueses Latinos	7	14
Poetas latinos Modernos de diversas nações	5	5
Poetas em Português	21	21
Poetas em Castelhana	40	40
Poetas em Italiano	6	6
Poesia Épica ou Narrativa em Grego	2	4
Poesia Épica ou Narrativa em Latim	1	1
Poesia Épica ou Narrativa em Latim por Poetas Portugueses	3	3
Poesia Épica ou Narrativa em latim por poetas modernos de diversas nações	2	2
Poesia Épica ou Narrativa em Português	23	25
Poesia Épica ou Narrativa em Castelhana	17	17
Poesia Épica ou Narrativa em Italiano	1	1
Poesia Trágica em Latim	1	1
Poesia Cómica Grega	3	3
Poesia Cómica Latina	1	1
Poesia Cómica Portuguesa	4	4
Poesia Bucólica Grega	1	2
Poesia Bucólica latina	1	1
Poesia Lírica grega	2	2
Poesia Elegíaca	2	2
Poesia Satírica Latina	2	2
Poesia Epigramática	3	3
Filósofos Gregos	4	4
Filósofos Orientais	3	5
Filósofos Modernos	3	4
Lógica	4	4
F. Escritores gregos	2	2
F. Escritores Orientais	4	4
Escritores Modernos	10	11
Direito Natural e das Gentes	12	15
Física em Geral	9	11
Diversas Partes de Física	11	11
Química	4	6
Miscelânea de Filosofia	6	7
Tratados preliminares de Medicina	3	5

Obras Gerais de Medicina, Escritores Gregos com os seus comentadores	12	20
Obras Gerais de Medicina, Escritores Árabes	1	2
O.G. M. Escritores Modernos	21	28
Dicionários de Medicina	2	7
Anatomia	4	9
Fisiologia	4	5
Patologia em Geral	14	19
Semiótica	1	1
Higiene ou dietética	8	10
Terapêutica	13	15
Cirurgia	11	19
Aforismos	3	9
Matéria Médica	19	24
Farmácia	5	5
Medicina Prática	11	21
Miscelânea da Medicina	14	16
Matemática em Geral	2	2
Geometria	1	1
Secções Cónicas	4	4
Cronologia	1	1
Astronomia	4	4
Óptica	2	2
Perspectiva	1	1
Música	2	3
Arquitectura Civil	1	1
Arquitectura Militar	4	4
Vistas de Palácios e Galerias	2	2
Pinturas Gravadas	3	3
Retratos	4	4
Estampas	2	2
Direito Publico Universal	10	18
Método de Estudar o Direito Civil Romano	1	1
História de Direito Civil Romano	1	0
Corpos de Direito Civil Romano	7	7
Comentadores ao Direito Civil Romano	10	10
Definições, Princípios, Fontes, Regras e Axiomas do Direito Civil Romano	6	6
Crítica do Direito Civil Romano	6	9
Obras Gerais do Direito Civil Romano	2	4
Obras Várias de Direito Civil	10	14
Tratados Particulares de algumas matérias de Direito Civil	13	13
Tratados de Direito Publico de Portugal	4	4
Tratados de Direito Particular de Portugal	1	1
Tratados de Direito Publico Germânico	10	11
Tratados de Direito Particular Germânico	1	1

Tratados de Direito Particular de França	2	2
Miscelânea Jurídica	5	9
Economia em Geral	1	1
Instituições de Economia Civil e Política	3	4
Tratados Gerais de Economia Civil e Política	13	41
Tratados de Máximas e Aforismos Políticos	2	2
Tratados Políticos sobre a Educação e Obrigações dos Príncipes	16	16
Tratados Políticos sobre os Ofícios e obrigações dos Secretários dos Príncipes	2	2
Tratados Políticos sobre os Conselheiros dos Príncipes	5	5
Tratados Políticos sobre os Magistrados	1	1
Tratados Políticos sobre os Embaixadores	3	3
Tratados Políticos sobre Obrigações de Vassalos	1	1
Cerimonial Político	1	6
Tratados vários sobre Diversas Matérias de Economia Civil e Política	27	37
Economia Política de Diversos Reinos	2	2
Economia Política dos Romanos	7	7
Economia Política dos Estados de Itália	3	7
Economia Política dos Estados de França	9	9
Economia Política dos Estados da Alemanha	3	3
Economia Política dos Estados das Províncias Unidas	1	1
Economia Política dos Estados da Polónia	4	24
Totais:	939	1372

Anexo 7. Donativo à Biblioteca Nacional

Tabela 2: «*Livros impressos de Ciências Eclesiásticas, de Poligrafia e Miscelânea.*»

Temática	Nº de Títulos	Nº de Volumes Mencionados
Bíblías Políglotas inteiras	1	2
Políglota do Testamento Novo	2	2
Bíblías Hebraicas	12	27
Partes da Bíblia Hebraica	6	6
Epítome Gramático Hebraico	1	1
Bíblia em Grego	1	0
Texto Grego do testamento Novo	6	6
Versões Bíblicas em Cóptico	3	3
Versões Bíblicas em Samaritano	2	2
Versões Bíblicas em Hebraico	2	2
Versões Bíblicas em Caldaico	1	1
Versões Bíblicas em Siríaco	4	4
Versões Bíblicas em Árabe	6	7
versões Bíblicas em Turco	1	1
Versões Bíblicas em Grego	1	1
Versões Bíblicas Latinas da versão da vulgata	6	12
Partes da Bíblia em versão latina da vulgata	5	5
Versões Bíblicas Latinas diversas da vulgata	3	3
Versões da Bíblia em Castelhana	1	1
Versões da Bíblia em Italiano	3	3
versões da Bíblia em Francês	7	11
Versões da Bíblia em Alemão	2	2
Versões da Bíblia em língua Indiana	1	1
Paráfrases Bíblicas	7	7
Concordâncias Bíblicas Hebraicas	1	1
Concordâncias Bíblicas Latinas	2	5
Padres escritores Eclesiásticos Gregos	6	8
Padres e escritores eclesiásticos latinos	19	26
Teologia em Geral	3	4
Teologia exegética	1	4
Critica sagrada filológica ou sobre linguagem bíblica	8	8
Critica sagrada filológica sobre as versões bíblicas	7	16
Miscelânea de Filologia e Critica Sagrada	3	3
Critica Sagrada a toda a Bíblia	11	23
Critica Sagrada a todo o Testamento Velho	1	1
Críticos Sagrados Cristãos ao alguns livros e lugares do Testamento velho em Particular	11	14

Críticos sagrados rabínicos a todo o Testamento Velho	3	3
Críticos Sagrados rabínicos a alguns livros ou lugares do Testamento Velho em particular	7	7
Críticos Sagrados a todo o Testamento Novo	6	7
Críticos Sagrados a alguns livros e lugares do Testamento Novo em particular	4	4
Harmonias Bíblicas Rabínicas	1	1
Harmonias Bíblicas Gerais pelos Cristãos	2	3
Harmonias Particulares dos Evangelhos	2	2
Antiguidades Bíblicas	4	4
Comentários às epístolas de S. Paulo	1	1
Teologia Dogmática	2	7
Teologia catequética	11	15
Teologia Moral	5	7
Teologia Litúrgica	2	2
Teologia Mística	6	6
Teologia parenética	5	5
Controvérsias sobre o Jansenismo	3	3
Controvérsias sobre a Graça por ocasião das disputas do Jansenismo	7	7
Exame da Bula <i>Unigenitus</i>	5	7
Escritos a favor da Bula <i>Unigenitus</i>	1	1
Pastorais a favor da aceitação da Bula <i>Unigenitus</i>	2	2
Pastorais sobre a Bula <i>Unigenitus</i>	4	4
Actas e Decretos da Universidade de Paris contra a Bula <i>Unigenitus</i>	2	2
Sentenças Relativas às controvérsias da Bula <i>Unigenitus</i>	7	7
Apelações ao futuro Concílio da Bula <i>Unigenitus</i>	21	0
Colecção de vários escritos sobre a Bula <i>Unigenitus</i>	17	49
Epistolas sobre a Bula <i>Unigenitus</i> e suas controvérsias	6	6
Ordenanças Civis sobre a Bula <i>Unigenitus</i>	3	3
Controvérsias a respeito de Baio	2	3
Controvérsias sobre o Molinismo	1	1
Controvérsias sobre o Queslenismo	5	5
Controvérsias sobre o Quietismo	1	1
Controvérsias relativas ao clero de França	8	9
Controvérsias sobre a doutrina do temor e Confiança Cristãs	8	8
Controvérsias sobre a História do Povo de Deus de Berruyer	3	4
Controvérsias sobre as Traduções do Novo	12	17

Testamento em Francês		
Controvérsias sobre os ritos Chineses e mais questões excitadas a respeito das Missões da Ásia	6	7
Sobre Jesuítas de Portugal	24	50
Teologia Polémica contra os Judeus	2	2
Teologia polémica contra heterodoxos	6	7
Teologia Polémica Heterodoxa	10	10
Colecção de várias Teses e conclusões históricas, teológicas e canónicas	25	25
Epistolas Teológicas	7	11
Miscelânea Teológica	14	16
Teologia Dogmática Judaica	2	3
Teologia Moral Judaica	4	4
Teologia Litúrgica Judaica	4	4
Teologia Mística Judaica	1	1
Teologia Judaica Cabalística	1	2
Miscelânea de Teologia Judaica	1	1
Teologia Polémica Heterodoxa	5	5
Jurisprudência Eclesiástica	1	1
Ao Decreto de Graciano	1	1
Ás decretais	2	2
Instituições de Direito Canónico	4	4
Tratados de Direito Canónico	5	5
Direito eclesiástico	1	1
Postilhas de Direito Canónico	26	26
Regras e Constituições Regulares	19	19
Sobre a Doutrina e feitos Jesuíticos	1	1
Sobre a Doutrina Jesuítica em geral	5	7
Sobre a Doutrina Dogmática	1	1
Sobre a doutrina Moral	7	7
Moral Prática Jesuítica	20	28
Colecção de vários escritos sobre jesuítas	23	25
Pastorais e outros escritos em controvérsias	28	28
Colecção de várias obras a favor dos Milagres	6	9
Colecção de obras contra os milagres	2	2
A favor dos milagres	2	2
Contra os Milagres	1	1
Colecções de vários escritos sobre as convulsões e outros pretendidos milagres	7	10
Controvérsias com regulares	5	5
Colecção de vários escritos em 1 volume de 4	43	43
Colecção de diversas peças	27	27
Jurisprudência Judaica	3	9
Vária erudição gregos	3	8
Vária erudição árabes	1	1

Vária Erudição Latinos Antigos	10	19
Vária Erudição Latinos Modernos	12	22
Vária Erudição Portugueses	1	1
Vária Erudição castelhanos	7	9
Vária Erudição Italianos	6	7
Vária Erudição Franceses	11	123
Vária Erudição Ingleses	5	7
Colecção de várias peças Históricas, Teológicas e Juridicas	24	24
Miscelânea	11	23
Epistolares	21	30
Totais	800	1122

Anexo 8. Donativo à Biblioteca Nacional

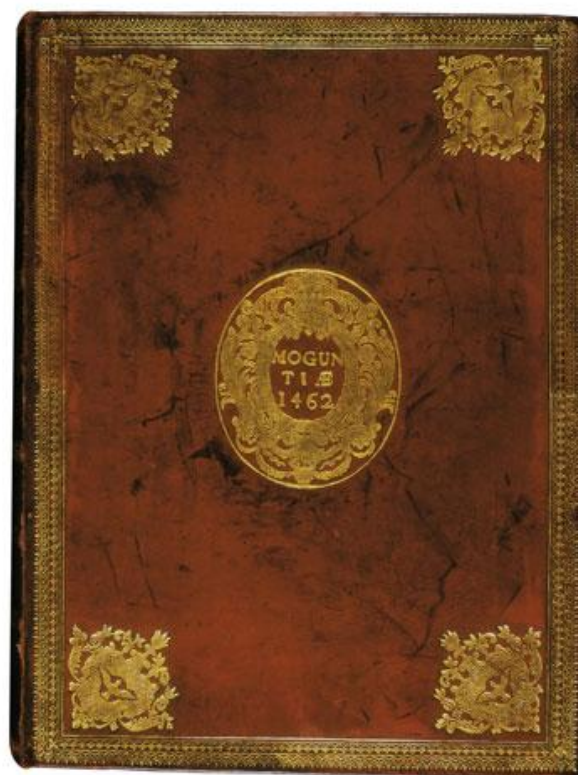
Tabela 3 [Livros manuscritos]

Temática	nº de títulos	nº de volumes mencionados
História Sagrada	2	2
História eclesiástica	13	13
História Romana	2	5
História Geral de Portugal e das suas colónias	2	2
História dos Sr. ^s Reis de Portugal	13	13
História genealógica de Portugal	2	2
Miscelânea Histórica de coisas pertencentes a Portugal	9	9
História Portuguesa da Ásia	8	8
História Brasileira ou da América Portuguesa	2	2
História Insulana portuguesa	3	3
Miscelânea de História de Portugal	7	7
História de Espanha	9	9
História de Itália	3	3
História Asiática	1	1
História Fabulosa ou Novelas	3	3
Roteiros e Viagens	2	2
História Literária de Portugal	1	1
História Literária de França	1	1
Filologia Latina	3	3
Filologia Oriental ou Asiática	4	4
Filologia Americana	1	1
Retórica	2	2
Oratória	0	0
Poesia	9	9
Filosofia dos Árabes	1	0
Ética	1	1
Física	13	13
Medicina	8	8
Matemática em Geral	3	3
Geometria	2	2
Trigonometria	1	1
Cosmografia	1	1
Astronomia	3	3
Da Esfera	7	7
Cronologia	1	1

Naútico	4	4
Gnómica	1	1
Óptica	1	1
Perspectiva	2	2
Arte Militar	2	2
Arte de Alveitaria	1	1
Jurisprudência Civil Romana	6	6
Jurisprudência Civil em Portugal	5	5
Jurisprudência Civil em Espanha	2	2
Economia Política em geral	2	1
Economia Política particular de alguns Reinos	7	7
Bíblia Latina versão da Vulgata	1	1
Evangelhos em Língua Persiana	1	1
Psaltério	1	1
Comentários Bíblicos	7	7
Teologia Dogmática	5	5
Teologia Catequética	2	3
Teologia Moral	2	2
Teologia Litúrgica	8	8
Teologia Mística	9	9
Teologia Parenética	4	4
Teologia Polémica	4	4
Teologia Litúrgica Árabe ou Mourisca	1	1
Miscelânea	5	5
Totais	226	228

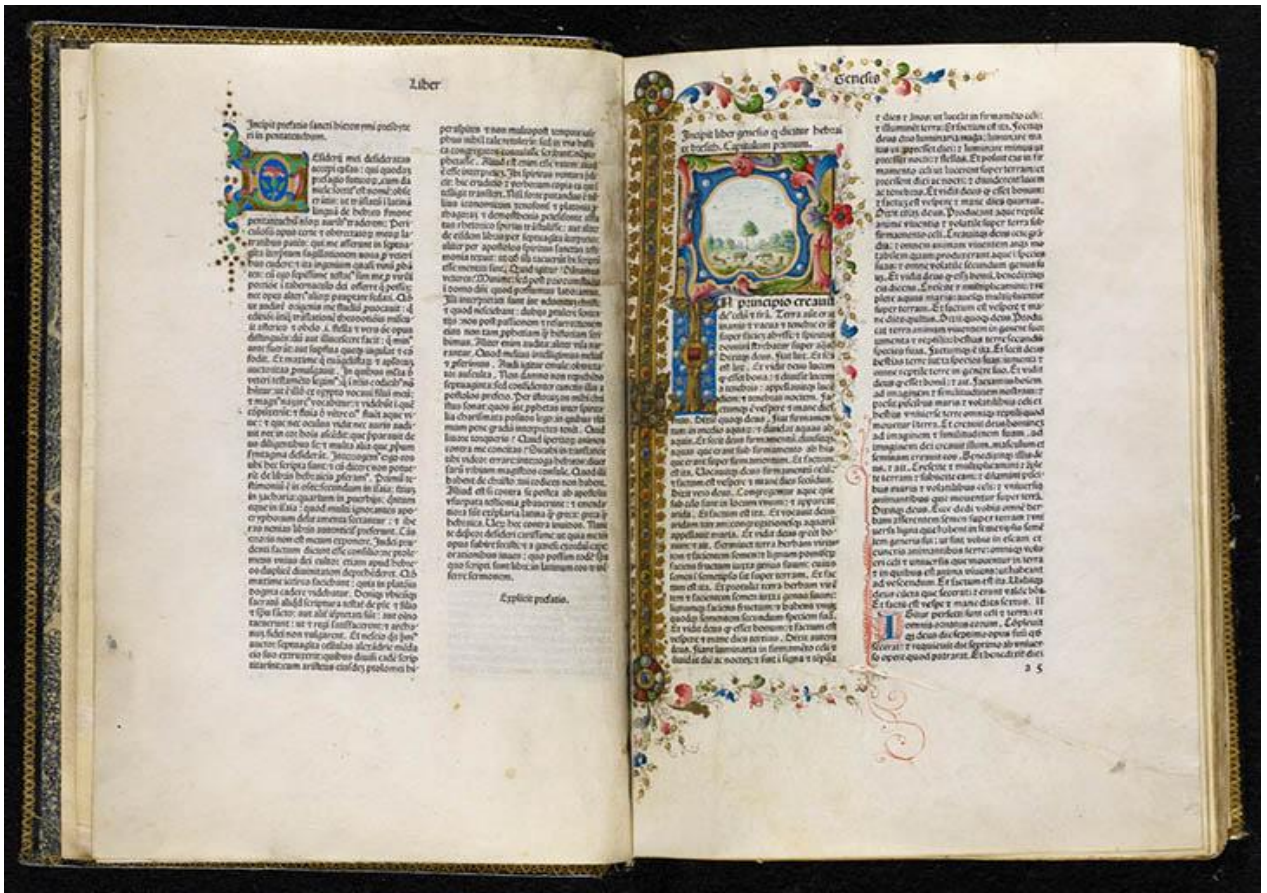
Apêndice 1

[Página do *Genesis* da Bíblia de Mogúncia e capa — exemplar da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em pergaminho —, impressa em 1462 por *Schoeffer*.]



Apêndice 2

[Bíblia de Jenson]



Bíblia Sacre (Veneza): Nicolas Jenson, 1479. Lessing J. Rosenwald Collection, Rare Book and Special Collections Division, Library of Congress



Contactos:

Universidade de Évora
Instituto de Investigação e Formação Avançada - IIFA
Palácio do Vimioso | Largo Marquês de Marialva, Apart. 94
7002-554 Évora | Portugal
Tel: (+351) 266 706 581
Fax: (+351) 266 744 677
email: iifa@uevora.pt